

PARA SEMPRE TRÊS OU SERÁ QUE NÃO?

Sempre Três

A LOVE
STORY

G. PIMENTA



Sempre Três

Gabriela Pimenta

Capítulo 01

ELLIOT

Estar diante do namorado da minha mãe é um pouco estranho, admito.

Não porque eu não aprovo o envolvimento. Longe disso. Na verdade, eu fiquei feliz quando ela contou que estava dando uma chance a si mesma de seguir em frente. Só é estranho porque é o primeiro homem em sua vida desde a morte do meu pai.

Falando francamente, me acostumei em vê-la sozinha depois de todos esses anos, querendo ou não. Fosse trabalhando, cuidando de mim ou fazendo os seus voluntariados estando rodeada de pessoas. Mas, no fundo, sempre sozinha.

Claro que sendo uma mulher jovem e bonita, ela teve seus amantes. Porém, nada fixo. Minha mãe amou demais o meu pai para simplesmente se entregar a outro relacionamento com todo o seu coração. A sombra dele sempre esteve presente.

Ela foi mais do que a esposa do meu pai. Ela foi sua companheira até os últimos dias de vida. Desde que descobriu a doença, até o tratamento pesado e o suspiro final. Minha mãe se doou completamente ao seu amor e sofreu muito quando ele partiu. E eu sei o quanto suportou em silêncio para que eu também suportasse, afinal, eu era apegado ao meu pai e sua perda foi como

um soco para mim. Tudo o que ela não chorava diante dos outros, chorava escondida em seu quarto durante a noite.

Sim, eu ouvia todos os seus soluços em meio a escuridão. Partia-me o coração. Nós dois estávamos sofrendo com a morte do meu pai, mas, ela se mantinha tão forte. Continuou de pé enquanto a dor se alastrava em seu peito. E tudo porque eu estava ali, era apenas um garoto que precisava de seus cuidados mais do que nunca.

No entanto, motivado por seu choro solitário na noite, eu decidi que também tentaria ser forte e a confortaria quando precisasse de mim. Tanto que um dia entrei em seu quarto sem aviso e a abracei. Ela chorou mais do que o normal e eu também. Depois disso, fomos nos reerguendo aos poucos e seguindo com as nossas vidas.

Minha mãe é uma mulher admirável. Nós nos tornamos unidos e, por essa razão, eu prometi que nunca iria mentir para ela. Fui sincero ao contar sobre a atração que sentia por garotos e também por garotas, e sua reação me arrancou lágrimas.

“Você é meu filho querido e eu nunca deixarei de amá-lo, não importa o que aconteça ou quem você escolha para passar a vida ao seu lado”, lembro até hoje.

Sou grato pela mãe que tenho e, apesar de não fazer as escolhas mais certas de vez em quando, eu quero dar-lhe orgulho da mesma forma que sou orgulhoso dela.

Por esse motivo, estou aqui, diante de seu namorado. Quero apoiá-la nessa nova fase, tal como ela apoiou minha relação com Christopher desde o começo e agora com Yanna. Com quem, a propósito, está se dando super

bem. Mais do que personalidades parecidas, ambas sofreram um passado triste e talvez esse tenha sido um outro ponto de união. Elas entendem a dor uma da outra, assim como entendem a força com a qual precisaram encarar a vida depois de tudo o que aconteceu.

Eu admiro e respeito as duas.

Aperto a mão de Charles é um cumprimento e ele convida-nos a sentar. O restaurante que escolheu para o encontro não chega a ser refinado, mas é agradável e a comida deve ser boa, considerando o cheiro delicioso que vem da cozinha e das outras mesas. O lugar não está lotado, o que facilita para termos uma conversa.

Fazemos nossos pedidos e esperamos em silêncio. Não há desconforto, é só um... Embaraço? Tanto Charles quanto eu, estamos levemente envergonhados com a situação. Bom, não seria para menos, não é mesmo? Afinal, é a primeira vez que nos vemos pessoalmente e ainda não temos uma opinião formada um do outro.

— Sua mãe disse que você é bailarino, certo? — ele puxa assunto e eu consinto — Em qual companhia você atua?

— Na Bright Contemporary Ballet.

— Oh! É uma das mais prestigiadas de Nova Iorque, não?!

— Sim. É uma das mais famosas.

— Você deve ter se dedicado bastante para conseguir entrar.

— O senhor nem imagina.

Foram dias e noites de treinos exaustivos. Vince, que já havia participado da

audição, comentou que abriam novas vagas e me aconselhou a participar, uma vez que eu tinha acabado de ficar desempregado na época. Eu ensaiei feito um louco, tinha dias que eu nem conseguia me mover de tão dolorido que estava o meu corpo. Tudo para alcançar a excelência que a companhia buscava em seus bailarinos. Afinal de contas, sendo uma das melhores do país, a Bright Contemporary Ballet só aceita quem estiver à altura de seu renome.

Os pratos chegam à mesa e aos poucos vamos engatando em uma conversa amigável. Minha mãe, sentada na cadeira ao lado, é a que mais fala e nos incita a participar. Não demora para estarmos papeando naturalmente, mesmo com a diferença de idade. Charles é de fato um homem simpático e parece gostar muito da minha mãe, dado os olhares que noto mandar furtivamente para ela. Se eu não estivesse aqui, certeza de que esses dois estariam grudados. O que é bom, uma vez que ele deve trata-la muito bem, independentemente se houver alguém ao redor ou não.

Em nenhum momento citamos a minha bissexualidade. Como não sabemos exatamente a reação dele (embora a possibilidade de que seja ruim esteja diminuindo), decidimos que seria melhor abordarmos depois de comer.

Em outras palavras, estamos tomando tempo para preparar o terreno.

No decorrer da sobremesa, recebo algumas mensagens no celular e sorrio ao ver que são fotos de Yanna, tiradas por ninguém menos que Christopher. De início, vejo-as por baixo da mesa para não atrapalhar a conversa. Mas, conforme imagens dos dois juntos vão chegando, esqueço completamente onde estou e sorrio para a tela do aparelho igual a um idiota. Sei que esse é um momento importante para a minha mãe, mas, honestamente, eu daria tudo para estar com os meus namorados agora.

— Do que você tanto ri, filho?

Sou pego no flagra e olho para a minha mãe. Sem muitas opções, digo:

— A Yan e o Chris estão mandando fotos do passeio.

— Oh, deixe-me ver.

Ela pega o celular e também sorri com as fotos.

Como de costume, quando algo a empolga, minha mãe quer mostrar para todo mundo e é exatamente o que faz com Charles. Inconscientemente, ela estica o braço por cima da mesa e mostra uma das fotos em que estão juntos. E apenas se dá conta do que faz quando pigarreo para chamar a sua atenção.

Ok, a abordagem sutil já era.

— São seus amigos? — ele pergunta para mim.

Solto o ar com força. Eis a brecha pela qual esperávamos. Troco olhares com minha mãe e seu menear positivo é o bastante para que eu siga com o que tenho em mente.

— Não. Eles são meus namorados.

Charles me encara como se uma segunda cabeça tivesse acabado de nascer no meu pescoço. Isso é um mau sinal. Tudo bem que eu esperava que ele ficasse surpreso, porém, a expressão em seu rosto denota mais do que isso. Droga!

Estávamos indo tão bem, será que eu deveria ter esperado um pouco mais ou dito de uma maneira mais suave e com cautela? Acho que, independentemente do modo como eu tivesse dito, talvez a reação dele fosse a mesma. Que merda!

A mesa cai em um silêncio constrangedor. Sinto minha mãe procurar meu contato com a mão e a seguro para lhe passar confiança. Compadeço-me dela. Vim o caminho inteiro até aqui escutando como Charles é um homem bom e que demonstrava não dar importância para esse tipo de coisa. Fosse a pessoa hétero ou homossexual, ele não fazia distinções. E, mesmo receoso, eu acreditei.

No entanto, ao que parece, estávamos os dois enganados.

Continuamos encarando uns aos outros desconfortavelmente, isso até Charles pigarrear e colocar os talheres ao lado de seu prato. Ele toma um gole de vinho antes de dizer:

— Desculpe, eu.... Eu fiquei realmente chocado.

“*Percebe-se*”, tenho vontade de exteriorizar meu pensamento, mas apenas meneio a cabeça de maneira apaziguadora. E explico:

— Não se preocupe. Eu entendo que é um pouco chocante mesmo. — respiro fundo e mando logo a real — Charles, não irei prolongar, até porque não faria sentido.

— Vá em frente, por favor.

— A questão é que sou bissexual e namoro um homem e uma mulher.

— As pessoas que vi na foto?

— Isso mesmo.

Ele volta a ficar calado. Bebe mais um pouco de vinho e sacode a cabeça como se compreendesse enfim a informação. O aperto dos dedos de minha mãe fica mais forte no instante em que seu namorado se apruma na cadeira e

diz:

— Também serei sincero, Elliot. Na verdade, eu já suspeitava de algo assim.

Fico momentaneamente desconcertado. Ele, reparando nisso, explica:

— Digamos que Nayeon não é muito boa em ser “sutil”. — dá risada.

Olho para minha mãe e acabo sorrindo. É a mais pura verdade e o rubor em suas bochechas denuncia que ela mesma sabe disso. Sondar não é o seu forte.

Respirando fundo, encaro o homem diante de mim e sou honesto:

— Eu só peço que respeite não só a mim e os meus companheiros, mas a minha mãe também. Somos todos adultos e sabemos como as coisas funcionam. De qualquer forma, espero que isso não afete o relacionamento de vocês.

— Eu amo a sua mãe, Elliot, e o fato de que é bissexual e namora um homem e uma mulher não é algo que vá atrapalhar o meu relacionamento com ela. Como disse, somos todos adultos, e eu não posso dizer o que é certo ou errado na sua vida.

Balanço a cabeça concordando e ele prossegue:

— Não que eu esteja dizendo que sua orientação sexual seja errada, longe disso. O que eu quero dizer é que não posso palpitar ou afirmar esse tipo de coisa, entende?

— Entendo sim.

— Além disso, se você ama seus namorados tanto quanto eu amo sua mãe, então o seu relacionamento com eles é tão certo e especial como o nosso.

Charles alcança a mão da namorada em cima da mesa e ambos trocam sorrisos.

Mais do que aliviado, fico feliz. Minha mãe realmente arranhou uma boa pessoa.

O encontro termina melhor do que eu imaginava. Despeço-me dos dois para que tenham (finalmente) um momento à sós e pego o rumo de volta para casa.

No caminho, tento ligar para os meus namorados, mas nenhum deles atende. Eu até poderia estranhar, se não soubesse que ambos conseguem ser muito distraídos de vez em quando e provavelmente não deram atenção para os celulares.

— Cheguei! – grito ao entrar em casa – Tem alguém aí?

Dou alguns passos dentro da sala e logo avisto Christopher com Yanna sentada em seu colo na cozinha. Me aproximo cheio de saudade e coisas para contar, e é quando reparo em suas expressões. O meu sorriso cai de imediato e fico observando-os em silêncio um instante. Não preciso ser um gênio para entender que algo sério ocorreu.

— O que aconteceu? – questiono.

Yanna levanta e vem até mim. Beija suavemente meus lábios e pega-me pela mão para que eu me junte a eles na mesa. Não ofereço qualquer resistência e sento ao lado de Chris, que, apesar do semblante apreensivo, se inclina para me beijar também. Aceito seus lábios e, com os olhos cravados aos seus, pergunto outra vez:

— O que aconteceu?

O moreno engole em seco e diz:

— Encontrei com o meu pai.

— O que? – arregalo os olhos – Onde? Quando?

— Perto do Hersheypark, pouco antes de voltarmos para casa. Foi por acaso.

— E o que ele está fazendo aqui?

— Eu não faço ideia.

Pego sua mão e a aconchego entre as minhas, querendo lhe dar algum conforto. Agora entendo o porquê das latas de cerveja e o clima pesado. Tudo que se refere a sua família é incômodo, mesmo Christopher não admitindo isso nem para si mesmo.

Dando um longo suspiro, ele começa a contar sobre o reencontro com seu pai e em como foi rude ao xingá-los sem qualquer educação no meio da rua. A cada palavra que sai de sua boca, mais nervoso eu fico. Como aquele homem teve coragem? Já não bastou tudo o que fez ao filho anos atrás? Ele realmente precisava reaparecer?

— Eu tenho que falar mais uma coisa. – o moreno murmura.

A pausa hesitante que segue é o bastante para que meu coração acelere; olhando de Yanna para mim, Chris engole em seco outra vez e confessa com um tom culpado:

— Meus pais andavam entrando em contato comigo faz alguns meses.

Tanto Yanna quanto eu, franzimos as sobrancelhas. Respirando fundo, ele solta:

— Eles queriam que eu fosse em um encontro arranjado com uma mulher.

— Como é que é? – minha voz sobressalta.

— Eles queriam que eu namorasse com essa tal mulher. Aparentemente, meu pai queria me jogar para um de seus sócios e a melhor maneira seria “unir” os filhos.

— E o que você disse? – Yanna pergunta, tão aflita quanto eu.

— Não disse nada. Na verdade, eu ignorei as ligações e as mensagens depois que nos falamos a primeira vez. Admito que até tentei convencê-los a me deixar em paz e que essa ideia de namoro arranjado era uma estupidez, porém, não adiantou muito. — suspira — Desculpe se não contei antes. Foi errado.

Ambos fazemos um gesto para que não se preocupe com isso.

— Será que foi por isso que ele veio atrás de você? – indago – Para te obrigar?

— Duvido muito. Acho que nesse caso foi por coincidência mesmo. Só que ele não perdeu a oportunidade para tocar no assunto, obviamente. – respira irritado e aperta os olhos com as pontas dos dedos – Além disso, mesmo que ele tenha vindo para Hershey com esse propósito, eu sou um adulto. E desistiria de tudo antes de desistir de uma batida sequer do coração de vocês.

Mais do que minha mãe e Yanna, se há alguém que eu admiro e respeito profundamente, esse alguém é o Christopher. Me amar fez com que perdesse sua família e enfrentasse o preconceito de onde ele menos esperava que viesse. Ele teve que abandonar tudo para estar ao meu lado, e, apesar dos pesares, não olhou para trás ou se arrependeu. Continuou seguindo comigo e

só o que pediu em troca foi amor e sinceridade. Mas eu não estou sendo sincero com ele. Com nenhum dos dois.

E isso dói muito.

Tudo bem que ele também estava escondendo algo e, apesar de sua importância, não é o mesmo nível do que eu escondo. As situações são bem diferentes.

— Eu sei que talvez não seja o que você queira ouvir agora, mas.... Por que não tenta ter uma conversa franca e definitiva com os seus pais? – Yanna sugere de repente – Estou dizendo isso como alguém que tinha muito o que falar e não teve a chance. Você ainda tem essa oportunidade. Não sei como as coisas se desdobraram, só que, no fundo, você ainda tem muito o que dizer para eles, não é?

Chris assente e percebo que seus olhos se enchem de lágrimas. Sua fragilidade quebra o meu coração. Eu tentei mantê-lo afastado do que lhe fazia mal, mas Yanna tem razão ao sugerir que ele precisa dessa conversa definitiva com os pais e dizer tudo o que está entalado há quase cinco anos. Talvez esse seja o momento certo.

Não somente para ele, como para mim também.

— Eu vou falar com eles. – Christopher enfim se pronuncia – De fato, essa conversa já demorou demais para acontecer e eu preciso disso. Não quero mais ficar com essas palavras presas dentro de mim. Se vai ou não resolver alguma coisa, eu não sei. Mas eu vou tentar, pelo menos.

Yanna sorri com a decisão de nosso namorado e o abraça. Os olhos castanhos de Christopher recaem sobre mim, esperando minha opinião, e eu consinto. Vou apoiá-lo como sempre fiz. Se ele necessita dessa conversa, eu vou apoiá-

lo até o fim.

Tendo a chance de finalmente me abrir com eles e contar o que estou escondendo, tento controlar o tremor em minhas mãos e a palpitação súbita em meu peito. Com um pigarro que mais parece um suspiro de tão baixo, consigo chamar a atenção deles e, ao encará-los, um nó se forma em minha garganta. Abro a boca diversas vezes, mas nada sai. Nem um mísero sopro.

Eu não consigo dizer. Simplesmente não consigo.

Ainda que meu peito esteja angustiado com todas essas palavras, sou incapaz de colocá-las para fora. Porque, no fundo, eu ainda estou pondo tudo acima deles.

E isso é tão decepcionante.

Vê-los libertando suas sombras, o ato forte de amor e confiança que há por trás disso, só mostra o quanto eu sou covarde. O quanto eu ainda não aceito a mim mesmo e, de alguma maneira, a eles também (mesmo que o meu mundo gire em torno dos dois, ou assim eu acreditava até esse momento). Perceber que a insegurança com a qual lutei durante todos esses anos está me vencendo é realmente frustrante.

Talvez eu tenha que fazer uma escolha e temo o caminho que posso tomar, independentemente do lado que eu siga. Ambos serão dolorosos e acho que não estou preparado para lidar com quaisquer que forem as consequências.

Eu estou com medo.

— Eli? — a voz suave de Yanna me desperta para a realidade.

Christopher e ela continuam olhando para mim, seus rostos demonstrando preocupação. O aperto em minha garganta fica ainda maior. Preciso de um

ar ou acabarei chorando aqui mesmo; vislumbro-os um instante e tento me recompor.

— Você queria dizer alguma coisa, querido?

Fechando os olhos com força para não ver minha própria hipocrisia nem que seja por uns segundos, solto o ar com raiva e deixo que a mentira escorra de meus lábios:

— Não.

[...]

Sentado nos degraus da varanda, observo o céu dando indícios de que logo irá amanhecer, tão diferente daquele ofuscado pelas luzes de Nova Iorque, e minha mente vai longe. Na verdade, nem tão longe assim. Mais especificamente em Christopher e Yanna, que estão dormindo tranquilamente em meu quarto a essa hora. Ao contrário de mim, que não consegui pregar os olhos a noite inteira por causa da culpa.

Eles estão abrindo mão de tantas coisas e eu continuo sendo um grande egoísta. Meus namorados foram tão corajosos e, ainda que estivesse determinado em também ser, a ideia de que possa acontecer tudo de novo me faz hesitar. Especialmente agora que as coisas estão dando certo, que uma grande oportunidade surgiu. Por essa e outras razões protelei tanto em resolver essa droga de problema com Emma, tal como não quis falar com o diretor ou qualquer outra pessoa que não fosse Vince.

Tentei convencer a mim mesmo que não importava o que estaria em jogo, mas a realidade é que importa sim. Importa tanto quanto dizer a verdade para eles.

— Filho? O que faz acordado a essa hora? – olho para trás com o susto e vejo minha mãe se aproximando, enrolada em seu robe – Ainda nem amanheceu direito.

— Não consegui dormir.

— Está acordado desde ontem?

Meneio a cabeça consentindo e dou espaço para que sente ao meu lado. Ela o faz e, assim como eu, observa o céu ganhando cada vez mais cores com a vinda do Sol.

— O que foi? – pergunta – Está preocupado com a conversa do Chris e os pais?

— Também.

Encaro a xícara em minha mão, ponderando se devo prosseguir com essa conversa ou não. Sinto que vou desmoronar se não exteriorizar um pouco que seja. Eu tentei ligar para Vince noite passada, mas ele não atendeu. Provavelmente deveria estar ocupado com alguma garota ou sabe-se lá fazendo o que. Bem, não posso julgá-lo.

Permaneço encarando a xícara que seguro com um pouco mais de firmeza e permito que um suspiro cansado escape. Sem dar tempo para o meu lado hesitante dê as caras de novo, encosto o ombro no de minha mãe e solto o que tanto me aflige.

Ao invés de uma parte, acabo contando tudo. Desde a parte que já sabe até o

que vem ocorrendo de uns meses para cá. Simplesmente desabafo diante de seu abrigo.

— Ela me ignora desde aquele dia. Sai mais cedo dos ensaios, foge de qualquer interação e sequer olha na minha cara. Eu realmente não sei o que está acontecendo. No início eu achei que era bom, que o problema tinha se resolvido por si só, mas.... Sei lá. Sinto que algo não está certo. É quase como um mal pressentimento.

— Sei que vai soar óbvio, mas você tem que resolver logo essa situação, filho. — põe a mão sobre a minha rapidamente — Não apenas pelo seu bem, sabe disso.

— Sim, eu sei. Sei melhor do que ninguém. Porém, o problema é que isso implica em muitas outras coisas, especialmente as que não contei para o Christopher.

— Você prefere continuar escondendo?

Meneio a cabeça. Claro que não prefiro. Me sinto mal sempre que lembro.

— E então?

— Eu estou com medo.

Confesso num sussurro e as lágrimas pinicam nos olhos quando sinto a mão dela pousar em meus cabelos, num carinho gentil e acolhedor. Respiro em um soluço.

— Não precisa ficar com medo, filho, embora seja normal senti-lo agora. Eu entendo como deve estar confuso e o quanto seu coração deve estar doendo.

Engulo em seco. O ressentimento se revirando dentro do meu estômago.

— Você lutou muito para chegar onde está hoje e eu sou testemunha disso.

— Eu só queria manter tudo o que amo, mesmo sabendo que uma hora teria que escolher.

— Você não precisa escolher, Elliot. Não compare o passado com o presente e nem com o futuro. E outra, caso tenha que fazê-lo, no fundo você sabe qual é a resposta. Sempre haverá um lugar que irá aceita-lo como você é, mas apenas duas pessoas que irão amá-lo exatamente por isso. Simplesmente por você ser Elliot Park.

Inevitavelmente, as lágrimas transbordam e molham dolorosamente meu rosto.

Minha mãe passa os braços em volta dos meus ombros e me aconchega em seu calor tão familiar e amoroso. E para o qual me entrego como se fosse um garoto de novo.

Ela está certa e eu também, apesar de toda a bagunça interna, já sabia disso.

Sempre haverá um lugar para onde eu possa ir, mas apenas duas pessoas com quem desejo passar o restante da minha vida. Se o passado for igual ao presente em algum aspecto, tudo bem, porque eu sei que suas mãos continuarão estendidas para mim.

Capítulo 02

CHRISTOPHER

Encaro meu reflexo no espelho, como se fazer tal coisa fosse espantar o frio que sinto na barriga. Mas obviamente que não funciona. Pois, enfrentar a mim mesmo nem se compara com o que terei que lidar quando estiver frente a frente com os meus pais.

Sim, eu sei que concordei em ter essa conversa, só que faltando apenas uma hora para acontecer, a ideia de desistir e deixar por isso mesmo parece muito promissora.

Se eu estou com medo? Acho que essa não é bem a palavra. Talvez esteja mais para ansiedade. Afinal de contas, passaram-se praticamente cinco anos desde a última vez em que estive “em casa”. Quando liguei na tarde anterior, logo depois de falar com Elliot e Yanna, percebi no tom de voz da minha mãe o quanto estava surpresa com essa reaproximação repentina e ainda mais ao pedir para conversarmos pessoalmente. Não sei se estão acreditando que vou concordar com a tal história do namoro arranjado, mas não é como se eu já não tivesse quebrado expectativas antes.

Na breve troca de palavras que tivemos pelo telefone, descobri que eles voltaram a morar em Hershey a cerca de cinco meses, outra vez por causa do trabalho do meu pai. Não estão na mesma casa em que passei a minha infância, mas é um bairro próximo, o que tornam as lembranças ainda mais vívidas, pois, terei que passar por lá.

Estou indo de encontro a todas elas.

Olho-me pela última vez e respiro fundo repetidamente até me sentir um pouco mais calmo. Não sei se estou pronto, porém, vou enfrentar a situação do jeito que eu puder. Já tive tempo demais para me preparar e a verdade é que uma hora ou outra isso teria que acontecer. Essa é a oportunidade de resolver tudo que eu hesitei tanto em procurar, e que as circunstâncias calharam de trazer “voluntariamente” para mim. E a qual eu não largarei. Não irei mais fugir dessa parte da minha vida, aceitem meus pais ou não, eu sou o que sou e não mudarei para agradar ninguém.

Vestido com uma camiseta básica e bermuda, visto que está fazendo bastante calor, desço para a sala de estar e encontro todos reunidos em torno do sofá. Seus olhares recaem sobre mim e dou-lhes um pequeno sorriso para expressar que está tudo bem, apesar de tudo. A primeira que se aproxima é minha sogra. Abraça-me com seu carinho materno e fico imensamente grato de saber que posso contar com o seu apoio.

Mais do que minha sogra, eu a considero praticamente minha mãe.

— Vai dar tudo certo. — diz, afagando meus cabelos.

— Obrigado.

Yanna é a próxima. Abrigo-a em meus braços e a beijo apaixonadamente. Nos abraçamos forte e roço o nariz em seus cabelos recém lavados, aspirando o cheiro.

— Não precisa ir se não quiser.

— Eu quero ir, Sweetie. Já está mais do que na hora de termos essa conversa.

Ela ergue o queixo e foca seus olhos verdes de menina em mim. Me derreto

por eles, apesar de notar que está temerosa. Beijo-a de novo e, com os lábios ainda por cima dos meus, Yanna aperta o tecido da minha camiseta e fala com mais segurança:

— Como a nossa sogra disse, tudo ficará bem.

Meneio a cabeça concordando. Ainda que eu não esteja muito confiante, vou apostar que sim. Assim que nos afastamos, minha atenção vai para o centro da sala. Elliot continua ali, mas não se move. Somente me observa e percebo que estremece quando dou o primeiro passo. Em questão de segundos, estamos frente a frente.

Nossa troca de olhares é significativa. Desde ontem, Elliot está agindo de maneira estranha. Na verdade, de uns meses para cá seu comportamento mudou bastante, embora ele mesmo não repare ou admita isso. Tal como me conhece, eu também o conheço. Quatro anos de convivência se refletem no tanto que sabemos um do outro. E é exatamente por essa razão que eu sei que ele está escondendo algo de nós.

Eli sempre teve essa mania de encobrir os problemas, de carregar o peso sozinho para não machucar ninguém, especialmente quem ama. Mas sua atitude me preocupa porque, se ele teimar em guardar para si, não vai demorar para que desabe de vez.

E ele já guardou por tempo demais.

Apanhando seu rosto entre as minhas mãos, apoio a testa contra a sua e sussurro:

— Eu sei que algo está acontecendo, Elliot, e o quanto isso está lhe machucando. Não vou força-lo a falar, mas, quando estiver pronto, Yanna e eu estaremos aqui.

Sua respiração oscila com a surpresa. Eu estava certo.

— Chris, eu...

— Shhh. Está tudo bem. — acaricio a parte de cima de suas bochechas com os polegares — Lembre-se que sempre seremos o seu apoio, assim como você é o nosso.

— Obrigado.

Beijo-o carinhosamente nos lábios e sorrio. Ele suspira e crava suas lindas esferas azuladas em meu rosto. Seus olhos são tão claros quanto um céu de verão.

— Me ligue se precisar, ok? – murmura – Eu irei correndo.

— Eu sei que sim.

Aperto suas mãos gentilmente e vou em busca da chave do carro. Peço que não me acompanhem até a porta e despeço-me com uma postura mais autoconfiante do que a que estava quando desci; vejo-os na janela e aceno com um sorriso mínimo para então entrar no carro. Dou a partida, engato a primeira e lanço-me rua a fora.

Ponho uma música qualquer para tocar, somente com o intuito de afugentar meus pensamentos. Presto mais atenção do que realmente prestaria no caminho. No entanto, ao virar a esquina em meu bairro antigo, minha falsa concentração vai por água abaixo. Eu não costumo bancar o nostálgico, só que é impossível não lembrar dos tempos em que éramos uma família comum e feliz nos subúrbios de Hershey.

Estaciono o carro em frente ao endereço indicado no GPS e por um instante apenas observo o portão através da janela aberta. Finalmente, “estou em

casa”.

Minhas mãos apertam firmemente o volante, meu coração troveja dentro do peito.

O covarde em mim quer dar as caras e ir embora. Só de imaginar o que terei que enfrentar ao entrar ali, minha força de vontade se esvai como um sopro. Eu até quero acreditar que as coisas possam ser diferentes, mas as experiências anteriores dizem para eu não contar muito com isso. Afinal, da mesma forma que eu sei quebrar expectativas, eles também sabem. E sabem muito bem.

Um pouco mais calmo, solto cinto de segurança e saio do carro. Tomo um minuto para respirar o mais profundamente possível e começo a caminhar em direção a campainha. Meu dedo hesitar sobre o botão, mas, no segundo seguinte, aperto-o com convicção. Espero uns segundos e todo o meu corpo tensiona ao que escuto a voz de minha mãe. Sei que consegue me ver pela câmera de segurança, mas ainda assim digo “sou eu”. O barulho do portão destravando é o suficiente para que eu entenda que agora é pra valer. Não posso (e nem vou) voltar atrás.

Um passo de cada vez e estou na porta. No momento em que se abre e a figura de minha mãe surge, engulo em seco. Faz anos que não a vejo pessoalmente e, independentemente do que aconteceu, ela continua sendo a mulher que me deu à luz.

— Oi, mãe. — murmuro.

Ela se mantém calada, porém, noto a emoção em seus olhos.

Só não sei identificar qual seja.

— Entre. — é tudo o que diz, antes de virar e ir corredor a dentro.

Faço o que pede. Fecho a porta atrás de mim e sigo-a. Cautelosamente cruzo para a sala de estar e avisto meu pai sentado no sofá. Porém, antes fosse apenas ele. Na poltrona a sua frente, está a tal garota com quem insistem o meu namoro arranjado.

Solto uma risada anasalada. Eu realmente não posso acreditar nisso.

A garota, tão constrangida quanto eu, meneia a cabeça em um cumprimento mudo e eu a retribuo com um sorriso educado. Somos duas vítimas aqui. E não vou trata-la mal só porque meu pai está com essa ideia maluca de querer juntar a nós dois.

Porém, não serei mentiroso.

Seja com ou sem a sua presença, eu vou dizer o que vim dizer.

— Até quando pretende ficar parado aí? — ouço meu pai resmungar de repente.

Inspirando o ar com força, me aproximo e sento na poltrona ao lado da “minha pretendente”. Mamãe aparece segurando uma bandeja com copos cheios do que parece ser chá gelado e eu a ajudo a colocar sobre a mesinha que, talvez, possa impedir uma briga futura; ela senta perto de seu marido e ficamos todos quietos.

Nem em uma sala de guerra do exército o clima estaria tão pesado.

Apesar de desconfortável, pego um dos copos sob o olhar atento de meu pai e entrego a Melissa (o nome da garota), que educadamente aceita. A sombra de satisfação no rosto do homem à minha frente não me é despercebida. Tenho vontade de rir. A maneira como as pessoas tendem a confundir gentileza com

interesse é engraçada.

Mas, como eu disse desde o início, estou aqui para quebrar falsas expectativas.

Também pego um dos copos e dou um gole no chá gelado. O receio anterior se transforma em determinação. Já que ninguém pretende falar, farei as honras:

— Eu não sei qual era o objetivo de vocês ao trazer a Melissa, mas, seja o que for, quero que saibam que está longe de ser o que eu vim fazer aqui. Se eu pedi para encontra-los, foi para que pudéssemos conversar e não para acatar qualquer ordem.

— Mas, você se negaria a conhecê-la se não a trouxéssemos até aqui. — minha mãe comenta — Já que houve a oportunidade, por que não?

Balanço a cabeça em negação, bebendo mais um pouco de chá. Não vou estender essa situação embaraçosa mais do que o necessário. Eu queria que fosse uma conversa particular, mas acho que explicar os motivos para “nossa convidada” é o justo e o melhor nessa ocasião. Assim ficamos todos entendidos de uma vez por todas; deixo o copo de volta na mesinha, viro para a garota ao meu lado e digo:

— Serei sincero, Melissa. Eu não tenho qualquer intenção de aceitar essa relação arranjada. Já sou comprometido e não pretendo largar nenhum dos meus namorados.

— Nenhum dos seus namorados? — indaga confusa — Como assim?

— Christopher! — meu pai rosna, advertindo-me.

Mas é claro que eu não vou ficar calado. Não mais.

— Sim. — respondo a ela — Eu namoro com duas pessoas.

— Ao mesmo tempo?! – arregala os olhos.

— Exatamente.

— São homens?

— Não necessariamente. Na verdade, é um homem e uma mulher.

— Isso não é...

— Errado? Claro que não. Eu amo os dois, que mal há nisso?

A garota, quatro anos mais nova do que eu, balança a cabeça ainda confusa.

Observamo-nos um instante e então ela questiona:

— Você é... Como dizem? Bissexual?

— Isso mesmo. Sou um homem comum, como qualquer outro. Porém, gosto de outros homens, assim como também gosto de mulheres. Por isso namoro com os dois.

— Então, porque nossos pais estão insistindo...?

— Não se preocupe, Melissa, é só uma fase do nosso filho. — meu pai intervém — Tenho certeza de que, ao se conhecerem melhor, ele vai perceber a mulher que...

— Eu não vou perceber nada, pai. — interrompo-o incomodado — E menos ainda é apenas uma fase. Faz parte de quem eu sou como pessoa e isso nunca vai mudar.

— Tudo muda, Christopher. Assim como você escolheu ser assim, pode...

— Escolhi ser? Eu não acordei um dia de manhã e simplesmente escolhi ser bissexual. Afinal, quem quer escolher o modo mais difícil de se viver? Ter que lidar com preconceito e tudo mais. Ser LGBT não é escolha e sim um estado natural de viver.

— Natural? — ri com desdém — Natural é um homem e uma mulher se relacionarem.

— Isso é tão natural quanto dois homens ou duas mulheres se relacionarem. Ou mais de duas pessoas se relacionarem. O conceito de natural é muito amplo, sabia?

— Não, isso não é natural. E muito menos certo.

— Porque não? Eu pago minhas contas, impostos e não tenho privilégios por ser bissexual. E sim, levo garrafadas e olhares tortos nas ruas por ser apenas quem sou. Quer dizer que, para ser natural e certo, é preciso ser hipócrita e mentir para si mesmo? Desculpe, mas eu prefiro mil vezes não ser nem natural e nem certo.

Os ânimos estão cada vez mais alterados. Tanto os meus quanto os do meu pai. Sim, eu até posso aturar muitas coisas e não fazer alarde pelo o que não merece. Ser comedido. Mas esse posicionamento homofóbico e preconceituoso me tira do sério.

Sei que não adianta ficar explicando e esperar um comportamento diferente do habitual. Porém, essa fixação em ficar tratando a mim e aos meus namorados, todas as pessoas iguais a nós que lutam por respeito, como aberrações é o cúmulo.

A sala cai em um silêncio quase sepulcral. Ainda estamos todos sentados, mas não sei por quanto tempo. Tal como não sei quanto tempo vai demorar até que a troca de farpas se torne uma discussão acalorada.

Conhecendo-o como conheço, não vai demorar muito.

Minha mãe, assim como Melissa, permanecem retraídas em meio a tensão. Sendo honesto, eu nunca soube muito bem qual era a real opinião da minha mãe sobre o fato de eu ser bissexual e namorar um homem (agora uma mulher também). Ela sempre deu voz ao meu pai e o apoiou no que fosse. Não importa o quê, a razão é dele. A verdade é que eu sempre tive um pouco de medo de sua natureza submissa, porque nunca fui capaz de distinguir se era por amor ou outra coisa.

— Talvez eu deva ir embora. – Melissa murmura subitamente, atraindo nossa atenção.

Empertigando-se no sofá, meu pai recrimina:

— Está vendo só? Você está envergonhando a menina, Christopher.

— Eu?

— Não, não! – ela se apressa em dizer – Não há ninguém me envergonhando. Mas é um assunto delicado e de família, eu não deveria...

— Você logo fará parte da família, Melissa. Não precisar ir embora.

— Me pergunto com quem ela se casará, porque não vai ser comigo. – saliento.

— Não teste a minha paciência, moleque!

— Vamos entrar mesmo nesse âmbito de quem está testando quem?

E minha resposta é o bastante para que ele perca a cabeça de vez. Começamos a bater boca, lançando injúrias um contra o outro enquanto minha mãe e Melissa apenas observam, claramente sem saber o que fazer para impedir nossa discussão.

Ele levanta, eu levanto, e as únicas coisas que impedem que eu receba um tapa no rosto são a “visita” e a mesinha de centro. Eu não queria que a situação chegasse a esse nível, claro que não, mas não sou de ferro e não vou engolir tudo calado outra vez. Foi-se o tempo em que eu apenas aguentaria em silêncio. Além disso, mesmo vindo com uma proposta de paz, lá no fundo, eu sabia que isso aconteceria.

— Parem! Parem! – minha mãe grita de repente, tão alto que me assusta.

Apesar de exaltados, nós acatamos. Tomando a iniciativa de tranquilizar as coisas, sento novamente na poltrona e respiro fundo. Passo as mãos entre os cabelos. Ouço o choro contido de minha mãe e um aperto dolorido se faz presente em meu peito.

Eu realmente não queria que fosse assim.

Mergulhamos novamente em quietude, mais densa do que as anteriores.

— Afinal, onde foi que nós erramos, filho?

— Vocês não erraram em nada, mãe.

— Então, o que podemos fazer para você.... Voltar ao normal?

— Eu não estou quebrado. Eu não preciso e nunca precisei ser consertado. Eu sou o mesmo Christopher. Sou o filho de vocês e isso não mudou só porque

me assumi como bissexual, menos ainda porque namoro um homem e uma mulher.

Ela não responde. Ao invés disso, meu pai aponta e declara:

— Vê agora o que você causou a essa família? O quanto está magoando sua mãe com essa bobagem de bissexualidade e envergonhando o sobrenome Hayes?

— Eu deveria me envergonhar se fizesse mal a alguém ou fosse um canalha. Mas tudo o que eu estou fazendo é amar incondicionalmente e sendo amado de volta.

Levanto ao suspirar. Acho que já tivemos o suficiente. Infelizmente não iremos chegar a um entendimento, logo, o melhor é que cada um siga o seu rumo. Tudo o que eu precisava dizer, de alguma forma foi dito, e isso é o que importa no final.

Vislumbro meus pais um longo instante, antes de libertar o que resta:

— E a verdade é que não existe nenhum olhar torto no mundo, nenhum cuspe na cara que estrague a sensação de ter sido honesto consigo mesmo. Eu nunca me arrependi de dizer aquelas palavras, e sabe por que? Porque me lembro exatamente do sentimento que experimentei e levarei comigo para sempre, o de liberdade.

Seus olhares estão fixos em mim. Até Melissa está prestando atenção.

— Apesar de tudo, só gostaria que soubessem que eu não fiz nada intencional para magoá-los. Eu sou assim e espero que um dia consigam aceitar, ou ao menos respeitar, que o meu modo de viver e amar não é igual ao das outras pessoas.

Respiro fundo. Ninguém fala, ninguém se mexe. Mas tudo bem.

Enfim, sairei de cabeça erguida e com o coração livre.

Ciente de que não haverá uma resposta, olho para a garota parada ao meu lado.

— Você gostaria que eu a levasse para casa? – pergunto.

Como se saísse de um transe, encara-me desconcertada.

— Se não for incomodo.

— Imagina. Sem problema nenhum.

— Obrigada.

Indico para que vá na frente. Ela se curva respeitosamente para os meus pais e eu faço o mesmo. Em silêncio, caminhamos para a porta de entrada e saímos sem trocar uma palavra sequer. O constrangimento é mútuo. No entanto, aproveitarei que estaremos sozinhos no carro para lhe pedir desculpas pelo o que aconteceu.

Querendo ou não, foi um vexame e tanto.

Estamos atravessando o jardim em direção ao portão, quando ouço alguém gritar:

— Christopher, espere!

Viro a cabeça para olhar por cima do ombro e sinto a respiração falhar ao perceber que é minha mãe. Ela vem correndo e subitamente me abraça com força. De primeira, não sei como reagir, porém, envolvo meus braços ao redor de seu corpo pequeno e a trago mais para perto. As lágrimas que

custosamente seguro ardem em meus olhos.

Como eu senti falta desse abraço!

— Eu amo você, filho. Nunca se esqueça disso, está bem? – sussurra contra o meu peito – Talvez eu não consiga entender agora e nem o seu pai, mas.... Quem sabe, no futuro seja mais fácil para todos nós. Só quero que continue sendo feliz.

— Eu também amo você, mãe. E não vou esquecer.

Tão repentina quando foi a sua vinda até mim, é a sua volta para dentro de casa. Se eu tinha qualquer dúvida sobre como ela se sentia, agora não tenho mais.

Melissa sorri e eu a retribuo.

— Vamos. Eu a levarei para casa.

— Tudo bem se... A gente for tomar um café antes? – ela sussurra.

Surpreendo-me com seu pedido, contudo, acabo aceitando. É melhor do que ter uma conversa rápida no carro. Além disso, preciso espairecer e café vai ajudar nisso.

Paro em frente a uma pequena cafeteria duas quadras depois. Ocupamos uma das mesas e pedimos dois expressos.

— Você foi muito corajoso enfrentando seus pais daquele jeito. – Melissa comenta – Se eu soubesse antes que você não era de acordo com o namoro, nem teria vindo.

— Não sei se posso agradecer por isso, mas, enfim. – dou de ombros –

Quanto ao namoro arranjado, a culpa não foi sua. Nossos pais que insistiram nessa história.

— Pois é. Eu só concordei com a ideia por causa disso.

— O importante é que tudo está esclarecido agora. Bom, pelo menos, entre nós dois.

— Com certeza.

— De qualquer forma, eu gostaria de pedir desculpas. Deve ter sido muito desconfortável para você. Era para ser uma conversa particular e acabou virando uma confusão em que estive metida sem necessidade. De verdade, me desculpe.

— Ei, não se preocupe. – sorri – Está tudo bem.

— Obrigado.

Fazemos uma pausa no instante em que a funcionária traz nossas xícaras.

— Posso pedir uma coisa?

— Claro. O que?

— Posso ver uma foto dos seus namorados?! É que eu fiquei realmente curiosa.

Dou risada. Por que eu imaginei que ela pediria algo assim?

Pego o celular no bolso da bermuda e desbloqueio a tela. Abro a galeria de imagens e clico em uma das milhares de fotos que tenho de Elliot e Yanna.

— Aqui está. – estico o braço.

— Você namora com modelos? Eles são lindos!

Gargalho com seu comentário.

— São mesmo. Os dois. – concordo – Só que eles não são modelos. Elliot é bailarino e a Yanna é escritora.

— Com educação, Christopher, mas você também é muito bonito. Juntos, devem chamar muita atenção quando estão na rua.

— Por várias razões, acredite.

— Seu namorado também gosta de pintar os cabelos, como sua namorada?

— Não, é a cor natural dos cabelos dele. Elliot é mestiço.

— Oh! Então os olhos dele são naturalmente azuis? Eu pensei que fossem lentes.

— Não. Todo mundo pensa que é, pois, são verdadeiramente lindos. — sorrio

— E os da Yanna são verdes, tão claros que as vezes parece que você está olhando para duas joias. Os cabelos dela têm cheiro de chiclete de *tutti-frutti*. Lembro que foi uma das coisas que me chamaram atenção e...

Paro de falar ao notar que estou sendo encarado.

— O que foi? – indago.

— Você ama muito os dois, não é?

Coço a nuca sem jeito. Acho que banquei o bobo apaixonado (apesar de eu ser).

— Mais do que você possa imaginar. – olho para a imagem na tela do celular

— Nos chamam de desgraça, de vergonha, de vítimas sem motivos e tudo de ruim. Mas quando eu olho para essa foto, eu vejo amor. Também vejo sonhos, vejo futuro, vejo brigas, risadas, desentendimentos... Vejo um “casal” como qualquer outro. Em nosso caso, um trisal.

Guardo o aparelho no bolso e vislumbro-a ao beber um pouco de café.

— Ser LGBT não é fácil. Está bem longe disso. Ser homo ou bissexual hoje é acreditar que as coisas irão melhorar. É não abaixar a cabeça e ter orgulho de si mesmo, saber que não há nada de errado. E mostrar para a sociedade que não há mal nenhum em amar.

— Isso é muito bonito, Christopher.

— Obrigado. Infelizmente, ainda existem pessoas que não pensam assim. Por isso, continuamos lutando por respeito, por um mundo onde possamos viver em paz. Não somos diferentes de ninguém. Só queremos viver do nosso modo, sem julgamentos.

Respiro profundamente e recosto na cadeira. Observamo-nos. Eu continuo:

— Eu fui conversar com os meus pais exatamente por causa disso. Cinco anos atrás, quando me assumi, eles não aceitaram. Segui em frente, porém, ainda tinha muito o que dizer para eles. Meus namorados me convenceram a vir, sabe.

— Então, você fez tudo isso por eles?

— Não, eu fiz por nós. Pois, não há nada que eu não faça pensando em nós três.

Melissa olha-me fixamente por alguns segundos.

Admito que fico um pouco sem graça.

— Eu espero que vocês continuem sendo tão felizes quanto eu acredito que sejam. — diz, pousando a mão sobre a minha — Vocês merecem.

— Se depender de mim, não tenha dúvidas disso.

— Apesar de não o conhecer tão bem, pode apostar que eu não duvido.

Sorrimos um para o outro. Consigo ver a sinceridade em seu rosto.

Acho que acabei de ganhar uma amiga.

Capítulo 03

ELLIOT

O final de semana na casa da minha mãe foi divertido e igualmente atribulado.

Muitas coisas aconteceram em nossa visita a Hershey. Fomos a praia; curtimos um sexo incrível à três (como sempre); Yanna e minha mãe viraram grandes amigas, e eu finalmente conheci o namorado dela; além dos momentos tranquilos sentados, fosse no jardim ou na sala, enquanto apenas conversávamos sobre qualquer coisa.

Esses foram os pontos bons de nossa viagem e eu gostaria que ficássemos apenas neles, e nada de desagradável tivesse se desenrolado por esses dias. Mas não foi bem assim. As circunstâncias trataram de acabar com a calma que tanto ansiávamos.

O pai de Christopher reapareceu depois de anos e confrontou o filho em frente à nossa namorada, sem contar que insultou os dois. E eu fui obrigado a enfrentar os meus dilemas. Mas, de certa forma, tenho que olhar para o lado positivo de esses imprevistos terem acontecido. Primeiro, porque Chris finalmente conseguiu ter uma conversa franca e definitiva com seus pais, além de resolver o tal problema do namoro arranjado. E segundo, porque eu tomei a minha decisão.

Se meus parceiros foram capazes de resolver os seus problemas, eu também

serei capaz de resolver o meu. E foi pensando assim que, no caminho de volta para casa, pedi desculpas pelo o meu comportamento e disse que conversaria com os dois logo que as coisas estivessem no lugar. Afinal, mais do que contar sobre Emma e seu assédio, talvez eu precisasse contar também sobre o meu possível desemprego.

Isso se o presente decidir imitar o passado.

Minha ideia era conversar com Emma sem que precisássemos envolver os superiores no assunto. Como dois adultos, imaginei que poderíamos nos entender sem a intervenção de terceiros. Ainda que seja desconfortável trabalhar com ela por tudo o que vem acontecendo entre nós, tenho consciência de que é uma das melhores bailarinas da companhia e que, com algum esforço, podemos superar essa fase e sermos profissionais.

Porém, se ela continuasse insistindo na história, não teria outra opção à não ser falar com o diretor Adam, independentemente do que isso acarretaria.

Bem, esse era o plano, até eu chegar no estúdio pela manhã e Vince dizer:

— Emma pediu afastamento.

— Como assim ela se afastou? — indago, desconcertado.

— Eu também não sei, Eli. Ela não aparece desde o dia em que você tirou folga para visitar sua mãe. Bernard comentou na sexta-feira que ela alegou motivos pessoais e não deu qualquer estimativa de quando irá voltar para os ensaios.

Pouso as mãos nos quadris e respiro fundo. Só faltava mais essa. Que droga!

— Olha cara, eu não quero bancar o paranoico, mas essa história está muito

mal contada. — ele comenta.

— E você acha que eu não sei?

Ao longo dos alongamentos, conto para o meu melhor amigo tudo o que rolou no final de semana em Hershey e também que estou disposto a arcar com as consequências, caso a situação com Emma fuja (ainda mais) do meu controle.

Pela primeira vez em meses, Vince muda sua carranca contrariada para um tapa amistoso em meu ombro e diz que ajudará no que for necessário.

Eu agradeço. Feliz em saber que posso contar com seu apoio.

Pelos dias que se seguem, continuo trabalhando na coreografia que fiquei responsável por desenvolver para a próxima temporada e ensaiando normalmente. Vez ou outra, troco algumas ideias com Bernard logo que o pessoal vai embora e também peço conselhos. Apesar de o conceito estar pronto, ainda precisa de ajustes até que eu comece a introduzir os passos. Contudo, estou avançando e ele disse que espera muito de mim. Fico feliz tanto quanto fico apreensivo. Quero fazer um bom trabalho e exceder as expectativas de todos com algo incrível.

Sim, meu perfeccionismo está falando mais alto.

Quanto ao meu problema com Emma, bem, eu não quero pensar muito sobre isso até que ela volte e possamos conversar de uma vez por todas. Certo que não é difícil meus pensamentos voarem para esse incômodo um momento ou outro. Eu queria culpar o universo por adiar ainda mais nosso embate definitivo, mas a verdade é que eu sou o causador de toda essa confusão. Se tivesse sido corajoso antes, não estaria à ponto de explodir de tanta ansiedade.

Bem, é o preço da minha covardia.

Hoje, quinta-feira, decido ficar até mais tarde no estúdio para começar a idealizar os primeiros passos da coreografia. Vince se dispõe a me ajudar, mas acabo recusando. Ele contou que vai a um encontro e não quis atrapalhar seus planos.

Coloco a câmera ao lado do espelho para gravar os movimentos. Trabalho nisso até um pouco mais de cinco da tarde e dou por encerrado o meu dia. Vou rever o que produzi quando chegar em casa e mandar uma cópia para Bernard por e-mail.

Tomo uma ducha para me livrar do suor. Apesar de estar sozinho, não demoro muito e visto a roupa limpa que trouxe na bolsa. Estou terminando de abotoar minha calça quando sobressalto com a voz que soa de repente e eu bem conheço.

— Olá Elliot.

Olho para trás e deparo com Emma encostada em um dos armários, à alguns passos de distância. Nós nos encaramos. Eu não esperava vê-la tão cedo, considerando que ela não tinha data para retornar. Mas tudo bem. Assim é melhor, pois, não precisarei conviver com a expectativa mais do que já convivi esses últimos dias.

Ela está aqui e agora, e esse é o momento certo para resolvermos nosso problema.

— Pensei que estivesse afastada. — digo, cruzando os braços — Já conseguiu resolver os seus problemas pessoais? Bem, a julgar que está aqui, eu acredito que sim.

Emma dá uma risadinha cínica. Ela não precisa mentir. Nós dois sabemos que foi apenas uma desculpa para se ausentar sem dar muitas explicações.

— Sim. Já resolvi todos. — responde.

— Ótimo. Porque agora vamos resolver o nosso. — enfrento-a — Estou feliz que tenha esperado até que eu ficasse sozinho para vir até aqui. Assim podemos conversar sem que ninguém atrapalhe. E nós temos *muito* o que conversar.

— Talvez não demore tanto quanto você imagina.

Seu comentário me faz hesitar. O que ela quer dizer com isso?

Bom, seja o que for, vou apenas ignorar.

Ficamos os dois em um confronto silencioso. A tensão se erguendo como muros a nossa volta. Emma mantém uma postura rígida e impessoal, completamente o oposto da mulher que meses atrás não perdia uma oportunidade de se jogar em mim.

Afinal, o que mudou?

Tal como Vince, eu também não acredito que ela se deu por vencida. Seria fácil demais para alguém que até pouco tempo declarava com todas as letras e na minha cara que não iria desistir. Definitivamente, esse não é o caso.

— E então? Vai continuar calado?

— Convenhamos que eu sou a última pessoa que deve explicações aqui. Porém, já que sei como as coisas funcionam com você, vou começar. Ou melhor, vou repetir tudo o que disse desde o início.

Emma muda o peso de uma perna para a outra, aparentemente impaciente, e eu contorno o banco onde estão minhas coisas para ficar mais próximo. Apenas o suficiente para que não pareça que estou com receio dela (mesmo que eu esteja).

Depois de um longo suspiro, digo:

— Olha, já está mais do que na hora de pararmos com isso. Sim, eu disse pararmos. Pois, a verdade é que eu estava dando margem para que você continuasse ao não me impor de maneira mais firme. Somos colegas de trabalho e nossa relação não passará disso. Sei que falei e enfatizei desde o começo, mas, é sério, vamos parar com isso. Por favor, pare com isso. Eu não sinto qualquer atração por você. Então, não adianta ficar insistindo. Tenho certeza de que encontrará um cara legal e...

— Você não precisa mais ficar bancando o bonzinho comigo. — interrompe.

Respiro fundo, reunindo toda a paciência que sou capaz.

— Eu não estou bancando o bonzinho. Só quero que entenda que...

— Eu descobri o que você é.

— Como assim? — franzo as sobrancelhas — Do que está falando?

— Agora eu sei porque você escondia tantos segredos e não queria que ninguém soubesse da sua vida fora daqui. Sim, eu descobri tudo, Elliot.

— Emma...

— Você é gay! — dita, quase como se eu tivesse cometido um crime.

Há asco em sua voz, posso notar. O mesmo asco que enfrentei anos atrás.

Permaneço calado. O assombro por sua descoberta entorpecendo meus sentidos.

O primeiro impulso que tenho é desmentir. Mas, não faz sentido prosseguir com essa máscara. Eu não sou o mesmo Elliot de anos atrás, ainda que esteja agindo da mesma maneira em relação a esse problema. Há uma parte em mim que ainda reflete o cara de vinte e dois anos, e assustado de outros tempos. Só que estou cansado de fingir ser o que não sou apenas para agradar os outros.

Estou farto de mentiras!

Como minha mãe disse, sempre haverá um lugar que irá me aceitar como sou, mas apenas duas pessoas que irão me amar exatamente por isso.

— Eu não sei como descobriu, mas não importa. — dou de ombros — Sim, eu sou. E daí? Na verdade, eu sou bissexual e não gay.

— Bissexual, gay.... Qual é a diferença?

— Bom, há uma grande diferença.

— Dane-se! Não importa. De qualquer forma, você gosta de homens.

— Sim. Assim como também gosto de mulheres.

— Como é que é?

— Eu gosto de homens e de mulheres. — suspiro — Melhor dizendo, eu gosto de um homem e de uma mulher. Mas isso não vem ao caso agora.

— Como você pode falar com uma naturalidade dessas?

— Porque é uma coisa natural. Tanto quanto um casal hétero.

— Inacreditável... — balança a cabeça em negação.

Ela anda de um lado para o outro, enfurecida, enquanto mantenho-me parado.

— Alguém sabia que você saía para encontrar homens ao invés de mulheres?

— Emma, como disse antes, eu...

— Céus! — ela leva as mãos aos cabelos, apertando-os com irritação — Você escapava durante as viagens da companhia.... Para ser fodido por outros caras.

— Você pode, por favor, escutar o que eu tenho a dizer?

Mas é claro que ela não escuta. Está tão perturbada com a minha verdade, que não faz outra coisa à não ser atirar suas ofensas e soltar as besteiras que lhe vêm à cabeça. Ela fala, fala e fala. E eu não tenho outra escolha se não escutar.

Bem, até certo ponto. Este que Emma ultrapassa ao dizer:

— Sem contar que você deve ter espionado os outros bailarinos enquanto tomavam banho, e até tocado em algum deles inventando desculpas. Deixe-me adivinhar que você também dormiu com o Bernard para conseguir ficar responsável pela coreografia da próxima temporada?

— Ei, ei, ei! Que bobagem é essa que está falando? Como você ousa insinuar que eu assediei meus colegas de trabalho e que dormi com o Bernard? Eu jamais faria isso, menos ainda transaria com alguém para conseguir qualquer coisa.

— O convite veio do nada?

— Pela minha competência, talvez? — debocho — Sem contar que, ao contrário de você, eu não assediaria ninguém.

— Eu não fiz nada de errado!

— Não?! Me explique, por favor.

— Você é um homem e eu sou uma mulher.

— Nossa, sua lógica é incrível. — reviro os olhos, desacreditado com tamanha ignorância — Seja um homem ou uma mulher, ninguém merece ser assediado. Todos merecemos respeito. Do mesmo modo que não importa se é um homem ou uma mulher que esteja cometendo o assédio, é igualmente errado para os dois.

— Huh, é mesmo?! E você diria isso para os colegas que ficou espionando?

— Escute aqui, Emma, quero deixar muito claro que eu nunca faltei ao respeito com nenhum membro dessa companhia e de nem um outro lugar. Essa sua ideia de que vou começar a assediar meus colegas pelo simples motivo de que também gosto de homens é sem fundamento e ridícula. Não é porque eu tenho uma orientação diferente do que a maioria diz ser “normal”, que sou uma pessoa sem escrúpulos.

— Tem certeza? — rebate e travo no instante em que se aproxima de mim — Então porque você foi expulso da última companhia em que trabalhou, anos atrás?

Arregalo os olhos. Emma dá um sorriso sombrio.

— Como você sabe disso?

— Quer dizer que é verdade?!

— Não, não é verdade. Eu não fiz nada contra ninguém. As coisas não aconteceram como você está pensando. — rebato, perdendo o pouco equilíbrio emocional que me resta — Mas não mude de assunto. Como você soube disso?

Ela não responde e as suspeitas dentro a minha cabeça se fazem realidade.

— Você estava me espionando? — praticamente grito.

— Eu disse que desvendaria você. E que melhor forma do que lhe seguindo?

— Como se atreveu a invadir minha privacidade desse jeito?

Dá de ombros, como se não fosse nada demais. Ela provavelmente descobriu sobre a minha bissexualidade antes de viajarmos aquele dia para Seattle. Por essa razão, agiu como agiu. Não era psicologia reversa, era raiva.

— Eu deveria perguntar isso a você. Como teve coragem de mentir para todos?

Fecho os olhos e conto mentalmente até dez. Estou realmente perdendo a paciência, ainda que esteja fazendo de tudo para prosseguir calmo. Já basta um de nós nervoso.

— Eu tive os meus motivos. E não foi mentira, foi omissão. — é tudo o que respondo.

— Não vejo diferença.

— Você não vê diferença em nada. — reviro os olhos mais uma vez — Duvido até que saiba qual é o significado da palavra diferença.

— Não brinque comigo, Elliot Park!

Respiro fundo. Não há outra opção. Apesar de ela não merecer qualquer explicação, terei que as dar para que possamos resolver esse assunto.

De tantas pessoas, logo Emma tinha que descobrir? É muita ironia.

— Sim, eu fui expulso da companhia. — solto de uma vez — E não porque eu assediei alguém e sim por ser quem eu sou. Sofri discriminação por ser bissexual. Satisfeita agora? Foi graças às pessoas como você, intolerantes, que eu perdi o meu emprego.

Emma permanece calada, apenas observando. Direi o que preciso dizer.

— Talvez pareça uma besteira para você, mas duvido que já tenha perdido um emprego ou qualquer outra oportunidade na vida por causa de sua orientação sexual. Eu batalhei, trabalhei duro e passei dias e noites ensaiando igual a um condenado, e tudo foi por água abaixo porque os superiores da antiga companhia não queriam alguém com “a minha conduta” em meio aos outros bailarinos. — corro os dedos entre os fios do meu cabelo, a frustração preenchendo-me por dentro — Consegue imaginar como me senti? O que eu pensei ao ouvir que não estava “apto” para continuar na companhia somente por ser bissexual? Não, provavelmente você não consegue. Mas, acredite, não foi bom.

É como se eu pudesse sentir tudo de novo.

A mesma tristeza, a mesma indignação.

— Esse é o motivo de eu nunca ter falado sobre a minha vida pessoal, porque queria esconder a minha orientação sexual para não correr o risco de ser demitido de novo. Eu não deveria ter vergonha de quem sou, e de fato não tenho, mas as pessoas têm vergonha por mim e precisei me adaptar para sobreviver. Tive que ralar mais do que qualquer um para mostrar que era

capaz de ser o melhor. Tive que abrir mão de muitas coisas unicamente para continuar dançando.

O menosprezo estampado em seu rosto é deprimente. Eu havia esquecido que lidar com a intolerância é difícil. Porém, tal postura não me impede de terminar.

— Quanto a não me envolver com colegas de trabalho é pelo fato de eu ser muito bem comprometido. E por causa dessa porcaria de preconceito, fui obrigado a mentir para as pessoas que eu amo com medo de que alguém eventualmente descobrisse.

— Pessoas?

— Ué? Eu pensei que você soubesse tudo sobre a minha vida. — provoco, recebendo um bufar contrariado — Sim. Além de bissexual, eu estou em uma relação poliamorosa.

— Se você é comprometido, por qual razão escapava para ir atrás de mulheres?

— Honestamente, isso não é da sua conta. — expiro com força. Não sou obrigado a explicar essa parte também — Acho que você já “sabe demais”, para quem não deveria saber de absolutamente nada.

Ficamos os dois em silêncio. Um encarando o outro. Tenho medo do que está se passando dentro da cabeça dela.

E estou certo em temer, pois, subitamente ela diz:

— Então, façamos um trato.

— O que? – franzo o cenho – Um trato?

— Exatamente. Eu não conto para ninguém da companhia sobre a sua... “Situação”, e em troca, eu quero que você seja o meu amante. Que durma comigo.

Encaro-a um longo instante e a minha única reação é rir. Gargalhar da tolice que acaba de propor. Como se houvesse a possibilidade de eu concordar com essa ideia.

— Acredito que minha resposta é óbvia.

— Tem certeza? — cruza os braços, querendo ser confiante.

— Se eu não falei nada para o diretor até agora era porque temia que o mesmo acontecesse aqui. Dei o meu suor e as minhas lágrimas para entrar nessa companhia e me tornar um dos bailarinos principais, para alcançar tudo o que alcancei, mas.... Dane-se! Prefiro mil vezes sair e encontrar um lugar que me aceite pelo o que sou, do que viver como um hipócrita. Eu não vou continuar calado ou me esconder. Meus namorados não merecem que eu siga com essa mentira por sua causa.

Furiosa, Emma aponta para o meu peito e o acerta algumas vezes.

— Eu não estou brincando, Elliot. Vou contar para todos o que você esconde. Os superiores virarão as costas e não pensarão duas vezes em expulsá-lo. Você perderá seu lugar na companhia. – ameaça – É uma escolha simples que tem a fazer.

— Entenda de uma vez por todas que eu jamais vou abandonar as pessoas que amo para ficar com alguém igual a você, que não tem um pinga de caráter e se acha no direito de chantagear em troca do que quer. Como ressaltei desde o começo, eu não sou um troféu para que saia exibindo por aí. E sabe do que mais?

Me inclino minimamente para que meu rosto esteja rente ao seu, e digo:

— Nem se houvesse uma mínima chance, eu sentiria atração por alguém tão desprezível. Faça o que bem entender e fique longe de mim.

De repente, antes que eu possa fazer qualquer coisa, sou empurrado com força para trás. Tropeço em meus próprios pés e esbarro contra a beirada do banco atrás de mim. Caio por cima dele e fecho os olhos no instante em que sinto que dobrei algo, para então bater com a lateral do braço no chão. Apesar de não ter acertado a cabeça, o impacto é o bastante para que eu fique desnorteadado. Demora uns minutos até que eu entenda o que aconteceu. Na verdade, mais do que isso. Antes fosse apenas isso.

Uma dor lancinante irradia por todo o meu corpo vinda do tornozelo, o mesmo que torci anos atrás, e sequer consigo me mover de tão intensa que está. Aperto as mãos ao redor da perna e grunho de dor. Me remexo de um lado para o outro, querendo que a dor suma. Só que os movimentos pioram as sensações. Porra! Porra!

Tento custosamente me levantar para ver o que aconteceu e, assim que consigo, tomo um susto ao ver meu pé direito torto e mole para o lado. Não pode ser...

Não! Não!

Sinto as lágrimas de dor e indignação se acumularem em meus olhos.

Meu tornozelo... Puta meeeerdaaaaa!!

Uma pontada faz com que eu caia de costas no chão do vestiário de novo. Emma não se mexe. Apenas observa meu martírio com indiferença, mesmo que sua expressão mostre certo arrependimento. O qual não demora

mais do que alguns segundos para desaparecer e dar lugar ao ressentimento. Seu empurrão repentino fez com que eu caísse de mal jeito e agora... Merda! Acho que quebrei o tornozelo. Acho não, tenho certeza. Essa dor aguda não é normal e nem a posição que meu pé está.

Sim, eu o quebrei.

— Você não vai me ajudar? — rosno para ela, morrendo de dor e raiva.

— Você não me queria longe? Pois é exatamente o que eu irei fazer. — retruca — Espero que isso lhe sirva de lição. Gay nojento!

Emma dá as costas e sai do vestiário, largando-me sozinho e machucado.

Filha da... Ah, droga! Que dor desgraçada!

Respiro fundo uma e outra vez para me acalmar e diminuir um pouco que seja a dor. O que leva alguns minutos. Assim que sinto ser capaz de me arrastar até a bolsa sobre o banco, faço-o e disco para o número da emergência.

Preciso ir ao hospital e rápido.

Explico a situação logo que sou atendido e peço que mandem uma ambulância o mais rápido possível. Uma vez que desligo, olho para o celular em minhas mãos, respiro fundo antes de discar o número de Yanna. Tenho que avisá-la primeiro, já que Chris ainda deve estar trabalhando no evento que foi cobrir hoje de manhã.

"Oi, querido" - ela atende no terceiro toque.

Ouvir sua voz me tranquiliza.

— Oi, baby. — tento pronunciar o mais normal possível, mas a minha voz sai trêmula. E eu sei que ela percebe.

"Eli?" — fica em silêncio um instante — *"Aconteceu alguma coisa?"*

— Na verdade, sim. Porém, fique calma. — digo ao escutar sua respiração se agitar do outro lado da linha — Baby, eu só queria avisar que... Ugh.... Que quebrei o tornozelo.

"Ai meu Deus!" — ouço-a gritar e o barulho de algo caindo — *"E-eu... Estou indo buscar você"*.

— Yan, querida, fique calma. Eu estou bem, só está doendo como o inferno. Já liguei para a emergência e estão vindo me buscar. Não precisa vir ao estúdio, está bem?! Eu vou mandar por mensagem o endereço do hospital quando chegarmos lá.

Os sons de gavetas batendo e passos apressados me interrompe.

— Yan?

"Já peguei as chaves do carro e estou descendo para a garagem. Por favor, não se mexa, que eu já estou.... Oh, merda! O que estou dizendo? Você provavelmente não consegue se mover mesmo".

Tenho vontade de rir, mas a inquietação dela está mesmo me preocupando. Sem contar a droga da dor que parece piorar a cada segundo.

— Yan, escute. Vou ficar preocupado se dirigir nervosa desse jeito. Espere até que eu mande a mensagem e se acalme, ok? Foi só uma fratura, eu estou bem.

"Tudo bem. Tudo bem". — sua respiração está ofegante — *"Vou ligar para*

o Chris e avisar. Por favor, assim que chegar, mande mensagem que iremos encontra-lo”.

— Tudo bem. Não se preocupe. — digo para tranquiliza-la — Eu amo você.

“Também te amo”.

A ligação é encerrada de repente. Respiro fundo.

Sinceramente, eu só espero que ela chegue sem nem um arranhão.

Recosto na beirada do banco mais próximo e deixo a perna esticada. Se eu a mover um pouco que seja, o estrago pode ser maior. E, de qualquer forma, a dor é tão alucinante que eu nem me atreveria. O inchaço já transformou meu tornozelo em uma bola arroxeadada. Mais que porcaria. Maldita Emma!

Sei que foi um acidente (de certo modo), mas não acredito que ela teve a coragem de me empurrar com tanta raiva. Tudo bem, talvez eu tenha passado dos limites ao dizer tais palavras, pois, estava irritado e indignado. Mas ainda assim.

Abro os olhos assustado ao escutar um barulho alto vindo da porta principal do estúdio. Deduzo que seja o pessoal da ambulância e grito “eu estou no vestiário masculino” para que poupem tempo em me procurar.

Respiro aliviado ao vê-los entrar.

Com cuidado, sou acomodado em uma maca de transporte e levado para fora. Fazem o primeiro atendimento dentro da ambulância e, em questão de minutos, estamos a caminho do hospital mais próximo. O Mount Sinai.

Quando chegamos, sou colocado em uma cadeira de rodas e levado direto para a área da emergência. Uma enfermeira traz alguns analgésicos e eu tomo

quase de bom grado, embora remédios seja uma coisa que eu odeie tomar. Só que a dor está tão forte, que não penso duas vezes em engolir o comprimido com um gole de água.

Depois que fazem um raio-x do meu tornozelo e o imobilizam temporariamente com uma tala, vou para um leito na ala comunitária esperar o resultado dos exames.

Estou tentando digerir a situação de merda que me encontro, tal como aceitar que de fato quebrei o tornozelo, no instante em que um homem se aproxima.

— Senhor Elliot Park, certo? — o médico pergunta, segurando o prontuário.

— Sim.

— Bom, pelo raio-x que tiramos de seu tornozelo, constatamos que houve uma fratura e também danificou um dos ligamentos – indica os pontos usando a caneta para circular a chapa – Teremos que fazer uma pequena cirurgia para colocar o osso no lugar certo e um parafuso, depois engessar para que o ligamento se recupere.

— Cirurgia? Parafuso? — começo a me desesperar — É tão grave assim? Eu só caí por cima do tornozelo, não é possível.

— Pode parecer uma queda leve, mas o peso do seu corpo e o modo como dobrou o tornozelo para então cair foi o suficiente para causar uma lesão séria.

— Me diga, quanto tempo demora para que se recupere? — indago, tentando me acalmar — Eu sou bailarino e, bem, os pés também são meus instrumentos de trabalho.

Muito mais do que isso. É com a ajuda deles que eu faço o que amo, que é

dançar.

— Terá que ficar de seis a oito semanas de recuperação com o gesso, para que o osso e o ligamento firmem novamente. Porém, acredito que levará até seis meses.

— Seis meses? Mas é muito tempo, doutor. Eu não posso ficar parado.

— Infelizmente, esse é o tempo necessário para a recuperação total de uma lesão como essa. De quatro a seis meses, se tudo correr bem e você fizer a fisioterapia.

Não sei o que dizer. Estou tão chocado, que prefiro continuar em silêncio.

— Os analgésicos logo farão efeito e você não sentirá tanta dor. — faz algumas anotações no prontuário — Pedirei que preparem a sala de cirurgia imediatamente.

Com uma reverência, o médico sai, deixando-me sozinho.

Frustrado como nunca pensei que ficaria na vida, recosto nos travesseiros e levo as mãos ao rosto, para encobrir as lágrimas que querem sair.

Por que isso está acontecendo comigo?

Capítulo 04

YANNA

Sentada de frente para a mesa de Daniel e tendo Natham ao meu lado, termino de ler a proposta de marketing para o meu novo livro. Estamos conversando há algum tempo sobre o lançamento, que será daqui a uns meses na Frankfurter Buchmesse. A maior de todas as feiras literárias do mundo, que teve sua primeira edição em 1949.

Geralmente, nós faríamos o lançamento aqui nos EUA, mas decidimos aproveitar que a feira está próxima para fazermos uma incrível e grandiosa apresentação ao público do novo título. Viajarei para a Alemanha e participarei de uma sessão de autógrafos, algo que eu particularmente adoro. Afinal, não há nada mais gratificante do que interagir e estar perto dos meus leitores e fãs.

— O que você achou? — Dani pergunta.

— Eu gostei muito. — respondo — E admito que estou bastante animada para visitar a Frankfurter Buchmesse. Já faz quase três anos desde a última vez em que estive lá.

— Bom, agora que concordamos sobre a data e o local de lançamento, precisamos escolher quais dos manuscritos iremos publicar.

Daniel abre a pasta de documentos em seu iMac e vira o monitor para que Natham e eu possamos ver. Nós nos esticamos um pouco sobre a mesa.

— Os três manuscritos que enviou nesses últimos meses são muito bons, como não poderiam deixar de ser. Todos têm potencial para a Frankfurter Buchmesse.

— Eu li os comentários que Daniel fez de cada um dos manuscritos e concordo com o que diz. — Nam se pronuncia — Mas admito que gostei especialmente do segundo.

— Sim, o segundo também me chamou mais atenção.

— Vamos publicar, então? — indago — Sabem que não tenho predileção.

— É uma boa ideia. — Dani consente — É um conceito completamente novo e que vai alcançar um público diferente do que estamos acostumados.

Natham assente. Eu também. Todos chegamos a um acordo.

— Já que estamos resolvidos, Nam, essa é a sua deixa.

— Vamos as burocracias com o chato do advogado.

Alfineto de maneira divertida, ganhando um revirar de olhos do homem ao meu lado, este que tira algumas folhas de sua pasta e põe em cima da mesa. E então explica:

— Eu revisei o contrato e incluí as cláusulas que havíamos conversado anteriormente.

Ao longo de mais uma hora, discutimos sobre o contrato de publicação e outros detalhes em relação ao lançamento do livro

na Frankfurter Buchmesse.

Terminamos a reunião perto do almoço e aproveitamos para ir a um restaurante nas redondezas. São raras as oportunidades que temos de estar os três reunidos fora do ambiente de trabalho e, quando elas aparecem, nós agarramos sem titubear.

Adoramos nossos momentos juntos.

Depois de comermos uma excelente refeição e esticarmos para um cafezinho, seguimos cada qual o seu rumo. Como não tenho mais nada para resolver na editora e sei que Daniel estará muito ocupado durante a tarde para que eu possa ficar e encher o seu saco, decido voltar para o meu apartamento. Elliot e Christopher estão em seus respectivos trabalhos.

Ou seja, passarei o restante do meu dia sozinha.

Não que seja um problema, pelo contrário. Gosto do meu espaço e de um tempo à sós comigo mesma. Em que posso cuidar apenas de mim e fazer o que me der na telha. Mas, convenhamos, entre ficar sozinha e estar em companhia de dois homens maravilhosos e que amo, não é difícil saber o que prefiro, não é?!

Dou uma carona para Natham até o tribunal, que deixou seu Audi RS7 no estacionamento já que Dani o pegou pela manhã, e vou em direção ao meu apartamento. Antes de descer do carro, meu amigo e ex-cunhado comenta o quanto está contente em ver como estou seguindo em frente e feliz ao lado dos meus namorados. Eu contei a ele como as coisas se desenrolaram depois que foi embora aquele dia, quando retornamos do memorial de Bryan.

Nam admitiu que ficou bastante preocupado de que algo pudesse não dar certo. Sorte que esclarecemos tudo e ele não precisou “quebrar a cara de

ninguém”, pois, foi exatamente o que disse que faria se Christopher e Elliot fossem rudes comigo por causa da situação toda. Felizmente, nada aconteceu – de qualquer modo, eu não deixaria que os três saíssem na mão.

Uma vez que estou em casa, chuto as sandálias para longe e desabo sobre meu confortável sofá de couro amarelo. Olho para o teto sem saber o que fazer. As opções são infinitas! Desde tirar um cochilo até ler um dos tantos livros que abandonei pela metade na estante; com as pernas apoiadas no encosto do sofá e praticamente de ponta-cabeça, penso mais um pouco e chego à conclusão de que vou limpar o meu armário. Venho adiando essa tarefa há tempos e preciso doar algumas das tralhas que lá estão enfurnadas e não uso mais. Só do que preciso agora é uma boa dose de coragem para levantar daqui e ir ao batente.

Demoro uns dez minutos para enfim dar um impulso e colocar os pés no assoalho de madeira. Respiro fundo, erguendo os braços à fim de reunir energia, e caminho sem pressa até o quarto. Visto uma das minhas calças de ginástica e uma camiseta soltinha. Um look confortável para colocar as mãos na massa.

Pego o celular e ponho a playlist de músicas latinas para tocar. Os acordes de “La Rumba del Balcón” do grupo Los Rumberos soam animando o ambiente.

“Hace mucho que

no te veía pasar por enfrentito de mi casa

Hace mucho que

no te veía pasar por debajo de mi balcon”

Meus quadris ganham vida própria em questão de segundos, balançando de um lado para o outro ao compasso da música. Não sei se é por causa da batida, mas o ritmo lembra muito aquela canção da Banda Carrapicho. Era assim que se chamava? Bom, seja como for, deve ser porque os estilos são relativamente parecidos.

Droga! Fiquei com vontade de ouvir “Tic, Tic, Tac”. E é exatamente o que faço assim que Los Rumberos termina de tocar. Abro o YouTube e coloco o videoclipe.

Bate forte o tambor, galera!

Pouco a pouco, vou tirando o que está dentro do armário e colocando no chão. Os casacos ponho em cima da cama, junto como outras peças de roupas; monto três caixas de papelão e separo o que vou doar entre vestimentas, acessórios e outros apetrechos que não sei como nomear.

A parte de cima do armário está praticamente vazia quando puxo uma caixa de madeira que encontro lá no fundo e, no instante em que olho melhor para ela em minhas mãos, entendo porque estava escondida. São as fotos de Bryan.

Encaro o objeto por alguns segundos, refletindo se devo abrir ou não. Apesar de ter seguido em frente, não significa que vou esquecer meu ex-marido ou que quero. Bryan foi uma parte muito importante da minha vida e sempre estará em meu coração. Logo, não há razão para não reviver essas lembranças nem que seja um instante.

Sento no chão com a caixa entre minhas pernas e abro-a. Observo as diversas fotos que aguardei com tanto carinho e pesar, e pego a que está no topo. Estamos sorrindo. Lembro do dia em que tiramos essa, foi em um passeio que fizemos a Santorini, na Grécia. Uma das ilhas mais charmosas do país, repleta de casinhas brancas.

Uma a uma, vou recordando dos momentos em que fui feliz ao seu lado. Algumas lágrimas vêm aos olhos, mas, ao invés de tristeza, sinto-me saudosa.

É em ocasiões como essa que eu agradeço que o caixão dele tenha vindo lacrado. Eu não suportaria vê-lo e perder as memórias que mantenho de seu lindo rosto.

Respirando fundo e secando as lágrimas, devolvo as fotos para dentro da caixa e fecho-a. É o suficiente. Com cuidado, ponho-a de volta no armário e sigo com a arrumação. Ainda tenho muito o que fazer e não quero ficar deprimida. Bryan não merece que o único sentimento que eu tenha em relação a sua memória é tristeza.

Finalizo a limpeza perto das cinco da tarde. Exausta, mas com a sensação de dever cumprido, presenteio-me com um enorme e geladinho copo com suco de laranja.

Meu favorito.

Estou servindo uma dose generosa de suco, quando meu celular vibra. Pego-o e vejo que é Eli. Deslizo o dedo para aceitar a chamada e atendo-o alegremente.

— Oi, querido.

“Oi, baby”.

Franzo as sobrancelhas ao notar sua voz trêmula, o que não é normal.

— Elliot? — fico em silêncio um instante — Aconteceu alguma coisa?

“Na verdade, sim. Porém, fique calma”. — ao escutar suas palavras, minha respiração se agita. Meu coração começa a bater mais rápido — “Baby, eu só queria avisar que... Ugh.... Que quebrei o tornozelo”.

— Ai meu Deus! — grito e o copo em minha mão vai direto para o chão. Pulo para trás com o susto do vidro espatifando — E-eu.... Estou indo buscar você.

“Yan, querida, fique calma. Eu estou bem, só está doendo como o inferno. Já liguei para a emergência e estão vindo me buscar. Não precisa vir ao estúdio, está bem?! Eu vou mandar por mensagem o endereço do hospital quando chegarmos lá”.

Sem dar importância para o copo despedaçado, corro até a mesinha ao lado da porta em que costumo guardar as chaves do carro e outras coisas, e abro as gavetas atrás do chaveiro. Estou tão nervosa, que só escuto Elliot chamando na terceira vez:

“Yan?”

— Já peguei as chaves do carro e estou descendo para a garagem. Por favor, não se mexa, que eu já estou.... — tenho vontade de bater com a cabeça na parede — Oh, merda! O que estou dizendo? Você provavelmente não consegue se mover mesmo.

“Yan, escute. Vou ficar preocupado se dirigir nervosa desse jeito. Espere até que eu mande a mensagem e se acalme, ok? Foi só uma fratura, eu estou

bem".

— Tudo bem. Tudo bem. — minha respiração continua ofegante, mas tento manter a calma do jeito que posso — Vou ligar para o Chris e avisar. Por favor, assim que chegar, mande mensagem que iremos encontra-lo.

"Tudo bem. Não se preocupe". — murmura em um tom ameno — *"Eu amo você"*

— Também te amo.

Com as mãos trêmulas, disco o número de Christopher, que atende depressa. Apesar de nervosa, explico a situação e percebo a tensão em sua voz, não muito diferente da minha. Ele diz que tentará chegar o mais rápido possível para irmos ao hospital. Sei que está tão aflito quanto eu, mas peço para que tome cuidado.

Enquanto espero Elliot mandar o endereço por mensagem, vou jogar uma água no corpo e trocar de roupas, o que faço em menos de vinte minutos; inquieta demais para conseguir ficar parada e com o aparelho grudado no bolso do jeans, procuro qualquer distração que me absorva nem que seja uns minutos. Lavo as louças que usei de manhã para o café; organizo as almofadas; limpo o vidro caído no chão; tudo isso ao passo que confiro de cinco em cinco segundos o celular para ter certeza de que não recebi nada ainda.

Tomo um pequeno susto ao ouvir a porta sendo aberta de tão "concentrada" que fiquei em algo inútil. Christopher se aproxima, sua expressão é preocupada. Ele beija minha boca um tanto arquejante, antes de perguntar:

— Alguma notícia?

— Ainda não. Estou esperando e checando o celular. — abraço-o, buscando seu aconchego para ficar mais tranquila e querendo lhe passar o mesmo — Será que nós deveríamos ir até o estúdio? Está demorando demais.

— Se ele disse que ligou para a emergência, provavelmente já foram buscá-lo. Além disso, você sabe como os hospitais funcionam. Eles farão os primeiros atendimentos e só depois o Elliot será liberado para fazer qualquer coisa.

Concordo. Chris está certo.

Decidimos esperar mais um pouco.

Atenciosamente, o moreno prepara uma xícara de chá de camomila para mim. Sei que não deveria estar tão preocupada, afinal, foi apenas um tornozelo quebrado. Mas é o tornozelo do nosso namorado. Nosso namorado bailarino. Essa fratura irá arrasá-lo, especialmente porque ele estava todo empolgado com a coreografia que vinha criando e se dedicando desde o dia em que ganhou essa oportunidade.

Após quarenta minutos, não aguento mais. Salto do sofá e vou correndo pegar o celular que Christopher me “obrigou” a deixar sobre o balcão da cozinha. Ele vem atrás e nem hesito em chamar o número do nosso namorado.

“Alô?” – uma voz feminina atende e levo outro susto.

— A-alô?! Quem está falando?

“Desculpe. Eu sou a enfermeira Smith, do Mount Sinai”.

— Ah, sim. Esse é o celular de Elliot Park, certo? Eu sou a namorada dele.

Esclareço o motivo de minha ligação e ela responde:

“O senhor Park está se preparando para entrar na sala de cirurgia agora”.

— Sala de cirurgia? Como assim? – solto em voz alta.

Meus olhos vão para Christopher, que também está alarmado. A enfermeira explica brevemente o que acontece e dá o número do quarto para o qual ele será levado depois que passar pelo procedimento e tiver a perna imobilizada.

Chris e eu saímos às pressas do meu apartamento, rumo ao Mount Sinai, que fica a uns trinta e cinco minutos do meu bairro. Como tenho consciência de que estou angustiada, peço ao meu namorado que dirija e ele não recusa.

Ao chegarmos no hospital, vamos direto para a recepção em busca de informações. Como de costume, a recepcionista se surpreende ao dizermos que Elliot é nosso namorado, mas se limita a lançar um olhar e checar nossa documentação, e então orienta-nos a aguardar na sala do quinto andar. E é o que fazemos.

Esperamos cerca de uma hora e meia. Christopher não soltou minha mão desde que sentamos e aprecio seu gesto. Estamos mutuamente confortando um ao outro.

De repente, um enfermeiro surge e chama os acompanhantes do paciente Elliot Park. Nós levantamos de imediato e somos guiados pelo corredor da direita. Ele nos informa que a cirurgia correu bem e que agora é esperar pela recuperação.

Temos a autorização de entrar os dois no quarto, já que foi apenas um procedimento simples e que não precisa de uma atenção maior. Elliot está com uma bota mobilizadora rígida (conforme o que o enfermeiro explicou) e

metade da perna suspensa para não esbarrar na cama. Ele está dormindo devido a anestesia.

Chris pega a mão dele e eu lhe acaricio os cabelos loiros e desgrehados. Sua expressão, ainda que esteja adormecido, é cansada. Só de imagina a dor que aguentou ao fraturar seu tornozelo e como provavelmente se sentiu parte o meu coração.

— O senhor Park poderá deixar o hospital assim que acordar e estiver mais disposto. Os pontos da cirurgia poderão ser retirados daqui a vinte dias e ele não deve ficar sem a bota mobilizadora, nem mesmo para tomar banho ou dormir.

O enfermeiro dispara uma torrente de recomendações e ouvimos atentamente todas elas. Digo que ficarei responsável pelas despesas, tanto do atendimento quanto da cirurgia. Christopher não parece concordar, mas o convenço de que conversaremos em casa sobre isso. O que importa agora é que nosso namorado esteja bem.

Uma vez que estamos sozinhos com Elliot, dedicamos os minutos para vigiá-lo e esperar que acorde. Trocamos algumas palavras em voz baixa e continuamos distribuindo nossos carinhos. Ainda que aparente estar bem, nossa preocupação não foi embora. Até porque, queremos saber como esse acidente aconteceu.

— O que acha de eu ir buscar café para nós? – sugiro.

— Por favor, querida. Se não for muito incomodo.

— Claro que não. – sorrio.

Acaricio uma última vez os cabelos de Eli e beijo sua testa. Ao fazê-lo, ouço

um resmungo sonolento. Ergo-me e vejo as pálpebras de nosso namorado tremulando, como se quisessem se abrir, mas estivessem pesadas demais para isso. Lentamente, ele vai despertando e tomando consciência. No segundo em que seus olhos azuis se abrem por completo, Christopher e eu sorrimos.

Elliot ainda parece desorientado.

— Onde eu estou? – murmura.

— No hospital, querido. – respondo.

— No hospital?

Ele faz um esforço para sentar e nós o ajudamos a se ajeitar melhor. Seus olhos vão de mim para Christopher. Está recobrando a compreensão das últimas horas.

— Ah, sim. Eu quebrei o tornozelo.

Suspira e encara sua perna em que a bota imobilizadora está. E então pragueja.

Pego um copo com água e dou para ele, que bebe devagar. Com um sorriso agradecido, entrega-me e deixo sobre a mesinha. Ficamos em silêncio, isto até Chris perguntar:

— Como isso aconteceu, amor? Você estava sozinho no estúdio?

Elliot não responde. Crava seus olhos no lençol que segura com certa força e respira fundo. Mesmo intrigados, respeitamos. Uma inquietação incomum me invade.

— Eu preciso contar uma coisa há vocês. Algo que, no fundo, já sabiam que

eu estava guardando. – levanta a cabeça – Eu não deveria ter escondido o que vinha acontecendo por tanto tempo, mas... A verdade é que eu estava com medo.

Permanecemos calados, aguardando suas próximas palavras.

— Uma das minhas colegas de trabalho começou a me assediar de uns meses para cá.

— Assediando você? – pergunto desconcertada – Quem? De que jeito?

— A Emma. Lembram?

— Emma?

— Aquela mulher como quem dancei no dia em que nos conhecemos em Munique.

Resgato na memória e o que sinto em relação não é nada bom, especialmente agora.

— Quando você diz assediar, o que...

— Ela me atacou no banheiro do estúdio a uns meses atrás.

— Ela o que? – Christopher e eu dizemos em uníssono.

— Eu estava no banho e como sempre era o único no estúdio. Ou assim eu pensava. Ela entrou no vestiário masculino e depois no box, me empurrou contra a parede e beijou. – suspira frustrado – Admito que de início pensei que fosse um de vocês, mas, obviamente que não seria. Quando abri os olhos, deparei com ela em cima de mim.

Detalhadamente, Elliot conta como Emma vinha coagindo-o com bilhetes e

atitudes. Como estava seguindo-o por todos os lados e chegou até mesmo a espioná-lo fora do estúdio. Ele diz que esquivou de todas as maneiras possíveis e até tentou conversar pacificamente e quase implorou para que parasse.

Mas nada adiantou.

A indignação vai crescendo em mim segundo a segundo. Porém, tudo piora no instante em que confessa que a causadora do seu “acidente” foi Emma.

Meu sangue ferve.

Olho para Christopher e reparo como cutuca o canto da bochecha com a língua. Sua expressão é tenebrosa. Não é preciso mais do que isso para que eu entenda que está tão possesso quanto eu. E como não ficaria? Devido ao preconceito, além de ser insultado, nosso namorado ainda quebrou o tornozelo.

— E por que você não contou antes? — Chris questiona — Nós teríamos dado um jeito. Se estava receoso em contar, eu poderia ter conversado com o seu diretor ou...

— Esse é o problema. — Elliot interrompe. Sua voz não passa de um sussurro — Ninguém na companhia sabe, à não ser Vince e agora a Emma, que sou comprometido e menos ainda bissexual.

— Como assim?

O loiro fecha os olhos com força e solta o ar da mesma forma.

A expectativa é esmagadora.

— Durante todos esses anos, eu nunca contei sobre o nosso relacionamento,

Christopher. Todos acham que eu sou solteiro e apenas saia com o Vi para me divertir. Nem mesmo sobre a Yan... – olha-me de soslaio – Sobre nenhum dos dois.

Ofego com a surpresa. Ninguém sabe de nós? Por todo esse tempo, Elliot vem escondendo o nosso relacionamento das outras pessoas? Mas, por que?

Christopher, também desacreditado, franze o cenho e interroga:

— Você mentiu?

— Não foi necessariamente...

— Não, não. Diga, mentiu para mim? Para nós?

— Eu estava com medo! – rebate – Você lembra o que aconteceu antes e...

— Espera! Mas não faz sentido. Quero dizer, várias vezes eu fui até o estúdio te pegar depois do trabalho e todos nos viam juntos. Então, como ninguém sabia?

— Eu dizia que você era apenas um amigo.

— Um amigo? – arregala os olhos – A porra de um amigo, Elliot?

— Christopher, por favor, tente entender. Eu não fiz por mal. Você sabe o que aconteceu na última companhia em que trabalhei e também sabe o quanto a dança é importante para mim. Eu só... Só estava com medo de que acontecesse tudo de novo.

— Então fingir que nenhum de nós existíamos foi a sua solução?

— Eu não fingi que vocês não existiam. Não distorça as coisas, por favor.

— Quatro anos, Elliot. Por quatro anos você disse para todo mundo que eu não era mais do que seu amigo. Quando eu não tinha qualquer vergonha em dizer que você é o meu namorado. Quando eu larguei tudo só para estar ao seu lado.

— Eu não estava com vergonha!

Chris anda de um lado para o outro dentro do quarto e eu não sei o que fazer.

Os ânimos estão exaltados, até o meu está, mas a situação é muito complicada para que eu possa simplesmente distingui-la. Claro que fiquei surpresa em saber que Eli não contou para ninguém sobre o nosso relacionamento e sua “rejeição” inevitavelmente feriu meus sentimentos.

Contudo, no fundo, eu consigo entender.

Não sei o que aconteceu na última companhia em que trabalho, porém, se for o que estou pensando, é compreensível o motivo de sua atitude em relação à nós.

— E a Yan? Por que não contou sobre ela? – Christopher volta a questionar.

— Porque contar sobre ela, consequentemente me levaria a contar sobre você. E eu não achei justo esconder um dos meus namorados e revelar apenas o outro.

O moreno balança a cabeça e passa a mão entre os cabelos. Repentinamente, num ato impulsivo, dá as costas para nós e caminha em direção a porta.

— Christopher? – chamo-o.

— Eu.... Vou esperar lá fora. Quando o Elliot estiver se sentindo melhor, me avise que eu venho ajudar a leva-lo para o carro. – solta o ar com força –

Preciso ficar sozinho.

Sem mais palavras, ele sai do quarto, largando-nos para trás e em silêncio.

Nervosa com o rumo que a situação tomou, viro-me para o loiro e seus lindos olhos azuis repletos de lágrimas são o bastante para que qualquer mágoa se desfaça.

Abraço-o e ele se encolhe contra o meu peito.

— Me desculpe. – ouço-o sussurrar.

— Está tudo bem, querido. Tudo bem.

— Eu estraguei tudo.

— Você não estragou nada. Apenas dê um tempo a ele. – murmuro e afago seus cabelos com carinho, querendo confortá-lo – Tudo irá se resolver.

Sinceramente, eu espero que sim.

Capítulo 05

ELLIOT

Como se já não bastasse o fato de eu estar com o tornozelo imobilizado e de molho em casa pelos próximos seis meses, as coisas entre Christopher e eu vão de mal a pior desde que tivemos aquela discussão no hospital, quando contei a ele e Yanna toda a verdade envolvendo Emma e também o meu emprego.

Nós não estamos nos falando, à não ser o essencial. E, apesar de ele não me destratar e ajudar com o que preciso, é nítido que o clima entre nós está longe de ser dos melhores – muito, muito longe.

Eu sei que Christopher tem todo o direito de estar magoado comigo. Afinal, se não fosse pela minha covardia, nada disso teria acontecido. Eu fui um completo idiota e tenho total consciência sobre tal. Mas, infelizmente, não é como se eu pudesse voltar no tempo para consertar o que fiz.

Se eu pudesse, já teria feito.

Quanto a Yanna, admito que ainda estou surpreso de que não tenha virado as costas para mim (ou usado o mesmo tratamento indiferente). Nesses últimos dias, me apressei em esclarecer porque agi como agi. Conversamos bastante. Conte sobre a antiga companhia na qual trabalhei. Mesmo dizendo que ficou um pouco magoada, ela também disse entender os meus motivos. Fiquei realmente aliviado e feliz, e lhe pedi perdão incontáveis vezes – embora saiba

que nunca será o bastante.

Com Christopher, como eu disse, a situação é outra. Tentei falar com ele, mas não houve brecha. Então dei espaço. Sei que não estou em posição de pedir muito, só queria que entendesse o meu lado ou ao menos tentasse. Não foi fácil guardar esse segredo por tanto tempo, menos ainda dizer para os outros que ele era apenas um amigo, sendo que na verdade ele é o homem que eu amo e uma parte enorme da minha vida, assim como Yanna.

Os dois são importantes para mim. São as razões dos meus sorrisos, minhas lágrimas, meus suspiros. De tudo! Já não consigo imaginar o que eu seria sem qualquer um deles. Porque, assim como Chris disse uma vez, ultrapassamos barreiras demais para que eu possa contar e não há planos em que ambos não estejam incluídos.

Ainda que eu seja indiscutivelmente tolo, amo-os demais.

Três dias atrás, peguei as muletas no consultório médico depois da avaliação dos pontos, que tirarei em breve. De começo, fiquei relutante e o peso da realidade caiu sobre os meus ombros ao entender que, pelos próximos meses, é assim que irei me locomover e que dançar está fora de cogitação. Imediatamente, meu humor piorou.

Eu não quis aceitar, apesar de saber que é a única maneira de eu conseguir permanecer de pé e sair da cama ou do sofá (onde, diga-se de passagem, fiquei plantado até não aguentar mais). Foi com muito custo que Yanna me convenceu a leva-las para casa sob o olhar atento de Christopher e, pacientemente desde então, vem ensinando como devo usar. Tenho pegado o jeito aos poucos, porém, reconheço que andar com elas embaixo dos meus braços não é a coisa mais confortável do mundo.

Ao menos, sou capaz de ir ao banheiro sem precisar de amparo e faço mais do que ir do quarto para a sala carregado e mofar no sofá o dia inteiro.

Vince veio fazer uma visita e não ficou nem um pouco surpreso quando disse que a responsável pelo meu “acidente” foi Emma. Comentou que ela, como eu suspeitava, contou para todos sobre a minha sexualidade. Melhor colocando, espalhou rumores entre os outros bailarinos e que era questão de tempo até que o assunto chegasse aos superiores. Por isso, me aconselhou a conversar com nosso diretor o mais rápido possível, porque ele não iria gostar de descobrir por fofocas, sendo que eu poderia muito bem ser franco desde o início.

Meu amigo também disse que Emma age como se nada tivesse acontecido. Para todos, ela retornou aos ensaios apenas no início da outra semana e eu vou precisar de mais do que palavras se quiser responsabilizá-la pelo meu tornozelo quebrado. Sem contar que também precisarei comprovar que ela estava constantemente me assediando no estúdio, até chegou ao ponto de entrar no vestiário e me beijar. Por um instante, me arrependi amargamente de, na hora da raiva, jogar os bilhetes que ela deixava em meu armário. Assim seria fácil provar que estou dizendo a verdade.

Mas já foi. Fazer o que?

Vince, como sempre, disse que eu poderia contar com sua ajuda para o que precisasse e, se as coisas saíssem do limite, assegurou que tinha uma carta na manga guardada. Estranhei. Mas, tratando-se dele, eu não duvido de nada.

Passou-se uma semana desde então. Falei com Bernard e o diretor Adam por telefone, e marcamos de encontrar-nos pessoalmente no estúdio. Não sei como anda o clima por lá, nem mesmo o que Emma vem aprontando, mas, pelo tom de voz dos meus superiores, algo não está certo. Será que eles já

sabem?

Talvez eu deva realmente estar pronto para voltar desempregado dessa conversa. No entanto, honestamente, é o que menos me preocupa em toda essa circunstância. Pois, estou mais interessado em consertar meu relacionamento do que qualquer outra coisa. Terei bons meses para achar outra companhia de dança que aceite mais do que minhas habilidades.

— Tem certeza de que não quer que eu vá com você? – Yanna pergunta – É caminho para a editora, de qualquer forma. Posso deixá-lo em frente ao estúdio.

— Não, baby, muito obrigado. Não quero que se atrase para a reunião por minha causa. Pode ir sem problemas, eu vou pegar um táxi mesmo.

Christopher, que está de costas para nós e mexendo em algo na pia, solta um suspiro resignado e diz ainda sem virar:

— Posso te levar, se quiser.

Antes, eu não perderia essa oportunidade por nada. Porém, acredite, o silêncio que compartilhamos das poucas vezes que saímos de carro fez com que entendesse que é preferível estar sozinho. Pelo menos, enquanto não nos resolvermos. Não adianta ficar insistindo, uma vez que não depende apenas de mim e sim dele.

— Não se preocupe e obrigado. – respondo.

Ele consente e a cozinha cai em quietude.

Yanna observa nosso embate e suspira. Odeio vê-la dividida entre nós. Dizer que ela está “*entre a cruz e a espada*” seria pouco para descrever a real situação.

Não era para ser assim. No fundo, sei que o amor de Christopher não mudou. O amor de nenhum de nós mudou. Só que estamos todos machucados e provavelmente demore mais um pouco para que tudo se acerte. Contudo, seguindo pouco a pouco, meu coração assegura que voltaremos a ser felizes.

Eu tenho certeza disso.

Ou quero acreditar que sim.

Calado, me apoio nas muletas e vou em direção ao quarto. Do corredor, posso ouvir Yanna dizer “*até quando vamos continuar assim?*”, provavelmente para Chris. Como a resposta não vem, entro no quarto e logo em seguida ouço a porta da sala bater com certa força, denotando que ela saiu irritada do apartamento.

Solto um suspiro.

Troco de roupas num ritmo que não me faça cair de cara no chão e chamo um táxi pelo aplicativo do celular. Fico um tempo sentado na cama, me preparando mentalmente para o que terei de enfrentar no estúdio e respiro fundo. Encaro minha perna imobilizada. A lei de Murphy se mostrou bem eficiente esses últimos dias.

De repente, a porta do quarto é aberta e Christopher aparece.

— O táxi chegou. — diz.

Observamo-nos um instante, até que respondo:

— Obrigado. Peça para esperar, que já estou descendo.

Ajeito as muletas e levanto num impulso. Para minha surpresa, Chris não se

moveu. Continua olhando para mim, como se quisesse dizer algo. Meu coração bate cheio de expectativas, tanto boas quanto ruins. Há dias que não o encaro dessa maneira, especialmente seus olhos castanhos, e tudo o que eu quero nesse momento é que estenda seus braços e diga que me perdoa. Que me beije até que eu perca o fôlego e então, sussurrando, falar o quanto me ama e também a Yanna.

Porém, indo contra os meus desejos mais profundos, ele suspira e coça desconfortavelmente a nuca antes de virar e fechar a porta. Bufo desacreditado.

Mas que merda!

Caminho devagar para a sala e encontro meu namorado mexendo em alguns papéis e com o notebook sobre o colo. Deve estar trabalhando. O prazo para entregar o projeto da exposição para Yoan está chegando e ele tem se empenhado bastante para terminar (ainda que eu suspeite que todo esse empenho seja para não lidar com o nosso problema); Chris me lança um olhar rápido e fica por isso mesmo.

Depois de uma despedida curta, saio e desço para o saguão do prédio.

O trajeto de táxi para o estúdio não demora mais do que alguns minutos. Uma vez que estou diante dele, minha pulsação acelera. Sei que disse estar preparado para arcar com todas as consequências e que nada importa à não ser reparar o que causei ao meu relacionamento, mas, estando aqui, é difícil imaginar que todo o meu esforço de anos pode ir por água abaixo graças à mentira que mantive desde que fui aprovado.

Que ótimo! Eu estava com medo de perder o emprego por contar a verdade e agora corro o risco de perder justamente porque não contei. Ironia define.

Reúno o máximo de ar que sou capaz e entro no estúdio. Sorte que não há escadas ou eu estaria perdido; ouço a música da atual coreografia tocando e várias vozes, inclusive a de Vince e também Emma. O pessoal está ensaiando.

Todos os olhares recaem sobre mim. Ninguém se move. O constrangimento é evidente. Evito olhar para a causadora de metade dos meus problemas e, diferente do que habitualmente faria, passo sem cumprimentar nenhum dos meus colegas e caminho direto para o escritório de Adam, que me espera com Bernard.

Bato duas vezes na porta e empurrou a maçaneta ao ouvir o “entre”. Faço. Sentado detrás da mesa e com um semblante sério, está o diretor, e, na poltrona, Bernard. Curvo-me do jeito que posso com as muletas e me aproximo.

Acho que estou suando frio.

— Eu ajudo você.

O coreografo diz, levantando e puxando a outra poltrona para mim.

— Obrigado.

Me acomodo, pondo as muletas apoiadas na lateral da poltrona, e observo-os. A palavra desconforto é a única em que penso para descrever esse momento.

— Como está o tornozelo? – mais uma vez, ele inicia a conversa.

— Bem, na medida do possível. Ainda não posso firmar o pé no chão, mas a dor passou. Acho que tiro os pontos em algumas semanas.

— E a fisioterapia?

— Vou começar assim que tiver o consentimento do médico.

— Quanto tempo de recuperação?

— Se tudo correr bem, de quatro a seis meses.

Ele balança a cabeça, concordando, e logo estamos os três calados novamente.

Aprumando-se na cadeira, Adam se inclina um pouco para frente, cruza os dedos sobre a mesa e suspira ao dizer:

— Você já deve imaginar a razão de o chamarmos aqui, certo? – meneio a cabeça e ele prossegue – Bom, acredito que tenha algo a nos dizer, não é Elliot?!

Pressiono os olhos com as pontas dos dedos e solto o ar com força. Se eu ainda tinha qualquer suspeita de que os rumores chegaram a ele, agora não tenho mais.

O que resta é enfrentar.

Sem mais enrolações, abro o jogo de uma vez por todas. Conto, não só o que venho escondendo, como também motivo de o ter feito. Falo também sobre os meus namorados. Adam e Bernard escutam atentamente e, sendo honesto, cada palavra que sai da minha boca é como um peso que abandona os meus ombros (mesmo que tudo tenha vindo à tona antes de eu ter a oportunidade de confessar sem as fofocas).

Logo que eu termino de falar, afundo na poltrona e respiro profundamente. Essa parte foi menos difícil do que eu presumi. A parte complicada começa agora.

O diretor, ainda digerindo as informações, diz:

— Essa é uma situação bastante complicada, Elliot. Você escondeu algo muito importante de nós. Entendemos os seus receios, mas, mesmo assim, foi errado e agora os rumores se espalharam entre os bailarinos. Eles se sentirão desconfortáveis, sabe disso.

— Eu entendo. Sei que errei ao não contar a verdade. Mas isso realmente importa? Eu sou um bom bailarino, me esforcei muito para chegar até aqui. Era o primeiro a entrar e o último a sair quase todos os dias. Dei o meu suor a essa companhia!

— Elliot, eu sei, mas...

— A minha orientação sexual não deveria ser um fator determinante para o meu trabalho, menos ainda para medir a minha competência como profissional. — passo os dedos entre os cabelos — Eu era jovem e estava assustado, não queria que acontecesse o mesmo que no meu antigo emprego. Sim, eu deveria ter sido sincero desde o início. Porém, eu provei da face do preconceito e foi horrível. Me senti inferiorizado e humilhado.

— Como eu disse, nós entendemos. Mas a questão não é essa.

— Então, qual é?

— Os bailarinos não parecem estar confortáveis com isso. Especialmente as mulheres. Todos comentam muito e não queremos atritos dentro da companhia.

Franzo as sobrancelhas. Especialmente as mulheres? Será que elas estão indignadas pela mesma razão que Emma? Possivelmente, por causa de todo o estardalhaço que criavam ao meu redor, elas estejam se sentindo

menosprezadas.

Isso é ridículo!

— Sempre fui respeitoso com os meus colegas e você mesmo sabe disso. — digo — Não é como se, de uma hora para a outra, eu fosse capaz de fazer alguma coisa só porque me assumi como bissexual. Afinal, o que vai mudar? Sou muito bem comprometido com os meus namorados e, mesmo fugindo para farrear com Vince nas viagens, nunca demonstrei interesse ou ousei me aproximar dos meus colegas com outras intenções. Ou manchei o nome da companhia.

Nenhum deles responde. Sabem que estou certo. Nunca dei motivos para que os outros bailarinos, sejam os rapazes ou as garotas, ficassem constrangidos na minha presença. Sempre separei a minha vida pessoal da profissional justamente para prevenir esse tipo de problema. Além disso, eu realmente não tinha intenções com quem fosse. Fui um bom veterano e treinei até mesmo os novos membros que entraram na companhia.

Ser rejeitado por todos que ajudei só porque minha orientação sexual foi revelada é patético. Será que nenhuma dessas pessoas entende que eu não vou mudar por isso?

Eu sou Elliot Park e continuarei sendo Elliot Park. Exatamente o mesmo.

Talvez notando a minha indignação, Bernard pousa a mão sobre o meu ombro e fala:

— Olha, não queremos dispensá-lo da companhia. Você é um excelente bailarino e graças as suas performances ganhamos um enorme reconhecimento e vários prêmios. Seria injusto. Mas chegamos à conclusão de que é preciso tempo. Deixar a poeira baixar.

— Como assim?

— Vamos tomar esses meses em que você estará afastado para ver como as coisas se desdobram. – Adam se pronuncia – Como os outros bailarinos se comportam.

— Caso contrário, eu serei demitido? – indago impaciente.

— Ainda não podemos lhe dar uma resposta sobre isso.

Olho para as minhas mãos e suspiro. É melhor do que nada, não é? Da última vez, nem uma chance eu tive. Acho que, pesando os prós e os contras, não há muito o que fazer além de aceitar essa condição. De qualquer jeito, estarei afastado pelos próximos meses.

— Tudo bem. – respondo enfim – Eu aceito que seja assim.

Infelizmente, sei como as coisas funcionam nesse país. Eles irão priorizar a harmonia dos outros integrantes antes de pensar em mim.

Se o pessoal não estiver confortável com a ideia, eu estou fora.

Afinal, não se pode montar uma companhia de um homem só.

— Já que estamos entendidos, você pode ir para casa. – Adam fala.

Não, eu não posso.

Ainda há um ponto pendente em toda essa história e que não deixarei passar.

Não continuarei calado.

— Eu gostaria de contar mais uma coisa.

— E o que é?

Diante de seus olhares intrigados, respiro fundo pela milésima vez e solto:

— A Emma vem me assediando já faz alguns meses.

— Como é que é? – ambos exclamam.

— Exatamente o que eu disse. Mais do que me assediar no estúdio, ela chegou ao ponto de me espionar fora daqui. Foi assim que os rumores se espalharam. Ela descobriu.

— Não é possível. – Bernard murmura – Ela estava afastada, lembra?

— Foi apenas uma desculpa. No dia em que eu quebrei o tornozelo, ela apareceu aqui. E digo mais, essa fratura foi provocada pelo empurrão que Emma me deu.

Da mesma forma que fiz anteriormente, contou toda a verdade sobre o assédio. Desde o beijo no vestiário masculino até a discussão que tivemos e levou a fratura do meu tornozelo. Ambos estão boquiabertos com as revelações que faço.

— Elliot, essa é uma acusação muito grave. – Adam afirma.

— Não é apenas acusação, foi o que realmente aconteceu.

— Tem como provar?

— Aí está o grande problema, eu não tenho. Amassei e joguei fora todos os bilhetes que ela deixou em meu armário e não havia ninguém no dia em que discutimos.

— Não é melhor trazer Emma até aqui? – Bernard sugere, tendo um aceno positivo.

Imediatamente, ele levanta e vai atrás dela. A espera é um tanto angustiante, ainda que não passe de alguns poucos minutos.

No instante em que os dois entram no escritório, o clima se transforma e a tensão é tão grande que pode ser cortada com uma faca.

Bernard cede seu lugar a ela, que senta ao meu lado. Sua expressão é neutra, contudo, percebo que há uma sombra de confiança em seus olhos. Emma sabe que me livre dos bilhetes e planejou suas investidas em lugares onde as câmeras não poderiam flagrar. Além disso, o sistema de vigilância não tem som, o que facilitou para que nossas brigas não fossem gravadas. E agora que eu tenho fama de mentiroso, é quase impossível que alguém acredite no que estou dizendo. Ou seja, ela fez tudo de caso pensado.

Cretina!

— O que houve, diretor? – ela pergunta, na maior cara de pau.

— Bem, Elliot contou algo muito sério para nós e que envolve você.

— O que?

— Que você estava assediando-o aqui no estúdio. Chegou até a beijá-lo no chuveiro do vestiário masculino e a espioná-lo em sua vida pessoal. E também que foi a responsável por espalhar os rumores sobre a orientação sexual dele para os demais bailarinos.

Fingindo um espanto que, por um triz, não me faz rir de tanta hipocrisia, Emma diz:

— Isso não é verdade. Eu jamais faria algo assim com um colega de trabalho.

— Como posso acreditar em você?

— E por que você acreditaria nele, Adam? – retruca – Elliot vem mentindo para todos desde que entrou na companhia e agora quer me acusar de fazer tal coisa com ele. Por qual motivo eu iria assediá-lo, sendo que ele sequer gosta de mulheres?

Suspiro. Eu até retrucaria dizendo que sou bissexual e que, conseqüentemente, também gosto de mulheres (da minha mulher). Mas apenas suspiro e deixo por isso mesmo. Não adianta explicar, de qualquer forma.

— Eu entendo. Mas é uma acusação grave e, mesmo tendo escondido a orientação sexual dele, duvido que Elliot inventaria algo assim apenas para prejudicar você. Ele mesmo admitiu que não há provas. Só que preciso tirar essa história a...

— Espere um minuto. — Bernard interrompe de repente e cruza os braços sobre o peito — Você disse que não sabia sobre a orientação sexual do Elliot, tal como os outros. Então, porque usou exatamente isso para justificar que não tinha motivos para assediá-lo, sendo que os rumores só começaram nos últimos dias?

— Porque...

— Você está mentindo?

Opa! É impressão ou ela acabou de enfiar os pés pelas mãos e sozinha?

Está indo mais rápido do que eu esperava.

— Não. Eu não estou. – rebate – O que quero dizer é que não tenho qualquer razão para fazer algo do tipo. Elliot é o mentiroso aqui e não eu.

— Tem certeza?

Olhamos para trás no segundo em que Vince abre a porta e entra. A primeira coisa na qual reparo é a câmera em sua mão. A minha câmera (na verdade, de Chris).

Com tudo o que aconteceu, eu a esqueci.

— Vince, essa é uma conversa particular. Poderia sair? — Adam diz, impaciente.

— Calma. Eu entrei justamente para provar que, sim, ela está mentindo.

O diretor e Bernard se entreolham. A tensão é grande. Emma, ao meu lado, se remexe inquieta. Se essa for a carta na manga que ele comentou quando esteve em casa, veio em boa hora. Só me pergunto como ele soube o exato momento para entrar no escritório.

Apenas uma possibilidade me vem à cabeça: estava ouvindo atrás da porta.

Ele adora uma entrada dramática.

— E como pretende provar?

— Simples. — meu amigo responde — Primeiro, eu sou uma testemunha. Foram várias as vezes em que vi Emma assediando o Elliot. Sim, ele me contou. Como todos já sabem, somos amigos de colégio e ele estava realmente aflito com o rumo da situação. No entanto, como eu sei que apenas a minha palavra talvez não sirva, eu trouxe isso. — ergue o braço e mostra a câmera — Ele acabou esquecendo depois que sofreu o “acidente” e foi para o hospital. Eu encontrei no dia seguinte e, adivinhem, ainda gravando.

Arregalo os olhos. Não acredito. Isso sim é uma puta carta na manga!

Não sei o que é mais improvável. Eu ter esquecido ligada ou a bateria ter durado tanto.

Vince conecta a câmera no computador de Adam e acessa os arquivos. De canto, olho para Emma e a confiança abandonou totalmente seu rosto, e restou apenas o desespero em ser desmascarada. Quero sorrir, mas me contenho. Ainda não.

Meu amigo pula a parte em que estou ensaiando em frente ao espelho e, em segundos, é possível ouvir os gritos que trocamos no vestiário aquele dia. Como a sala de práticas fica bem próxima, nossas vozes são nítidas, assim como cada xingamento que ela proferiu e quando eu pedi ajuda porque estava com muita dor.

Eis a maior prova de culpa de Emma.

Logo que o vídeo acaba, Adam e Bernard encaram a mulher ao meu lado, que está silenciosa. Sorrio para Vince, esse que lança uma piscadela e dá o xeque-mate.

— E por último. — põe a mão no bolso e tira alguns papéis, que joga sobre a mesa — Elliot pode tê-los mandado para o lixo, mas eu peguei alguns. Sabia que uma hora ou outra iríamos precisar. Pois bem, aí está a prova. Os bilhetes que ela colocava no armário.

Pela primeira vez em anos, tenho vontade de levantar e me jogar nos braços do meu melhor amigo. Nem se quisesse, Emma teria como negar o que está em nossa cara.

— Eu nunca pensei que diria isso de uma das nossas melhores bailarinas,

mas.... Você é realmente desprezível. – Adam expressa com pesar – Como teve coragem?

Num ímpeto de raiva e sabendo que foi descoberta, ela levanta e grita:

— Eu sou desprezível? Esse gay asqueroso mente para todos e eu estou errada?

— Veja bem como você fala do Elliot! – Vince resmunga.

— Por que? Você também é amante dele, por acaso?

— Emma, já chega! – Bernard brada – Meça as suas palavras.

O caos se instala.

O diretor e o coreografo trocam gritos impacientes com ela, e Vince só não entra no meio porque lhe faço um gesto para não se intrometer ainda mais. Essa briga já não é mais nossa. E isso fica claro no momento em que somos expulsos do escritório. Adam diz em alto e bom tom que precisa resolver as coisas à sós.

Pegando a câmera de volta, Vi me ajuda a levantar e saímos o mais depressa que conseguimos, ainda escutando os gritos histéricos até que a porta se fecha.

Mesmo correndo o risco de cair, solto as muletas e abraço o meu amigo. Ouço sua risada e acabo sorrindo também. Eu não poderia ter um amigo melhor.

— Obrigado cara. Muito obrigado. – afasto-me e apoio na parede.

Vince abaixa para apanhar as muletas e me entrega.

— Não tem que agradecer. Eu sei o quanto você estava sofrendo com essa história. Era o mínimo que eu poderia fazer para ajudar e ainda dar o que ela merece.

— Você acha que ela será...?

A resposta vem de um grito atrás da porta: “*você está demitida, entendeu?*”

— Aí está. – Vi caçoa.

— Mas isso ainda não me isenta de ter o mesmo destino.

— Tenho certeza de que eles vão pensar muito antes de tomar uma decisão.

— Mas eles pretendem priorizar o bem da companhia. Se os outros bailarinos não estiverem de acordo ou confortáveis comigo, sei que não terei chance.

— Esse é o seu lado inseguro dando as caras? – debocha.

— E eu não deveria estar inseguro em sua situação dessas?

— Vem comigo.

— O que?

— Só vem.

Devagar, sigo-o pelo corredor até estarmos em frente à sala de práticas. Todos os bailarinos estão parados, acho que esperando o desfecho dessa “novela”, mas se aproximam assim que nos veem. Fico um tanto apreensivo. Eu não sei como eles...

— Você é muito corajoso, Elliot!

— Como é? – indago surpreso.

— Corajoso por não abaixar a cabeça e enfrentar a Emma. — Lucia, uma das bailarinas, fala — E também por contar a verdade para o diretor e o Bernard.

— Admito que fiquei surpresa de que você é bissexual e ainda comprometido, não só com uma, mas com duas pessoas. Só que isso não muda o respeito que temos. — outra bailarina quem diz — Você é um excelente bailarino e guiou muitos de nós quando ainda éramos novatos da companhia. Sempre fez um grande trabalho.

Meu olhar reveza de um rosto para o outro, conforme os murmúrios crescem.

— Okay. Eu não sei o que está acontecendo. — solto - Alguém pode explicar?

— Você não era o único escondendo sua orientação sexual aqui na companhia. — Vince esclarece — A Lucia e também o Martín são homossexuais, e, assim como fez, também omitiram essa parte para conseguir entrar na companhia.

— É sério?

— Sim. — Martín se pronuncia — Também experimentamos na pele o preconceito. Quando Emma começou a espalhar os rumores, fomos pegos de surpresa. No entanto, aos poucos, fomos notando a maldade nas atitudes dela. Lucia e eu ficamos pessoalmente incomodados, uma vez que também escondemos isso.

— Os rumores continuaram porque Emma fazia questão de tocar no assunto sempre, mesmo que nenhum de nós quisesse falar sobre tal. Claro que, no início, acabávamos falando e comentando. Porém, percebemos as intenções dela.

— Em outras palavras, ninguém aqui está contra você. — Vi sorri — Muito

pelo contrário. Estamos todos admirados com a sua determinação. Sem contar que, tendo-o como exemplo, Lucia e Martín querem se assumir para os superiores.

— Estão brincando? – arregalo os olhos – Vocês vão mesmo... Assumir?

— Claro que sim! Se o Elliot Park conseguiu, nós também conseguimos. – Lucia abre um sorriso para mim – Não queremos mais esconder quem somos.

— Somos uma companhia de dança, lidamos com a diversidade, somos todos únicos. Então, porque as coisas mudariam só porque vocês são LGBTs? – um dos bailarinos se manifesta – O respeito é o que devemos priorizar em nosso trabalho.

Encaro cada um dos meus colegas de trabalho e sorrio.

Estou desacreditado e igualmente feliz. Eu estava enganado em relação a todos eles. Profundamente enganado e ainda bem, pois, a surpresa em saber que ninguém dá importância ou julga pela orientação sexual foi muito boa. Quem diria que, no lugar onde pensei que também seria rejeitado, fosse encontrar tanto apoio.

Minha mãe tinha razão.

Um dia, eu encontraria um lugar que me aceitasse pelo o que sou e já encontrei.

Esse é o meu lugar.

Capítulo 06

CHRISTOPHER

Termino de revisar o projeto que entregarei para o Yoan na galeria essa tarde e anexo algumas das fotografias que possivelmente farão parte da exposição antes de imprimir tudo e então organizar as folhas dentro de uma pasta. Foram dias e algumas noites trabalhando nisso, mas, enfim, está pronto e no prazo estipulado.

Eu estou realmente empolgado com essa oportunidade.

Mesmo que ainda não seja algo concreto, uma vez que precisa passar pela aprovação de outras pessoas além do meu amigo, tenho um bom pressentimento em relação a isso.

Estico os braços para alongar os músculos depois de tanto tempo sentado e recosto na cadeira para relaxar um pouco que seja. Essas últimas semanas foram complicadas, não só pelo trabalho, mas também pelo o que aconteceu entre Elliot e eu. O clima continua meio pesado. Admito que em parte por minha culpa, porém, não é como se não fosse nada. Ele mentiu, disse para todos que éramos só amigos e sequer mencionou a Yanna, como se ela não fizesse parte desse relacionamento tanto quanto nós dois.

Na verdade, ele negou completamente a nossa relação durante anos, logo, não tinha como eu simplesmente deixar passar. Fiquei muito magoado.

E por essa razão, preferi me afastar para refletir sobre o assunto. Eu não o destratei (seria um babaca se o fizesse) e ajudei com o que pude durante os dias em que não conseguia se locomover sozinho. No entanto, a distância era mais do que nítida, para os três.

Yanna, desde que nosso namorado saiu do hospital, tem ficado aqui no apartamento. Ela vem assistindo passivamente a esse confronto ridículo, e sei o quanto isso a afeta.

Afeta a todos nós.

Em meio às madrugadas que virei para acabar o projeto, ela veio conversar comigo quando também estava sem sono ou despertava nas vezes em que eu entrava sorrateiramente no quarto para ver os dois, já que eu tinha migrado para dormir no sofá.

Reconheço que fiquei um pouco irritado com o seu posicionamento em relação ao que Elliot fez, porém, ela tratou de explicar seu ponto de vista e abrir os meus olhos para o que estava bem a minha frente. O que eu teimosamente não queria enxergar.

Nunca fui um cara orgulhoso ou que dá importância para o que não merece, mas a realidade é que passei dos limites ao levar o ressentimento longe demais.

Elliot não fez por mal ou por vergonha. Ele estava com medo. Medo de que sua forma diferente de amar pudesse interferir mais uma vez no grande sonho de sua vida e a única maneira que encontrou para proteger a si mesmo foi mentindo.

E eu não posso o julgar.

Nós dois sofremos com o preconceito e tivemos jeitos distintos de lidar com isso. Portanto, manter essa mágoa é uma grande bobagem. Eu o amo e é meu dever compreendê-lo, seja em seus acertos ou erros, tal como ele e Yanna me compreendem.

Por essa razão, eu decidi que terminarei com esse impasse hoje.

E ainda o surpreenderei com a ajuda de uma certa bruxinha de cabelos coloridos.

Olho para o relógio no canto da tela e percebo que preciso sair em alguns minutos se pretendo chegar a tempo na galeria e não atrasar para buscar Yanna na editora. Após horas trancado no estúdio, saio e vou tomar um banho rápido para despertar. O que não dura mais do que dez minutos. Visto uma calça cargo escura e uma camiseta branca larga, mostrando a maioria das minhas tatuagens nos braços. E coloco as botas. Confortável e despojado, do jeito que eu gosto.

Munido com a carteira e o celular, além da chave do carro, sigo em direção a sala e vejo Eli fazendo algo no balcão da cozinha. Nós nos entreolhamos.

Então, eu digo:

— Estou saindo. Vou passar na galeria do Yoan e pegar a Yan no serviço.

— Tudo bem.

Tal como ocorreu outras vezes, encaro-o uns segundos, tentando diminuir a tensão. Contudo, é tão constrangedor que desvio o olhar e cruzo a sala rumo a porta de saída.

— Precisa de alguma coisa? – pergunto.

— Não, valeu.

Consinto e, antes que eu possa sair, ele chama.

— Christopher?

— Huh? – olho por cima do ombro.

— Boa sorte.

Um sorriso involuntário se forma em meus lábios.

— Obrigado.

Sentindo-me mais animado do que estive em dias, enfim, saio do apartamento.

Ao entrar no escritório do meu amigo, apertamos as mãos e sou convidado a sentar. Entrego a pasta com o projeto a ele, que nem hesita em abrir para dar uma olhada.

— Quer tomar alguma coisa? – pergunta, sem tirar a atenção dos papéis.

— Não, obrigado. Tenho que me apressar para buscar a Yanna na editora.

— O que aconteceu com o carro dela?

— Está na revisão. Sabe como são esses caros de edição limitada. Ela só vai pegá-lo daqui uns dias, enquanto isso, me ofereci para ser o seu motorista quando precisar.

Ele balança a cabeça e faz uma pausa para observar as fotografias que anexei. Seu olhar analítico demonstra que está realmente avaliando minha proposta e o conceito dela.

— E o Elliot, como está?

— Está bem. O tornozelo não dói mais e os pontos foram retirados, mas teve que engessar.

— E quanto, bem, a situação de vocês?

— Ainda na mesma. — suspiro — Não estamos conversando muito.

O olhar que meu amigo lança é o suficiente para eu saber que estou me comportando igual a uma criança birrenta. Expiro contrariado. Tudo bem, admito que sim.

Ou ao menos estava.

— Não estou mais com raiva, se é o que você quer saber. — esclareço — Nem chateado. Mas é que foram poucas as vezes em que brigamos desse jeito. É meio difícil, sabe?

— Acho que faço alguma ideia.

— Pretendo resolver as coisas em breve. Andei conversando com a Yanna e ela abriu os meus olhos. Eu dizia tanto ser comedido e o caralho a quatro, só que perdi a cabeça.

— Normal. — dá de ombros — Qualquer um teria ficado chateado.

— Pois é.

— Eu até que entendo o porquê de ele ter mentido por tanto tempo.

— Sim, eu também entendo. Não fui justo com ele.

— Acontece em qualquer relacionamento.

Recosto na cadeira e encaro Yoan um instante. Sua expressão de indiferença é engraçada, exatamente porque esconde um cara sensível e que se preocupa com quem estima, o completo oposto do que as vezes demonstra.

Ele tem essa aparência desapegada e parece um pouco desligado, contudo, na verdade é um exemplo de criatividade e luta por tudo o que acredita ser ideal. Só quem o conhece verdadeiramente sabe que tipo de pessoa ele é. E sabe também que é um amigo muito querido.

— O que foi?

— Nada. — dou de ombros, como fez antes — Ainda me pergunto como você não tem uma namorada, se entende tanto de relacionamentos. É realmente bom nisso.

— Não estou à procura de uma namorada. Quero focar no trabalho.

— Tudo bem. Foi apenas uma constatação.

— Te conheço, Christopher Hayes. Não quero nenhum encontro.

— Como se eu fosse lhe apresentar alguém. – debocho.

— Espero que não. Quando eu estiver à fim, pode ter certeza que sei me virar.

— Okay. – ergo as mãos em rendição – Confio totalmente na sua capacidade.

— Idiota!

Yoan nega, revirando os olhos, e volta a ler minha proposta.

Trocamos mais algumas palavras e despedimo-nos assim que recebo uma mensagem de Yanna avisando que a reunião terminou. Ficamos, mais uma

vez, de marcar uma visita em casa e convidar os amigos dos meus namorados também.

Uma reunião bacana.

Buzino para chamar a atenção da baixinha parada em frente ao prédio. Ela acena, lançando-me um sorriso, e se despede de Daniel e o tal Natham antes de entrar no carro. Aceno para os dois e beijo-a enquanto prendo seu cinto de segurança.

— E aí, como foi o seu dia? – indago.

No decorrer do trajeto para casa, Yan conta sobre a reunião e os preparativos para o lançamento de seu novo livro. Além disso, também conversamos sobre o que pretendemos fazer essa tarde, depois que eu conversar à sós com Elliot.

Estamos ambos ansiosos.

Afinal, estamos planejando isso há uns dias.

Quando entramos no apartamento, Yan vai direto cumprimentar Elliot com um beijo e eu vou para o quarto. Querendo ou não, ainda que esteja decidido, é inevitável não estar nervoso. Como eu disse ao Yoan, foram poucas as vezes em que brigamos dessa maneira e retomar as pazes não é necessariamente fácil.

Digam o que quiser, mas não é.

Passado algum tempo, Yanna entra no quarto e me abraça. Chegou a hora.

— Apenas diga o que sente e faça as pazes com ele.

— É o que eu mais quero.

— Então vai dar tudo certo. É o que ele quer e o que eu quero também.

Sorrio e a beijo suavemente.

— Quando eu voltar, colocaremos nosso plano em ação, ok?

— Irei me arrumar e deixar tudo pronto para você.

— Obrigado.

Respiro fundo e dou meia volta em direção a porta.

Caminho lentamente até a sala e encontro-o sentado no sofá, ainda com alguns livros ao seu lado enquanto folheia um, bastante compenetrado na leitura.

Tanto que nem repara na minha presença.

Desde que as coisas se acertaram na companhia de dança e ele recebeu o apoio dos colegas para continuar integrando o elenco de bailarinos, Elliot convenceu os seus superiores de que ainda é capaz de trabalhar na coreografia do espetáculo da próxima temporada. De início, quando ele contou sobre sua decisão para nós, fiquei preocupado. Afinal, sua fratura foi séria e o médico enfatizou que era terminantemente proibido qualquer tipo de esforço antes do tempo ou as consequências seriam graves.

Uma delas, por exemplo, era o impedir de voltar a dançar.

Porém, deixou claro que não cometeria nenhuma estupidez que pudesse o prejudicar e pediu a ajuda de Vince e mais dois bailarinos (um tal de Matín e a Lucia) para desenvolver alguns dos passos. Além disso, ele também mudou o conceito da coreografia e, por essa razão, teve que recomençar suas pesquisas. Se bem que, sinceramente, tal como eu fiz, ele está se ocupando

com o trabalho já que ainda não resolvemos apropriadamente os nossos problemas.

Mas isso mudará agora.

— Elliot. – chamo-o.

Ele levanta a cabeça aturdido e abaixa o livro, descasando em seu colo. Seus olhos estão fixos em mim e não desviam um segundo sequer. Em poucos passos, estou diante dele. Um certo desconforto paira sobre nós.

— Precisamos conversar. – digo.

Elliot abre e fecha a boca várias vezes. Percebo que seu queixo começa a tremer levemente e me arrependo de não ter escolhido melhor minhas palavras.

Na situação em que estamos, falar dessa maneira só pode significar uma coisa, e é exatamente o que eu não irei fazer. Nunca, se depender de mim.

Ainda calado, empilha os livros do outro lado e faz um gesto para que eu sente. Me acomodo de um jeito que não corro o risco de esbarrar em seu tornozelo engessado e levo o silêncio adiante. É a primeira vez desde que discutimos que ficamos assim.

— Christopher, eu...

Pouso os dedos sobre os seus lábios.

— Ssshh... Apenas escute, por favor.

Ele balança a cabeça, consentindo, e eu puxo o ar com força antes de começar a falar. Para que possamos voltar a ficar bem, tenho que desabafar tudo o que

venho guardando.

— Honestamente, eu fiquei muito decepcionado com você. Descobrir que encobriu o nosso namoro por todos esses anos e que ainda disse que eu era apenas um amigo, foi como uma apunhalada. Especialmente porque você não confiou o suficiente em mim para contar o real motivo para manter sua vida profissional separada da pessoal. Afinal, nós prometemos que sempre seríamos sinceros um com o outro, não importasse o quê.

— Eu sei. E foi por essa razão que...

— Calma. Eu ainda não terminei.

Tomo cuidado para não soar rude. Elliot consente.

— Você sabe pelo o que eu passei para estar ao seu lado. Não achei certo o que fez, justamente porque eu abri mão de muito por essa relação. Então, inevitavelmente, me senti traído em frente à sua atitude. Eu fiquei muito ressentido com o seu egoísmo.

Novamente, ele meneia a cabeça.

Cruzo os dedos e apoio os cotovelos sobre os joelhos. Olhando para um ponto fixo a minha frente, tomo alguns segundos para organizar as ideias e acalmar meus batimentos.

— Mas, no fundo, eu entendo você.

— O que?

— Pensei muito ao longo desses dias. Também conversei bastante com a Yan. E entendo a razão de você ter agido como agiu.

Ponho uma perna dobrada em cima do sofá, de um jeito que consigamos ficar cara a cara, e prossigo:

— Assim como eu fingi não dar importância para a rejeição dos meus pais naquela época, você teve que fingir para proteger o que lhe importa. Nós somos companheiros a quase cinco anos e eu sei melhor do que ninguém o quanto você adora dançar. O quanto batalhou e o que precisou enfrentar, assim como eu, para alcançar o que ama.

— Christopher...

— Você era jovem e estava com medo. A mentira somente se estendeu demais e encontrar uma saída que não colocasse em risco tudo o que você lutou para proteger se tornou difícil. Estava com medo de escolher, porque você jamais conseguiria abrir mão, não é? Nem de mim ou da Yanna, e nem da dança que é uma parte significativa da sua vida.

Erguendo a cabeça para controlar as lágrimas que começam a inundar seus maravilhosos olhos azuis, Eli engole em seco e apenas assente.

Seu queixo volta a tremer.

— Eu nunca pediria a você para que escolhesse, a Yanna menos ainda. Nós daríamos um jeito, como sempre fizemos. Não é fácil ser LGBT nesse mundo, Elliot. Convivemos com o preconceito todos os dias e em todos os lugares. Mas lembre-se sempre que temos uns aos outros e não há nada que não possamos enfrentar juntos. Assim como apoiamos a Yan quando contou sobre o passado ou quando vocês me apoiaram para que eu conversasse definitivamente com os meus pais, nós vamos apoiá-lo no que for.

Gentilmente, acaricio seu maxilar e faço com que olhe para mim.

Dou-lhe um sorriso reconfortante.

— Eu também escondi a história do namoro arranjado por muito tempo. Logo, também não fui completamente sincero com você. Com nenhum de vocês.

— Não foi a mesma coisa.

— De qualquer forma, nós dois escondemos segredos.

Seco com os polegares algumas das lágrimas que lhe escapam.

— Vamos deixar o que aconteceu para trás. Cometemos erros e estamos arrependidos. Eu falei com os meus pais e você foi corajoso em assumir sua orientação sexual e o nosso relacionamento para aqueles que trabalham contigo. Agora é hora de seguir em frente.

Encosto minha testa na sua. Nossas respirações se mesclam. Durante longos minutos, não falamos. Somente ficamos de olhos fechados, perdoando-nos. Como de costume, palavras não são necessárias para expressar tudo o que sentimos.

— Eu pensei que tinha estragado tudo. – confessa num sussurro.

— Claro que não. Nós dois erramos.

— Pensei que você nos abandonaria.

— Nunca vou deixar nenhum de vocês.

— Me perdoe por magoá-lo, nunca foi minha intenção.

— Sei que não.

— Como você disse, eu estava com medo e acabei emaranhado nessa mentira. Foi muito doloroso ser demitido por causa da minha orientação sexual e eu achei que o melhor seria manter isso em segredo. Mas, acredite, sempre me culpei muito por não contar a verdade, não só a você, mas também a Yanna quando começamos a namorar. — passa a mão entre os cabelos, gesto que faz para controlar o nervosismo — Céus! Eu sequer disse que ela existia! E ainda falei para todos que éramos apenas amigos, sendo que na realidade você é o homem da minha vida, assim como ela é a nossa mulher.

— Elliot, está tudo bem. Vamos esquecer, sim? Você já passou por muito graças à essa história, acabou até mesmo quebrando o tornozelo e quase perdendo sua chance. Não vamos mais pensar naquela mulher ou o que ela fez. Apenas esqueça. Não importa.

Ele respira fundo e concorda. É o mais sensato.

Não há razão para continuarmos com isso.

— Eu amo você, Chris. – toca meu rosto – Obrigado por entender.

— Eu também amo você. Amo muito.

Depois de observar e me perder em seus intensos olhos azuis, beijo-o como tenho ansiado ao longo desses dias em que estivemos distanciados. Exijo tudo o que quero, cada suspiro e cada pequeno arfar, até que estamos ambos sem fôlego.

— Então, estamos bem?

— Melhor impossível, meu amor.

Ele sorri, apertando os olhos até quase fechá-los em duas meias-luas.

— Vou chamar a Yan. – murmuro contra os seus lábios.

— Sim. Faça isso.

Sorrio ao notar a insinuação em sua voz. Ótimo que ele esteja disposto a “brincar”.

Enfim, colocaremos o plano em prática.

Beijo-o uma última vez e levanto apressadamente para ir atrás de Yanna. Entro no quarto um tanto eufórico e meu coração por pouco não para no instante em que a vejo vestida com a fantasia de enfermeira. Engulo em seco. Se eu pensava que não tinha como a nossa mulher ficar mais gostosa do que já é, ela acaba de provar que sim. E muito.

O vestido curto e justo acentua perfeitamente suas curvas e deixa a mostra suas longas pernas, cobertas indecentemente pelas meias 7/8 brancas de renda e cinta-liga. Os sapatos de saltos altos empinam sua bunda durinha, onde eu quero muito me esfregar.

Putá merda. Eu estou começando a ficar excitado.

— Conversou com ele? Como foi? – Yanna pergunta, mas estou ocupado demais admirando-a para responder – Veio colocar a fantasia ou não?

Como não digo uma única palavra, ela vira e foca seus grandes olhos verdes em mim.

— Chris, está tudo bem?

— Depende. A enfermeira vai me atender se eu não estiver?

Ela solta uma gargalhada deliciosa de ouvir e põe as mãos na cintura. Então

retruca:

— Eu pensei que iríamos atender outro paciente. A propósito, você não é o médico?

— Daqui a pouco. Por enquanto, sou apenas um cara normal precisando de cuidados.

— Pare de ser bobo! – me dá um tapinha no ombro – Então, como foi?

— Melhor impossível.

— Ótimo! Vá colocar a fantasia ou a nossa surpresa perderá a graça se demorar muito.

— Está certo.

No entanto, continuo parado no lugar. Meus olhos não saem dela.

— O que foi?

— Elliot vai surtar ao vê-la assim. – comento.

— Por que? Está ruim?

— Muito pelo contrário. Por isso que ele vai surtar.

Sem qualquer pudor, guio sua mão para elevação em minha calça. A pressão de seus dedos ao redor do meu pau me faz ofegar. Encarando-a com desejo, completo:

— Assim como eu estou surtando.

Yanna morde o lábio inferior e sorri do seu jeitinho sapeca. Porra! Eu queria ser o paciente para ter o prazer de vê-la como enfermeira ao lado de Elliot

como médico. Espero poder inverter os papéis quando ele estiver melhor. Mas, por ora, vou tomá-lo para mim. E da mesma forma que eu gosto de ser bem cuidado, darei o mesmo tratamento ao nosso namorado. Daremos o melhor tratamento do mundo a ele.

Não querendo perder mais tempo e ansioso para ver a reação do nosso namorado, trato de trocar logo as roupas e vestir a fantasia de médico que comprei junto com Yanna. Não é necessariamente algo sexy como a dela, mas eu sei que o Eli curte um uniforme tanto quanto eu. O fetiche em si é o bastante para o que pretendemos.

Uma vez que termino de colocar o jaleco branco, sinto o olhar de Yanna queimar sobre mim. Através do espelho, vejo-a parada e com uma expressão muito sugestiva.

— Se você acha que o Eli vai surtar quando me ver, não quero nem imaginar o que acontecerá quando você aparecer vestido assim. — aponta de cima a baixo.

Sorrio e ajeito a gravata. Julgando estar pronto, viro-me e caminho até Yanna.

— Estou bem?

Tal como fiz, ela pega a minha mão e enfia entre as suas pernas. Arregalo os olhos ao perceber que está sem calcinha e, ainda mais, ao sentir como já está úmida de tesão.

— O que você acha? — indaga de maneira provocativa.

— Acho que temos que ir rápido ou a brincadeira vai acabar antes mesmo de começar.

Pego o estetoscópio em cima da cômoda e coloco em volta do pescoço. Saímos do quarto. Combinamos que ela vai aparecer primeiro e eu irei em seguida, acompanhando o enredo da pequena história que inventamos para os nossos personagens noite passada.

Fico encostado na parede ao lado da porta que dá para a sala e Yanna sai rebolando ao encontro do nosso namorado. Eu gostaria muito de ver a expressão de espanto no rosto dele, porém, me contento ao ouvi-lo exclamar e depois sussurrar “*meu Deus*”.

Dou risada. Provavelmente ele se encantou com a visão tanto quanto eu.

A interpretação de Yanna é espetacular. Ela age como se fosse realmente uma enfermeira, tanto que chego a ficar impressionado com o quanto é boa nesse jogo.

— Sente-se bem, senhor Park? Acho que devo chamar o doutor Hayes para vê-lo.

— Doutor Hayes?

— Só um momento, por favor.

O baque dos saltos no piso faz o meu coração disparar. Desencosto da parede e respiro fundo para entrar no clima sem deixar que o meu nervosismo e o tédio estraguem tudo; Yanna aparece e lança uma piscadinha antes de pegar meu pulso e me levar até ele.

Mesmo não tendo atuação como um dos meus fortes, respiro fundo e faço a expressão mais “profissional” que consigo. E que, por um triz, não desmancho ao deparar com a reação dele ao ver como estou vestido. Seus olhos praticamente triplicam de tamanho e tenho muita vontade de sorrir do

desconcerto em seu rosto.

É verdadeiramente adorável.

— O que está acontecendo, enfermeira? – pergunto.

— O senhor Park não parece muito bem.

Encaro Elliot por uns segundos.

Seus orbes azuis estão cheios de expectativas e revezam de Yanna para mim como se ele não soubesse ao certo para qual de nós olhar.

— Vou examiná-lo.

Tiro o estetoscópio do pescoço e encaixo nos ouvidos. Nossa namorada se apressa em desabotoar a camisa que ele usa e afastar o tecido para que eu toque sua pele, não sem antes fazer o mesmo; deslizo as pontas dos dedos pelos músculos de seu peito, como se estivesse verdadeiramente o examinando, e encosto o *auscultador* sobre seu coração.

— Os batimentos estão acelerados e a respiração ofegante. Dói em algum lugar?

Elliot respira profundamente e afasta um pouco a perna boa, levando a mão até sua ereção marcada no tecido da bermuda e apertando. Vê-lo necessitado é um pecado.

— Aqui. – sussurra – Doí bem aqui.

Olho para Yanna, que sorri maliciosa e espera meu comando. Eu gosto de controlar, porém, os planos hoje são outros. Bom, por enquanto, seguirei o ritmo.

— Está bem, senhor Park, iremos cuidar de você.

Lentamente, me aproximo de nossa namorada e ponho-me atrás dela. A atenção do loiro totalmente focada em nós. Deslizo a ponta do nariz pela nuca suave e cheirosa, e digo em um tom forte e autoritário para que os dois possam ouvir.

— Enfermeira, por favor, faça uma massagem no músculo dolorido do paciente.

— Sim, doutor Hayes.

Dou um passo para trás. Enfio as mãos nos bolsos e observo-a se inclinar para desabotoar a bermuda dele. Seu traseiro empinado e parcamente coberto pelo vestido é uma tentação, tanto que preciso conter a vontade de lhe dar uma palmada.

Yanna se agacha entre as pernas abertas de Elliot e puxa o pau dele para fora da cueca, que suspira arrastado e deixa a cabeça cair contra o encosto do sofá no instante em que começa a ser masturbado. A visão me faz endurecer e o aperto dentro da calça piorar. O semblante desavergonhado dela é de enlouquecer qualquer um, assim como os movimentos firmes de suas mãos, e eu queria muito que estivesse massageando o meu pau também.

Os pequenos espasmos de prazer que correm incontrolláveis pelo corpo de Elliot inflamam ainda mais o meu desejo. Porém, é no segundo em que seus olhos azuis e repletos de luxúria alcançam os meus, que o tesão me consome por completo.

Tenho que bater uma punheta para aliviar ou minhas bolas irão explodir.

— Não está funcionando, doutor Hayes. – Yan fala de repente, tirando-me do

torpor sexual.

— O que?

— Talvez nós devêssemos aplicar um tratamento diferente. Não está fazendo efeito.

Observo a carinha sapeca dela e sorrio. Certo, acho que posso esperar mais um pouco.

— É uma boa ideia, enfermeira. Já que os métodos habituais não estão funcionando, vamos tentar outra abordagem com o paciente Park. Creio que vá ajudar.

— Que tal uma terapia oral conjunta?

Encaro Elliot ofegante e suado no sofá. Seus lábios estão levemente inchados de tanto que mordeu e a forma como seu peito sobe e desce apressado é muito sensual. A personificação do sexo, tal como Yanna e a forma como devora-nos com os olhos.

Putá que pariu! Esses dois ainda me matam de tesão.

— Excelente sugestão. – respondo enfim – Senhor Park, terei que tirar suas roupas agora.

Com cuidado para não esbarrar no tornozelo imobilizado, trato de deixa-lo nu da cintura para baixo. Ajoelho de um lado, Yanna de outro, e nós dois passamos a chupar e lamber seu pau deliciosamente duro. Nossas línguas trabalham juntas, em perfeita sincronia, percorrendo cada veia e desfrutado da pele suave.

Sorvendo cada gota de pré-goço.

Ainda lambendo, ergo os olhos e deparo com os orbes verdes de Yanna, transbordando desejo e paixão. Nós nos encaramos enquanto chupamos a ponta do membro de Elliot, e trocamos um beijo molhado em seguida, arrancando um gemido alto dele.

Pela posição em que estamos, consigo enfiar a mão por debaixo da barra do vestido minúsculo e acariciar o clitóris úmido e dilatado dela. Sinto como estremece e geme com o pau enfiado na boca, tirando mais um gemido de Elliot. Esfrego devagarzinho os dedos em sua boceta enquanto meus lábios descem em beijos para os testículos dele.

Ouvi-los gemer é a melhor coisa do mundo.

— Se vocês continuarem.... Eu vou...

Elliot tenta pronunciar, entre arquejos e murmúrios sôfregos, ao passo que agarra firmemente nossos cabelos. Pressiono a mão livre em seu abdômen quando percebo que está forçando os quadris para cima e afasto a boca de seu membro teso. Yanna o engole mais algumas vezes antes de abandoná-lo também.

Nós dois levantamos em seguida.

Pego Yan pela cintura e grudo seu corpo ao meu. A sensação de seus seios macios e pequenos pressionando meu peito é extasiante de tão boa, bem como do meu pênis apertado em sua barriga. Embrenho os dedos em meio aos fios de seus cabelos coloridos e a beijo apaixonadamente. Da mesma forma que fiz anteriormente com Eli, exijo tudo o que quero, cada suspiro e cada pequeno arfar, até que estamos ambos sem fôlego.

Sob o olhar atento e ardente de nosso namorado, enfio os dedos em suas dobras molhadas e esfrego até que estejam gotejando à ponto de melar minha

palma. Assistir de perto como suas pálpebras tremulam de prazer é indescritível e foddidamente lindo.

— Agora, enfermeira, a senhorita vai dar uma boa sentada em nosso paciente.

— Tudo bem, doutor Hayes. – responde ofegante.

Beijo-a mais uma vez e me acomodo ao lado de Elliot no sofá. Também o beijo e, a seu pedido, desço a perna engessada para que fique mais confortável e não atrapalhe nada.

Sensualmente, Yanna sobe no colo dele e o beija com gosto. Seus suspiros me incentivam a desafivelar o cinto e abrir a calça. Coloco a mão dentro da cueca e fecho os olhos ao tocar a tensão entre minhas pernas. Porra! Eu não imaginei que estivesse nesse nível de excitação. Por um segundo, chego a pensar que vou gozar só com isso.

Pelo jeito, não iremos durar muito.

Afinal, depois de semanas sem transar, nosso tesão está à mil por hora.

Aperto meu pau ao vê-la finalmente deslizar sobre ele, até toma-lo por inteiro e bem fundo. Elliot puxa o tecido da fantasia com desespero, estourando alguns botões no processo, e abocanha um dos seios dela com gula. O calor que sinto com essa cena é tão grande, que não penso duas vezes em afrouxar a gravata e soltar a camisa. Minha respiração se torna ofegante.

Uma vez que estamos em um lugar sem muito espaço, tudo o que faço é trocar alguns beijos com os dois. Deixo que aproveitem o momento.

Gosto de vê-los foder.

Eli empurra a barra do vestido para cima até que esteja embolada na cintura

de Yanna e a pega firme pelas nádegas, ajudando-a a rebolar em seu colo com mais rapidez e força. Continuo me masturbando e aproveitando o belo espetáculo que me oferecem. Eles são lindos. São as razões da minha vida. Eu nunca imaginei que poderia amar alguém do jeito que amo os dois. No início, parecia surreal a ideia de estar com duas pessoas, mas hoje entendo que não poderia ter sido de outra maneira. Fomos feitos uns para os outros. Não importa o que digam, não importa o que pensam.

Somos três e seremos para sempre os três.

Não demora muito para que Yanna se contorça nos braços de Elliot e grite ao atingir seu orgasmo. Bebo alguns de seus gemidos ao beijá-la e sorrio ao admirá-la imersa em prazer, roçando os quadris para prolongar a sensação e levando o loiro a loucura.

— Não goze ainda, amor, quero sentar em você também. – sussurro.

O grunhido excitado que ele solta arre pia minha alma. Seu olhar azul cruza o meu, e envia centelhas de amor, desejo e necessidade por todo o meu corpo.

Me incendeiam.

Yan cede o lugar ao cair um tanto desajeitada no sofá e é a minha vez de toma-lo. Tiro as roupas, largando em um canto, e pego o tubo que deixamos guardado na gaveta do armário. Ainda que seu pau esteja melado com os fluídos dela, espalho uma quantidade razoável de lubrificante por toda a extensão, masturbando-o e tendo a satisfação de fazê-lo endurecer ainda mais. Ponho-me por cima, sentado de frente para ele, e esfrego sua glândula algumas vezes na entrada do meu ânus para facilitar a penetração.

Devagar, vou encaixando, escorregando para baixo. Seguro firme em seus ombros enquanto o meto mais e mais para dentro. A pressão é incomoda e ao

mesmo tempo malditamente prazerosa. O toque quente de suas palmas em minhas coxas é tão excitante quanto sua expressão de puro deleite.

Caralho! Como eu gosto de ser penetrado por ele.

Suspiro ao tê-lo completamente em mim. Sinto-o pulsar. Suas mãos apertam minha carne com força. Nós amamos a suavidade do sexo com a Yanna, mas também amamos a nossa forma bruta de foder. Temos o melhor dos dois mundos, ela tem o melhor de nós dois, e é isso o que faz o nosso relacionamento ser tão perfeito.

Sem perder mais tempo, começo a me mexer, subindo e descendo para quase tirá-lo e enfiar de novo. E de novo, e de novo. Yanna me beija e depois a Elliot. Acaricia-nos e sussurra palavras picantes incentivando nosso sexo cru e passional.

Embora ele seja alguns centímetros mais baixo e eu que curta o fetiche de dominar, nesse instante tenho a impressão de que é o contrário. Seus olhos azuis estão selvagens, irracionais. A maneira como aperta e toca meu corpo é mais do que o suficiente para que eu entenda que está muito perto.

Observá-lo perder o controle é fenomenal.

Nosso ritmo se intensifica. A fricção do meu pau em seu estômago e a sensação de estar surrando minha próstata vai gradativamente construindo meu orgasmo. As mãos de Yanna agora estão em um de seus seios e em sua boceta. Os olhos verdes e brilhantes não desviam de nós enquanto se masturba.

Os gemidinhos que solta são como melodia.

Pressiono minha boca contra a de Elliot e me aperto mais contra ele. Somos

um emaranhado de braços e arfares. Esfrego minha pelve na dele, fazendo-o entrar e sair, e bastam mais algumas estocadas para que se derrame dentro de mim, tremendo por inteiro e sufocando seus gemidos em meu peito. As mãos firmes ao redor dos meus quadris. Estremeço com o pulsar de seu pênis liberando prazer e me preenchendo.

— Yan, vira. — ordeno, apesar de ofegante.

A ponto de alcançar meu orgasmo e tão alucinado quanto, levanto e puxo-a para que fique de quatro no sofá. Assim que a tenho do jeito que desejo, meto em sua boceta ainda molhada e a faço gritar, soltando um rosnado junto. Eu poderia muito bem gozar só com o roçar, mas estava doido para me enterrar fundo nela.

Busco seu clitóris e o estímulo enquanto penetro. Ela está tão quente e úmida, que não sei se o que escorre em minhas coxas é sua lubrificação ou a porra do Elliot.

Seguro o orgasmo até fazê-la gozar pela segunda vez e só então me permito vir. Aperto o quadril contra o traseiro dela e tremo ao sentir os jatos saindo.

Vou ao céu e volto.

Sexo de reconciliação é o melhor!

Exausto e suado, pego Yanna delicadamente nos braços e acomodo por cima de mim ao deitar no sofá. Elliot continua sentado e com a cabeça apoiada no encosto, respirando para se recuperar, da mesma forma que nossa namorada e eu.

Nós nos entreolhamos e sorrimos.

Apesar de cansados, estamos todos plenamente satisfeitos.

— Machucamos seu tornozelo, querido? – Yan pergunta.

— Não, baby, estou bem. – solta uma risada – Melhor dizendo, estou bem enfermeira.

Também damos risadas. Eli suspira e diz:

— Eu não sei de onde vocês tiraram essa ideia, mas... Wow! Eu só tenho a agradecer.

— Depois de todo esse desentendimento, queríamos fazer uma surpresa. – explico – Mais do que um pedido de desculpas, pensamos que seria legal inovar em nossa reconciliação.

— E, acreditem, foi *bem* legal.

Cansados demais para pensar em qualquer outra coisa que não seja descansar, ficamos jogando conversa fora durante quase meia hora. Ver como retornamos à normalidade de nossa relação aquece meu coração. Eu estava sentindo muita falta disso. De nossas risadas, nossos papos sem sentido. Simplesmente de estarmos os três juntos assim.

Porque a realidade é que não sou mais capaz de imaginar estar longe deles.

Nunca mais.

E talvez, em breve, a aliança de Elliot e a minha tenham uma nova companheira.

Capítulo 07

YANNA

As coisas entre Elliot, Christopher e eu não poderiam estar melhores. Desde que nos reconciliamos, a cada dia que passa, parecemos viver em um conto de fadas. Nossos projetos individuais estão a todo o vapor e nós estamos mais unidos do que nunca. Em outras palavras: deveria estar tudo certo, não é?

Bom, eu queria pensar assim, mas a indignação continua me incomodando como se fosse uma pedra chata no sapato. Ainda que eu tente deixar para lá, essa história fica martelando dentro da minha cabeça e não é difícil me pegar pensando no assunto. Mais do que realmente gostaria, afinal, tenho muito mais no que pensar.

Só que é inevitável.

Tem momentos em que estou relativamente tranquila quanto a isso, e em outros, estou com tanta raiva que não consigo evitar. Não sei o que acontece comigo. É como se o meu emocional estivesse descontrolado sem razão. Ok, eu admito que tenho lapsos de humor de vez em quando. Mas, de uns tempos para cá, vem se tornando meio ridículo.

Talvez a questão seja que, embora eu saiba que Emma recebeu o que merecia ao ser demitida da companhia da dança e a situação se resolveu, algo dentro de mim (uma vozinha lá no fundo) teima em dizer que ela ainda precisa ouvir algumas palavras pelo o que fez com o nosso namorado. Apenas ser demitida

não é o bastante para mim.

Quero olhar diretamente em seu rosto e soltar o que está engasgado na minha garganta desde que descobrimos o que aconteceu nos últimos meses, além da discussão que levou Elliot a quebrar o tornozelo. Eu não sou do tipo de procurar confusão e nem iria atrás se não estivesse tão incomodada, mas ela passou dos limites ao ameaçar quem eu amo.

Como Christopher não pode ir confrontá-la sendo um homem, eu o farei.

Despreguio o máximo que consigo e estico as costas ao sentar. Pego a folhas que deixei cair no chão e bufo ao perceber que sequer sai da primeira.

Ponho-as sobre a mesa.

— Ué? Cochilou de novo, baby? — Eli pergunta.

Ele se aproxima com a ajuda das muletas e senta ao meu lado no sofá. Com delicadeza, põe minha cabeça escorada em seu ombro e eu suspiro deleitosa com o toque de sua mão em meus cabelos, afagando-os de maneira gentil.

Como adoro os seus carinhos!

— Pois é. — respondo — Sentei para ler alguns documentos e peguei no sono. Já é a segunda vez essa semana, o que é estranho. Talvez eu esteja ficando resfriada ou algo do tipo.

— Deve ser apenas cansaço. Como está se sentindo?

— Agora eu estou bem. Também, depois de dormir por quase... — procuro o relógio e arregalo os olhos espantada — Mais de uma hora? Eu dormi tudo isso? Não é possível!

— Você anda trabalhando bastante por conta do lançamento do novo livro.

— Será? Eu nunca me senti tão fadigada desse jeito.

— Uma hora o corpo cobra, querida, e digo isso por experiência própria. – se inclina para beijar minha testa – Não se preocupe. Logo estará mais disposta.

— Espero que sim. Porque não estou acostumada a ficar sonolenta o tempo todo.

O loiro sorri e continua acariciando meus cabelos. Ainda que seja muito bom, ele não está ajudando a influenciar minha preguiça. Porém, vou aproveitar mais um pouquinho.

— Já listou o que precisamos comprar para o final de semana? – ele indaga.

— Ainda não. Estava pensando em esperar o Chris chegar. Como é ele quem vai cozinhar a maior parte da refeição, imaginei que seria melhor decidirmos todos juntos.

Eli consente e fecho os olhos para apreciar seu carinho.

— A propósito, que horas ele volta da galeria?

— Não deve demorar muito, já que saiu pouco depois do almoço.

— Então, quando ele chegar, nós começamos a lista.

Combinamos de receber os amigos esse final de semana aqui no apartamento.

Chris chamou o Yoan e a tal garota que era sua “pretendente”. Nos consultou primeiro para ter certeza de que não ficaríamos incomodados. E, bom, como

ambos foram vítimas da ambição de seus pais e não houve qualquer interesse, não vimos problemas em recebê-la; Elliot convidou o Vince e alguns outros colegas da companhia. É a primeira vez que ele trará outras pessoas além de seu melhor amigo, o que mostra que está se abrindo mais em seu ambiente de trabalho; e quanto a mim, chamei o Daniel. Também liguei para o Natham, mas, como sempre, ele disse que estaria muito ocupado com o trabalho e não poderia aparecer para a nossa reunião.

Sendo sincera, eu estranhei um pouco a forma como falou comigo no telefone. Parecia nervoso. Mas julguei ser pelo fato de que estava no tribunal e em horário de expediente.

Às vezes, acho que ele não deveria colocar o serviço acima do seu bem-estar. Porém, sempre que tento abordar esse assunto, é como se eu estivesse falando com as paredes. Natham é realmente um *workaholic* e isso preocupa. Tenho sempre que ficar em cima para saber se está descansando ou se alimentando bem, já que seus pais moram longe e não há mais ninguém que possa vigiá-lo, além de Dani e eu.

Ele odeia ser tratado como uma criança, mas é o único jeito de não o deixar cair doente.

As engrenagens dentro da minha cabeça rapidamente levam-me para outra linha de raciocínio. Mais especificamente, para Emma. Não sei como encontrá-la e nem quero descer ao nível dela de ser uma perseguidora. Portanto, sobra apenas uma alternativa.

— Sei que concordamos em não tocar mais nesse assunto. — sou cautelosa — Mas o que aconteceu com a Emma? O diretor já efetivou a demissão? Ela apareceu de novo?

— Ela ainda não passou no estúdio para esvaziar o armário. Depois que saiu do escritório do Adam, nenhum de nós tornou a vê-la. Não que isso seja um problema. Afinal de contas, Emma é a última pessoa com quem quero me encontrar. — revira os olhos — Mas o Bernard disse que talvez ela apareça esse final de semana para recolher o que ficou. Provavelmente no sábado, não sei ao certo.

— Huh, entendi.

— Por que a pergunta, baby?

— Por nada. Só estava curiosa.

— Não se preocupe. Ela não irá incomodar mais ninguém.

Concordo e tento demonstrar desinteresse.

Se qualquer um deles suspeitar que pretendo fazer uma “visitinha”, vão querer me impedir, e eu não vou adiar esse embate por mais tempo do que já adiei.

Querendo tirar o foco do assunto e não dar margem para desconfianças, desencosto do ombro de Elliot e passo os braços em torno de seu pescoço. Nós nos entreolhamos. Admiro seu lindo e caloroso sorriso, e então pressiono seus lábios com os meus em um selinho longo. No entanto, o que era para ser um beijo inocente e carinhoso, logo se transforma em algo carnal, sexual. Nossas línguas roçam vagorosamente uma na outra, enviando fagulhas de excitação e um anseio quase desesperado por todo o meu corpo.

— Nós podíamos brincar um pouquinho, não acha?

Ele abre um sorriso travesso.

— De que jeito, safadinha?

Esfrego a palma em cima de seu membro coberto pela bermuda esportiva e suspiro excitada ao perceber que ele não está usando cueca por baixo. Isso facilita muito as coisas e deixa o meu tesão à mil. Inclino-me para beijar seu pescoço e sussurro:

— Provavelmente você já tenha alguma ideia.

Não paro de acariciar, movendo a mão para cima e para baixo, e mordo o lábio ao ouvir seu gemido tão erótico e másculo. A protuberância entre os meus dedos é uma tentação.

Além do sono e do cansaço, também venho sentindo muito tesão. Não que seja uma novidade, considerando que eu tenho dois namorados gostosos e altamente sexuais. É só que a minha libido parece estar nas alturas e fico com vontade de transar toda a hora.

Exatamente como agora.

Apesar de ser tentadora a ideia de cavalgar em Elliot outra vez no sofá, sugiro que a gente vá para o quarto, pois, é mais confortável para ele devido a perna engessada. Ajudo-o a levantar e caminhamos lado a lado pelo corredor. Uma vez no cômodo, o loiro senta na beirada da cama e me puxa para estar entre as suas pernas, ainda de pé.

Peça por peça, ficamos ambos nus. Deito-o na superfície macia e confortável do colchão, ajeitando o tornozelo engessado para não machucar, e monto em seu colo. Desejosa e impaciente, escorrego a língua em sua pele, delineando as elevações de seus músculos. Desço um pouco e chupo seus mamilos amarronzados. Em seguida, suas tatuagens.

Venero-o, assim como ele venera a mim.

Suas mãos percorrem as laterais do meu corpo até chegar aos quadris e apertam com possessão, dominância. Um suspiro me escapa. Sinto seu pau rígido roçando na entrada da minha vagina molhada, deslizando entre as minhas carnes até o ponto de tocar meu ânus com a glândula. Repete o movimento uma, duas, três vezes e eu fico louca.

Dando um impulso, ele me penetra e estremeço, gemendo seu nome. Nós nos movemos devagar. Debruço até o ponto de estar praticamente deitada sobre ele, meus seios sensíveis colados em seu peito definido, e o beijo. Deleito-me com seus lábios e sua argola prateada sexy.

Continuo me esfregando, ondulando os quadris para frente e para trás, enquanto suas palmas acariciam cada centímetro da minha pele. Curtimos um ao outro. Fazemos amor sem pressa e penso que tudo estaria ainda mais perfeito se Christopher estivesse aqui, me penetrando por trás e adorando-me com seus beijos e carinhos. Adorando a nós dois.

Com a boca pairando sobre a de Elliot, a ponta do nariz resvalando o seu, busco por seus olhos azuis e não faço nada além de observá-los enquanto me remexo devagarzinho, desfrutando da sensação maravilhosa que é tê-lo profundamente enterrado em mim.

Sua respiração ofegante mistura-se com a minha.

— Eu amo você. – sussurro – Assim como amo o Christopher.

— Eu também amo você. Amo os dois.

Por alguma razão desconhecida, tenho vontade de chorar no instante em que toca o meu rosto e suspira meu nome com a voz embargada de prazer. Talvez

seja a sinceridade em suas palavras ou o brilho amoroso em seus belos olhos claros. Afasto a melancolia momentânea e foco no que importa. Volto a beijá-lo e acelero um pouco mais o ritmo.

Gememos juntos.

Meu orgasmo começa a avançar como uma onda. Aquele conhecido arrepio atravessa minha espinha e um comichão acerta o baixo-ventre. Endireito-me para ficar sentada sobre ele e espalmo as mãos em seu peito. Balanço mais rápido com os quadris, intensificando nossas sensações e levando-o mais fundo, conduzindo-nos ao ápice.

— Que bela visão para os meus olhos cansados.

Excitada demais para me assustar com sua voz que soa de repente, espio por cima do ombro e vejo Christopher encostado no batente da porta, os braços cruzados sobre o peito e o indício de uma ereção marcada na calça de couro. A visão é um pecado. Adoro quando está vestido dessa maneira e com um ar perigoso, indecente.

O olhar selvagem.

Será que está parado ali faz tempo? Bom, pela expressão em seu rosto e a respiração descompassada, acho que o suficiente para assistir boa parte do que estamos fazendo.

Chris não poderia ter escolhido momento melhor para chegar em casa.

Ainda montando em Elliot, acompanho-o se aproximar da cama com passos decididos e felinos, e puxo o ar entre os dentes ao que agarra firmemente meus cabelos e me beija.

Entre os meus homens, sendo beijada por um e fodida pelo outro, gozo muito

gostoso. Elliot aperta as unhas curtas em minha cintura e abre a boca num gemido profundo, derramando-se em meu interior. A forma como seu pau pulsa dentro da minha boceta enquanto goza e que o moreno, agora beijando-o, exige cada um de seus suspiros é maravilhosa.

Beijo o loiro antes de cair ao seu lado. Deitada e ofegante pelo orgasmo recente, observo Christopher tirar a camisa, evidenciando seu peito e braços tatuados, e permanecer apenas com a calça de couro. Suas mãos alcançam o cinto e o desafivelam de uma forma tão erótica que deveria ser proibida, tanto quanto o desabotoar da braguilha, deixando à mostra o elástico da cueca boxer.

Vamos para o segundo round.

Mesmo um tanto trêmula, abro as pernas e o convido a se perder entre elas. O moreno respira fundo, afetado, e sobe no colchão. Ele toca o centro do meu desejo antes de debruçar e beijar minha boca outra vez. Suspiro com o movimento de seus dedos habilidosos entrando e saindo.... Entrando e saindo.... Entrando e saindo...

— Você está tão molhada, Sweetie. – murmura – Que tal se eu esporrar aqui como o Eli fez agora a pouco?

Um gemido vibra em minha garganta.

É o que eu mais quero.

Sem dar ao trabalho de tirar a calça, Christopher põe o pau ereto para fora e ajeita minhas pernas ao redor de seu quadril estreito. Seu corpo largo e levemente musculoso cobre o meu, e sua boca devora a minha enquanto penetra. Ele pressiona nossas pelves, como se quisesse fundir a nós dois por um instante, e então começa a se mover tão lentamente quanto eu o fazia

antes com Elliot.

Deliro com o modo que desliza em meu interior.

Abraço-o apertado, tendo seu pescoço na curva do meu pescoço, e entrego-me. Meus mamilos intumescidos em contato com seu tórax firme e tatuado. Consigo sentir a textura do couro com as pontas dos pés, mas nem se compara com a textura de sua pele, que tracejo com os dedos até embrenhá-los nas mechas de seu cabelo castanho e sedoso.

Tal como fiz com Elliot, procuro seus olhos amendoados e vislumbro-os ao mesmo tempo em que nos movemos em um ritmo prazerosamente lento.

— Eu amo você. – digo contra os seus lábios – Amo os dois.

Chris sorri docemente e olha de relance para o nosso namorado. E responde:

— Eu também amo você. E amo o Elliot. Amo tanto que não cabe no peito.

Novamente, a vontade de derramar algumas lágrimas é grande.

Não sei o que raios está acontecendo, porém, sinto-me emotiva. Mais do que o normal. E, outra vez, tenho que afastar a melancolia e aproveitar do prazer que estou recebendo de Christopher.

A força de seus quadris me empurra contra o colchão, aperta o piercing em meu clitóris, e eu só sei gemer e pedir mais; de relance, vejo que Eli alisa o próprio pênis ao observar-nos, quase pronto para mais uma rodada.

Em estocadas profundas e exigentes, gozo tão intensamente quanto na vez anterior. Chris não demora a vir também e, como havia dito, une seu prazer ao de Elliot dentro de mim.

Céus! Estou completamente saciada.

— Chris.

Olhamos para o lado, ainda arfantes, e vemos nosso namorado segurando o pênis pela base. Ele dá um sorrisinho malicioso ao sussurrar:

— Quer leitinho?

Não é preciso mais do que isso para Christopher deitar de bruços e chupar Elliot até que ele goze pela segunda vez. Depois, o moreno se esparrama com os braços estendidos e respira profundamente, cansado.

Como sempre, acabamos os três emaranhados sobre a cama.

O final de semana enfim chega e com ele, não só a reunião com os nossos amigos, como o meu possível confronto com Emma. Dando a desculpa de que preciso ir até o meu apartamento para buscar algumas coisas, deixo os preparativos da reunião de hoje a cargo dos meus namorados, e vou fazer tocaia em frente ao estúdio de dança para aguardar. Talvez eu esteja sendo insensata ao procurar um embate com ela?

Provavelmente.

Mas sei que não irei sossegar até dizer tudo o que venho guardando na cara dela.

Sentada no banco do motorista e tamborilando os dedos no volante, observo atentamente a entrada do estúdio, esperando que Emma apareça. Embora eu não tenha certeza de que realmente virá para recolher seus pertences, me darei o benefício da dúvida. Se ela não aparecer em duas horas, voltarei para casa e tomarei como um sinal do universo de que esse encontro não deveria acontecer. Caso contrário, bem, também vou acreditar que o universo está

conspirando a favor.

Checo o horário, se passaram trinta minutos. E então quarenta e lá se vai uma hora.

Estou ficando impaciente.

Será que o universo de fato não quer que esse confronto aconteça?

Martelo comigo mesma por alguns segundos, até que, de repente, ela surge cruzando a rua. Eu a vi apenas uma vez, mas foi o suficiente para que seu rosto ficasse marcado em minhas memórias mais tempo do que eu gostaria. Logo, é impossível não a reconhecer. Ainda dentro do carro, reflito pela última vez e aquela súbita mudança de humor é o que me impulsiona a abrir a porta e caminhar decididamente até Emma.

Notando a minha presença, ela vira e nós nos encaramos.

— Quem é você?

Cruzo os braços e ergo uma sobrancelha.

— Para uma stalker, você anda bem desinformada. – debocho.

— Como é?

— Eu sou a namorada do Elliot. Elliot Park, lembra? Aquele que você assediou nos últimos meses e, não satisfeita, ainda quebrou o tornozelo.

Ao menos, ela se digna a parecer surpresa. O que não dura muito.

— Eu não quebrei o tornozelo dele. – rebate.

De tudo o que poderia dizer, sério que é com isso que se preocupa?

Faça-me o favor.

— Talvez não, mas o empurrou. Consequentemente, a culpa é sua.

Emma revira os olhos e troca o peso de um pé para o outro, numa postura arrogante. Não sei se é por causa dos meus inusitados lapsos de humor ou a indignação falando mais alto, mas a vontade de arrancar essa pose toda dela está fervilhando em mim.

— Deixe-me adivinhar. Você veio defender o Elliot? Cadê o namoradinho dele?

— Pois é. O namorado não veio, mas a namorada sim e eu estou aqui para protegê-lo. – dou um passo à frente, ela não recua – E também para dizer algumas verdades a você.

Nós nos enfrentamos, como autênticas rivais. A tensão é quase tangível.

— A que ponto você precisou chegar para conseguir uma migalha que fosse da atenção do Elliot, não é mesmo? — começo a falar, irritada — Assediá-lo no ambiente de trabalho, mandar bilhetes e até ataca-lo dentro do vestiário. Sem contar que começou a segui-lo e ainda o empurrou, sabendo perfeitamente que ele poderia se machucar.

Ponho as mãos na cintura. Meus olhos não desviam dos dela.

— Mesmo que ele não fosse bissexual, o que você fez foi detestável. Não há nada pior do que assediar uma pessoa, seja homem ou mulher. É igualmente errado. Em algum momento, passou pela sua cabeça o quão desconfortável Elliot estava? Provavelmente não, e você ainda insistia em dizer que gostava dele. Uma grande mentira! Quem gosta de uma pessoa não faz esse tipo de coisa, independentemente se é retribuído ou não.

Ela continua calada, observando-me. Reparo na contrariedade em seu semblante.

— E outra, quem lhe deu a permissão de se meter na vida privada dele? Se o Elliot fez questão de separar a vida profissional da pessoal é porque tinha suas razões. No fundo, você apenas queria exibi-lo como um troféu para os outros. Resumindo: sua “paixão” não era mais do que uma tentativa egocêntrica de se mostrar. Ou estou errada?

— Se era ou não, isso não é problema seu.

— Se tornou quando você começou a assediar o *nosso* namorado.

— Nosso? – solta uma risada irônica – Você é apenas a vadia de dois caras. Ou acha mesmo que eles gostam de você? Elliot dormiu com várias mulheres ao longo desses anos desde que entrou na companhia. Não pense que é especial só porque está com ele e o namoradinho agora. Logo mais e será uma outra qualquer servindo de diversão desses gays.

— O seu preconceito me enoja, sabia? – retruco. A indignação sufocando minha garganta – E está enganada se acha que sou apenas a “vadia” deles. Sou muito mais do que isso, queridinha. Sou a companheira deles! A mulher que irá defendê-los de pessoas como você, não importa o quê. E eu vim até aqui para lhe dizer exatamente essas palavras.

Mais um passo. Ela permanece imóvel.

— Seja você ou quem for, eu não permitirei que machuque nem ao Elliot ou ao *nosso* namorado. Você pode ter revelado para todos a verdadeira orientação sexual dele e fazê-lo temer a perda do que mais ama na vida, que é dançar. Tudo para se vingar da rejeição. Mas, quer saber? Agora eu lhe agradeço por isso. O Elliot percebeu que não precisa se esconder e que nem

todas as pessoas são más ou irão desprezá-lo pelo o que ele é.

Ele não estava completamente preparado para a dor emocional da repercussão de sua orientação sexual. Não tenho certeza se um dia estaria realmente preparado para isso. Afinal, é imprevisível o retorno que se vai ter de cada um. Eli ficou surpreso com a crueldade com que algumas pessoas reagiram, no caso da Emma, mas também feliz com a compreensão de outras. Porém, mais do que isso, ele se libertou de seus medos.

— Você só pode estar de sacanagem comigo. – ela debocha, jogando os cabelos para trás – Agradecer? Não seja ridícula! O Elliot deveria tomar vergonha na cara, assim como as pessoas dessa companhia que são loucas de apoiar uma imoralidade dessas.

— Imoralidade? – bufo - Em que mundo você está vivendo? Ou melhor, em que época?

— O homem deve ficar com uma mulher. Pronto. Essa é a naturalidade das coisas.

Fecho os olhos e respiro fundo. Pelo jeito, não chegarei a lugar algum seguindo com essa discussão patética e essa mulher mais patética ainda. Para mim, já deu. Acabou.

— Olha, Emma, eu já disse o que precisava dizer. Não vou mais perder o meu tempo com você, honestamente. – enfio as mãos nos bolsos da jaqueta – Não faz qualquer diferença o que pensa ou deixa de pensar. Definitivamente, não faz nenhuma diferença.

— Vocês são doentes, isso sim. Precisam buscar tratamento.

Passo a língua no interior da bochecha, como Chris costuma fazer, e

desdenho:

— A felicidade alheia deve incomodar muito você, não é? Ou seria a rejeição?

Vermelha de raiva, Emma dá um passo e estamos praticamente grudadas. Enfim mostrando as garras, ela berra sem dar a mínima para quem está passando na rua.

— Foi por causa dele que perdi o meu emprego! Fui humilhada pelos meus superiores...

— A questão é que você teve o que merecia. – interrompo – A culpa não foi do Elliot. Você procurou por isso, Emma. Ninguém além de você mesma causou tudo isso.

— Como é que é?

— Exatamente o que ouviu. A culpa é sua! Ação e reação, conhece? Se você faz algo de errado ou ruim, uma hora ou outra, as consequências voltam. E foi o que aconteceu.

Ela morde o lábio, enfurecida, e somente dou de ombros. Não disse mais do que a verdade. “*Causa e efeito, querida*”, penso. Emma cavou a própria cova.

Não querendo estender a conversa (que já durou mais do que o necessário para o meu gosto), suspiro e sou contundente para acabarmos de uma vez:

— Sinceramente, eu espero que comece a pensar nas suas atitudes. O mundo não é como você deseja e as pessoas não precisam atender suas expectativas. Pare de achar que é o centro de tudo e as coisas devem ser do jeito que deseja. Se continuar assim, vai quebrar a cara mais vezes do que possa

contar. — respiro fundo novamente e lanço o xeque-mate — Cresça, Emma! Não dá para ser uma garota mimada pelo resto da vida.

Sem esperar por resposta, viro de costas, pronta para voltar ao carro e ir para casa.

Isso até...

— Eu espero que aquele gay nojento morra!

Detenho o passo. Meu sangue sobe.

É num piscar de olhos.

Minha mão vira e acerta em cheio o rosto dela, com tal força que até eu me assusto com o som alto do estralo. Meu peito sobe e desce rápido. Mais um pouco e eu teria lhe dado um soco. Como ela ousa dizer uma coisa dessas?

Encarando-me assustada e com a mão sobre a bochecha que estapeei, Emma dá alguns passos para trás, querendo tomar distância. Está com medo. E deveria estar mesmo, porque suas palavras despertaram o pior de mim. Céus! Como ela pôde?

— Você... Nunca, *NUNCA*, volte a repetir isso. Entendeu? – grito, fora de mim, apontando o dedo – Jamais deseje a morte de alguém só porque está com raiva. Você não imagina o quão doloroso é perder alguém que ama e menos ainda o que é viver com a sombra da culpa e do ressentimento em suas costas. Então, Emma, pense sempre duas vezes antes de falar uma besteira dessas. Você pode não gostar do Elliot, mas, há pessoas que o amam e ficariam arrasadas se algo assim acontecesse. Não repita isso!

As lágrimas pinicam em meus olhos, porém, seguro o choro com todas as minhas forças. Não darei esse gostinho a ela. O que disse atingiu

profundamente o meu coração, instalou o medo em meus pensamentos, mas tenho que ficar calma e não abater. Ainda que eu sinta minhas mãos tremendo pela raiva, e um gosto amargo na boca.

Tenho vontade de vomitar.

Ainda me encarando com os olhos arregalados, Emma se mantém parada, desacreditada pelo tapa que levou. Eu permaneço da mesma maneira, com o estômago revirando e a fúria se juntando a frustração de não ter acertado um soco.

“Não, Yanna. Não”.

Ok, ok. Eu não seria melhor do que ela se partisse para a agressão. Foi uma reação involuntária esbofeteá-la. Não pude conter a indignação ao ouvi-la dizer aquilo.

Nós duas trocamos olhares. Se antes a tensão era quase tangível, agora pode ser cortada com uma faca. De relance, percebo que algumas pessoas observam, mas não ligo.

Incitada pela raiva, Emma vem para cima, mas seguro seus pulsos antes que possa me tocar. Dou risada. Ela achou mesmo que eu deixaria que revidasse o tapa?

— Toque em mim e irá se arrepender. — digo — Meu namorado jamais faria algum mal a você, mas não espere que eu seja tão boazinha assim. De hippie, eu só tenho a cara.

Claro que estou blefando. Eu não iria machucá-la. Pelo menos, eu acho que não.

Torço para que ela não solte mais nenhuma pérola.

— Você é uma vagabunda! – esbraveja.

— E você é uma assediadora. – censuro-a – Elliot não quis levar isso aos tribunais, mas, deixarei bem claro, pense em chegar perto dele novamente ou fazer alguma coisa, e eu farei com que responda o processo mais longo da sua vida! Temos provas suficientes para, quem sabe, mandar você para a cadeia por uns três ou cinco anos. O que acha?

Emma força os braços para conseguir me atingir e grita enraivecida. Eu disse que não começaria uma briga, porém, estou tentada a reconsiderar.

Ela está me tirando do sério!

À essa altura, já viramos um enorme espetáculo com vários espectadores.

Continuo segurando-a enquanto lança suas injúrias e tenta me acertar. Isso até um homem de cabelos negros e aparentando meia idade surgir do nada e nos separar.

— Ei, ei, ei. O que está acontecendo aqui? – ele pergunta.

Olha de uma para a outra.

— Diretor Adam?! – Emma murmura, desconcertada.

Adam? Não me diga que ele é... Oh, droga!

Constrangida, curvo-me para ele e o cumprimento. Suas sobrancelhas franzidas denotam que não faz a mais vaga ideia de quem sou, mas Emma muda isso num instante ao disparar uma torrente de insultos e acusações. Tenho a decência de ficar envergonhada.

Adam, depois de escutar atentamente, solta um suspiro e diz:

— Você não está em posição de recriminar ninguém, Emma. Reconheço que a atitude da Yanna não foi das melhores e acredito que ela mesma tenha essa consciência. — olha-me e eu consinto — Mas creio que você não vai querer levar essa discussão para a delegacia, não é? Afinal, a probabilidade de que a situação se volte contra você é bem grande, considerando o que fez contra o namorado dela.

A garota aperta as mãos em punhos. Não responde. Sabe que ele está certo.

— Antes que essa confusão se torne ainda maior, entre e vá recolher suas coisas.

Mesmo contrariada, Emma assente, mas não entra antes de me encarar mortalmente pela última vez. Sustento seu olhar e só desvio quando Adam se põe a minha frente.

— Então, a senhorita é a namorada de Elliot Park? — questiona.

Eu consinto e dou início as minhas desculpas. Conversamos por alguns minutos. A adrenalina que corria descontrolada em meu corpo vai dissipando e uma tontura me atinge de repente. Minhas pernas vacilam. Adam me segura pelo cotovelo.

— A senhorita está bem? — indaga, visivelmente preocupado.

— Ah, sim. — respiro fundo — Foi apenas uma tontura. Acho que fiquei muito nervosa.

— Quer que eu ligue para o Elliot?

— Não, estou bem.

— Tem certeza?

— Sim. Muito obrigada.

Me recompondo do mal-estar, peço desculpas mais uma vez e caminho em direção ao carro estacionado do outro lado da rua. Por sorte, as pessoas dispersaram com a chegada de Adam e não preciso me aborrecer com olhares alheios. Talvez um ou outro vídeo nas redes sociais mais tarde, contudo, nada de novo sob o Sol.

Adoram espalhar isso.

Tomo o assento do motorista e prendo o cinto de segurança. Respiro fundo outra vez. Não era a minha intenção que a situação tivesse ido por esse caminho, mas, convenhamos, o resultado estava explícito no momento em que botei os pés aqui.

Enfim, ao menos não foi pior o que imaginei.

Através do para-brisa, observo Adam com o celular na orelha e o pressentimento de que esteja falando com Elliot brilha igual a uma placa de neon em minha cabeça.

Melhor eu ir para casa logo, pois, acho que terei muito o que explicar.

Capítulo 08

ELLIOT

Sabe quando você tem a sensação de que algo não está certo? Quase como se tivesse uma pulga atrás da sua orelha? É exatamente assim que estou me sentindo desde que Yanna saiu de casa mais cedo, dizendo que iria até o seu apartamento para buscar alguns pertences. O que é estranho, já que não faz nenhuma semana que ela voltou de lá com duas malas enormes. E nós ainda compramos várias coisas depois que veio passar uma temporada conosco para ajudar com o meu tornozelo quebrado.

Christopher também ficou desconfiado. Ainda que ela tenha nos enganado no início, agora que a conhecemos tão bem quanto a nós mesmos, se tornou fácil lê-la. Yanna é um livro aberto quanto as suas intenções e emoções. Somos transparentes uns com os outros.

Mesmo quando tentamos pateticamente esconder isso.

Cantarolando a letra de “We Don’t Have To Dance”, do Andy Black, que ressoa vindo do aparelho de som, vou de um lado para o outro do jeito que posso no espaço entre o balcão e a pia com as muletas, enquanto tiro as compras das sacolas do mercado.

“Nós não temos que falar

*Nós não temos que dançar
Nós não temos que sorrir
Nós não temos que fazer amigos
É um prazer te conhecer
Vamos nunca mais nos encontrar*

*Nós não temos que falar
Nós não temos que dançar
Nós não temos que dançar”*

Christopher, devidamente trocado, arregaça as mangas para começar a cozinhar. Ele dá um beijo estalado em minha bochecha e um tapa na bunda ao se arrastar para os armários. Meu resmungo lhe arranca uma risada.

— Fique esperto. O tapa vai ter troco. – ameaço.

— Ah, é? E o beijo?

— Também.

Ele sorri e eu não poderia ficar mais apaixonado do que já sou.

Estou ajudando a cortar alguns legumes quando o celular sobre a bancada começa a tocar. Limpo as mãos em um pano e pego o aparelho, vendo que é uma ligação de Adam. Fazendo um certo malabarismo para colocar no ouvido, atendo:

— Oi, diretor. Tudo bem?

“Oi, Elliot. Sim, comigo tudo bem”.

— Está precisando de alguma coisa? É sobre a coreografia?

“Na verdade, não”. – faz uma pausa – “Eu liguei para falar sobre a sua namorada. Yanna, certo?!”

Ouvi-lo pronunciar o nome dela é o suficiente para que o nervosismo se torne presente.

Adam dá início as explicações e não sei se fico preocupado ou orgulhoso. Preocupado porque ela poderia se machucar e também pelo mal-estar que teve. E orgulho simplesmente porque ela foi enfrentar a Emma, algo que não pensei que faria. Agora entendo o motivo de insistir tanto em saber se Emma ainda apareceria no estúdio. Yanna já vinha planejando esse embate desde então (ou sabe-se lá quando).

É uma bruxinha mesmo.

Assim que desligo o celular, olho para Christopher que se colocou ao meu lado, curioso com a conversa e as prováveis caretas que eu estava fazendo, e então lhe digo:

— A Yanna esteve lá no estúdio.

— O que? Quando?

— Agora à tarde.

— Por que?

— Aparentemente, ela foi confrontar a Emma.

— Não brinca! – arregala os olhos – Então, quer dizer que ela fingiu que iria até o apartamento, mas, na verdade estava indo encontrar com aquela

mulher?

— Pois é.

— Eu sabia que ela não tinha saído só para ir até o apartamento.

Suspiro e concordo. Estávamos certos em nossas suspeitas.

— E adivinha só?

— As duas se esbarraram mesmo?! – seu rosto se contorce em uma careta.

— Exato! E o Adam apartou a briga delas.

— Briga?

— Não foi necessariamente uma briga, pelo o que ele contou. Ao que parece, a Emma tentou avançar contra a Yan, só que ela a segurou pelos pulsos e não deixou.

— Ela não se machucou, não é?

— Não, não. Mas teve um mal-estar. Ficou tonta de repente, provavelmente por causa do estresse do momento. Ele ligou justamente para avisar que conversaram e que devemos nos assegurar de que ela está bem.

— E onde a Yan está agora?

— Eu não sei. Acredito que voltando para cá.

— Vou dar um toque no celular dela.

Consinto e não desgrudo de perto enquanto ele disca o número de nossa namorada. Suspiramos aliviados ao ouvir sua voz no instante em que atende. Yanna diz que não vai demorar para chegar em casa. Não cita o confronto

com Emma, embora faça alguma ideia de que saibamos disso. Ou ao menos suspeitamos de algo.

Apesar de inquietos, tratamos de continuar com os preparativos para a reunião de mais tarde; após pouco mais de vinte minutos (ou o que parece uma eternidade), escutamos a porta da frente ser aberta. Nossa namorada finalmente aparece e me assusto com a palidez em seu rosto. Christopher corre em sua direção e eu vou logo atrás, me atrapalhando com as porcarias das muletas no processo. É em ocasiões como essa que eu gostaria de estar sem a droga do gesso.

Chris senta com ela em seu colo e a aninha protetoramente em seus braços. Eu me aproximo. Toco gentilmente o rosto de Yanna, arrancando-lhe um suspiro.

— O que aconteceu, baby? Você está bem? – pergunto.

— Mais ou menos. Tive que parar no caminho para vomitar.

Me assusto, assim como Christopher.

Isso explica o porquê de ela estar pálida desse jeito.

— Quer algo para enjoo? – ofereço – Água com limão ajuda.

Yan balança a cabeça e se encolhe ainda mais contra o peito de nosso namorado.

— Se eu tomar alguma coisa, acho que vomito de novo.

— Tudo bem.

Sento no assento vago do sofá.

— Que história foi essa de ir atrás da Emma, huh? – Chris indaga. Seu tom é suave.

— Seu diretor ligou, não é? — olha para mim, que assinto — Eu imaginei que tivesse.

— Ele ficou preocupado também.

— Eu estava com raiva de tudo o que ela fez com você, Eli, e não consegui deixar barato. Eu tinha que falar tudo o que estava entalado na garganta. Queria pedir desculpas por mentir. Porém, serei sincera, não me arrependo nenhum pouco.

— Entendemos o seu lado, baby, apenas ficamos com medo de que ela pudesse lhe machucar. Eu fui pego desprevenido, mas, ainda assim, não sabemos do que seria capaz.

— A doida tentou me acertar um tapa depois que eu lhe dei um.

— Você bateu nela? – Chris se espanta.

— Se vocês soubessem as coisas horríveis que ela disse. – suspira – Não era a minha intenção partir para a agressão, mas aquela mulher me tirou do sério!

— Agora está tudo bem. Já passou.

— Espero mesmo que sim. Eu disse que abriria um processo contra ela caso entrasse em nosso caminho outra vez ou pensasse em chegar perto de algum de vocês.

Sou incapaz de segurar a risada. Vislumbro-a. Meu peito transbordando de amor.

— Às vezes, você é muito assustadora. – comento, tendo uma risadinha dela
– Obrigado.

— E eu também agradeço. Porque admito que me contive para não dizer umas verdades na cara da Emma. – Chris se pronuncia – A real? Eu queria ter filmado o tapa.

— Christopher! – repreendo-o, mas logo estou rindo – Ok, eu também queria ter visto.

— Não sejam maus. Eu posso ter esbofeteado ela, mas violência não leva a nada.

— Você tem razão, baby. – beijo a ponta de seu nariz – Toda a razão.

Mas eu ainda queria ter visto, não posso negar.

E pela expressão de nosso namorado, não sou o único.

— Meu estômago ainda está um pouco irritado. Preciso descansar antes de receber o pessoal. Tudo bem se eu cochilar por meia hora? Depois venho ajudar vocês.

— Claro que sim, querida. – Chris responde, acariciando seus cabelos coloridos – Vá descansar, está bem? Nós cuidamos de tudo, não se preocupe.

— Muito obrigada, meus amores.

Yanna beija a mim e depois a Christopher. Levanta e vai caminhando lentamente para o quarto. Uma vez que estamos sozinhos, nós nos entreolhamos. Claro que estamos preocupados, mas, como não percebemos nenhum sintoma mais grave além de uma indisposição, vamos apenas deixar

que repouse para que se sinta melhor.

Passamos o restante da tarde trabalhando para recepcionar o pessoal. É a primeira vez em tempos que todos se juntam aqui em casa e queremos que seja algo legal. Até porque, também é a primeira vez que nossos amigos conhecerão a Yanna como nossa namorada.

Chris cozinha enquanto eu organizo o que posso com o tornozelo imobilizado. Mesmo sendo um tanto difícil, não quero sobrecarregar meu namorado e menos ainda acordar a Yan. Aos poucos, vou fazendo o que preciso. Como dizem por aí: *“devagar se vai ao longe”*. Ou qualquer coisa desse tipo e que não faz muito sentido.

Perto das sete horas, terminamos de arrumar o apartamento. Tudo está pronto. Nossos amigos chegarão lá pelas nove, o que dará tempo o suficiente de nos aprontarmos.

Entramos cautelosamente no quarto. Yanna ainda está adormecida, sua respiração ressoa baixinho. O estresse deve ter sido realmente grande para que ela tenha dormido por tantas horas. Mesmo com dó de acordá-la, Chris se aproxima da cama e senta ao lado dela, lhe afagando os cabelos em seguida e chamando-a com suavidade:

— Sweetie, querida, hora de acordar.

Ela solta um resmungo adorável e vira debaixo dos lençóis. Lentamente, seus olhos vão se abrindo e logo suas esferas verdes-jade estão revezando do moreno para mim. Yanna despreguiça e se esparrama outra vez preguiçosamente. Nós dois sorrimos.

— Que horas são? – ela pergunta.

— Sete e meia.

Um suspiro derrotado desprende de seus lábios.

— Eu devo estar ficando resfriada. É a única explicação para tanto cansaço e mal-estar.

— Mas você não teve febre ou qualquer outro sintoma mais sério, baby. Como eu disse, possivelmente é somente o estresse do trabalho e agora do encontro que você teve com a Emma.

Ela dá de ombros, coçando o pescoço.

— Façamos assim: se você continuar se sentindo mal, nós iremos ao médico. Certo? – Christopher sugere – Por enquanto, vamos cuidando aqui em casa mesmo.

— Tudo bem.

Entrando em acordo, vamos nos arrumar.

Logo mais o pessoal estará aqui.

Yanna, em um vestido solto de verão, está deslumbrante. Seus cabelos estão presos num coque... Ähn.... Bagunçado? Não sei se é assim que chamam, mas está linda. Christopher é outro que está bonito pra caralho. Num geral, ele prefere usar roupas folgadas e confortáveis, só que hoje resolveu mudar ao vestir uma camisa estampada com alguns botões apertos e seu inseparável jeans rasgado.

Uma delícia. Os dois estão.

E quanto a mim, bem, não fugi muito do que costumo ao eleger uma camiseta

de mangas compridas e uma bermuda, o que venho usando bastante graças ao tornozelo. Sorte que o clima é quente nessa época do ano ou eu estaria ferrado.

Yan, mais disposta e animada, corre para atender a porta assim que a campainha soa. Gosto de vê-la desse jeito, exalando sua alegria tão natural. Só a ideia de ela ou Chris doentes me apavora. Sério, eu não suporto nem imaginar uma coisa dessas.

De repente, nossa namorada aparece acompanhada de uma garota com os cabelos curtos e beirando o dourado, que julgo ser Melissa, a tal ex-prestendente do Chris e que se tornou sua amiga. Os dois se cumprimentam e trocam sorrisos.

Percebo que ela está um tanto constrangida, provavelmente por toda aquela história, e admito que é um pouco esquisito tê-la em casa depois de tudo o que aconteceu. Se bem que a culpa não foi dela, então é ilógico sentir ciúmes.

— Olá! É um prazer finalmente conhecê-los. — Melissa diz, curvando-se — Espero que não seja um incômodo chegar mais cedo.

— Claro que não. E o prazer é nosso. — Yanna abre um sorriso amigável ao cumprimentar.

Eu faço o mesmo, apertando-lhe a mão.

— O Christopher fala muito de vocês. — ela comenta — Mas, sinceramente, eu não imaginei que fossem ainda mais bonitos pessoalmente. Certeza de que não são modelos?

Damos risada e negamos. Eu até poderia pensar que está dizendo isso apenas

para adular, mas sinto que está sendo sincera. Melissa parece ser mesmo uma figura, como Christopher mencionou algumas vezes.

— Venha, eu vou lhe servir uma bebida. – Yan propõe, solícita – Está com fome?

As duas se afastam e o moreno passa o braço em torno dos meus ombros.

— Não precisa ficar com ciúmes. – sussurra ao pé do ouvido, fazendo-me arrepiar.

— E quem disse que eu estou com ciúmes?

— Você não engana ninguém, cabecinha loira.

— Não é ciúmes. É só.... Esquisito. Quero dizer, se o seu pai tivesse conseguido te convencer, você estaria namorando com ela agora.

— Pois é. – suspira – Mas a última coisa que o meu pai conseguiria fazer seria me convencer de largar vocês dois. Então, não se preocupe. A Melissa é apenas uma amiga e eu não tenho, e nem vou ter, qualquer interesse nela além da amizade.

— Eu sei que sim. E pelo jeito, já fez amizade com a nossa namorada também.

Observamos as duas rindo perto da mesa.

— É da Yanna que estamos falando. – Chris zomba e beija a minha têmpora – Vamos lá socializar, ciumentinho.

— Eu não estou com ciúmes!

Talvez eu esteja um pouco sim.

Yoan é o segundo a chegar. Sendo insuportavelmente pontual, não é de admirar que esteja aqui exatamente no horário que combinamos; Daniel aparece logo em seguida, e então Lucia e Martín. Vince dá as caras quase uma hora depois, trazendo duas garrafas de vinho e uma torta doce que faz os olhos de Yanna quase saltarem.

Ela ama doces, especialmente os seus cereais de chocolate.

A música soa animadamente e mistura-se com o som de nossas risadas e conversas. A comida que Chris preparou está saborosa. A atmosfera não poderia ser melhor.

Em dado momento, depois de rodar entre o pessoal, desabo no sofá para respirar uns segundos. Ficar perambulando com as muletas é cansativo pra caramba. Sirvo um copo com o suco que botei sobre a mesinha, perdido entre as garrafas de cerveja, e dou um gole ao recostar na almofada. Somente observo os amigos papeando e faço um gesto de que está tudo bem quando Chris olha para mim.

Ele sorri e volta a conversar.

— O que um homem tão lindo faz sozinho aqui?

Sorrio no que ouço a voz de Yanna e estendo a mão para que sente comigo.

— Apenas olhando o movimento. E o que uma mulher tão linda faz aqui?

— Estou querendo flertar um pouco.

— Ótimo. Porque eu também quero.

Ela sorri e não perco tempo em beijá-la. Adoro seus lábios.

Passo o braço por cima de seus ombros e a aconchego em meu peito de uma maneira que ainda possamos falar olhando um para o outro.

Amo seus olhos verdes.

— Está cansado de andar com as muletas? – questiona.

— Mais ou menos. Peguei o jeito, mas depois de algum tempo fica desconfortável.

Yan consente e mudamos o assunto. Daniel subitamente aparece com um copo do que acredito ser *Negroni*, uma combinação de Campari com gim, e oferece.

— Já disse que não vou beber hoje. – Yan diz – Meu estômago anda meio irritado.

— Posso dividir meu delicioso suco com você, baby. – ofereço a ela, que sorri.

Devido aos remédios que estou tomando e a recuperação, não posso ingerir bebidas alcoólicas até retirar o gesso. O que me força a beber apenas sucos e refrigerante.

Daniel, com seu bom-humor (e talvez alegre pela bebida), senta na poltrona de frente para o sofá. Ele dá um tapinha no joelho da melhor amiga e caçoa:

— Parou de fumar, só vive dormindo e não bebe mais... A idade chegou?

— Cale a boca! – ela retruca – Você fala como se fosse bem novinho.

— Sou um bebê, querida. Estou na flor da juventude.

Reviro os olhos e dou risada. Típico do Daniel.

Por longos minutos, sou testemunha das alfinetadas de ambos e só o que faço é rir. São praticamente dois adolescentes trocando ofensas ridículas e sem sentido.

Não é à toa que são amigos.

Yoan se junta ao nosso grupo e trocamos as alfinetadas pelo mercado editorial e o cenário atual da fotografia. E é claro, a dança. Uma conversa mais culta, impossível.

— É bom conhecê-la pessoalmente, Yanna. — Yoan diz — Quem diria que a mulher de cabelos rosados que levou Christopher a loucura em Veneza se tornaria namorada dele e do namorado. Vocês formam mesmo um trisal bacana.

— Isso é verdade. — ela ri — Acredite ou não, o mundo é muito pequeno.

— Vou pegar mais bebida. Alguém quer? — Daniel anuncia, levantando.

— Me traz mais uma cerveja, por favor.

— Beleza. E vocês, querem alguma coisa?

— Estamos bem. — respondo — Obrigado Dani.

Ele consente e se afasta. Retomamos a conversa.

— A propósito, Christopher comentou que você é viúva. — Yoan solta de repente.

— Ah! B-bem, sim. — ela gagueja, um pouco surpresa — É verdade.

Encaro Yoan. Ele fala muito na cara. O que precisa ser dito ou perguntado, ele o fará sem hesitar. Yoan Collins é esse tipo de pessoa. Alguém de

personalidade forte.

— Seu falecido marido também era fotógrafo, certo?!

Ele tenta soar cuidadoso, ainda que seu jeito direto não permita.

— Sim, e tinha olhos azuis como os do Elliot.

Ainda que Yoan não tenha pedido, embora implícita a sua real intenção ao puxar o assunto, Yan fala sobre o ex-marido e o que aconteceu há cinco anos atrás. Fico admirado com a forma calma que está lidando com o tema.

Ela é uma mulher corajosa.

— Então, o caixão dele veio lacrado?

— Sim. Como foi um ataque a bomba, bem.... Você já deve imaginar o motivo.

Ele pressiona os lábios, meneando a cabeça. Nem eu quero imaginar.

Yanna prossegue:

— Estavam todos documentados no momento do ataque, pelo o que contaram. Alguns dos pertences não foram danificados, por isso foram capazes de identifica-los na hora. Foi o que aconteceu com o Bryan e mais dois da equipe de reportagem, além dos soldados.

— Isso quer dizer que não houve qualquer identificação depois que eles foram trazidos?

— Não. Por que?

Yoan hesita um minuto antes de responder, como se algo lhe tivesse passado.

— Só curiosidade. É que eu pensei que o governo seguia esse tipo de protocolo, sabe?

— Nesse caso, não viram necessidade.

— Entendo.

Um silêncio desconfortável se instaura de repente, isso até ele murmurar:

— Sinto muito. Eu não deveria...

— Está tudo bem. Isso foi há muito tempo.

— Mas deve doer ainda.

— Honestamente, não mais. Eu passei os últimos cinco anos lamentando e me culpando pela morte dele, sendo que o que realmente precisava fazer era deixa-lo descansar. Demorou, só que eu finalmente consegui e estou seguindo adiante. Além disso, eu tenho o Elliot e o Christopher. Bryan é uma linda lembrança agora e nada além disso.

Com um menear de cabeça, Yoan dá o assunto por encerrado.

A reunião se estende pela madrugada e, salvo Yanna e eu, o restante do pessoal já está bêbado. Incluindo Christopher. Ainda assim, a falação corre solta e parece não ter hora para acabar. Depois de quase duas horas sentado, volto a circular e trocar ideias com todos, especialmente com meus colegas de trabalho. Vince, obviamente, arranca risadas e descobri que está de olho em Melissa desde que chegou aqui. Não quero nem pensar no que isso vai dar.

Dou mais uma circulada e, parado próximo a janela, encontro Yoan bebendo sozinho e perdido em pensamentos. Me aproximo e pergunto:

— E aí, cara. Entediado?

Ele toma um pequeno susto ao perceber que estou ao seu lado, o que demonstra o quão distante estava. Vejo-o dar outro gole na bebida e encostar na parede.

— Não. Eu só estava.... Refletindo.

— E posso saber sobre o que?

Um minuto de silêncio se vai antes de ele responder:

— Sobre o passado da namorada de vocês.

— É uma história realmente triste.

Yoan consente. Seu olhar permanece fixo no céu escuro através da janela, isso até recair sobre mim. Ele vira uma boa dose do copo que segura. Parece apreensivo.

— Elliot.

— O que foi?

— E se por acaso...

— O que?

Ficamos frente a frente, encarando-nos. Ele respira fundo.

— E se por acaso...

— Qual é, Yoan? Fala logo!

— Não é nada. – balança a cabeça e abre um curto sorriso – Acho que estou

começando a ficar embriagado. Sabe como eu sou quando o álcool fala mais alto.

Mesmo intrigado, não discordo. Talvez ele esteja de fato começando a ficar bêbado ou não estaria agindo tão estranhamente. Sim, deve ser a bebida.

O pessoal começa a ir embora lá pelas seis da manhã. Como Christopher apagou por volta das quatro, Yanna e eu tratamos de chamar os táxis que vão levá-los para suas respectivas casas. O último que deixamos no hall do prédio é Daniel.

— Ah, esqueci de dizer. Minha secretária deixou o protótipo do novo livro no seu apartamento. Eu deveria ter mandado entregar aqui, mas estava tão ocupado que esqueci. — bufa — Vá buscá-lo o mais rápido possível, pois, temos reunião na segunda-feira.

— Pode deixar, patrão. – ela responde, divertida – Vá em segurança.

— Obrigado pela noite. Foi muito divertida.

Nós nos despedimos e esperamos até que o táxi dobre a esquina para subir.

Depois das três da tarde, com Christopher recuperado da bebedeira e todos devidamente descansados, vamos ao apartamento dela para buscar o pacote deixado pela secretária de Daniel. Como faz algum tempo que Yanna está morando com a gente, há vezes em que esqueço que ela tem o próprio apartamento (ainda que o tenha usado como desculpa há menos de um dia atrás). Sei que ela precisa de espaço para escrever e tudo mais, mas nós podemos muito bem transformar um dos quartos num escritório. Afinal, sinceramente, acho que já passou da hora de oficializarmos nossa relação.

Cumprimentamos o zelador e subimos. Ao entrarmos, a primeira coisa que

nosso namorado faz é coçar o nariz por causa da poeira. Sua alergia é o indicador de que o apartamento não vê uma limpeza há um bom tempo. Yanna põe as mãos na cintura e suspira.

— Eu deveria ter pedido para a empregada dar uma passada aqui. — comenta.

— Vou abrir as janelas para arejar um pouco. — Chris se pronuncia — Talvez ajude.

— Obrigada querido. — ela olha em volta — Tudo bem se esticarmos a tarde? Preciso dar uma organizada nesse apartamento ou da próxima vez não seremos capazes de entrar.

— Sem problemas. — digo — Podemos pedir comida. O que acham?

Ambos concordam.

— Ótimo!

— Enquanto isso, vou ao escritório procurar o pacote que a secretária do Dani deixou.

— Querem alguma coisa em especial?

Assim que decidimos o que comer, cada qual vai para um canto do apartamento. Sento no sofá de couro amarelo e abro o aplicativo de delivery do celular para fazer os pedidos. Não muito longe, no escritório, escuto o celular de Yanna tocar e ela atender. Não presto muita atenção no que diz, apenas em algumas risadas e também nos passos de Christopher pelo restante do apartamento, enquanto vou selecionando os pratos no aplicativo.

— Aqui está. — Yan aparece minutos depois e põe uma caixa sobre a mesa. Senta ao meu lado — Quanto tempo vai demorar a comida? Estou morrendo

de fome.

— Não muito. Pedi em um lugar aqui perto.

— Maravilha!

— Esse é o protótipo? Posso ver?

— Claro amor.

Pego o livro e dou uma olhada.

— A edição está bem trabalhada. – comenta.

— Não é? Eu gostei muito também. Espero que o Dani siga esse modelo.

— A propósito, era com ele que você estava falando no telefone?

— Ah, não. Era o Natham. Ele queria saber se eu estava em casa. – faz uma pausa para conferir alguns papéis e continua - Disse que sim, mas apenas para pegar um pacote e limpar um pouco. Provavelmente queria falar algo relacionado ao livro, já que teremos uma reunião na editora segunda-feira. Depois eu retorno para conversarmos melhor.

Assinto. E ela ainda chama o amigo de *workaholic*, sendo que é igualzinha.

— Onde está o Chris? – indago.

— Ora. Eu não sei. Ele não foi abrir as janelas?

— Aparentemente sim.

— Quer apostar quanto que ele está distraído com alguma coisa?

— Eu não duvido.

— Bom, não resta outra opção à não ser procurá-lo.

Ela levanta e no mesmo instante a campainha toca. Olhamos em direção a porta.

Nossa, que rapidez de entrega.

— Deve ser o entregador. Querido, você poderia abrir? Vou chamar o Chris.

— Claro.

Encaixando as muletas debaixo dos braços, vou até a porta para pegar os pedidos.

Abro-a sem dar muita importância e subitamente sinto todo o sangue do corpo congelar. Empalideço e minha respiração se agita. Arregalo os olhos assustado, quase como se estivesse vendo um fantasma. O que, na verdade, era o que ele deveria ser. No entanto, parado bem a minha frente e ao lado de seu irmão, eu já não tenho tanta certeza.

— Bryan? – balbucio.

— Você me conhece?

Nós nos encaramos. Meu coração bate muito, muito rápido.

Isso não pode estar acontecendo. É impossível.

Ele deveria estar morto, não é? Morto há cinco anos, porra!

Meu Deus, Bryan está vivo. Ele está.... Realmente está...

Eu não quero que ela o veja.

Não posso deixar que Yanna descubra que seu ex-marido está vivo, mesmo

ele estando de pé em frente à porta do apartamento dela. Esse homem representa apenas um passado doloroso, Christopher e eu somos o presente e o futuro.

Por isso, ela não pode saber.

Não! Não!

— Eli?

Fecho os olhos com força. Tarde demais.

Ouçó seus passos. Minha mão treme para fechar de uma vez a maldita porta. Só que não consigo. Mesmo desejando que esse inevitável reencontro aconteça, sei que não tenho o direito de privar Yanna disso. Eu seria muito cruel se o fizesse.

— Elliot, querido, é o entregador? Precisa de ajuda?

Devagar, viro a cabeça para trás. Engulo em seco. Ao perceber quem está na porta, o rosto dela perde a cor em um segundo. Seus lindos olhos verdes agora estão fixos em Bryan, a quem pensava estar morto. Os fantasmas do passado ressurgindo diante deles.

Christopher, também surpreso, encara ambos.

— Bry...? – ela balbucia, sem fôlego.

Ninguém fala. Ninguém se mexe.

E Yanna desmaia.

Capítulo 09

NATHAM

Trabalho.

Minha vida se resumiu a essa palavra desde o que aconteceu há cinco anos atrás. Na verdade, antes disso. Acho que desde o dia em que admiti estar apaixonado por ela.

A esposa do meu irmão.

Estudávamos na mesma universidade. Vi a Yanna pela primeira vez em um seminário e não consegui parar de encarar seus espalhafatosos cabelos coloridos, que estavam em um tom quase gritante de laranja na época. No entanto, o que realmente chamou a minha atenção foram os seus olhos. Tão verdes quanto duas pedras preciosas. Ela sorriu para mim e eu fiquei com medo do poder daqueles olhos.

Sempre fui um cara muito prudente e introspectivo, mas, naquele momento, eu soube que seria capaz de qualquer coisa por aqueles olhos, se caísse em seus encantos.

Depois do seminário, foram poucas as vezes em que nos esbarramos pela universidade, mas eu continuava pensando nela. Em seus irritantes olhos verdes e no sorriso fácil. Logo eu, o cara mais ajuizado da família, estava perdendo o juízo por uma mulher e sequer tínhamos trocados mais do que

meia dúzia de palavras naquele dia.

Eu havia entrado na faculdade para estudar, não tinha qualquer plano de ficar com alguém, ainda que transas casuais acontecessem vez ou outra com alguma garota do campus. Então estar com ela na cabeça vinte e quatro horas por dia estava indo contra tudo o que eu planejei ao entrar no curso de direito. Minha prioridade não era aquela.

Ocupei os meus pensamentos com os livros e trabalhos do curso. Me foquei ainda mais nas aulas. Tudo para afastar aquele sentimento estranho que teimava em me incomodar.

Assim passaram-se meses.

No entanto, a situação desandou mesmo quando, em uma tarde, meu irmão apareceu e apresentou sua namorada para mim. Foi o dia em que descobri o seu nome. Era Yanna. A mesma mulher que ainda habitava os meus pensamentos, independentemente do que eu fizesse para afugentá-la.

Eu sorri. Foi o que fiz.

Sorri e a cumprimentei, apresentando-me como o irmão mais novo de seu namorado e seu mais novo cunhado. Nós fomos a uma cafeteria depois e conversamos até anoitecer. Ao observá-los juntos, não precisei de muito para entender que deveria dar um jeito naquele desconforto em meu peito. Eu teria que fazer mais para afastá-la ao máximo.

Bryan e eu, desde pequenos, éramos inseparáveis. Sendo dois anos mais velho, ele me protegeu e também ensinou muitas coisas. Era o meu herói. Eu queria ser como ele.

Então, eu tinha que tirar Yanna da cabeça. O problema foi que eu não

consegui. Ela passou a frequentar nossa casa e viramos amigos, além da relação que tínhamos por causa do meu irmão. Nós três vivíamos juntos. E os sentimentos ainda estavam lá, em alguma parte distante o bastante para que eu não fosse capaz de arrancar. Mesmo vendo o namoro deles evoluir a cada dia mais até chegar ao ponto de se tornar um noivado.

Foram três anos tentando arduamente ignorar o óbvio.

Quando Bryan contou que eles iriam se casar foi que a minha ficha caiu. Eu amava aquela mulher. Amava a mulher do meu irmão. E não havia qualquer chance de dizer que não.

Ainda assim, eu o abracei e desejei felicidades. Disse que se ele estava certo de que Yanna era a mulher com quem gostaria de passar o resto de sua vida, deveria fazê-lo. Na mesma semana, aluguei um apartamento e sai de casa. Enquanto eu não nomeava o que sentia, era fácil levar as coisas, mas se tornou insuportável ao admitir a mim mesmo.

Eles se casaram dois meses depois que Yanna se formou na faculdade. Eu também estava formado. A cerimônia foi organizada por nossos pais e os dela. Acompanhei meu irmão até que estivesse no altar e fui testemunha de seu nervosismo. De sua ansiedade e de seu amor incondicional pela mulher que eu também amava em segredo. De tudo.

Eu não tinha qualquer direito de estragar a felicidade deles sendo egoísta.

Permaneci ao lado de nossos pais no banco da frente, assistindo meu irmão, o cara que sempre amei, e Yanna trocarem alianças. Até hoje não sei explicar o que senti com aquela cena. Talvez eu estivesse entorpecido demais para sentir alguma coisa ou apenas segurando os meus pedaços para não desabar. Por fora eu sorria, por dentro nem tanto.

Me senti culpado por não estar feliz com a felicidade de Bryan.

E ao entrar em meu apartamento tarde da noite, depois da festa, foi que me permiti chorar. Afoguei a dor em uma bebida qualquer e deixei que as lágrimas saíssem. Não havia nada que eu pudesse fazer além de remoer o arrependimento de ser um covarde.

De nunca ter dado uma chance para esse sentimento.

Comecei a trabalhar em um escritório de advocacia logo que mudamos para Portland e aluguei um pequeno apartamento. Conhecemos Daniel pessoalmente e viramos um quarteto. Estar longe de casa e seguindo a minha vida ajudava a amenizar as coisas. As duas pessoas que eu amava estavam felizes e era o que importava. Tínhamos nossos encontros e nos divertíamos os quatro juntos.

Nada mudou.

Até aquele fatídico dia.

Eu também não estava de acordo com Bryan viajar para a Síria, mesmo ele afirmando que estariam escoltados pelo exército e que não iriam para uma zona de confronto. Em 2014, o país inteiro era uma zona de confronto, haviam acabado de entrar em guerra civil. Como eu poderia ficar tranquilo? Mas Bryan era teimoso demais para o próprio bem dele.

Yanna foi quem mais se posicionou contra. A pedido do meu irmão, eu tentei acalmá-la, mas não adiantou. Até hoje, eu penso que ela sentia que algo não daria certo.

Mesmo sobre protestos, Bryan viajou com a equipe de reportagem. Três dias depois, chegou a notícia que abalaria e mudaria para sempre as nossas vidas.

Eles foram atacados.

Meu irmão estava morto.

Meu herói, o cara em quem eu me espelhava e amava tinha sido morto em um atentado a bomba. Eu o levei até o aeroporto, rindo e falando bobagens, e o recebi em um caixão.

Uma parte de mim se foi com a morte de Bryan.

Eu só lembro de sentar e deixar o celular escorregar da mão. É tudo o que eu lembro. Acho que entrei em modo automático no instante em que a situação se tornou um caos.

Minha família ruiu. Yanna se entregou a tristeza.

Ainda que houvesse um buraco enorme dentro do meu peito, percebi que era o meu dever protegê-los a partir daquele momento. Era isso o que o meu irmão faria. E foi o que eu fiz. Reprimi a mim mesmo para salvá-los. Era minha responsabilidade.

Além disso, com a morte de Bryan, eu resolvi matar também toda e qualquer esperança de estar com Yanna. Eu não fui completamente honesto com o meu irmão e não seria justo me aproveitar de sua morte para despejar os meus sentimentos sobre Yanna, ainda que, no fundo, ela já soubesse da existência deles. Mutuamente decidimos ignorá-los e seguir com a nossa amizade. E, sinceramente, sou grato por ela nunca ter saído do meu lado.

Não pude curar o seu coração, porém, prometi a mim mesmo que continuaria fazendo qualquer coisa para sempre vê-la feliz, não importasse o que fosse.

Cinco anos se passaram desde então. Deixei o escritório de advocacia para ingressar em um cargo no tribunal e mergulhei de cabeça no trabalho. Para

encobrir meus sentimentos por Yanna, para encobrir a saudade do meu irmão, para ser capaz de seguir em frente. Essa foi a maneira que eu encontrei de lidar com os problemas e tem funcionado bem.

Não dar espaço para os pensamentos é o que me mantém de pé. Pois, infelizmente, eu não posso viver no passado ou iludido. Sei que não é saudável estar atolado em trabalho o tempo inteiro, mas, bem.... Acho que acabei me acostumando a viver sempre assim.

É mais fácil do que encarar a realidade, às vezes.

Oh, merda! Eu falei tanto da Yanna, mas Daniel está certo ao dizer que sou igualzinho a ela. Nós apenas escolhemos maneiras diferentes de fugir da perda.

Hoje é mais um dia como qualquer outro em minha vida. Estou enfurnado no tribunal e com uma pilha de papéis para ler e organizar. Foram três casos no último mês. Ganhei todos. Uma boa quantia em dinheiro caiu na minha conta e, como faço há três anos, doei uma parte para a International Rescue Committee, organização que ajuda milhares de pessoas na Síria a enfrentar as dificuldades para sobreviver à artilharia e aos ataques aéreos mortais. Eles dão suporte a cinco clínicas que oferecem serviços básicos de saúde na região, além de outra que atende paciente com traumas, sendo a maioria crianças.

Dei outra parte aos meus pais e o que restou está mofando no banco. Não sou de sair muito, com exceção dos encontros que tenho com Daniel e Yanna, e as visitas que faço aos meus pais. Ah, e as poucas vezes em que me dou ao luxo de sair com alguma mulher. O meu coração pode ter dona, mas o meu corpo não. Sou um homem de quase 29 anos, não vou passar meus dias na base da punheta só porque não posso ficar com a pessoa que gosto. Não sou

“fiel” a esse ponto.

Apesar de tudo, eu estou vivo ainda.

Na companhia de um copo com café, vou de uma pasta para a outra. Sem muito o que fazer além de arquivar os casos ganhos, minha ideia é sair mais cedo para beber alguma coisa ou simplesmente ficar de bobeira em casa. Não estou conseguindo dormir muito bem nos últimos dias e acho que cheguei em um daqueles momentos do ano em que a fadiga me acerta em cheio, indicando que eu só tento agir como um super-humano, mas estou verdadeiramente longe de ser um.

Bem longe mesmo.

Fazendo algumas anotações, ouço o telefone da sala tocar. No automático, tiro o fone do gancho e levo a orelha. É a minha secretária.

“Advogado Stewart?”.

— Sim. Pode falar.

“Há um homem querendo vê-lo”.

— Ué? Eu não tenho ninguém marcado para esse horário. — olho na agenda aberta ao meu lado para conferir — É, realmente não tenho nada. Qual é o nome dele?

A linha fica muda um instante, até minha secretária retornar e dizer:

“O nome dele é Bryan”.

Suspiro. Odeio pegar clientes com o nome do meu irmão. Traz à tona lembranças das quais eu quero apenas me livrar. Só que não há nada que eu

seja capaz de fazer, certo? É um nome relativamente comum e eu não posso selecionar quem vou atender ou não com base nisso. Seria muito antiético da minha parte.

Lá se vai a minha tarde tranquila.

— Tudo bem. Pode deixar que suba. Estou desocupado, então irei atender.

“Está bem. Vou mandá-lo até a sua sala”.

— Obrigado.

Coloco o telefone de volta no gancho e começo a arrumar as pastas sobre a mesa, para que não fique com um aspecto muito bagunçado; visto o blazer azul-marinho até então largado no encosto da cadeira e aguardo meu possível novo cliente entrar enquanto termino de verificar o último documento do caso em que estava trabalhando a pouco. Ouço batidas na porta minutos depois e peço para que entre.

— Sente-se, por favor. – indico a cadeira diante de mim, sem desviar os olhos do papel que seguro – Me dê somente um instante e eu já irei o atender, tudo bem?

Continuo lendo atentamente e fazendo algumas anotações, mas, ao notar que o cara não se aproxima e nem fala, ergo a cabeça para saber o que está acontecendo e é como se todo o ar fugisse dos meus pulmões num segundo.

Entro em estado de choque.

— Oi, Nam. – ele murmura.

Com os olhos arregalados, levanto da cadeira devagar, temendo minha mente.

Não pode ser. Não, não.

Eu.... Eu estou vendo coisas, não é mesmo? Deve ser o cansaço, certo?

Fecho e abro os olhos, querendo que a alucinação se vá, mas ela continua ali.

Esse cara não é o meu irmão!

Atordado, levo as mãos aos cabelos e sacudo a cabeça de um lado para o outro. Dou alguns passos para trás e esbarro com a estante em minhas costas. Vejo-o se aproximar cautelosamente, como se não quisesse me assustar, mas eu não quero que chegue perto. Eu não vou aguentar se o fizer. Por todos esses anos, eu guardei a tristeza por sua morte o mais fundo que consegui dentro do meu coração para ser capaz de seguir adiante.

Guardei todo o meu sofrimento para amparar os meus pais e Yanna.

— Irmãozinho, sou eu.

— Não.

— Natham.

— Não. Você não é...

Ele se aproxima mais e mais. Meu coração está disparado e temo sofrer um ataque se não conseguir me acalmar nem que seja um pouco. Ergo a mão trêmula para o impedir de chegar perto, porém, no instante em que seus dedos tocam os meus e posso sentir a quentura de sua pele, a realidade de seu toque, as lágrimas começam a desabar.

Perco todas as forças quando ele me abraça e aperta seus braços ao meu redor. O choro se rompe em um soluço doloroso e eu o agarro não querendo

soltá-lo de jeito nenhum, com medo de que seja tudo um sonho. Mais um de tantos outros sonhos.

Sem dar a mínima para quem esteja passando e ouvindo, choro ruidosamente agarrado ao meu irmão, despejando toda a dor que escondi ao perdê-lo cinco anos atrás.

Ele está vivo. Meu irmão está vivo!

Ficamos abraçados por vários minutos. As batidas de seu coração contra o meu peito e as lágrimas que molham o meu ombro são provas mais do que suficientes de que não estou delirando. Bryan realmente está aqui. Puta merda, isso é muito surreal! Eu o vi ser cremado e agora ele está bem a minha frente.

Sério, muito surreal.

Um pouco mais calmo, me afasto e o observo um momento. Ele parece o mesmo, ainda que eu saiba que não é e jamais será aquele Bryan. Seus olhos demonstram isso.

Ainda espantado com o que posso considerar um milagre, indico a cadeira diante da mesa e ele senta. Faço o mesmo. Nós nos entreolhamos longa e profundamente. Tenho vontade de chorar outra vez, mas contenho. Um misto de alívio e felicidade preenchem o meu peito. Tenho tantas e tantas perguntas, só que não tenho ideia de como começar.

— A mamãe e o papai sabem que você está...?

— Não. Por enquanto, você é o único. Preferi vir procura-lo primeiro justamente porque, se você já reagiu assim, não quero nem imaginar o que vai acontecer quando eles descobrirem. Nossos pais estão velhos

e temo que passem mal ou algo do tipo.

— Você tem razão. Nós precisamos prepará-los. Se bem que eu quase tive um ataque.

— Me desculpe. Eu não pensei direito em como abordar você. Considerando tudo o que aconteceu, mas não sabia como fazer esse reencontro ser menos chocante.

— Eu ainda não acredito que está aqui, diante de mim, depois de cinco anos. – comento.

— Eu também. – suspira – Foi muito tempo.

— Onde você esteve durante todos esses anos? Por que não entrou em contato conosco?

Disparo uma torrente de perguntas, fazendo uma atropelar a outra.

— Calma. Eu vou contar tudo o que você quer saber, mas não agora. Ainda é o seu horário de trabalho e, acredite, temos uma longa história pela frente. Eu vim no impulso somente para saber se era realmente você. Precisamos de mais tempo para conversar.

— Não seja por isso. – pego o telefone e disco para a minha secretária. Ela atende no primeiro toque – Por favor, eu quero que você desmarque todos os meus compromissos nos próximos três dias. Aconteceu um problema de família e eu não posso atender ninguém. Obrigado.

Assim que desligo, pego a minha bolsa.

— Não vai lhe causar problemas? – Bryan pergunta.

— Não se preocupe. A propósito, onde você está morando?

— Estou hospedado em um hotel próximo.

— Tudo bem. Vamos passar lá para que pegue suas coisas e faça o check-out. Você vai ficar no meu apartamento a partir de hoje. Tenho um quarto vago.

O quarto em que Yanna costuma ficar quando me visita. Porém, é melhor omitir essa informação por enquanto.

— Você quem manda, irmãozinho.

Sáímos do escritório e percebo os olhares estranho que são lançados para mim, especialmente o da minha secretária. Provavelmente ouviram meu choro incontrolável de minutos atrás. Sigo o até o elevador junto com Bryan e respiro fundo no instante em que as portas se fecham.

Com certeza, isso vai gerar um boato.

Descemos para o estacionamento e meu irmão assobia ao ver o carro que destravo. Um Audi RS7 azul, que comprei há pouco mais de um ano. Ainda brilha de tão novo.

O hotel em que meu irmão está hospedado fica a poucas quadras do tribunal. Subo para ajudar com a mala e não demoramos mais do que alguns minutos para descer, e então ele realizar o check-out; na ida para o meu apartamento, paramos em um supermercado para eu reabastecer o estoque de cerveja e comprar outras coisas. Agora que Bryan ficará em casa, tenho que manter a geladeira cheia, já que eu praticamente só como fora.

Uma vez em meu apartamento, Bryan dá uma olhada ao redor enquanto coloco as sacolas sobre o balcão da cozinha. Quando adquiri esse lugar, sempre ficava pensando que meu irmão jamais seria capaz de observar essa

paisagem comigo. Mas aqui está ele, olhando pela mesma janela que eu. O quão absurdo isso pode ser? Honestamente, eu ainda temo ser apenas uma brincadeira da minha mente cansada.

Se for, é daqui para um hospital psiquiátrico.

— Quer comer alguma coisa? – ofereço a ele – Não tenho nada pronto, mas posso pedir.

— Por enquanto não. Podemos nos virar com os salgadinhos.

— Beleza. Eu vou trocar de roupa, pode ficar à vontade. A casa também é sua agora.

— Valeu, irmãozinho.

Apressado, entro no quarto e nem dou ao trabalho de pendurar o terno. Visto um conjunto de moletom e vou ao banheiro jogar um pouco de água no rosto só para ter certeza de que estou mesmo acordado. E sim, eu estou. Meu reflexo também é prova.

Meu irmão realmente está vivo. Porra, ele está vivo!

Feliz por não estar delirando, volto para a sala e encontro-o sentado no tapete, com um saco de batatas chips nas mãos. Ele organizou as latas de cerveja e os sacos de salgadinho no chão a sua frente, já que eu não tenho mesinha de centro.

— Eu nem perguntei se você quer tomar um banho ou trocar de roupa. – digo ao me aproximar – Desculpa. Eu ainda estou tentando assimilar tudo isso.

— Eu estou bem, Nam. Agora sente e vamos beber como nos velhos tempos. Acredito que temos muito assunto para coloca em dia, não é mesmo?

Consinto e sento ao seu lado. Bry me entrega uma lata de cerveja e nós brindamos.

— A vida.

— Sim, a vida. – ele sorri e dá o primeiro gole.

Também dou um gole e encaro minhas mãos.

— Eu não sei por onde começar.

— Talvez seja melhor eu começar.

Balanço a cabeça, assentindo, e ele respira fundo.

— Como tudo o que está acontecendo, também não tem uma maneira fácil de eu contar o que aconteceu ao longo desses últimos cinco anos. Não é uma história agradável.

— Tudo bem, eu.... Tudo bem, pode falar.

Bryan engole a cerveja e olha para mim.

— Eu fui feito de refém pelos terroristas.

— O que? – arregalo os olhos – Você o que?

— Eu e mais dois membros da equipe de reportagem. Estávamos na cidade de Aleppo, onde havia acontecido um ataque dias atrás. O exército tinha tomado boa parte da região e cessado os distúrbios, a equipe foi apenas para registrar o resultado. Foi tudo muito rápido. Não sabíamos bem o que eles queriam, apenas tomaram nossos pertences quando nos capturaram. Ouvimos o estrondo da explosão de longe enquanto éramos levados para o esconderijo, já que estávamos encapuzados. Pelo menos, eu estava.

Reflito um instante e digo:

— A equipe de reportagem e os soldados foram pegos em um ataque a bomba. Talvez os terroristas tenham usado os pertences de vocês para camuflar e realizar o ataque.

— Provavelmente foi isso. – dá de ombros.

— Eles os levaram e....?

— Fomos mantidos em cárcere por quase três meses até que soldados das nações europeias com a ajuda das forças da ONU vieram nos resgatar.

— Os terroristas fizeram algo com vocês? – hesito em fazer a pergunta.

A expressão dele se torna sombria. Engulo com dificuldade a cerveja. Algo me diz que não vou gostar nem um pouco do que estou prestes a ouvir.

Bons minutos se vão em silêncio.

Contrariando minhas expectativas, Bryan levanta e tira a camiseta de mangas compridas, revelando as diversas cicatrizes que marcam completamente seus braços e dorso. Cicatrizes grandes e feias, de ferimentos que eu nem quero imaginar como foram feitos. Meus olhos se abrem em descrença.

— Tem mais. – ele fala – Meu corpo inteiro está cheio delas. Só não feriram o meu rosto porquê.... Sinceramente, eu não sei.

— Você foi torturado? – minha voz é um sussurro de tão baixa.

— Eu tive sorte, isso sim. Meus outros colegas, nem tanto. Um deles perdeu a mão.

— E o outro?

— Nem queira saber. – suspira.

A indignação e a raiva se reviram em meu interior. E a compreensão do que aconteceu é como um estalo dentro da minha cabeça.

— Puta merda. Eles torturaram você! – grito.

— Nam, se acalme. – ele pede, vestindo outra vez a camiseta e sentando – Não adianta ficar nervoso com uma coisa que já aconteceu.

Respiro fundo. Ele tem razão. Mas não é como se eu pudesse aceitar fácil que o meu irmão ficou três meses sendo torturado e agora está com o corpo cheio de cicatrizes.

Dando outro gole na cerveja, Bryan se apoia no sofá e encara um ponto a sua frente. Desde que chegamos, notei que ele faz muito isso, se perde em si mesmo. Será que tem algo a ver com o que enfrentou na Síria?

— Ainda dói? – indago.

— O que? As cicatrizes? – assinto e ele nega com a cabeça – Não. Já estão curadas.

— O que aconteceu depois que saiu do cativeiro?

— Fiquei internado por meses. Além dos ferimentos, eu estava desnutrido e desidratado. Perdi vários quilos. — dá outro gole na bebida e olha para a janela, como se recordasse dos tempos ruins — Foi uma longa recuperação.

— Para onde te levaram?

— Primeiro para a Turquia, onde fizeram o atendimento de emergência, e

depois para um hospital perto da Hungria quando estava estabilizado. Passei todo o tratamento lá.

— E por que você não voltou depois de curado ou ao menos avisou que estava vivo?

— Porque o problema não era o meu corpo, Natham, e sim a minha mente.

— Como assim? – franzo as sobrancelhas.

— Sofri de estresse pós-traumático. Na minha cabeça, parecia que aquele tormento nunca acabava. Foi um inferno! Tive que fazer acompanhamento psicológico, me entupiram de remédios. – respira fundo – Sofria com flashbacks do cárcere, paranoia constante e não tinha capacidade de funcionar em outros ambientes além do hospital.

— Bry...

— Sendo sincero, até hoje eu tenho pesadelos com aqueles dias.

Imaginar tudo o que meu irmão foi obrigado a suportar faz a minha vontade de chorar aumentar. Sequer posso conceber o horror que tenha sido e o quanto foi doloroso para ele se recuperar de tamanho trauma. Como foi lidar com o terror em sua mente. Pior ainda, como foi lidar com o pior lado de um ser humano.

— Agora entende porque eu não pude voltar e nem avisar que estava vivo? — ele prossegue — Eu sequer conseguia sair da merda do quarto! Aquelas cenas se repetiam na minha cabeça. Se eu não estava em paranoia, estava dopado. Foi mentalmente insuportável.

Num ímpeto de vontade, abraço Bryan. Um abraço apertado e desesperado. Se eu pudesse, arrancaria suas dores e angustias. Mas eu não posso. Merda,

eu não posso!

Permanecemos abraçados por muito tempo. Não quero soltá-lo. Sei que um abraço não vai apagar seus traumas ou o passado cruel. Porém, espero que ao menos o conforto.

Meu irmão prossegue com o relato. Entre latas de cerveja e algumas lágrimas, conta os horrores da guerra na Síria e de sua própria vida desde que foi resgatado. Fala que de um ano para cá, começou a trabalhar em um pequeno estúdio de fotografia para se reintegrar e que recebeu alta do tratamento psicológico. Ele tentou entrar em contato conosco pelo número de telefone que se lembrava, mas ninguém atendeu, já que havíamos mudado. Foi através de uma pesquisa na internet que encontrou o meu nome e o cargo que desempenho no Tribunal.

Ele precisa de testemunhas e a ajuda de um advogado para comprovar que está vivo, por essa razão entrou em contato comigo primeiro. No entanto, sinto que esse não é o único motivo, e tenho minhas suspeitas confirmadas quando ele, encarando a lata, pede:

— Eu gostaria que você me ajudasse a encontrar a Yanna.

Meu corpo retesa. Eu sabia que entraríamos nesse assunto cedo ou tarde.

— Você tem alguma notícia? Ainda se falam?

— Sim.

— Ela está bem?

— Sim, ela está bem.

— Vi que lançou vários livros desde.... Enfim. Ela está trabalhando com o

Dani, né?!

Balanço a cabeça, consentindo.

— Eu consegui o endereço da editora. É aqui em Nova Iorque, certo? Você acha que ele...

— Eu também trabalho com eles. – interrompo – Sou advogado da editora.

— Não brinca?!

— Pois é.

— Isso é perfeito! Quero dizer, será mais fácil para eu me reaproximar. Não só dela como do Daniel também. Apesar dos tempos difíceis, eu não esqueci nenhum de vocês.

Ouvi-lo dizer tais palavras faz o incomodo em meu peito crescer. Droga!

Nós nos encaramos e, por mais tola que essa pergunta vá soar, tenho que fazê-la:

— Irmão, por acaso você.... Ainda ama a Yanna?

Ele não responde, mas seu silêncio é o bastante para que eu saiba o que sente. Mesmo depois de todos esses anos e tudo o que aconteceu, meu irmão continua amando sua esposa. Ou melhor colocando, sua ex-esposa. Como eu vou dizer a ele que Yanna está comprometida e ainda mais com dois homens? Que está feliz ao lado deles?

Eu não quero partir o seu coração, embora seja algo inevitável.

— Bom, e quando você pretende ver a mamãe e o papai? – mudo de assunto.

Preciso pensar melhor em como vou abordar esse tema da Yanna com ele.

Meu irmão já enfrentou muito, tenho que ser cauteloso.

— O mais rápido possível. Consegui um documento provisório com a embaixada que me possibilitou viajar. Como eu disse, tenho que pedir a anulação do atestado de óbito, mas antes preciso conversar com eles, já que serão minhas testemunhas. Além de você.

Explico como a ação judicial para cancelar o óbito funcionará, que ele precisará comprovar que está vivo por meio de provas como fotos e impressões digitais, além das testemunhas. E que poderá retomar seus direitos e deveres civis assim que o juiz fizer o cancelamento. É um processo burocrático, mas até que rápido se comparado a outros.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Como advogado, saberia me dizer se a nossa certidão de casamento ainda é válida?

— Judicialmente, não. Você foi dado como morto. Logo, qualquer documento em seu nome, incluindo a certidão de casamento, é inválido. Para a justiça, a Yan é viúva.

— Entendi.

— Você realmente quer encontrá-la? Sei que ela tem o direito de saber que está vivo, mas tenho medo de como irá reagir. A Yan sofreu muito com a sua morte.

“Sem contar que ainda tem os namorados dela”, penso.

— Eu preciso. — Bryan murmura — Tenho que vê-la.

Concordo em silêncio.

Sim, eles precisam se encontrar.

Aproveito os dias que se seguem ao lado de Bryan. Depois de tudo o que contou, procurei manter o clima o mais agradável possível. Nada que fizesse referência aos tempos difíceis. Nós resgatamos o que costumávamos fazer juntos e conversamos sobre como diremos aos nossos pais que ele está vivo. Além disso, entrei com o pedido de cancelamento da certidão de óbito no tribunal. Sorte que eu tinha uma cópia guardada.

Eu ainda não falei que sei onde Yanna mora. Tenho consciência de que esse reencontro é inevitável, tanto quanto o coração partido do meu irmão, mas não quero ver nenhum dos dois machucados. A frase “*entre a cruz e a espada*” nunca fez tanto sentido.

Preparando a sala para uma maratona de videogame, ouço o celular tocar e fico instantaneamente tenso ao ver o número de Yanna na tela. Olho para o corredor, querendo ter certeza de que Bryan não pode escutar, e atendo:

— Oi, Yan.

“Oi, Nam! Tudo bem? Está ocupado agora ou pode falar?”

Olho novamente para o corredor, mas, por via das dúvidas, entro em meu escritório.

— Sim, eu posso falar.

Confiro a porta de cinco em cinco segundos enquanto escuto Yan tagarelar animada sobre uma reunião na casa de seus namorados amanhã. Estou tão

nervoso, que apenas dou o trabalho como desculpa e encerro a ligação. Talvez eu tenha sido um pouco grosseiro, mas não sei como falar com ela agora que descobri que meu irmão está vivo, e pior, que continua a amando depois de tantos anos.

Eu não sei o que fazer.

— Ué? Onde você estava? – Bryan pergunta assim que apareço na sala.

— Fui atender uma ligação de trabalho. – minto.

— Pensei que tivesse tirado esses dias para descansar.

— Sabe como é, nunca estou realmente descansando.

— Bom, deixe isso de lado e vamos jogar. Tenho certeza de que ainda derroto você.

Ele sorri e estica o joystick do PlayStation 4. Pego-o e espero que dê início a partida. O problema é que o desconforto por estar mentindo não permite que eu me concentre. Porra! Eu não posso continuar escondendo isso dele.

Meu irmão merece saber.

— Eu preciso contar a verdade.

— Sobre o que? – olha-me de relance.

— Eu sei onde a Yanna mora.

— Sério? – assinto e ele solta o controle – Por que não contou antes? Nós poderíamos...

— Ela está namorando. – digo de uma vez.

Como ele mesmo disse há dias atrás, depois de tudo o que aconteceu, não há um jeito mais fácil de fazê-lo ou menos dolorido.

— O que disse?

— A Yanna está namorado. Já faz quase um ano, se não me engano.

Bryan solta um suspiro. Preciso terminar.

— Mas isso não é tudo.

— Como assim?

— Ela está namorando com dois caras.

— Calma. – pisca – Com dois homens?

— Exatamente.

— Mas, como...?

— É uma longa história.

Quem suspira sou eu e dou início as explicações. Bryan ouve atentamente e seu semblante demonstra o quanto está surpreso, só não sei dizer se é porque Yanna está em uma relação poliamorosa ou pelo simples fato de ela estar namorando. Talvez a segunda opção seja a mais certa, considerando a amargura nítida em seus olhos. Meu irmão deve achar que Yanna o esqueceu completamente, quando ele ainda a ama muito.

Eu queria não entender o que ele está sentindo nesse momento, mas, infelizmente, sou a pessoa que mais o entende.

— Desculpa, eu deveria ter dito antes.

— Está tudo bem. Você só queria me proteger.

— Mesmo assim, ainda pretende ir encontrá-la?

— Sim.

— Okay. – suspiro – O que acha de irmos no próximo final de semana?

— Por que não esse?

— Está muito em cima da hora, não acha?

— Nam, eu preciso ver logo a Yanna. — seu tom é sério — Será que não entende?

Por que raios estou querendo postergar isso? Meu irmão esperou malditos cinco anos, não posso negar que vá ao encontro da mulher que ele ama. Não importa o resultado.

— ‘Tá. Vamos esse final de semana. Consegue esperar até domingo?

— Por que?

— Ela não está em casa. Mas o Daniel comentou que a secretária deixou um pacote no apartamento dela, é sobre o novo livro que será lançado em breve, e acredito que vá passar por lá nesse dia. Temos uma reunião segunda-feira de manhã.

— O que é mais um dia, não é?

Entramos em acordo e, apesar da atmosfera não ser a mais favorável, vamos jogar.

Domingo chega e Bryan está eufórico. Anda de um lado para o outro e seu

nervosismo começa a me afetar. Ainda não temos certeza de que Yanna estará em seu apartamento, porém, iremos arriscar. Se não der certo, pretendo conversar com ela na editora e marcar para nos reunirmos. Aproveito e chamo também Daniel. Seremos os quatro reunidos de novo. Talvez eu possa amenizar as coisas dessa forma. Torço para que sim.

Bom, esse é o ‘plano b’. Se Yanna estiver no apartamento, já é outra história.

Saímos de casa e eu ligo para o celular dela pelo sistema do carro. No instante em que sua voz surge, percebo que os olhos do meu irmão se enchem de lágrimas. Trocamos palavras rápidas e eu acelero ao ouvi-la dizer que não ficará muito tempo em casa.

Uma vez em frente ao prédio em que Yanna mora, olho para Bryan.

— Está pronto? – indago.

Ele respira fundo uma e outra vez.

— Estou sim.

— Vamos.

Descemos do carro. Cumprimento o zelador como de costume e guio meu irmão até o elevador. Explico que tenho acesso livre e percebo que ele não fica muito feliz. Pois é, eu não deveria ter escondido essa parte também. Tem como ficar pior?

Diante da porta, respiro fundo antes de apertar a campainha. Bryan se põe a minha frente e vejo como seus ombros estão tensos. Acho que seu coração está batendo tão rápido quanto o meu no segundo em que a maçaneta gira. No entanto, quem aparece não é Yanna e sim um dos namorados dela. Elliot, se não me falha a memória. Merda! Como não me passou pela cabeça que eles

estariam aqui?

— Bryan?

— Você me conhece?

A tensão é palpável. O rosto do cara está mais branco que papel e não é para menos.

Penso em dizer alguma coisa, contudo, a voz de Yanna soa de repente.

— Eli?

Tenho que firmar Bryan pelos braços ao vê-lo dar um passo vacilante para trás.

Sinto como está tremendo.

— Elliot, querido, é o entregador? Precisa de ajuda?

Yan finalmente aparece na porta e sua expressão cai ao ver seu ex-marido, a quem pensava estar morto, parado bem à sua frente. Assim como eu, ela entra em choque. Encara-o fixamente, quase como se estivesse encontrado um fantasma, e o tremor de meu irmão piora. Seus ombros sobem e descem depressa. Suas emoções à flor da pele.

— Bry...?

Ela balbucia, sem fôlego, e desmaia logo em seguida. Meu irmão perde as forças e cai de joelhos no chão, levando a mão ao peito e respirando com dificuldade. Acudo-o enquanto Yanna é socorrida pelos namorados.

Esse reencontro apenas começou e muito de nós ainda iremos sofrer.

Capítulo 10

YANNA

Ouço vozes.

Elas são gentis e levemente angustiadas. Parecem distantes a princípio, mas vão crescendo cada vez mais conforme vou despertando. Quando foi que eu dormi? Não sei ao certo, porém, uma sensação estranha comprime o meu peito. Flashes do sonho que tive surgem em minha cabeça enquanto tomo consciência, e o rosto de Bryan me vem.

Bryan.

Há quanto tempo eu não sonhava com ele? Pensei que, ao deixá-lo descansar, conseguiria me livrar dos sentimentos ruins relacionados a sua morte, só que não foi o que aconteceu. Seu fantasma continua me seguindo, assim como essa angústia.

Abro os olhos e percebo que estou com a cabeça deitada no colo de Christopher, que acaricia meus cabelos, e que Elliot segura minha mão com carinho. Eles aparentam estar tensos, mas não sei o motivo. Afinal, o que passou durante o tempo em que eu dormia?

— Está tudo bem, meus queridos? — pergunto. Minha voz sai um pouco falhada.

Ambos olham para mim, mas nenhum deles fala. Estranho. Dou um impulso para sentar e sou ajudada por Christopher, que faz apoio até que eu esteja recostada no sofá. Passo as mãos no rosto, querendo espantar a náusea que repentinamente me acomete, e olho de um para o outro ao notar que permanecem incommumente calados. E ainda tem o fato de que não consigo tirar Bryan da cabeça e a sensação incomoda mantém-se aqui.

— Como você está se sentindo? — Elliot questiona depois de alguns minutos.

Franzo o cenho ao notar que ele não disse “baby” como geralmente costuma me chamar. É algo besta, eu sei. Contudo, sou incapaz de não sentir uma pontada dolorida em cheio.

— Eu.... Acho que estou bem, querido. — respiro fundo, colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha — Quando foi que eu adormeci? Nem percebi que peguei no sono.

Os dois trocam olhares.

— Yan, você está bem mesmo? — Chris insiste na pergunta.

Será que eu falei alguma coisa enquanto dormia e por isso eles estão teimando em saber se estou bem? Num geral, eu me sinto bem, à não ser pelo desconforto no peito e os pensamentos sobre o tal sonho com Bryan. Acho melhor ser sincera com eles.

— Sim, eu estou bem. É só que eu tive um sonho com o Bryan, meu ex-marido. — esfrego a mão sobre o peito — Me sinto um pouco afetada. Fazia algum tempo que não acontecia.

Elliot e Christopher cravam seus olhos em mim, e percebo a tensão

aumentando. Não estou gostando nada do que está acontecendo aqui, embora não faça ideia do que seja.

— Baby, eu preciso que preste atenção e mantenha a calma, tudo bem? — Eli se pronuncia, apertando minha mão entre as suas, que noto que estarem vacilantes.

Uma inquietação vai tomando conta de mim. A mão de Chris pousa em meu ombro, e viro a cabeça de um lado para o outro, antes de focar a atenção no loiro. Seus orbes azuis estão cheios de algo que não sei explicar, tal como os castanhos do moreno que fitei agora a pouco. Respiro fundo. Minha pulsação começa a acelerar.

— Você não dormiu. Você desmaiou. — ele diz, quase em um sussurro.

— Desmaiei?

— Sim, há alguns minutos atrás. E também não sonhou com o Bryan.

— Como assim eu não sonhei? Tenho certeza que...

— Você o viu.

Balanço a cabeça, sem entender. Elliot engole em seco e então solta:

— O Bryan está vivo.

Dando uma risada nervosa, revezo meu olhar dele para Christopher, que também está sisudo. Meu coração bate cada vez mais rápido. É uma brincadeira, não é? De muito mal gosto, por sinal, mas ainda assim uma brincadeira. Ele não pode estar falando sério. As lágrimas começam a encher meus olhos.

— O que você quer dizer? — murmuro — É uma brincadeira, certo?

Viro a cabeça para Chris, que imediatamente desvia o rosto para o lado.

— Por favor, digam que é mentira. — insisto.

— Não é mentira, Yanna.

De repente, Natham aparece na sala e logo atrás dele, como se a realidade estivesse zombando comigo, surge aquele que eu pensei nunca mais ser capaz de ver novamente.

Deus, não pode ser.

Era um sonho, não era? Não tem como ele.... É impossível! Cinco anos se passaram desde sua morte e toda e qualquer esperança que eu tinha de ser um engano esvaiu-se a cada dia, cada mês, cada ano. Não tem como ser ele. Esse homem não pode ser o Bryan.

Não é o meu ex-marido.

Mas, apesar disso, eu não consigo tirar os olhos dele. Dos orbes azuis pelos quais me apaixonei há tanto tempo e de absorver cada mínimo detalhe. Talvez eu esteja delirando. Por favor, que eu esteja. Porque acho que sou incapaz de lidar com a realidade agora.

Minha respiração fica presa no instante em que o vejo dar um passo e agarro com mais força a mão de Elliot, que devolve o aperto com um pouco menos de firmeza. Sinto seus dedos tremelicando contra os meus, assim como sinto os de Christopher em meu ombro, só que não consigo parar de encarar o homem que está a poucos centímetros de mim.

Engulo o nó de emoções que se forma em minha garganta, tentando

custosamente não desabar, mas tudo vai por água abaixo quando ele diz, com a voz sufocada:

— Oi, Yanna.

Antes que eu possa processar o que estou fazendo, salto do sofá e me jogo em seus braços. Aperto-o com toda a força que tenho e o primeiro soluço se rompe no silêncio da sala, seguido por outros cada vez mais ruidosos e lancinantes.

Céus, é real!

Ele realmente está aqui. Bem aqui e vivo.

Bryan está vivo!

Seus braços me acolhem e pressionam contra seu peito largo, ao passo que as lágrimas jorram dos meus olhos. Choro, choro e choro. Temo me afogar em tanta água, porém, elas não querem parar. As emoções que reverberam em mim são intensas demais. Alívio, tristeza, alegria, saudade.... Um turbilhão de sentimentos desconexos e violentos.

Perto dele, eu sou tão pequena, mas tento de todas as maneiras fazê-lo caber em meu abraço, mesmo que seja exatamente o contrário, pois, é sua força que me mantém de pé.

Esfrego o nariz na camiseta que está usando e seu cheiro familiar me reconforta, tal como as batidas de seu coração. Durante cinco anos, pensei que jamais voltaria a escutar esse som, mas, ainda que incrédula, ouço seus batimentos tão fortes quanto os meus.

Não sei quanto tempo se vai até que eu tenha condições de dizer alguma coisa. Me afasto o suficiente para observá-lo e pego seu rosto entre as mãos,

suspirando ao sentir a quentura de sua pele em minhas palmas. Mesmo com a visão embaçada pelas lágrimas, admiro-o um longo instante, e engulo em seco ao encarar seu olhar de um azul tão profundo e também molhados pelo choro recente. Encaramo-nos em silêncio.

Esta é a versão madura que tanto imaginei em noites solitárias. Seu rosto está mais anguloso e o corte de cabelo agora é curto. No entanto, ainda vejo o Bryan com quem me casei. Embora a expressão animada e cativante tenha ganhado um ar sombrio.

Faz somente alguns poucos meses em que estive em seu memorial em Portland e, milagrosamente, estou diante dele como de modo algum eu poderia imaginar.

— Bry. — sussurro, fraca demais para dizê-lo mais alto.

E com medo de que se o fizer, ele possa desaparecer entre os meus dedos.

— Yanna.

Fecho os olhos a ouvi-lo pronunciar meu nome. Sua testa pousa sobre a minha.

Ele está vivo. Meu Deus, Bryan está mesmo vivo.

Afastando-se mais uma vez, ele murmura:

— Senti tanto a sua falta.

Meneio a cabeça, assentindo. Eu também senti tanto a falta dele. Ainda que eu não saiba exatamente como explicar a saudade que se espalha em meu interior nesse momento.

Bryan me aperta contra o peito de novo e eu me aconchego em seu calor, querendo desesperadamente recuperar o que se perdeu, nem que sejam algumas poucas migalhas.

— Nós temos muito o que conversar.

Volto a assentir. É o que eu preciso agora.

Saber o que aconteceu durante esses anos.

— Nós iremos deixar vocês sozinhos.

Uma terceira voz diz e só então percebo que Natham está praticamente do nosso lado. Saindo do torpor que o reencontro com meu ex-marido até então morto causou, olho para trás e vejo que Christopher e Elliot estão sentados, observando silenciosamente, e sinto-me angustiada ao notar suas expressões. A vontade de chorar reaparece, porém, por um motivo muito diferente.

Abro a boca para dizer algo, mesmo não sabendo o que, mas o toque da mão de Bryan detém todas as minhas palavras. Continuo encarando os dois e meu estômago subitamente dá uma cambalhota, como vem se repetindo sempre que estou estressada. Ponho a mão livre em cima da barriga, querendo assim amenizar o mal-estar.

— Vocês têm que conversar. — Chris é quem se pronuncia primeiro. Sua voz é baixa e um pouco rouca — Como o Natham disse, vamos deixar que fiquem à vontade.

Ajudado pelo moreno, Eli levanta e diz:

— Se precisar de alguma coisa, basta ligar e viremos o mais rápido possível, tudo bem?

Consinto e dou um passo para beijá-los, contudo, ambos se distanciam rapidamente e saem do apartamento depois de encararem Bryan pela última vez. Desconcertada com a rejeição inesperada, olho para Nam em busca de apoio, e ele solta um suspiro.

— Não se preocupem com nada por enquanto. Apenas conversem. Vocês precisam disso.

E virando-se para o irmão mais velho, completa:

— Qualquer coisa, me ligue.

— Obrigado.

Afagando carinhosamente meus cabelos e dando um aperto no ombro de Bryan, Nam se despede e segue o mesmo caminho que os meus namorados fizeram rumo a porta.

Meus namorados.

Uma vez que estamos sozinhos, Bryan me guia até o sofá e nós nos sentamos. Pela primeira vez, estar em silêncio com ele é constrangedor e no mínimo estranho. Tenho tanto para dizer e não faço ideia de como começar. Foram cinco anos desde que estivemos assim, de frente um para o outro, então acredito que seja algo normal. Se bem que nada é normal na circunstância em que nos encontramos. Até algumas horas atrás, eu pensei que ele estivesse morto, e agora estou olhando diretamente para o seu rosto. O mesmo rosto que eu temi esquecer em meio a toda felicidade que venho sentindo há quase um ano.

Instantaneamente, meus pensamentos voam para Elliot e Christopher.

Meu coração fica pesado.

— Você quer que eu prepare algo para beber? — é o que sai primeiro — Acho que ainda tenho um pouco de café no armário. Posso preparar rapidinho e...

— Yanna, está tudo bem. — interrompe suavemente — Não precisa preparar nada. À não ser que você queira beber alguma coisa.

— Não, não. Eu também estou bem.

Respiro fundo, tentando acalmar os meus nervos. Defina ‘bem’. Por que eu não tenho ideia do que essa palavra significa ou se cabe a esse momento para algum de nós.

Bryan segura minhas mãos delicadamente, como sempre costumava fazer, e acaricia com os polegares. Nossos olhos se encontram. Lembro que dizíamos que, quando nossos filhos nascessem, eles teriam uma mistura interessante de olhos. Eu nunca comentei isso com Christopher e Elliot, mas, de uns tempos para cá, estava imaginando exatamente o mesmo em relação a nós três. Que cor sairia da mistura de verde, azul e castanho? Turquesa, talvez? Ou quem sabe cor de avelã?

— Yan?

— Huh? — saio dos meus devaneios.

— Desculpe se assustei você vindo tão de repente, mas é que eu não podia mais esperar.

— Tudo bem. Não é como se eu não fosse ser pega de surpresa, de qualquer forma.

Ele sorri e concorda. Dou-lhe um sorriso contido. Num gesto repentino,

Bryan toca os meus cabelos, pega uma mecha e a acaricia até chegar à ponta.

Solto um suspiro.

— Gostei da cor. — comenta — Da última vez que a vi, eles estavam verdes.

A lembrança de nossa despedida nada agradável me vem à cabeça e como tudo se desenrolou desde então. Do dia em que recebi a notícia de sua morte e todo o arrependimento que carreguei, até finalmente permitir que partisse. Que ironia, não é? Eu esperei praticamente cinco anos e, foi ao deixá-lo, que ele reaparece em minha vida.

Novamente, estou chorando. Bryan seca cuidadosamente minhas lágrimas com as pontas dos dedos e me dá uns segundos para que possamos enfim conversar. E eu achando que não poderia ficar mais emotiva e sensível do que já estava nas últimas semanas.

Respiro fundo outra vez, me recompondo, e só então pergunto:

— O que aconteceu com você? Onde você esteve durante todo esse tempo?

Ele encara nossas mãos unidas em seu colo e sussurra:

— É uma história muito longa e dolorosa.

— Nós temos todo o tempo do mundo. — toco em seu rosto — Conte-me, por favor.

Seus dedos sobrepõem os meus no que inclina a cabeça para esfregar a bochecha em minha palma. Sinto que fraquejo. Seu contato permanece tão íntimo e caloroso, embora os anos tenham passado e as sensações se tornado apenas lembranças de outras épocas.

Algo lá dentro ainda se aquece ao tê-lo tão perto.

Bryan dá início as explicações, do que exatamente aconteceu na Síria e o destino que teve no decorrer desse tempo. Do ataque a equipe de reportagem até os momentos de terror que passou sob o sequestro dos terroristas. Quando ele tira a camiseta para mostrar as cicatrizes que marcam sua pele, não seguro o choro e o abraço apertado. Tenho vontade de beijar cada uma delas, mas, inesperadamente, a ideia soa constrangedora. Então, limito-me a contornar algumas com os dedos, como se pudesse apagá-las ou amenizar as dores internas que lhe causaram.

Demonstrando o quanto me ferem também.

Só de pensar no que ele foi obrigado a suportar, o sofrimento físico e psicológico, a ponto de não conseguir sequer sair do hospital por estar perdido em meio ao pesadelo dentro de sua própria cabeça, revivendo e revivendo os horrores da guerra. Céus! Só de pensar, a culpa me consome. Eu deveria ter insistido para que fizessem algum exame, para que tivessem certeza de que era Bryan naquele caixão lacrado e não outra pessoa.

Merda, eu deveria ter insistido!

Mas a notícia veio como um trem desgovernado e pegou a todos de surpresa. Eu não tinha qualquer condição de raciocinar, menos ainda cogitar que poderia ser um erro. Tudo o que eu sentia era dor e tristeza, mesmo que o meu coração continuasse guardando a frágil esperança de que ele pudesse voltar. Só que não aconteceu.

Não até hoje.

Esquivei de todas as maneiras para não encarar a dura realidade, fingi ser outras pessoas por anos até encontrar Elliot e Christopher, e foi ao me

apaixonar que resolvi seguir em frente. Me permiti amar outra vez e ser quem eu sou, sem mentiras e admitindo minhas falhas e medos, ser apenas Yanna. E a liberdade que eu tanto procurava enfim apareceu.

No entanto, agora os meus sentimentos são um grande emaranhado. Bryan está diante de mim após cinco anos e eu não sei ao certo como lidar com isso. É tudo tão confuso, tão turbulento. A segunda chance que tanto pedi, mesmo sabendo que era uma oração vazia em meio a melancolia da perda, está bem aqui. A segunda chance veio como um milagre. Então, por que? Por que é tão difícil agarrá-la?

Por que ela parece tão inadequada?

Continuo encarando-o sem dizer uma palavra. Tomo um instante para sorver sua presença. Minhas mãos seguem tracejando cegamente as cicatrizes de seus braços e peito. Por incrível que pareça, há tanta impessoalidade entre nós. Somos igualmente íntimos e estranhos. Ele pode aparentar ser o mesmo, mas, eu sei, que não é. Assim como eu não sou a mesma de anos atrás. Como não sou a mesma de uma hora atrás.

A vida é realmente engraçada.

A conversa perdura o restante da tarde. O desconforto inicial se vai e dá lugar a uma atmosfera mais agradável. Comemos a refeição que é entregue e, admito, sinto-me mal ao olhar para os pratos preferidos de Elliot e Christopher, e estar comendo com o meu ex-marido. De vez em quando, procuro o celular com os olhos para saber se algum deles ligou, mas não há sinal de ligações e nem de mensagens.

Ou que elas chegarão.

Bryan comenta que seu irmão pediu a anulação do atestado de óbito e que irá

visitar seus pais em breve, e só não o fez antes porque está pensando em uma forma de não os assustar com sua volta (o que é praticamente impossível, considerando a circunstância).

Apesar de falarmos sobre praticamente tudo o que aconteceu no espaço desses cinco anos, seu olhar azulado parece ainda guardar muitos segredos. Esses que, possivelmente, eu jamais serei capaz de descobrir. Além disso, não entramos na questão mais importante e delicada de toda essa conversa. Contudo, pela expressão de Bryan, isso está prestes a mudar. Ele tenta ser cauteloso, não querendo soar invasivo ou grosseiro.

— Natham contou que você está namorando.

Mantenho-me quieta. Meu olhar fixo no copo que estou segurando.

— Aqueles caras.... Eles são os seus namorados, não é?

Encabulada com a pergunta tão direta, somente balanço a cabeça. Eu não deveria estar envergonhada por seguir em frente, mas, é diferente agora que ele está aqui e vivo. É como se eu o estivesse traindo, ainda que a situação seja o completo oposto. Ou talvez essa vergonha não seja por causa dele, e sim por causa de Christopher e Elliot. Estou confusa demais para pensar direito.

— Não precisamos falar sobre isso se não quiser.

— Por favor. Acho que... São coisas demais para uma única conversa.

— Tem razão.

Caímos em silêncio. O constrangimento se erguendo outra vez ao nosso redor.

Sem jeito, olho através da janela e percebo que já anoiteceu. Há quanto tempo estamos conversando? Simplesmente não vimos o tempo passar, mesmo ele sendo o nosso maior inimigo; puxo as pernas para cima e envolvo-as com os braços.

Permanecemos quietos.

— Eu sei que talvez não seja o melhor momento. Mas, posso lhe pedir uma coisa?

— Claro. — viro a cabeça para ele — O que é?

— Dança comigo?

— O que? Dançar?

— Uhum.

Um tanto surpresa com seu pedido, acabo aceitando. Ele sorri e tira o celular do bolso da calça, digitando algo em seguida. Segundos depois, os acordes de ‘Close to You’ estão soando na sala de estar. A música que usou para fazer o pedido de casamento.

A nostalgia me acerta em cheio.

Bebo o que resta do suco de laranja em um gole e ponho o copo de lado. Bryan levanta e estende a mão para mim. Seguro-a e sou delicadamente puxada contra si. Estamos perto demais um do outro. Abraço-o pela cintura e encosto a cabeça em seu peito, escutando as batidas do seu coração. Lentamente, balançamos com a melodia.

“Por que os pássaros aparecem de repente

Toda vez que você está perto?

Assim como eu, eles querem estar

Perto de você...

Por que as estrelas desabam do céu

Toda vez que você passa?

Assim como eu, elas querem estar

Perto de você”

Suas mãos deslizam em minhas costas, subindo até a nuca, fazendo-me ofegar. Instintivamente, aperto o tecido de sua camiseta e nossos corpos se juntam ainda mais. Seus dedos gentis acariciam a região, enviando arrepios por todo o meu ser.

Fecho os olhos. Meus batimentos aceleram, assim como os dele.

Não sei explicar o que sinto.

“No dia em que você nasceu

Os anjos se reuniram

E decidiram tornar um sonho realidade

Então eles espalharam poeira da lua em seus cabelos

E luz dourada das estrelas em seus olhos azuis

É por isso que todas as garotas da cidade

Seguem você, por toda parte

Assim como eu, elas querem estar

Perto de você”

Bryan segura minha nuca e usa os polegares para erguer meu rosto de encontro ao seu. Encaramo-nos. Ele se inclina e minha respiração se torna arquejante. Meus olhos desviam para a sua boca, cada vez mais próxima, e uma sensação incomum apodera-se de mim. Roçando os lábios lentamente contra os meus, ele diz num sopro de voz:

— Eu estou com medo de beijar você.

Eu também com medo de beijá-lo. Medo do que esse contato possa significar para nós dois após tantos anos, o que mudará se acontecer. Penso em Christopher e Elliot, em tudo o que vivemos desde que começamos a namorar, e vacilo.

Minha mente é uma bagunça.

Indo contra todas as expectativas, Bryan dá um passo para trás e se afasta de mim. Passa os dedos entre os fios de seu cabelo louro e respira fundo, sacudindo a cabeça negativamente. Continuo parada, observando-o. Meu coração parece uma britadeira.

— Desculpe, não foi uma boa ideia. — ele diz — É melhor eu ir embora.

Apressadamente, desliga o celular e o enfia de volta no bolso. Trocamos olhares um instante. Retomando o comando de minhas ações, dou-lhe um sorriso e falo:

— Quer uma carona até o apartamento do Nam?

— Não, obrigado. Vou pedir um táxi.

— Tudo bem então.

Visivelmente desconcertado, Bryan coça o pescoço e pergunta:

— Bom, eu queria saber se estaria disposta a ir visitar os meus pais conosco?

— Sim, sem problemas. Vai ser um momento bastante tenso, então...

— Obrigado.

Ficamos quietos. O que há mais para se dizer? Acho que, por agora, mais nada.

Pigarreando, Bryan aponta para a porta e caminha em direção a ela. Acompanho-o por educação e despedimo-nos sem demora. Vejo dar as costas e logo entrar no elevador. As portas se fecham e ele desaparece, largando-me sozinha no corredor.

Suspiro.

Ao fechar a porta do apartamento, recosto na madeira e encaro o vazio. Bryan está vivo e quase nos beijamos ali na sala, enquanto dançávamos a música do nosso noivado. Como o dia foi terminar desse jeito? Como a vida deu um giro tão rápido?

O que eu vou fazer?

Meus pensamentos seguem confusos, tal como os meus sentimentos.

O que se sucederá a partir de hoje?

Antes que eu possa refletir sobre os acontecimentos, meu estômago se revira e a ânsia de vômito vem forte. Corro para banheiro e despejo tudo o que comi durante a tarde.

Capítulo 11

CHRISTOPHER

Ao sair do apartamento de Yanna, Elliot e eu caminhamos em direção ao elevador, mergulhados no mais profundo silêncio. Eu ainda não consigo acreditar que Bryan está vivo. Porra! É muito surreal para ser verdade. Quer dizer, depois de cinco anos, ele reaparece indo contra todas as probabilidades e como devemos lidar com isso?

A maneira como ela pulou nos braços de Bryan atingiu algo dentro do meu coração. Eu sei que, pela circunstância e toda a história envolvida, a reação dela não poderia ser diferente. Mas, ainda assim, mesmo sabendo que foi um grande baque, vê-la abraçar o ex-marido mexeu profundamente comigo. E pelo jeito que Elliot está calado e com a mandíbula tensa, é nítido que a cena não feriu somente a mim.

Estamos ambos feridos.

Merda! Eu quero tanto ser compreensível, entender que é uma situação complicada e muito delicada. Quero muito. Só que o egoísta em mim se nega a aceitar que podemos perdê-la. Pela primeira vez, tenho que concordar com a pessoa que disse que o amor é egoísta. Porque é exatamente o que eu estou sentindo na pele nesse momento.

Eles tiveram uma história juntos, que só foi interrompida por um

acontecimento inesperado. Yanna sofreu muito com a perda do marido e viveu anos imersa em arrependimento, até o dia em que finalmente foi capaz de deixá-lo ir. Ela o amou muito e acredito que ainda ame, considerando a reação que teve, mas a questão é: de que jeito?

Bryan era somente a lembrança de outros tempos e podíamos lidar com o fato de que a nossa namorada o mantinha em seu coração, já que foi alguém muito importante em sua vida e seria injusto esquecê-lo ao seguir em frente. No entanto, agora ele está aqui em carne e osso, bem vivo. A segunda chance que Yanna tanto queria para fazer diferente está em suas mãos. E então, chegamos ao ponto que perturba a mim e ao Elliot.

Será que ela irá agarrar?

As portas do elevador se abrem e seguimos para a saída do prédio, ainda calados. Primeiro precisamos digerir o que aconteceu lá em cima há minutos atrás, para enfim conversar sobre o assunto, o que obviamente não será fácil levando em conta a tensão que está nos rondando. Honestamente, não vai ser fácil até que tudo se resolva.

— Ei, esperem!

Viro ao escutar uma voz rouca chamar, assim como Elliot, e deparamos com Natham caminhando apressadamente em nossa direção. Cruzo os braços e respiro fundo no que se aproxima, deixando bem claro que não estou com ânimo para encarar o irmão do cara que pode destruir o nosso relacionamento pelo simples fato de estar vivo.

Sem se intimidar, para a nossa frente e o estranhamento é instantâneo.

— Nós podemos conversar? — questiona — Sei que não é a melhor das ocasiões, mas acredito que vocês precisam e querem saber de algumas coisas,

não é mesmo?

Troco olhares com Elliot. Ele solta um suspiro e dá de ombros. Mais do que a angustia do que pode ou não acontecer, estamos curiosos sobre como Bryan sobreviveu e onde esteve durante os últimos cinco anos. Talvez pudéssemos esperar até que Yanna contasse, mas, do jeito que as coisas estão andando, não sei se é uma opção.

— Tudo bem. — digo, enfim — Tem algum lugar em mente onde possamos ir?

— Na verdade, sim. Não é muito longe daqui. Vocês podem seguir o meu carro.

— Beleza.

Entramos em nossos respectivos carros e partimos rua a fora. Sigo o – nada modesto – Audi RS7 azul de Natham até uma cafeteria à três quarteirões do condomínio de Yanna, um lugar chamado Hollys Coffee; nos sentamos em uma mesa qualquer, Elliot ao meu lado e o outro a nossa frente. Um atendente vem anotar os pedidos e sai tão rápido quanto se aproximou, provavelmente sentindo a aura pesada que paira acima de nós. Deve ter uma nuvem negra flutuando em nossas cabeças.

O silêncio é quase mortal, assim como o desconforto.

Sendo bem sincero, minha antipatia em relação a Natham vem desde aquele dia em que o encontrei junto a Yanna pelos lados de Meatpacking District. Não sei exatamente o porquê, mas a intimidade entre eles de fato me incomodou, tal como o olhar dele. Porém, com o tempo, fui parando de dar importância. E ao descobrir que ele nada mais é do que o ex-cunhado dela, me esforcei para que nos tornássemos ao menos colegas, já que nossa

namorada o considera tanto quanto Daniel e os dois trabalham juntos na editora.

Só que nesse instante, a tal antipatia está dando as caras de novo.

Nossos pedidos são servidos. Continuamos os três calados, até Natham puxar assunto:

— Yanna falou sobre o seu tornozelo e a história envolvendo a mulher que trabalhava com você. Emma, certo? — volta-se para Elliot — Está tudo bem?

— Sim, as coisas já se resolveram. Quanto ao meu tornozelo, está quase recuperado. Tirarei o gesso na próxima semana e começarei a fisioterapia em breve também.

— Então, não vai afetar o seu trabalho como bailarino?

— Felizmente, não.

Ele balança a cabeça, consentindo, e se cala dando um gole no café que pediu.

A mesa fica em silêncio mais uma vez. A tensão se tornando palpável.

— Será que podemos começar logo com essa conversa? — me pronuncio, já sem paciência.

Elliot está tentando bancar o educado, o que é surpreendente se levar em consideração que, entre nós dois, ele é o mais pavio curto. Mas eu não estou dando a mínima para os bons modos ou o que o cara sentado à nossa frente irá pensar.

Dane-se!

Natham encara-nos. Primeiro um e depois o outro. E dá mais um gole no café.

— Vocês provavelmente estão muito surpresos com a volta do meu irmão, não é?

Ergo as sobrancelhas, num gesto debochado. O riso anasalado de Eli demonstra que pensou o mesmo. Natham não poderia ter feito uma pergunta mais idiota do que essa. Quem não ficaria surpreso com um cara ressurgindo dos mortos?

Ah, por favor!

— Antes de qualquer coisa. — se ajeita na cadeira — Eu gostaria de dizer que a Yanna ficou muito sentida com a forma que vocês saíram do apartamento, quase correndo e sem beijá-la. Ou ao menos demonstrar algum afeto. Sei que não sou ninguém para falar sobre o relacionamento de vocês, mas tratá-la com frieza não vai ajudar em nada.

— Não foi a nossa intenção magoá-la, só não sabíamos com agir diante daquela cena. — esclareço — Digo por mim e talvez por Elliot também, que ficamos tão sentidos quanto.

Meu namorado meneia a cabeça, consentindo. Embora sejamos os companheiros dela, ficamos receosos de complicar ainda mais o que por si só já era muito complicado.

— Eu imagino. A verdade é que nenhum de nós sabia como reagir.

Nossa quietude é a resposta mais óbvia.

Mais uma vez, mantendo sua pose inabalável (e claramente irritante), o advogado conta como reencontrou o irmão dias atrás e o que aconteceu para

que não voltasse ou ao menos avisasse que ainda estava vivo. De certa forma, Bryan sequer sabia que havia sido dado como morto, já que ficou anos desaparecido e ninguém foi a sua procura. No entanto, o mais preocupante em todo o seu relato é que, aparentemente, o irmão ainda ama sua ex-esposa e veio para Nova Iorque justamente com o objetivo de encontrá-la. Com qual intuito? Bom, ao que tudo indica, nem o próprio Natham sabe responder.

Após alguns minutos explicando a história e de eu engolir suas palavras com o café que mal desce pela minha garganta, encaro-o e decido ser honesto:

— Eu realmente sinto muito pelo o que aconteceu com o seu irmão. Não deve ter sido nada fácil para ele. Mas, entenda, também não está sendo fácil para nós dois.

— Como você acha que estamos nos sentindo com a volta do seu irmão? — Elliot se pronuncia — Claro que não somos insensíveis ao ponto de comparar a nossa angustia com o sofrimento de quem foi sequestrado por terroristas e enfrentou horrores por causa dos traumas da guerra. Seria até uma grosseria. Porém, ainda assim é doloroso.

— Eu não estou menosprezando os sentimentos de vocês, longe disso. — justifica-se — Mas acho que precisam ser realistas, mesmo que a situação toda aparente o contrário.

— O que quer dizer? — indago. Embora a resposta esteja mais clara do que água.

— Que existe a possibilidade de os dois ficarem juntos. Pode ser pequena, mas existe. Como eu disse, meu irmão ainda parece amar a Yanna depois de tantos anos e...

— E você acredita que ela continua nutrindo algum sentimento por ele? —

Eli sugere.

— É apenas uma suposição. — dá de ombros, bebendo seu café — Eu não tenho certeza.

— Ninguém tem certeza de nada, Natham. — rebate, nitidamente impaciente.

— Exatamente. E é por isso que estou falando sobre a possibilidade de eles reatarem.

— Você não está sendo um pouco presunçoso? — retruco.

— Não, eu não estou. E sabe por que? Porque eu fui testemunha do relacionamento deles por anos e, posso dizer com certeza, os dois se amaram muito. Eles se casaram, droga! Quer prova de amor maior do que essa? Eu vi a Yanna definhar por causa da “morte” do meu irmão e agora existe a chance de serem felizes depois de todas as merdas que aconteceram.

— E deixe-me adivinhar que você está querendo que a gente saia do caminho?

— Muito pelo contrário. Eu apenas disse que existe a chance, mas tudo dependerá do que ela escolher. Se vim conversar com vocês, foi justamente por esse motivo. Eu sei que amam a Yanna e não duvido que ela também ama os dois. Afinal, fui eu a primeira pessoa que ouviu a confissão dela. Só que a vida deu uma reviravolta que pode acabar com todos os arrependimentos que ela carregou durante esses últimos cinco anos.

Faz uma pausa, virando o que resta de sua bebida e põe a xícara de volta no pires.

— Em outras palavras, dependerá apenas dela escolher o que fazer.

A mão de Elliot procura a minha debaixo da mesa e eu entrelaço nossos dedos com certa firmeza. Nós não queremos deixar nossa amada namorada, mas Natham está certo em dizer que não depende de nós e sim do que ela decidir, não importa qual seja. Seria injusto não permitir que Yanna tenha a chance de ser feliz ao lado do homem que foi seu marido e agora retornou parecendo ainda guardar os sentimentos de anos atrás. Logo, por mais difícil e doloroso que possa ser, nós a amamos tanto que não hesitaríamos em abrir caminho para que os dois possam ficar juntos, se essa for a vontade dela.

— Vamos esperar para ver como as coisas se desenrolam. Eu só peço que, se a amam de verdade, respeitem o que pode acontecer. Vocês têm um ao outro, conseguirão supe...

— Você está errado. — Eli o interrompe — Yanna também é uma parte importante do nosso relacionamento. Não iremos superá-la, se é o que está pretendendo dizer. Se você nunca amou uma pessoa a esse ponto, não abra a boca para dizer o que não sabe.

A expressão de Natham se fecha. Ele olha fixamente para a xícara inerte a sua frente e solta um riso soprado. Por um breve instante, percebo amargura em suas feições.

— Você tem razão. — murmura — Eu estou sendo hipócrita ao dizer isso.

Erguendo a cabeça e respirando fundo, o advogado parece se recompor.

— A questão é que eu só quero a felicidade da Yanna, independente de quem ela escolher. Pode ser com vocês ou o meu irmão. Realmente não importa. Desde que ela seja feliz.

Franzo as sobrancelhas diante de sua declaração.

Por que ele está tão preocupado assim com a felicidade dela? Sei que são amigos, porém, tenho outra impressão sobre isso.

Talvez seja apenas coisa da minha cabeça.

— Bom, eu preciso ir. — o advogado leva a mão ao bolso e pega a carteira, tirando algumas notas — O café é por minha conta, já que eu pedi que conversássemos. É o mínimo.

Fico tentado a negar, mas não quero criar mais tensão desnecessária.

Despedimo-nos rapidamente e ele sai da cafeteria, largando Elliot e eu para trás. Permito que o meu corpo relaxe em cima da cadeira e solto um longo e profundo suspiro. A cabeça funcionando a mil e o peito apertado com a expectativa de um futuro cheio de incertezas. Sério, como foi que o mundo deu uma volta dessas tão rápido?

[...]

Depois de um banho demorado, vou para a sala, onde Eli está assistindo (ou fingindo assistir) um filme qualquer. Sento ao seu lado e ficamos os dois olhando para a televisão, sem realmente dar alguma importância para isso. Já passou das nove da noite e até agora nenhum sinal de Yanna. Decidimos não atrapalhar a conversa dela com Bryan, porém, a angústia de não saber o que está acontecendo leva-nos lentamente ao limite. Imaginar que, talvez, eles estejam fazendo mais do que falar é uma tortura. Tanto Elliot quanto eu, olhamos de vez em vez para os nossos celulares na esperança de que ela mande uma mensagem ou ligue. Qualquer um dos dois. Ainda que eu

preferisse que ela viesse para o nosso apartamento. Mas, ponderando sobre as circunstâncias, é pouco provável.

Com tantas emoções para um único dia, creio que precisará de tempo e privacidade para descansar e refletir. Isso se aquele cara não resolver ficar.... Não! Nem cogite essa possibilidade, Christopher Hayes! Se eu continuar presumindo as coisas, vou terminar louco até o final da noite. Preciso ficar calmo e me manter confiante (ou algo perto disso).

Soltando um longo suspiro, apoio a cabeça no encosto do sofá e viro para Eli. Sua expressão permanece preocupada e cabisbaixa. Ele não falou muito desde que chegamos em casa depois da conversa com Natham, e acredito que esteja introspectivo justamente por essa razão. Ele deve estar pensando o mesmo que eu sobre Yanna.

— Eli? — chamo-o.

Ele pisca algumas vezes, como se estivesse saindo de um transe, e olha para mim. Pelo seu desconcerto, acho que só percebeu agora que estou aqui.

— Sim?

— Vamos pedir algo para comer?

— Sinceramente, eu estou sem fome.

— Você não comeu nada a tarde inteira, amor. — insisto — Tem que comer, nem que seja um pouco. Posso pedir algo leve, tipo sanduiches. O que acha?

Elliot suspira e afunda no sofá. Permanecemos calados um instante.

— Você acha que eles ainda estão juntos? — pergunta.

— Eu não sei.

— Não quero deixá-la, Chris.

— Eu também não, por mais egoísta que isso soe.

— Porque esse cara teve que aparecer justo agora? Que merda! Estávamos tão felizes, até planejávamos dar um novo passo em nossa relação, e então...

— bufa, contrariado.

— Ainda que possa soar um pouco irônico da minha parte, vamos tentar ficar calmos. Como o próprio Natham disse e nós sabemos, tirar conclusões precipitadas é um erro.

Ele balança a cabeça, assentindo, e se esgueira para mais perto de mim. Abraço-o e beijo o topo de sua cabeça, roçando o nariz em seus cabelos louros. Penso em Yanna e em como sua presença faz falta em momentos como esse. Em como eu queria aspirar o aroma do shampoo que usa. Mesmo sendo intencional, imaginar um futuro no qual ela não faça mais parte de nossas vidas é muito doloroso.

Tão doloroso quanto é agora.

Minutos se passam e permanecemos na mesma posição. Isso até o meu celular tocar em cima do balcão da cozinha. Nos endireitamos em um segundo e eu pulo do sofá para buscá-lo; um suspiro frustrado me escapa ao ver que é uma ligação de Yoan. Pondero seriamente em não atender e retornar mais tarde, porém, acabo deslizando o dedo para aceitar a chamada. Sem controlar a súbita irritação, atendo:

— Fala.

“Liguei em um momento ruim?”.

— Digamos que sim.

“Bom, pelo seu tom de voz, creio que não seja a melhor hora para eu saber o que está acontecendo, não é?”.

— Me desculpe. Nós podemos falar sobre isso depois. — passo a mão nos cabelos e respiro fundo — E então, por que ligou?

“Eu disse que teria uma resposta ainda essa semana, mas acabei de receber um e-mail referente a última reunião da galeria e, bem, eles querem você”.

— O que?

“Querem você na exposição, Christopher”.

— Não brinca.

“Nunca falei tão sério”.

— Puta merda! — exclamo.

“Eu tinha pensado em dar a notícia amanhã, chamar você para beber um café lá na galeria, mas, admito, fiquei empolgado e resolvi ligar de uma vez.”

— Yoan Collins, o letárgico, empolgado? Essa é novidade até para mim. — brinco.

“Cale a boca!” — resmunga — “Enfim, preciso que vá amanhã até a galeria para acertarmos os detalhes. Temos pouco mais de um mês para organizar tudo antes da inauguração da nova exposição.”

— Só um mês?

“É tempo o suficiente”.

— Tudo bem. Nos encontramos amanhã.

Despeço-me do meu amigo e encerro a ligação. Olho para Elliot, que trocou a expressão preocupada para uma curiosa e sorrio. Sinto-me feliz pela boa notícia, apesar de a situação não ser a mais propícia para comemorações.

— Era o Yoan. — digo, me aproximando.

— O que ele queria?

— Eu fui escolhido como um dos artistas que irá compor a exposição de estreia dele.

— Sério? — arregala os olhos.

— Sim.

— Isso é ótimo, querido!

Estica os braços e deixo-me atrair por seu aconchego. Nos afastamos e seu lindo sorriso de segundos atrás vai desaparecendo aos poucos. Acaricio seu maxilar com as pontas dos dedos.

— Eu também queria contar para ela. — murmuro.

— Parece que estamos pisando em ovos. Não dá para agir normalmente.

— Teremos que ser pacientes. É o único jeito.

— Até quando?

— Essa é uma resposta que eu não tenho, Eli, embora a quisesse muito.

— Tantas incertezas me assustam, Chris.

Deito a cabeça em cima de seu colo e fecho os olhos quando sua mão pousa em meus cabelos. Mantenho-me calado. Não tenho como rebater a mais pura verdade.

A incerteza é mesmo assustadora.

Consigo fazer meu namorado comer ao menos um (bem servido) sanduiche e beber suco de frutas. Vamos para o quarto em torno das onze, mesmo que nenhum de nós tenha um pingô de sono. Como eu presumia, a cama parece enorme com a ausência de Yanna, especialmente depois de ela passar tanto tempo aqui em casa. Quase morando conosco.

Nervoso com os pensamentos que rondam a minha cabeça sobre Yan e também a participação que farei como artista na exposição de Yoan, procuro relaxar o máximo que posso, mesmo que tudo vá contra. Estou prestes a pegar no sono, quando sinto Elliot se levantando apressado e sentando com as costas apoiadas na cabeceira. Olho-o.

— O que foi?

— É uma mensagem da Yan. — comenta, com o aparelho em mãos.

Meu coração instantaneamente começa a bater mais rápido. A inquietação é inevitável. Estou contente que ela tenha mandado notícias, mas igualmente intimidado.

Me estico para sentar ao lado dele e conseguir ler. “Oi, meus queridos. Chegaram bem em casa?”, é uma mensagem simples. Há um toque impessoal em suas palavras, porém, conhecendo-a como conhecemos, talvez esteja apenas envergonhada por alguma razão. Possivelmente pela

circunstância num geral.

Há certa estranheza em nossa troca de mensagens. Queríamos ouvir sua voz e saber que está tudo bem, que nada mudou apesar do que rolou essa tarde. No entanto, uma mensagem em questão faz com que o peso da realidade caia em nossos ombros.

“Nós quase nos beijamos”

Olho para Elliot, que aperta o celular entre os dedos, e a conversa termina em silêncio.

Capítulo 12

ELLIOT

— Elliot? Elliot?... Elliot!

Sobressalto ao ouvir Vince praticamente gritar na minha orelha e quase caio do banco em que estou sentado. Olho-o um tanto impaciente e indago:

— O que foi?

— Estava perdido no mundo da lua, é?

“*No mundo da Yanna*” seria a pergunta certa. Solto um suspiro, passando os dedos entre as mechas do meu cabelo, jogando-os para trás no processo. O que não adianta muito, já que a franja suada cai quase que instantaneamente de volta sobre os meus olhos.

— Desculpa, só estava distraído. — respondo.

— Distraído passa longe do que você realmente estava. — debocha, batendo de leve em meu ombro.

Dou-lhe um sorriso cansado e olho para o meu reflexo no grande espelho da sala de treinos do estúdio. O pessoal continua ensaiando, mesmo que eu tenha saído de órbita há vários minutos e perdido totalmente o foco na coreografia.

Apesar de alheio e ainda chateado, observo Vince sentar ao meu lado.

— Quer fazer uma pausa? — ele sugere — Assim podemos conversar um pouco.

— Pode ser. — encolho os ombros.

Meu amigo me entrega as muletas até então apoiadas na parede mais próxima e dou um impulso para levantar, encaixando-as debaixo dos braços para ficar de pé.

— Pessoal, vamos fazer uma pausa de vinte minutos. — digo aos meus colegas — Descansem e bebam água. Não muita para não pesar quando começarmos.

Todos concordam e dispersam na sala de treinos. Vince e eu caminhamos lentamente para fora, mais especificamente para a entrada do estúdio de dança.

— Sorte que eu vou tirar essa droga de gesso amanhã. Já não aguento mais!

— Quando começa a fisioterapia?

— Assim que o médico liberar. Acho que vou precisar fazer algumas radiografias antes.

Paramos em frente a máquina de bebidas e meu amigo pega duas garrafinhas com água, oferecendo-me uma, que aceito. Saímos para a rua e acomodamos-nos em um canteiro. Claro que eu faço todo um malabarismo para agachar e conseguir sentar dignamente.

Ficamos quietos um momento, repondo o líquido que perdemos após quase uma hora e meia de ensaio, e Vi é quem toma a frente de iniciar a conversa ao perguntar:

— Ainda preocupado com a história do ex-marido da Yanna?

— E como eu não estaria? — respiro fundo — O cara voltou depois de cinco anos e, apesar de tudo o que aconteceu, continua representando uma ameaça. Porra! Como competir com ele, que foi justamente o ex-marido dela?

— Só que a Yanna está namorando com vocês, não é? — comenta — Ela não pediu um tempo ou qualquer coisa do tipo, pelo o que contou. Então, qual é o caso?

— Sim. Mas as coisas estão muito estranhas entre nós, especialmente depois que ela contou que quase se beijaram a algumas semanas atrás. Embora seja doloroso e o ciúme nos assale, não podemos culpá-la ou julgá-la por estar confusa em relação ao Bryan e tudo o que ele representou em sua vida. É uma situação bastante complicada. Não somente para ela, mas para nós também, que não sabemos o que fazer. A verdade é que estamos tentando tapar o Sol com a peneira, mas, obviamente, não está dando nada certo.

— O cara ainda está frequentando a casa dela?

— Aparentemente sim. A única vez que fomos lá, semana passada, nós não esbarramos com ele, como pensei que fosse acontecer. Mas Yanna contou que estão conversando muito. Além disso, o Bryan pediu para que ela o acompanhe até a casa dos pais dele.

— A família reunida?

— Pois é. — bufo — O irmão vai junto, mas é claramente um reencontro familiar que inclui a antiga nora. A ideia não agradou nem a Christopher e nem a mim, só que... Bom, não queremos ficar rondando como dois cachorros marcando território. Contudo, também não queremos abrir brecha para que Bryan se infiltre novamente na vida de Yanna, embora já o tenha

feito de alguma maneira ao regressar. É muito confuso.

— Não é à toa que você está perdido desse jeito. Tanto você quanto o Chris.

Meu suspiro desanimado é a sua resposta.

Minutos se vão em silêncio, até meu amigo dizer:

— É melhor nós entrarmos, a pausa está terminando.

— Tudo bem.

Com a ajuda dele, ponho-me novamente de pé e voltamos para dentro.

Após aquele domingo, ela não voltou mais ao nosso apartamento. Entre os compromissos na editora, encontros com os irmãos Stewart e o quase colapso de Daniel ao descobrir que o amigo está vivo, não sobrou muito tempo para ficarmos juntos. Foram apenas duas vezes, sendo a última no apartamento dela, mas em ambas o clima era muito esquisito. E só piorava quando tentávamos agir normalmente, o que não rolou.

Claro que conversamos sobre a volta de Bryan e o quase beijo. Yan comentou que estava agitada demais para esperar até que estivéssemos juntos para contar e acabou mandando por mensagem mesmo. Porém, como eu disse a Vince, não podemos armar uma discussão por causa disso. Afinal de contas, pensar que o ex-marido está morto e descobrir exatamente o contrário depois de cinco anos é de fundir a cabeça de qualquer um, por que seria diferente com ela? Inevitavelmente esse reencontro mexeria com seus sentimentos, com todas as suas estruturas.

Mas a questão é: até a que ponto?

Mesmo com o desconforto que anda pairando sobre nós três, Yanna tem se

esforçado para que não fiquemos inseguros, o que é verdadeiramente admirável de sua parte. O problema é que a dúvida está nítida em seu olhar. Suas emoções são ambíguas.

Há muitas coisas para processar em tão pouco tempo. Só que a incerteza em nossos corações cresce a cada dia que passa e, querendo admitir ou não, a verdade é que Natham Stewart plantou a desconfiança em nós com aquela porcaria de conversa. Essa que vem se repetindo e repetindo dentro da minha cabeça desde então. E eu, que já não sou nem um pouco inseguro (note a ironia), só estou faltando surtar.

O resultado? Os ensaios com a companhia para o próximo espetáculo estão cada vez mais improdutivos porque eu não consigo focar minha total atenção em guiar o pessoal e temos poucos meses para deixar tudo perfeito até a estreia no palco. O que, conseqüentemente, só fode ainda mais com o meu humor – que não está dos melhores.

Merda! Se eu soubesse, jamais teria dado ouvidos ao idiota.

O ensaio perdura até o começo da noite. Por sorte, é mais proveitoso do que nos dias anteriores e devo isso ao desabafo que tive com o meu melhor amigo durante a pausa. Acho que eu precisava ficar livre dos sentimentos ruins para conseguir me concentrar no trabalho; Vince, estando de carro, me oferece uma carona até em casa e eu aceito, já que Christopher está com Yoan na galeria organizando os preparativos da exposição, e Yanna... Bem, com Natham e Bryan planejando a visita que farão na casa de seus antigos (e assim espero que permaneçam) sogros para contar sobre a volta do filho.

Convido meu amigo para subir e beber alguma coisa, até disponho que tome um banho, uma vez que saímos os dois suados do estúdio, mas ele pede para deixarmos para a próxima. Não insisto. Os ensaios estão mesmo puxados e eu

sei que ele só quer chegar em casa e dormir. Antes eu até cogitaria que Vince está me dispensando para encontrar uma mulher, porém, surpreendentemente, já faz algum tempo que ele está “sossegado”. Acredito que desde aquela conversa que tivemos no caminho para o aeroporto na época da viagem para Seattle. Ele recaiu quando conheceu Melissa, a amiga de Chris, na reunião que fizemos semana passada. Mas levou um fora tão grande, que vai precisar de ao menos uns dias para se recuperar totalmente – ou não.

O silêncio do apartamento me recepciona assim que abro a porta. Suspiro. Por essas e outras que eu convidei Vince para subir. Não quero ficar sozinho. Não com as engrenagens dentro da minha cabeça funcionando a mil, sem parar um segundo sequer.

Me rastejo até o banheiro e tomo uma ducha apoiado no assento que virou meu companheiro em momentos como esse. Estou feliz que os banhos sentados terminarão amanhã, porque não suporto mais agir como um velho. Um dia eu serei forçado a tomar banho sentado (quem sabe até de esponja se a coisa ficar mesmo feia), isso é fato, mas quero aproveitar os anos antes de ser uma obrigatoriedade. Sou jovem demais para tal.

Chris chega mais ou menos as nove, trazendo consigo duas caixas de pizza. Vejo em seu rosto a decepção por não encontrar Yanna mais uma noite. Decepção essa que não é distinta a minha. Dou-lhe um beijo suave nos lábios e um sorriso comedido.

Comemos em silêncio.

— Tudo certo para amanhã? — pergunta, ao se juntar a mim na cama.

— Sim. Teremos que estar as dez no hospital.

— Mandou mensagem para a Yanna avisando que vai retirar o gesso?

Balanço a cabeça, consentindo, e meu desanimo é evidente.

— Ela não vai, não é?

— Disse que estará ocupada com uma reunião na editora.

— Tudo bem. Eu estarei lá com você.

— Obrigado.

Nós nos beijamos e mergulhamos debaixo dos lençóis.

O sono demora a vir.

Na manhã seguinte, atrasados pela falta de descanso graças a uma noite mal dormida, saímos às pressas rumo ao hospital. Yanna mandou uma mensagem desejando boa sorte e pedindo desculpas por não conseguir nos acompanhar e, apesar de um pouco chateado, respondo que está tudo bem. Ela tem os seus afazeres do trabalho, afinal de contas.

Chegamos em cima da hora. Após as burocracias de costume, somos direcionados para a sala onde o médico está à minha espera. Cumprimentamo-nos educadamente.

Fico tenso no instante em que o médico pega a serra para cortar o gesso. Sei que ele é apto e tem completa consciência do que está prestes a fazer, mas não posso evitar o nervosismo. É a minha perna em jogo, entende? Um movimento em falso e já era!

Quando a lâmina entra em ação, aperto a mão de Christopher e a outra procura inconscientemente a mão de Yanna, mesmo que ela não esteja aqui. Respiro fundo.

A agonia dura alguns minutos, até que o gesso se parte e cai em duas bandas sobre a maca. Finalmente! Depois de praticamente dois meses, estou livre. Nem posso acreditar. Olho para o meu tornozelo e aparentemente não vejo nada de errado, só a pele que está pálida pela falta de exposição ao Sol e um pouco (lê-se muito) suja por não ver água.

O médico move o meu tornozelo devagar e, felizmente, não sinto qualquer tipo de dor ou incomodo. Ao que parece, a fratura está totalmente curada e não precisará de radiografias. Ele pede que eu tente firmar o pé no chão e assim o faço. Tenho alguma instabilidade, mas possivelmente por ficar tempo demais sem andar.

De resto, normal.

— Está tudo certo, senhor Park. O osso curou completamente.

— Isso é ótimo, doutor. — respondo.

— Sua recuperação vai melhorar conforme for realizando atividades no dia a dia. Mas aconselho a não fazer esforço e nem dançar por enquanto. Vou encaminhá-lo para a fisioterapia. Nesse meio tempo, pode começar com exercícios mais leves.

Ouçõ atentamente as recomendações e saio do consultório juntamente com Chris e já caminhando por conta própria, mancando um pouco, mas nada anormal.

— Nem acredito que estou finalmente sem o gesso. — comento ao entrar no carro.

— Vai precisar tomar muito Sol nessa perna branca, isso sim. — ele caçoa, ocupando o assento do motorista — Além de lavar bem para tirar essa

camada nojenta de pele morta.

— O que você queria? Que minha perna estivesse com os pêlos aparados, bronzeada e cheirando a rosas depois de quase dois meses aprisionada num gesso abafado?

Ele deixa um risinho escapar e dá a partida, saindo do estacionamento do hospital.

E então diz:

— Era o mínimo.

Balanço a cabeça em negação e dou risada. Ele realmente aprendeu a lidar comigo depois de todos esses anos; puxo o celular do bolso e envio uma mensagem para Yanna avisando que saímos do hospital e eu enfim retirei o gesso. Contudo, ao contrário do que acontecia antes, a resposta não vem de imediato.

Ela simplesmente não vem.

Ao som de uma música qualquer do Avenged Sevenfold, a banda favorita de Christopher, seguimos por Cobble Hill rumo ao nosso apartamento. Como uma criança, fico mexendo e remexendo os dedos do pé só para ter certeza de que está tudo bem. Também faço alguns movimentos leves com o tornozelo.

Sei que pode ser uma coisa meio besta, só que eu estou verdadeiramente feliz por retirar o gesso e ver que minha fratura foi completamente curada. Bom, eu sou um bailarino e odiaria se algo me impossibilitasse de dançar. Ainda preciso da fisioterapia e tenho um longo caminho de recuperação pela frente, porém, o fato de que estou livre daquele gesso incômodo já é um grande avanço.

É um passo a menos.

Nosso trajeto é tranquilo. Isso até pararmos no semáforo vermelho e eu notar uma figura muito familiar na frente de um restaurante, sorrindo e de braços dados com outra figura que, infelizmente, também é familiar.

Meu coração dá um tranco dentro do peito.

— Christopher...

— Eu estou vendo.

Ficamos em silêncio, observando Yanna e Bryan aos sorrisos, trocando olhares tão intensos que é impossível não perceber o sentimento mútuo que existe ali. Aquela aura afetuosa que até alguns dias atrás eu via-nos envoltos. Embora tenhamos insistido em fechar nossos olhos, a realidade é que Bryan retornou e trouxe consigo mais do que poderíamos imaginar. Mais do que talvez sejamos capazes de suportar.

Ele põe uma mecha do cabelo colorido de Yanna para trás da orelha, deixando-a encabulada e um gosto amargo inunda minha boca. As palavras de Natham ecoando tenebrosamente em minha cabeça. A insegurança varrendo minha frágil confiança.

Saímos do transe quando o carro de trás buzina indicando que o semáforo está verde. Chris, se recompondo, engata e acelera mais do que o necessário avenida a fora.

A tensão envolvendo a nós dois.

Ao chegar em casa, o silêncio ainda é perturbador. Nós nos separamos, indo cada qual para um cômodo diferente. Entro no banheiro do nosso quarto, arranco as roupas que estou usando e tiro bons minutos para lavar minha

perna recém liberta e mandar para o ralo os resquícios de pele morta que ficaram uma vez que o gesso se foi.

Minha mente parece tão nublada quanto o banheiro preenchido pelo vapor da água quente saindo do chuveiro. A angustia ocupando parte do meu ser e a clareza se fazendo presente de um jeito que eu não queria – e temia desde o início.

Depois de vestido, saio do banheiro devagar e mancando levemente, deparando com Christopher sentado na beirada da cama. Ele está com a cabeça baixa e os cotovelos apoiados nas coxas. O cabelo pingando pela chuveirada recente que provavelmente tomou no outro banheiro. E ao escutar o barulho da porta pela qual acabo de sair, ergue a cabeça e nossos olhares se encontram. A certeza assustadora acerta-nos em cheio através do silêncio absoluto do quarto. Palavras não são necessárias. Honestamente, duvido que algum de nós conseguiria dizer alguma delas, pois, somos calados por elas.

Toda a angustia e inquietação que custosamente forcei goela abaixo de repente rompe dos meus olhos, e as lágrimas que escapam dos orbes castanhos do meu namorado são o reflexo de seus pensamentos.

Nós dois chegamos a mesma conclusão.

Três dias passam se arrastando tão lentamente quanto posso contar. Christopher e eu afundados na melancolia de nossa decisão. Apesar de difícil, conversamos mais uma vez e o resultado foi dolorosamente o mesmo. Ao menos, o que achamos ser o certo agora – embora nossos corações sejam estritamente contrários as nossas razões.

Da janela, encaro a fachada do condomínio de Yanna um instante. Meu coração afunda no peito. Volto minha atenção para a rua que se estende

através do para-brisas, assim como meu namorado está fazendo. Nossas mãos se encontram em um aperto trêmulo e nossos suspiros preenchem o interior do carro. Eu não estou pronto para nada disso.

Nenhum de nós está pronto.

Bons minutos se vão até que arrumamos coragem para descer e caminhar em direção ao prédio. A trajetória é inesperadamente nostálgica. Nos enfiamos dentro do elevador e, ao passo que Chris encara fixamente as portas de metal, eu faço o mesmo com o visor acima delas. Uma vez que o sinal sonoro indica que estamos no andar de Yanna, meu corpo estremece. Num consenso mudo, saímos da caixa metálica e percorremos o mais devagar possível a pouca distância que separa-nos da porta do apartamento.

Observamos a madeira branca e tão conhecida. À um passo da vindoura tristeza do fim.

Lágrimas contidas começam a pinica teimosamente os meus olhos. Christopher é quem tem a iniciativa de apertar a campainha enquanto tento me recompor. Geralmente, nós entraríamos direto, mas acho que a atitude não cabe ao momento que virá a seguir.

Não demora muito para que a porta seja aberta e uma Yanna ligeiramente surpresa e então bastante animada apareça. Seus belos olhos verdes cintilam ao nos ver e tenho que engolir em seco, ao mesmo tempo em que Christopher se mantém sombriamente quieto.

Sem dizer uma palavra e de modo que envolve um braço em torno de cada um de nós, Yan nos abraça, fazendo o aroma de seus cabelos coloridos invadir minhas narinas. Fecho os olhos um breve instante, aspirando-o para gravar em minhas memórias, ainda que cada mínima parte sua esteja

encravada profundamente em mim.

— Estou feliz que tenham vindo. — ela sussurra, apertando-se contra nós.

Aproveito do seu contato, seu calor, ciente de que talvez seja mesmo a última vez.

— Estava com tanta saudade. Mal temos nos encontrado esses últimos dias.

Beija docemente os meus lábios e depois os de Christopher.

— Nós também estávamos com muitas saudades. — ouço-o dizer.

— Por que não entraram de uma vez, ao invés de tocarem a campainha? — ela pergunta.

— Nós não sabíamos se você tinha... Ähn... Visitas. — respondo.

— Ah.

Seu rosto cora levemente, denotando seu constrangimento ao entender a quem estou me referindo quando digo “visitas”. E lá vamos nós para aquele tal estranhamento, além do que a circunstância em si já oferece. Querendo fugir do desconforto, Yanna muda de assunto:

— E como está o seu tornozelo, Eli? Ao que parece, está tudo bem.

— Está melhor do que o esperado. Eu ainda estou mancando um pouco, mas o médico disse que é normal.

— Isso é ótimo, querido! A propósito, me desculpe por não ter ido ao hospital com vocês.

Meneio a cabeça, num gesto para que não se preocupe.

Seguimos até a sala de estar e a primeira coisa que vejo sobre a mesinha de centro é um potinho de sorvete da Ben & Jerry's. O preferido de Yanna e que tantas vezes comemos juntos enquanto assistíamos a filmes ou simplesmente ouvíamos música jogados sobre o tapete. As pequenas lembranças estão espalhadas em todos os cantos desse apartamento e destroçam ainda mais meu coração.

— Eu estava comendo sorvete. Ando com tanta fome ultimamente. Fui ao mercado e comprei alguns potinhos, também dos sabores que vocês gostam. Estão na...

— Yan, por favor, poderia sentar? — Christopher é direto, da forma como sempre foi ao lidar com situações como essa — Nós precisamos conversar com você.

Percebo que Yanna agarra a manga do suéter que está usando ao assentir. Não é necessário ser um gênio para entender a seriedade no tom de voz dele. Quando comecei a namorar Christopher, eu o considerava muito insensível para certos assuntos, mas aprendi que é exatamente o contrário. Ele é sensível demais para lidar com situações iguais a essa, além do que suas emoções podem suportar.

Ele está destruído por dentro.

Nós dois estamos.

Yan senta bem a nossa frente, ao lado do potinho esquecido de sorvete e observa-nos apreensiva. O silêncio se faz presente. Chris e eu não conversamos de fato em como iríamos falar para ela, mas, julgando que ele tomou a iniciativa, pensei que ficaria a seu encargo ao menos o início. Só que, ao vislumbrá-lo de relance, reparo que está petrificado em sua covardia

repentina. Os olhos castanhos vibrados em um ponto qualquer sobre o ombro de Yanna, sem realmente conseguir enxergar alguma coisa.

Embora minha garganta esteja entalada com um nó de emoções, fecho os olhos para buscar minha voz, mas o moreno se adianta e solta quase que roboticamente:

— Muitas coisas vieram acontecendo esses dias. Coisa que jamais poderíamos imaginar e que trouxeram mais do que podemos lidar nesse momento. As emoções de todos estão bagunçadas. A situação num geral é uma tremenda bagunça. Há detalhes do passado que precisam ser resolvidos. Na realidade, todos eles. E acreditamos que você precisa de espaço para refletir sobre tudo o que está se passando, sobre os seus sentimentos.

Yanna, um tanto atordoada, pisca algumas vezes e indaga com um risinho tenso:

— O que você está querendo dizer, querido?

— O que ele quer dizer é que.... Nós devemos dar um tempo.

Os olhos dela revezam nervosamente de um para o outro. A compreensão de nossas palavras tingindo seu lindo rosto em uma expressão atormentada. Yan levanta e crava seu olhar aflito em nós dois. Percebo que suas mãos estão trêmulas, não muito diferente das minhas. E de relance, vejo Christopher com o rosto enterrado entre as próprias mãos.

— Vocês.... Vocês querem terminar?

Yan praticamente sopra a pergunta de tão baixa que sua voz sai. Respiro fundo para manter os meus pedaços no lugar diante de seus olhos banhado em lágrimas grossas.

— Você.... Tem a chance de recomeçar com ele. — murmuro, após alguns segundos — De viver tudo o que esse mal-entendido tirou de ambos.

— Mas, eu.... Eu não... — sacode a cabeça — É por causa do quase beijo?

— Não, não é por isso.

Ela me encara, não acreditando no que digo.

— Sabemos que está confusa, Yan, e não a culpamos por estar assim. A volta do Bryan mexeu com os seus sentimentos, afinal, vocês se amaram muito e foram até casados.

Suas jades repletas de dor e desconcerto continuam vislumbrando-me e, de vez em vez, recaem sobre Christopher. Mesmo com as palavras me sufocando, obrigo-me a despejar.

— Só queremos que seja feliz e talvez você encontre essa felicidade ao lado dele novamente. A oportunidade que tanto esperou está bem...

— Mas eu estou apenas o ajudando. — corta-me, nervosa — Ele literalmente voltou dos mortos e... E precisa se reerguer. Reconstruir a vida que perdeu e...

— E você fez parte dessa vida. — Christopher finalmente se pronuncia, dirigindo um olhar a ela — E pode fazer parte de novo.

— Chris...

— Diga-nos e, por favor, seja sincera: apesar dos anos, você ainda sente algo, né?

Ela arregala os olhos e seu queixo treme, como se quisesse dizer algo, mas

não conseguisse. Como se a verdade enfim lhe atingisse. Possivelmente, com tudo o que vem acontecendo, Yanna não parou realmente para pensar sobre o assunto. Porém, no fundo, a dúvida aflige seu coração. Por isso ela tenta desesperadamente compensar a distância entre nós, porque sente-se culpada por esses sentimentos conflitantes.

— Nós os vimos há uns dias atrás em frente a um restaurante em Cobble Hill. E percebemos que ainda está lá, dentro de você, aquela mesma intimidade que eu acredito que possuíam, as mesmas sensações.... Nada se perdeu em cinco anos, não é?

O choro de Yanna fica mais intenso, respondendo o que Christopher acaba de dizer. Uma lágrima desce por minha bochecha e tenho que levantar o rosto e morder o lábio para não romper também, mesmo sendo uma tarefa malditamente difícil.

— Mas eu amo vocês. — ela sussurra entre soluços e aponta para o próprio peito — Eu sinto bem aqui...

— Nós sabemos disso. Porra, e como sabemos! Da mesma forma que amamos desesperadamente você. Mas não queremos que se arrependa. Não queremos que perca essa chance que o universo está lhe dando, Yanna! A chance de ser feliz com ele!

Ela soluça alto e esconde o rosto entre as palmas de suas pequenas mãos, que continuam tremelicando. Sinto como se o meu coração estivesse sendo esmagado e não duvido que Christopher também, tanto que ouço-o suspirar entrecortado e não preciso virar para saber que está chorando. Quero abraçar os dois, mimá-los e dizer que, ainda que seja uma mentira, tudo ficará bem. Mas eu sou apenas o peso da minha própria tristeza agora.

Eu mesmo sou incapaz de acreditar nessas lindas mentiras.

— Temos que dar esse tempo a você, para que possa entender seus verdadeiros sentimentos e então faça a escolha certa. Querendo ou não, nosso relacionamento é uma pressão desnecessária agora, ao menos enquanto tudo está essa grande bagunça.

Yanna permanece sofredamente quieta. Seu silêncio é ensurdecedor. Ela somente absorve o que dissemos ao passo que as lágrimas escorrem por suas bochechas coradas.

A verdade é que não há mais nada a ser dito. Nós três temos plena consciência disso.

Prolongar essa situação só irá nos machucar ainda mais. Apesar de cada grama do meu ser se negar a sair por aquela porta, levanto juntamente com Christopher, e sorvemos a figura de Yanna uma última vez antes de caminharmos em direção a saída. O choro dela vai ficando para trás, mas alto em meus ouvidos o suficiente para que atormente os meus sonhos pelo resto da vida. Nunca senti tanta raiva de mim mesmo como agora.

Desolados e do lado de fora do apartamento, precisamos de alguns minutos para acalmar inutilmente nossas lancinantes emoções. A vontade de escancarar a porta atrás de mim e reverter tudo o que acabamos de fazer é enorme, contudo, não maior do que a vontade que tenho que vê-la sorrindo e feliz para o resto de sua vida, mesmo ao lado de outro cara.

Como eu disse a Vince, não podemos pressioná-la e menos ainda forçá-la a estar conosco. Demos o nosso melhor a Yanna, todo o nosso amor, e esperamos que tenha sido o suficiente para que – talvez – ela volte para nós um dia.

Nesse momento, este é o nosso ato de devoção.

Deixá-la livre para decidir de quem é o seu coração.

Capítulo 13

YANNA

Reviro outra vez na cama e encaro a parede não muito distante, da mesma forma que venho fazendo há dias atrás. Não tenho vontade de levantar e tampouco consigo dormir. Minha vida virou de cabeça para baixo desde o dia em que Christopher e Elliot vieram até aqui e deram um fim ao nosso relacionamento. O dia em que percebi o quanto estava sendo injusta e tola por não dar importância para os sentimentos deles.

Como eu pude ser tão egoísta?

Sim, admito que descobrir que Bryan está vivo mexeu com as minhas emoções e senti o coração vacilar por tê-lo perto outra vez. No entanto, nunca foi minha intenção magoar os meus namorados (agora ex-namorados) e menos ainda terminar com eles. Só que eu entendo a atitude deles. Elliot e Christopher tinham todo o direito de fazer o que fizeram, ainda que isso tenha me destruído por dentro. Afinal, eu dei a eles todas as razões possíveis para o nosso término. Estou somente pagando o preço das minhas estúpidas escolhas e, sinceramente, estão sendo altos e dolorosos demais.

Sinto que as lágrimas começam a escorrer de novo, molhando o travesseiro. Acho que perdi as contas de quantas vezes chorei esses dias, e sempre que penso que a cota se esgotou, lá vem mais lágrimas para provar o contrário. Depois que Christopher e Elliot foram embora, liguei para o Dani e ele veio

imediatamente ao ouvir o desespero em minha voz. Chorei em seus braços o restante da noite e não houve potinho de Ben & Jerry's que me ajudasse a ficar melhor – ainda que eu tenha devorado uns três.

Contei para o meu melhor amigo tudo o que aconteceu e ele até se ofereceu para falar com os meus ex-namorados e explicar que foi sua a ideia de mudar de última hora a reunião para um restaurante, já que queria descontraír um pouquinho, pois, estávamos os quatro juntos como nos velhos tempos. Porém, eu o detive. Talvez deixá-lo ir só piorasse a situação. Sem contar que, inconscientemente ou não, eu estava em uma posição comprometedora com Bryan ao permitir que cruzasse nossos braços e me tocasse. Independentemente do fato de termos sido casados, eu deveria saber que Elliot e Chris ficariam incomodados e magoados com toda essa circunstância.

Em outras palavras: a culpa é minha.

Eu não menti ao dizer que amo os dois. Continuo amando-os tão intensamente que às vezes não cabe no peito. Contudo, fui estúpida o suficiente para deixar que as melhores coisas que aconteceram em minha vida nos últimos meses esvaíssem entre os meus dedos. E agora o que restou foi o peso das lembranças que rodeiam meu apartamento.

Os raios de Sol entram através das cortinas parcamente fechadas. Tateio o colchão em busca do celular e sinto o coração afundar ao ver a foto de nós três que ainda está como papel de parede e não tenho qualquer intenção de apagar, assim como as demais que enchem a memória do aparelho e representam os bons momentos que vivemos juntos.

Vejo que são quase dez da manhã. Preciso levantar e começar a me arrumar, pois, Natham e Bryan virão me pegar para irmos até a casa dos pais deles. Ou seja, meus antigos sogros. Ao longo de toda essa semana, cogitei seriamente

em cancelar o compromisso, mas seria mal-educado depois que me comprometi a ir e ajudar.

Droga!

Por que raios eu fui concordar com essa ideia?

Mesmo a contragosto, esforço-me para sair da cama e me arrasto em direção ao banheiro. Largo as roupas no chão e entro debaixo do chuveiro, suspirando no segundo em que a água quente faz contato com o meu corpo cansado. Deixo que a falta de ânimo vá para o ralo – ou tento – e enrolo um pouco antes de fazer o que preciso e sair.

Visto um dos meus vestidos longos e espalhafatosos, desejando que assim o meu humor também possa ficar mais colorido, e opto por uma maquiagem simples. Vou ao menos fingir que pareço um ser humano normal. Olho para os meus cabelos, antes coloridos, e lamento. Estão mais desbotados que eu mesma. Contudo, sorrio ao lembrar da comparação que Eli fez sobre a Ninfadora Tonks.

Meus cabelos estão cada vez mais sem cor porque estou cada vez mais triste.

Contrariando a situação, a fome monstruosa obriga-me a devorar quatro pedaços do bolo que costumo comprar e duas tigelas de cereal de chocolate. Rejeito o café. Ultimamente só o cheiro está revirando o meu estômago. Devo ter bebido tanto ao longo dos anos, que meu corpo se revoltou contra a cafeína. Então troco por um copo de suco de laranja.

Tendo alguns minutos de vantagem, sento no sofá e pego o notebook para conferir os meus e-mails de trabalho. As preparações para o novo livro estão a todo o vapor e o lançamento, além da sessão de autógrafos, na Frankfurter Buchmesse também.

Ao menos um aspecto da minha vida está dando certo, afinal.

Nenhum pouco confortável com o silêncio do meu apartamento, abro o YouTube com intenção de colocar uma música animada para tocar. No entanto, o meu lado masoquista pede que eu me maltrate mais um pouquinho, e acabo clicando em “Sono Solo Parole” da cantora italiana Noemi. Bom, se a ideia era sofrer, atingi o objetivo com sucesso.

*“São apenas palavras
São apenas palavras
As Nossas
São apenas palavras
São apenas palavras, palavras, palavras, palavras
E agora eu acho que o tempo que passei
Com você*

*Mudou para sempre cada parte de mim
Você está cansado de tudo e eu não sei o que dizer
Não encontramos o motivo nem para brigar
Estamos muito longe, longe de nós
Mas eu sinto um pouco mais com meus medos que você
Eu gostaria de te abraçar forte e dizer-lhe que não é
Nada”*

Obviamente que eu preciso enfiar o plural em toda a letra para que ela faça sentido para mim. Se um dia eu me aventurar a escrever canções, vou escrever uma sobre poliamor.

A beira do choro novamente, respiro aliviada (ou não tanto assim) quando escuto a campainha soar. Desligo tudo, levanto num pulo e desço para o hall ao conferir que é Natham e Bryan; encontro-os dentro do Audi RS7 azul estacionado perto da entrada do prédio e cumprimento cada um deles ao tomar o banco de trás. Partimos em seguida.

Ambos sabem que o meu relacionamento terminou e o clima anda meio estranho. Especialmente depois que Nam confessou ter conversado com os meus ex-namorados. Eu fiquei tão nervosa que, por um triz, não esmurrei o meu amigo. Porra! Sei que não foi por mal (quero acreditar que não), porém, ele não tinha direito algum de se intrometer. Já estava sendo suficientemente difícil sem que alguém intervisse.

Bryan, por sua vez, sentiu-se extremamente mal e tomou a culpa para si. E eu cansei de dizer que, se a culpa é de alguém, ela é minha.

Por que essa é a grande verdade.

O caminho para Upper West Side é sossegado, embora meio tenso. Meus antigos sogros se mudaram uns anos atrás, querendo ficar mais perto do único filho que lhes sobrara. A cada metro que nos aproximamos do passado, mais os nossos nervos vão ficando à flor da pele. Bryan se mantém quieto boa parte do tempo e presumo que seja pelo fato de que logo estará diante de seus pais após cinco anos. Sem contar que deve estar temeroso quanto a reação deles, em especial de sua mãe. Não que meus antigos sogros estejam muito velhos, mas um baque desses é de fato chocante e, se eu desmaiei, temo pensar no que pode acontecer.

Depois de quase vinte minutos na estrada, Natham estaciona em frente à casa de seus pais. A apreensão vai ocupando o carro. Vejo Bryan bater a cabeça contra o encosto do assento e respirar fundo, procurando coragem para abrir a

porta e caminhar até a entrada de sua antiga vida. Como irmão mais novo, Nam lhe dá um aperto reconfortante no ombro e eu, apesar de tudo, toco seus cabelos louros num afago gentil. Não é fácil.

Damos alguns minutos para que ele se sinta mais preparado e então descemos do carro. Juntos, percorremos o curto trajeto que leva a porta e é Natham quem toma a dianteira, apertando a campainha. Bryan está praticamente escondido atrás do irmão, que é poucos centímetros mais alto. Uma das empregadas da família Stewart abre a porta e, pela reação dela ao ver aquele que pensou ter morrido há cinco anos, arrisco-me a dizer que a senhora Stewart não terá uma resposta muito diferente – se não pior.

Somos guiados até a entrada da sala de estar e Natham detém o passo ao ver seus pais sentados no sofá, tranquilamente conversando e bebendo o que acho ser chá. Ele inventou a desculpa de que gostaria de almoçar em casa para que ambos estivessem presentes durante a sua visita. Também falou que tinha uma surpresa para contar. E bem, essa surpresa nada mais é do que o fato de que Bryan está vivo. Eu só não sei exatamente como faremos a partir daqui, já que não há uma forma amena de fazê-lo.

— Eu vou na frente. — cochicha Nam.

Assentimos e esperamos escondidos atrás da parede. Ouço-o cumprimentar os pais e surpreendo-me ao notar os olhos de Bryan encherem-se de lágrimas. Padeço-me dele. Suportar cinco anos longe da família e sem ter qualquer notícia deve ser muito difícil.

— Eu tenho algo para mostrar a vocês. Por favor, mantenham a calma.

Natham reaparece e faz um sinal para o irmão. É agora. Engolindo em seco, Bryan dá um passo e outro, e enfim entra na sala de estar. Só tenho tempo de

ouvir a senhora Stewart gritar e então correr para socorrê-la. No caso, os irmãos e eu corremos, porque o senhor Stewart está paralisado ao lado do sofá. Olhando fixamente para o filho não mais morto.

Uma comoção gira em torno da sala de estar. Nam deita a mãe em um dos sofás e pede a uma empregada para buscar um copo com água e açúcar. Eu peço que traga um segundo para o senhor Stewart, que continua inerte em seu próprio abalo.

Demora um tempo para que a senhora Stewart se recomponha e então desate a chorar agarrada a seu filho. O próximo é o pai, e a família inteira se abraça em um reencontro muito comovente. Admito que algumas lágrimas me escapam.

Até a hora do almoço, Bryan se encarrega de contar toda a história, desde o seu sequestro até a recuperação sofrida na Europa, e em como veio para cá. Eu permaneço inserida na conversa, mas sem realmente fazer parte dela. Pois, vez ou outra, meus pensamentos voam para muito longe e pousam em Elliot e Christopher. Também na lembrança de quando fomos visitar Nayeon em sua casa em Hershey e como foi divertido. A atmosfera era completamente diferente.

Minha antiga sogra.

Pouco mais de uma da tarde e somos avisados que o almoço está na mesa. Nos encaminhamos para a sala de jantar e, como antigamente, Bryan senta na cadeira ao lado da minha. O clima nostálgico dá lugar a um feliz. O senhor e a senhora Stewart ostentam um sorriso que poderia facilmente rasgar suas bochechas.

Porém, eu os entendo.

Tudo parece perfeito. Contudo, no segundo em que a empregada serve o chouriço, penso que meu estômago vai pular para fora. O cheiro faz com que meu rosto se contorça em uma careta. Desde quando o cheiro de linguiça de sangue é tão forte desse jeito?

— Yan, você está bem? — Bryan murmura.

— Sim. Tudo bem.

— Tem certeza?

Sacudo a cabeça. No entanto, não está tudo bem. Meu estômago revira e a bile sobre amarga em minha garganta. O cheiro do prato é forte demais para eu aguentar.

— Desculpe. Eu preciso ir ao banheiro.

Levanto às pressas e corro para o banheiro mais próximo. Subo a tampa do vaso, agacho e vomito o que comi no café da manhã. Ponho tudo e mais um pouco para fora.

Sento no chão um instante, sentindo-me um caco e esperando para ver se mais alguma coisa sai. Embora só possa sair se eu ingerir algo. Após uns minutinhos, levanto e vou bochechar um pouco do enxaguante bucal que encontro no armário para tirar o gosto ruim da boca. Estou um bagaço. Meu rosto está mais pálido que a cor do azulejo.

No momento em que suponho estar um pouco mais apresentável, saio do banheiro e retorno para a sala de jantar. Os olhares de todos recaem sobre mim. Sento ao lado de Bryan como se nada tivesse acontecido e nós nos entreolhamos uns segundos.

— Você está bem, querida? Parece meio pálida. — diz a senhora Stewart.

— Eu estou bem. Não precisa se preocupar. Só um pouco indisposta.

Encaro o chouriço diante de mim e engulo em seco.

— Sendo sincera, eu gostaria de ir para casa. — confesso.

Ela balança a cabeça, compreensiva. Se eu ficar, vou entupir a privada deles.

— Vamos, eu levo você. — Bryan se dispõe ao levantar.

— Eu posso levar, irmão, já que estou de carro.

— Não, tudo bem. Eu prefiro que fique e explique aos nossos pais o que precisaremos fazer para revogar a certidão de óbito. Só vou deixar a Yanna em casa e volto para cá.

Percebo que Nam fica um pouco contrariado, mas não contesta. Ótimo. Pois, tudo o que eu quero é ir para o meu apartamento e me enrolar no edredom, torcendo para que esse maldito enjoo passe. Estou pensando seriamente em procurar um médico amanhã, quando minha cabeça estiver menos anuviada com tudo o que está acontecendo.

Despeço-me do senhor e da senhora Stewart, e de Natham. Saio em companhia de Bryan e ele chama um táxi, que não demora para aparecer. Embarcamos e ele dá a partida. O trajeto é silencioso e um tanto desconfortável.

Bons minutos se vão assim.

— Motorista, por favor, poderia parar aqui? — Bryan pede, surpreendendo-me.

— Onde você vai? — pergunto.

— Só preciso comprar uma coisa. É rápido.

Balanço a cabeça e então vejo-o sair do carro, e cruzar a rua para entrar em uma farmácia. Será que eu deveria ter pedido para que comprasse um remédio para o estômago? Não, não. Estou mesmo decidida a procurar um médico amanhã de manhã, esses enjoos e mal-estar não são normais e não posso mascarar tomando qualquer coisa.

Bryan volta rapidamente e embarca outra vez no táxi, pedindo que o motorista prossiga. Reparo que não há nada em suas mãos, o que é estranho, considerando que ele desceu justamente para comprar algo e não vejo vestígios do que quer que seja. Enfim.

Ao entrar no apartamento, marchoo direto para o sofá e não penso duas vezes em desabar sobre ele. Meu estômago continua um tanto sensível, mas ao menos a ânsia de vômito passou – que julgo ser a pior parte. Depois de vomitar, é claro.

Observo Bryan se mover em torno da cozinha, parecendo estar atrás de algo. Sua presença é tão destoante, que inevitavelmente sinto-me incomodada. Apesar do que Christopher falou, não há mais familiaridade em sua figura, tal como pensei quando nos reencontramos pela primeira vez. Com a euforia do momento vagorosamente se dissipando, percebi que não somos mais do que dois conhecidos estranhos. Reconhecemos um ao outro, porém, estamos longe de compreender o que nos tornamos depois de todos esses anos separados.

Sobrou apenas as sombras do que fomos.

— Ainda está em enjoada, Yan? — ele pergunta, quebrando o silêncio.

— Não. Só levemente nauseada.

— Por acaso, você teria limão?

— Ah, sim. Está dentro da geladeira. Por quê?

Ele não responde, apenas abre a geladeira e vejo-o pegar uma garrafa com água gelada além do limão. Em poucos minutos, Bryan se aproxima com um copo cheio até mais ou menos a metade de água misturada com limão. Sem entender, olho-o.

— Para que isso?

— Ajuda com o enjoo. Vamos, beba.

Fico me perguntando como ele sabe disso, mas lembro de sua síndrome de cinetose e que Elliot costumava fazer o Chris beber a mesma coisa quando nauseado.

Lembrar deles faz o meu ânimo murchar mais um pouquinho.

Sem demonstrar resistência, pego o copo estendido a minha frente e vou bebendo devagar, em pequenos e pausados goles. Bryan senta ao meu lado e vislumbra-me por um instante. Fico entre retribuí-lo e mergulhar nas lembranças do meu término recente com Christopher e Elliot, ainda que a segunda opção esteja ganhando.

— Eu posso fazer uma pergunta? — ele se pronuncia.

Seu tom é nitidamente cauteloso.

— Sim, pode fazer.

— Sei que vai soar meio estranho, mas.... Desde quando está sentindo esses enjoos?

— Não sei ao certo. Algumas semanas, eu acho.

— E você, sei lá, tem alguma outra coisa além dos enjoos?

Franzo as sobrancelhas. Onde raios Bryan quer chegar com essa conversa?

E por que estou ficando com os batimentos acelerados?

— E então? — insiste.

— Bem, creio que não. Talvez só muito sono e ando comendo mais do que um dragão. Mas esse último não é muito anormal, pois, eu sempre gostei de comer.

Bryan fecha os olhos e balança a cabeça como se tivesse compreendido algo que eu ainda não consegui decifrar. Uma vez que seu olhar azul-acinzentado está fixo no meu, um tremor repentino corta de cima a baixo minha espinha.

Não estou gostando disso.

— Yanna, você já cogitou a possibilidade de estar grávida?

Ao ouvir tais palavras, eu paraliso. Grávida?

Mas..., Mas como eu estaria grávida se utilizo a pílula anticoncepcional regularmente e... Oh, merda! Como se todos os contraceptivos fossem 100% eficazes.

O pânico vai gradativamente tomando o meu corpo. Não que eu nunca tenha pensado em ter filhos, mas, justo agora? Justo agora que as coisas estão bagunçadas desse jeito?

Calma, calma. É somente uma suspeita. Não que eu queira que seja uma doença, longe disso. Pode ser apenas o estresse dos últimos dias. Já houveram

vezes em que fiquei um pouco mal devido ao trabalho e demais pressões. Só que agora eu não consigo pensar em outra possibilidade fora a que eu estou gerando uma criança em meu ventre.

Droga! Ele tinha que colocar a dúvida em minha cabeça?

Vendo que estou prestes a entrar em curto-circuito, Bryan pousa a mão suavemente em meu ombro e puxa-me de volta para a realidade. No instante em que olho para ele, reparo que está segurando uma caixinha colorida e eu cairia para trás se não estivesse sentada.

— Isso é....?

— Sim. Foi o que eu comprei quando pedi para o taxista parar no caminho. Eu guardei no bolso porque, bom, não queria mostrar antes de conversar com você.

Fecho os olhos uns segundos, entre a gratidão pelo seu gesto e o medo do que está por vir.

— Você não precisa fazer, se não quiser. Mas pelo pouco que tenho observado, acho que...

— Como você sabe disso? — interrompo-o — Como sabe que posso estar grávida?

Ele se mantém calado, os olhos fixos no meu.

Um minuto se vai até eu entender que não terei resposta. Ao menos, não imediata.

— Tudo bem. Eu vou fazer. — digo, enfim.

Com a mão levemente trêmula, pego a caixinha e respiro profundamente para conseguir levantar. Gentilmente, Bryan se põe de pé com o intuito de me acompanhar até a porta do banheiro, porém, nego sua companhia e peço que espere aqui na sala.

O caminho até o banheiro nunca pareceu tão longo. Encaro a porta antes de abri e tranco-me no cômodo. Ponho o teste de gravidez em cima da pia e escoro no balcão para enfrentar meu reflexo no espelho. A ansiedade está estampada em meu rosto.

E se eu estiver mesmo esperando um bebê, o que farei?

Meus olhos voam para a caixinha colorida à poucos centímetros da minha mão e respiro fundo pela milésima vez. Eu não vou saber se não fizer, não há outra alternativa.

Enchendo-me de coragem, abro a embalagem e leio atentamente as instruções, ainda que sejam bastante intuitivas. Apanho o bastão branco e, como indica a bula, faço xixi diretamente sobre a fita. Sorte que tomei aquela água com limão antes.

— Agora é esperar.

Abaixo a tampa do vaso e sento sobre ele. O peso do teste entre os meus dedos. São apenas três minutos, contudo, tenho a impressão de que é uma eternidade!

Minhas pernas balançam para cima e para baixo em nervosismo, e sinto que começo a transpirar. Não sei quanto tempo se passa, porém, decido que é a hora da verdade. Não posso mais fugir. Inspiro e expiro algumas vezes e então ergo o bastão para conferir.

De acordo com o que estava escrito nas instruções, um risquinho é negativo e dois risquinhos significa que é positivo. ‘Um’ é negativo e ‘dois’ é positivo.

— Dois. — murmuro, olhando fixamente para o teste em minha mão, que em seguida cai pesadamente sobre o meu colo.

Encaro a parede e, antes que eu dê por mim, estou soluçando. Lágrimas se alastram em meu rosto, num misto inexplicável de desespero e felicidade. Eu estou grávida.

Eu estou realmente grávida.

Parando para refletir agora, os sinais eram muito claros: sonolência, os enjoos, fome excessiva. Céus! Como eu não notei o que estava bem a minha frente? Nesse caso, está na minha barriga e crescendo a cada dia que passa.

Eu acho que é aquela típica ideia de pensar que nunca vai acontecer com você.

Com quantos meses eu devo estar?

Eu pensei que, ao tomar a pílula, diminuiria as chances. No entanto, esqueci que elas duplicavam pelo fato de eu namorar com dois homens ao mesmo tempo. Sem contar que transávamos feito coelhos, o que quadruplicava essas chances. Mas a minha menstruação estava regular, mesmo o fluxo tendo diminuído, por isso não me preocupei. Ah, que grande engano!

Depois de chorar tudo o que tenho direito e um pouco mais calma, levanto do vaso e vou lavar as mãos. Aproveito também para jogar água no rosto. Tal como fiz quando entrei no banheiro, olho para o espelho e encontro outra mulher ali refletida. Eu serei mãe. Daqui a alguns meses, terei uma criança em meus braços, com os cabelinhos loiros ou quem sabe castanhos. Olhinhos

claros ou escuros.

Que droga! Quero chorar de novo.

Oh, Deus, como eu vou contar sobre essa gravidez para Elliot e Christopher? Não tenciono esconder, claro que não. Apesar de querer estar com eles, e se pensarem que estou tentando voltar somente por causa do bebê e não porque amo os dois?

Tenho que pensar nisso.

— Yan?

Ouçõ uma batida na porta e a voz de Bryan soa atrás dela. Amarro os cabelos já desbotados em um coque e me recomponho o máximo que consigo. Considero jogar o teste de gravidez no lixo, mas apenas deixo onde está.

— Entre. — digo.

A porta abre com certa timidez e Bryan aparece, visivelmente preocupado. Dou-lhe um singelo sorriso e suspiro em seguida. Eu não preciso falar para que ele tenha uma resposta. A vermelhidão em meus olhos é mais do que o bastante.

— Desculpe, você estava demorando.

— Tudo bem.

Há uma pausa desconfortável.

— Então você está mesmo? — indaga.

Balanço a cabeça, consentindo, e noto seu olhar indo para o teste na pia.

Bryan sorri, complacente, e afaga meus cabelos. Ainda em silêncio, guia-me de volta para a sala e sentamos lado a lado no sofá de couro amarelo. Vejo que ele preparou chá de camomila enquanto eu estava surtando no banheiro. Aceito uma caneca e sinto-me melhor depois de um gole quentinho.

Está doce na medida certo, do jeito que eu gosto.

— Qual o próximo passo? — ele questiona, de repente.

— Eu ainda tenho muito o que pensar. Preciso marcar uma consulta para começar a fazer o acompanhamento e, bem, saber como direi isso para os meus ex-namorados.

— Vai dar tudo certo.

— Eu espero que sim. — suspiro outra vez.

— Sei que já pedi desculpas várias vezes, porém, quero dizer que realmente sinto muito pelo seu relacionamento ter acabado. Não foi minha intenção ser uma ameaça para os seus namorados, ainda que tenha agido exatamente dessa maneira desde que voltei.

— A culpa não é sua, Bryan. Fui eu quem não soube lidar com a situação.

— Tenho certeza de que eles sentem a sua falta, tanto quanto você sente a deles. — lança-me um olhar gentil — E agora com o bebê, vocês terão a chance de resolver os problemas e...

— Por favor, vamos deixar esse assunto de lado por enquanto.

— Tudo bem.

Bebemos o chá, cada qual imerso em seus pensamentos. As engrenagens

dentro da minha cabeça estão trabalhando à mil diante da minha nova realidade. Entretanto, em meio a tantas descobertas e dilemas, algo em especial continua me perturbando.

— Você não quis dizer antes e eu estava nervosa demais para insistir, mas tenho que saber. Por favor, Bryan, diga-me como você percebeu que eu estou grávida.

Ele respira fundo e olha fixamente para a caneca em suas mãos. O silêncio impera. Eu até poderia engolir a história de que são sintomas comuns e qualquer um pode identificá-los. Contudo, sei que não é esse o caso. Sua expressão demonstra e muito isso.

Desconfiando que irá desviar do assunto de novo, abro a boca para argumentar, mas perco todas as minhas palavras no momento em que diz:

— Há uma pessoa na Hungria.

Bryan ergue a cabeça e nossos olhos se encontram.

— O nome dela é Brianna.

— Brianna?

Anui com um gesto e solta um suspiro. Põe a caneca sobre a mesinha e cruza os dedos, apoiando os cotovelos em cima dos joelhos. Por um momento, observo-o perdido em seus próprios pensamentos, isso até levantar novamente a cabeça e dizer com convicção:

— Eu reconheci os seus sintomas porque ela teve exatamente os mesmos.

— O que?

Arregalo os olhos. A compreensão vindo como um soco.

— Bryan, você...

— Eu sou pai, Yanna.

A força da revelação cai sobre mim. E, dando o xeque-mate, ele completa:

— E a verdade é que voltei para os Estados Unidos à fim de arranjar os meus documentos porquê... Eu irei me casar com a Brianna.

Capítulo 14

BRYAN

Fotografar sempre foi a minha paixão. Capturar momentos, pessoas, histórias ou simplesmente a paisagem. Sim, eu sempre gostei disso e nunca tive dúvidas de que era o que eu queria para a minha vida.

Ganhei a minha primeira câmera aos doze anos de idade e não parei de fotografar desde então. Virei o fotógrafo oficial dos eventos em família e de tudo o que eu poderia registrar, fosse na escola ou em qualquer outro lugar. Um verdadeiro aficionado. Logo, não foi surpresa para ninguém quando falei que iria cursar a faculdade de fotografia. Acho que todos ficariam chocados se eu não o fizesse.

Naquela época, ainda morávamos em outro país e eu prestei o vestibular para a universidade que oferecia o melhor currículo, e consegui passar em uma ótima qualificação. Minha família apoiou e ficou bastante feliz e, no semestre seguinte, eu comecei a estudar. Estava dando mais um passo para realizar o meu sonho.

Só o que eu não sabia era que a universidade mudaria completamente a minha vida e não necessariamente no âmbito que eu imaginava. Foi muito além do que o esperado.

Eu a conheci por causa de um trabalho em conjunto que o professor de

‘processos gráficos’ propôs com a turma de calouros do curso de letras. Nos reunimos na biblioteca do campus e seu cabelo escandalosamente laranja foi a primeira coisa em que reparei, destacando-se em meio a sobriedade dos móveis e as pilhas de livros. Era um ponto colorido entre todas as cabeleiras comuns, incluindo a minha.

Chamava muita atenção.

No entanto, ela parecia não ligar nem um pouco para os olhares que recebia, agindo como se fosse apenas algo tão natural quanto os meus fios loiros. Era engraçado e ao mesmo tempo fascinante. Talvez até mesmo um pouco intrigante – e instigante.

Por isso, eu não pensei duas vezes em dar um jeito para fazer dupla com ela. Foi assim que descobri que seu nome era Yanna e fui atingido por seus olhos verdes. Tão expressivos e cheios de vida. Eram os mais lindos que já tivera o prazer de ver.

Nós começamos a conversar despretensiosamente e toda a sua espontaneidade me cativou. Ela era uma amante do mundo, tão sonhadora e jovem, um sopro de alegria. Nossas ideias batiam de uma forma assustadora e não demorou muito para que eu me visse completamente fascinado. Graças àquele trabalho, nós viramos amigos.

Mas eu sabia, no momento em que sai daquela biblioteca, que não seria apenas amizade.

Fomos gradativamente nos aproximando um do outro. Nos encontrávamos para comer juntos, às vezes só para papear, ou trocar opiniões sobre os nossos trabalhos. Saíamos com os colegas da universidade, talvez como desculpa para estarmos próximos enquanto ainda não tínhamos coragem para dar o

passo seguinte. O que levou alguns meses. A amizade foi se transformando em algo maior.

Grande o suficiente para tomar tudo de mim.

Quando o nosso primeiro encontro aconteceu, eu estava tão nervoso que chegava a ser patético. Até hoje, eu lembro o quanto Yanna estava deslumbrante em um vestido de verão vermelho. Ela havia mudado a cor dos cabelos. Meu coração batia rápido demais diante da imagem dela, que eu pensei ter parado de respirar por um instante.

Nosso primeiro beijo aconteceu naquela mesma noite. O sexo quase rolou na traseira do meu carro, mas fomos comicamente interrompidos por uma viatura, que suspeitou de nosso comportamento à uma da madrugada em uma rua residencial deserta. Não precisava ser gênio para saber o que fazíamos. Algum morador provavelmente acionou a polícia só para atrapalhar. Yanna estava com metade do vestido abaixado e fiquei aliviado pelo fato de não ter arrancado seu sutiã ou a cena seria ainda mais embaraçosa. Fomos gentilmente “convidados” a ir embora e não repetir o ato de imprudência. Que, sim, nós repetimos milhares de vezes sempre que tínhamos a oportunidade.

Não demorou muito para que eu a pedisse em namoro e admito que fiquei aliviado no instante em que Yanna disse que sim. Pois, eu ainda mantinha certa insegurança quanto a ela aceitar os meus sentimentos, mesmo sabendo que eram correspondidos.

Mais do que namorados, nós éramos amigos, e isso fez a nossa relação ser muito especial. Minha família adorava a Yanna e o meu irmão, bom, um pouco além disso. A família dela me acolheu como um igual e eu gostava de frequentar a casa deles aos finais de semana. Resumindo: todos nos apoiavam

e torciam para que ficássemos juntos.

Bem, mesmo se eles não aceitassem, era o que eu queria. Estar com a Yanna, a mulher que eu amava, pelo resto da vida. Por essa razão, três anos depois, a pedi em casamento.

Até àquele momento, jamais estivera tão nervoso. Me ajoelhei diante dela e, ao som de Close to You (a nossa música), mostrei o anel. Os olhos de Yanna reluziram mais do que a esmeralda com a qual eu lhe pedia para ser minha esposa. Ela se jogou em meus braços e disse ‘sim’ diversas vezes, enquanto espalhava beijos por todo o meu rosto. Eu sorria tanto, que temi rasgar as bochechas. Sentia-me indubitavelmente completo.

Nossos pais ficaram encarregados pelos preparativos. Pegamos todos de surpresa e tentaram fazer com que reconsiderássemos ao menos por um ano. Mas estávamos profundamente apaixonados e decididos. Ninguém poderia nos impedir.

O casamento aconteceu dois meses após a formatura de Yanna e de Natham. Meu irmão me acompanhou durante todo o trajeto até a igreja. Eu estava ansioso, tanto que não consegui dormir ou comer, e o resultado foi que vomitei sem um pinga de dignidade assim que coloquei os pés para fora do carro. Nam, como sempre, me ajudou.

Eu o agradei. Porém, na verdade, queria dizer que sentia muito.

Yanna parecia um raio de Sol, brilhando maravilhosamente ao entrar na igreja acompanhada de seu pai. A noiva mais linda em que já tivera colocado os olhos. Eu era um filho da puta sortudo. E seria para sempre estando ao lado dela.

Ou foi o que pensei.

Mas o destino tratou de mudar absolutamente tudo.

Com o meu trabalho e Yanna adorando migrar de um lado para o outro, nós viajavamos muito, parando onde tínhamos vontade. No entanto, resolvemos nos fixar nos Estados Unidos algum tempo e fomos morar em Portland. Ela estava progredindo com os livros, vendendo-os em uma plataforma digital, e eu havia conseguido bons serviços como fotógrafo freelancer.

As coisas estavam indo muito bem. Éramos felizes.

Até àquele dia.

O convite veio inesperadamente durante uma reunião de trabalho na agência em que estava prestando serviços. Eu já havia feito a cobertura de alguns outros conflitos ao redor do mundo, mas jamais estivera na “linha frente” de uma guerra civil. Era a chance de impulsionar ainda mais a minha carreira e entrar em um novo âmbito da fotografia.

Meu lado aventureiro e pretensioso deu as caras diante da possibilidade. Sim, eu sabia perfeitamente que poderia ser muito perigoso. Mas, apesar disso, acabei aceitando.

Ah, se eu soubesse o que iria acontecer...

Yanna não ficou nada feliz com a notícia. Eu não poderia culpá-la. Admito que fui impulsivo ao concordar com o convite sem conversar com ela antes. Afinal, éramos casados, e eu tinha que considerar sua opinião. Mesmo que a decisão final fosse exclusivamente minha. Porém, eu estava tão empolgado em frente àquela oportunidade, que simplesmente pedi a Yanna que aceitasse minha escolha egoísta.

Foi a primeira vez que brigamos sério, a ponto de dormirmos separados e não

nos falarmos durante dias. Entretanto, eu não voltei atrás e mantive os planos, embora o meu coração vacilasse sempre que via sua expressão magoada e temerosa. Eu sabia que ela estava apenas preocupada, pois, sentia o mesmo. Mas acreditava que estaria “seguro” ao lado do exército e indo para uma região fora da zona de confronto, a cidade de Aleppo, onde os distúrbios haviam cessado após a ocupação pelos soldados americanos.

A situação chegou a tal ponto, que precisei pedir a Natham que intervisse e conversasse com Yanna para tentar acalmá-la, o que, obviamente, não funcionou. Ela estava resoluta em ser contra a viagem. Até hoje, penso que talvez ela sentisse que algo aconteceria.

Quando o dia de viajar finalmente chegou, Yanna não disse uma palavra sequer, ainda que tenha ajudado com a bagagem e me levado até o aeroporto juntamente com o meu irmão. Eu tomaria um voo para Genebra e de lá seguiria em um avião das forças armadas para Istambul, e então a Síria. Na noite anterior, fomos jantar em companhia dos meus pais e irmão, e, ao voltarmos para casa, possivelmente impulsionada pelo choque de realidade que recaía rapidamente sobre nós, Yanna me procurou e fizemos amor desesperadamente. Todas as palavras que não dissemos foram transformadas em toques e olhares que eu nunca iria esquecer. Foi a nossa despedida.

A nossa última vez.

Por isso, no momento em que a abracei no aeroporto e disse que a amava para me despedir, e ela se manteve calada, eu não a pressionei. Porque eu sabia que Yanna me amava. Ela havia dito silenciosamente em meus braços enquanto mergulhávamos um no outro. Ela havia dito em cada pequeno gesto, em cada olhar, que ofereceu a mim ao longo dos anos em que estivemos juntos. Yanna havia dito simplesmente por estar ali.

Ela não precisava dizer o que já estava gravado em meu coração.

Beijei seus lábios suavemente, aproveitando do sabor e maciez, ela não recuou e me abrigou em seus braços. Despedi-me de Natham com um abraço apertado. E então dei as costas e parti, com a tola promessa de que voltaria são e salvo para ela. Para os dois.

Foi a última vez que eu os vi.

Ao contrário do que acontecia com a maioria dos jornalistas e suas equipes, nós conseguimos autorização para ir de Genebra à Istambul em vinte e quatro horas após a nossa chegada na Suíça. Recebemos o treinamento para situações de emergência em um hotel, ministrado por um tenente do exército americano. E a minha ficha enfim caiu.

Eu estava indo para o meio de uma guerra.

Comecei a ficar realmente apreensivo quando o avião pousou no aeroporto da base acampamento dos Estados Unidos em uma cidade vizinha a que ficaríamos, Al-Wadihi. Fomos recepcionados pelo comandante geral e ganhamos um pacote de MRE, ração pronta que os soldados comiam em operação e um cantil com água fresca.

Estariamos no próximo comboio para Aleppo no dia seguinte.

Vários caminhões blindados estacionaram exatamente as seis da manhã em frente à base acampamento. Dormi muito mal, ansioso demais. Me arrastei para arrumar o equipamento e seguir com os demais para a saída, onde vários militares estavam se organizando com o intuito de fazer a distribuição nos veículos. A equipe entrou em seguida, em meio a um grupo formado por doze soldados, no terceiro caminhão.

O caminho para Aleppo foi tenso, como não poderia deixar de ser. O calor era insuportável e transpirei todo o trajeto, enquanto o caminhão sacolejava em uma estrada de terra e eu tentava a todo custo manter a ração militar que minha cinetose queria colocar para fora. Através das pequenas janelas, eu podia ver a paisagem destruída e os nativos escondidos atrás de barreiras, e um calafrio me percorreu. O peso do colete à prova de balas fazia a realidade revirar o meu estômago, tal como o pavor crescente.

Demorou em torno de trinta minutos para chegarmos a delegacia que estava servindo como um complexo que poderia abrigar uns trinta soldados, espremidos como sardinhas dentro de uma lata. Não ganhamos regalias por ser dar impressa, tivemos que dividir uma cela antiga que servia como quarto com mais três fuzileiros. Conforto era a última coisa que deveríamos esperar. Não havia eletricidade e nem água fresca.

O cenário lá fora era pior do que no interior da delegacia. Melancólico era uma palavra bondosa demais para o que de fato víamos. O lugar estava devastado. O que antes foi uma cidade próspera, se transformou em escombros e desolação. Uma grande sepultura.

Como o ser humano conseguia ser tão cruel?

Crianças, mulheres, idosos... Homens que só queriam viver tranquilamente.... Todos se tornaram alvo dos rebeldes e das tropas do próprio governo de Bashar al-Assad, que não hesitavam em fazer o que fosse “necessário” para alcançar seus objetivos.

Pessoas inocentes estavam morrendo em prol de uma disputa de poderes.

O exército americano havia dominado a área e cessado os ataques que, na época, se concentravam em sua maior parte na capital, Damasco. Os grupos

rebeldes de Aleppo recuaram e os distúrbios dissiparam. Nós havíamos sido chamados para reportar a ação dos combatentes na cidade, aproveitando que a situação se tranquilizara. Ou ao menos era o que acreditavam ter acontecido, o que se provou contrário no outro dia.

Os militares ouviram pelo rádio que os grupos *jihadistas* tinham conhecimento de nossa presença, bem como de que jornalistas compunham o comboio recém-chegado. Porém, trabalhavam com a ideia de que não estavam em posição para atacar e que poderiam retalhar qualquer tipo de investida, se eles tentassem algo naquela noite.

O que não aconteceu.

Por essa razão, apesar de atentos, não viram problemas em sair para fazer a patrulha de manhã, levando-nos a tira colo para que realizássemos o nosso trabalho. Saímos a pé com a quarta patrulha, que ficou responsável pelo reconhecimento da parte externa de um antigo mercado à noroeste. Um trabalho tão perigoso quanto o das outras patrulhas. Apesar do medo, apertei meu colete à prova de balas e peguei minha câmera.

Não havia uma alma viva, considerando que eu não conseguia reconhecer aquelas pessoas desoladas perambulando pelos arredores como mais do que mortos-vivos. A devastação das ruas, o medo e a desesperança estampados nos rostos daquele povo, meu coração foi severamente afetado por todo aquele cenário. Era a face derradeira da guerra.

Capturei diversos elementos que achei serem importantes, embora desconfortável em mostrar a triste realidade daquelas pessoas e a calamidade em que se encontravam. Mais dois colegas da equipe caminhavam ao meu lado, registrando a paisagem caótica. Nada parecia fora do normal (levando em consideração a circunstância em que estávamos), isso até eu avistar uma

movimentação estranha entre as vielas do antigo mercado.

Foi tudo muito rápido.

Eu só lembro de ouvir alguém gritar em uma língua estrangeira e a dor de um impacto forte que se alastrou em minha nuca. Cai no chão de terra desorientado, enxergando vultos irreconhecíveis por causa da poeira e da tontura, enquanto tentava respirar e não entrar em pânico. O que se tornou impossível no instante em que colocaram um capuz preto em minha cabeça e me arrastaram. A pancada havia me deixado aturdido e fraco, porém, o meu corpo entrou em modo automático quando senti que estavam arrancando as roupas que eu vestia. Me debati para impedir quem quer que fosse, mas fiquei estático ao ouvir alguém gritar em um inglês arcaico “pare ou estouro sua cabeça”. Engoli em seco e permiti que me despissem, mesmo desconfiando que cooperar não faria diferença se eles resolvessem mesmo acabar comigo. Naquele momento, eu só queria me agarrar a qualquer resquício de vida que me dessem, por menor e insignificante que fosse.

Depois de alguns minutos e de estar totalmente nu, fui brutalmente carregado e jogado sobre algo, que descobri ser um tipo de carroça. Mais dois da equipe foram jogados ao meu lado. Também nus, porque eu sentia o pênis de um deles roçar em minhas costas.

O espaço era muito apertado e estávamos amarrados.

Não sei quanto tempo se passou até que a carroça começasse a se mover. Por ainda estar com a cabeça coberta e o desespero em seu nível máximo, não tinha compreensão de coisa alguma ao meu redor, só que nos cobriram com um pano e instantes depois aconteceu uma grande explosão e barulhos de tiros ao longe, mas ecoando em meus ouvidos como se eu estivesse em meio ao confronto. Fui consumido pelo medo.

Mas o pior ainda estava por vir.

Os nativos sabiam melhor do que ninguém o preço de ter alguém da mídia. Sabiam que manter estrangeiros abalava as forças de dominância dos outros países e aumentava o nível de ameaça do grupo extremista, e foi exatamente o que fizeram conosco. Nós viramos reféns e, se soubéssemos o que teríamos que aguentar daquele momento em diante, talvez a escolha unânime fosse a morte.

Durante quase três aterrorizantes meses, fomos mantidos em um cativeiro fétido, num lugar desconhecido e que mal recebia a luz do Sol. Nós vimos o pior lado do ser humano e fomos vítimas dos atos de mentes maquiavélicas. Experimentamos o inferno na Terra.

Yanna não saía da minha cabeça, assim como os meus pais e o meu irmão. Minha antiga vida. Houveram dias em que a dor interna era mil vezes pior do que a externa, e o arrependimento cortava mais do que a lâmina dos terroristas em minha carne.

Foram incontáveis as vezes que condenei a mim mesmo por não ter dado ouvidos a ela. Incontáveis as vezes em que repudiei minha teimosia e ambição, em que me senti um grande imbecil e chorei por simplesmente não ter ficado em casa.

Ao lado da mulher que eu amava.

O tempo corria lenta e dolorosamente. Recebíamos ameaças a todo o momento e as torturas eram constantes. Mais do que sofrer minha própria agonia, eu via meus colegas sofrendo as deles, em um ciclo sem fim. Curavam-nos somente para fazer tudo de novo.

E de novo... E de novo.

Ao ponto em que me perguntei qual era a razão de ainda sermos mantidos ali, quando as condições não cooperavam nem um pouco com isso. E então eu entendi que eles estavam apenas se divertindo conosco, com o nosso sofrimento e grande horror. Confrontávamos com a pior face do ser humano.

Estávamos vivos, mas por dentro mortos. Esperávamos lastimosamente que nossos corpos se juntassem as nossas mentes e espíritos.

Não tínhamos mais esperança.

Ou ao menos era o que pensávamos.

Era mais um dia em que não sabíamos se era manhã ou noite. Meu estômago roncava, apertando-se contra as costelas saltadas pela desnutrição. Eu não tinha forças nem para virar a cabeça no segundo em que um estrondo ecoou, fazendo as paredes tremerem. Escutei gritos e tiros, vozes se misturando em idiomas diferentes, até que identifiquei um sotaque britânico e meu coração disparou, pulsando uma esperança que eu pensei estar a muito perdida.

A porta do cômodo onde éramos mantidos foi aberta de supetão e soldados armados entraram em busca de inimigos, e nos encontraram. Eram combatentes da ONU e das nações europeias, que vieram nos resgatar. Lembro que chorei além das minhas forças.

Os três longos meses no cativeiro haviam acabado.

Como estávamos muito debilitados, fizeram o primeiro atendimento ali mesmo. Recebemos água fresca e eu nunca bebi algo tão bom. O que antes era normal, se tornou muito precioso naquele momento. Ao me ver livre daquele inferno, a vida ganhou outro sentido para mim. No entanto, apesar do sopro de uma nova chance, eu me entreguei a escuridão.

Após alguns dias, acordei e descobri que estava na unidade de terapia intensiva em um hospital na Turquia. Devido ao meu estado abatido, constataram que o melhor seria eu ficar sob cuidados intensivos até que o quadro se estabilizasse. Perdi quase 20 quilos e, além de desnutrido, estava desidratado. Algumas das minhas diversas feridas infeccionaram e eu ainda corria um sério risco, apesar de os antibióticos apresentarem uma boa melhora. Ou seja, eu tinha um longo caminho a percorrer.

Contudo, como se já não fosse ruim o bastante, os pesadelos começaram. Imagens do que enfrentei junto aos meus colegas no cativeiro me atormentavam dia e noite, a ponto de eu gritar aterrorizado e tentar atacar a equipe médica que cuidava de mim. Fui diagnosticado com estresse pós-traumático, derivado justamente dos traumas de guerra.

Levaram alguns meses até que eu estivesse em condições físicas para ser transferido. O que aconteceu na primavera. Me realocaram para um hospital especializado na Hungria. Eu continuava sendo um homem sem história, sem passado, tendo apenas o meu nome e a ajuda da ONU como um apátrida, o que possibilitou que eu fosse tratado mesmo não havendo qualquer informação ao meu respeito. Ninguém tinha procurado por mim.

As coisas permaneceram difíceis. Meu corpo estava recuperado e voltando lentamente ao que era – ainda que as cicatrizes fossem marcá-lo para sempre. Contudo, a minha mente estava um verdadeiro caos e os sintomas, que antes se limitavam aos pesadelos, se estenderam para a paranoia constante e a neurose de que eu cairia nas mãos dos terroristas e reviveria todo aquele inferno outra vez. Eu vivia em alerta permanente e agitação extrema, sendo obrigado a passar grande parte do tempo sedado ou trancado.

Por quase dois anos, eu tive uma subvida. Sendo entupido de remédios e

recordando dia após dia o que os horrores da guerra e da mente humana fizeram comigo. Eu não era mais refém dos terroristas, porém, me tornei da minha própria cabeça perturbada.

Isso até que uma nova médica entrou no hospital e ficou responsável por cuidar do meu caso. O nome dela era Brianna Juhasz. A pessoa que me trouxe de volta das trevas.

Brianna tinha 27 anos na época. Se formou como uma das melhores alunas da Eötvös Loránd University, no curso de psiquiatria, tendo se especializado em traumas de guerra. Apesar da pouca idade, tinha trabalhado em casos difíceis envolvendo soldados recém-chegados da Síria e do Afeganistão, e ajudou-os a se recuperar e retomar a vida.

Em outras palavras, ela era brilhante em sua área.

De início, eu relutei para aceitá-la. Pois, tinha muito receio e a paranoia não permitia que eu criasse qualquer tipo de vínculo com ela. Mas Brianna foi paciente e se aproximou aos poucos, tomando cuidado para não ultrapassar a linha entre nós.

Passei a ceder e frequentar seu consultório dentro do hospital, isso quando as sessões de terapia não aconteciam em meu quarto ou na parte de fora, no jardim interno, aos arredores do prédio em que eu ficava, o que ela lentamente me induziu a fazer. As doses dos remédios foram diminuindo, ainda que os sintomas seguissem me incomodando uma vez ou outra. Fui me libertando.

Recordar o que suportei nas mãos dos terroristas era invasivo e desagradável, contudo, eu percebi que era a única maneira de criar um mecanismo para enfrentar e superar o que aconteceu. A exposição repetida às memórias

traumáticas foi pouco a pouco dissolvendo a natureza do choque decorrente das lembranças daquele evento.

Novamente, fui me abrindo para o mundo. Brianna me ensinou a viver, me ajudou a lutar contra o tormento dos meus pensamentos. Foi um ano e meio relembrando os meus fantasmas. Mais do que isso, trazendo de volta a pessoa que eu era, Bryan Stewart.

Fui começando a lembrar outra vez dos meus pais, do meu irmão e, principalmente, de Yanna. Recordações que haviam se perdido no negrume da minha mente e consegui recuperar quando o estágio mais crítico da doença passou.

Mas continuava sem notícias.

Brianna me incentivara diversas vezes a procurar minha família, mas eu ainda me sentia travado pelo trauma, com medo do que poderia ou não descobrir. E também com vergonha. Eu não estava pronto para retornar e encarar a todos, embora fosse questão de tempo até que precisasse fazê-lo. Ela não insistiu e disse para irmos devagar. Porém, algo inesperado também aconteceu.

Brianna e eu nos apaixonamos.

Eu não sei ao certo como ou quando reconheci estar apaixonado, só que comecei a nutrir sentimentos muito fortes por ela. Fortes demais. Cheguei a cogitar que fosse somente gratidão pelo o que estava fazendo por mim. No entanto, bastou eu ordenar as minhas emoções para saber que era muito mais do que aparentava: a intensa troca de olhares, os toques despreziosos e constantes, a maneira como meus batimentos aceleravam e ela silenciosamente cobiçava os meus lábios assim como eu cobiçava os seus.

Brianna foi se enraizando em meu coração. Tomando o espaço que antes fora

de outra pessoa e assim acreditei que seria para sempre. E, céus, como eu estava enganado.

Só que era errado e por muitos motivos.

Primeiro que, até então, eu era um homem casado. Mesmo que ninguém tivesse me procurado em quase quatro anos; segundo que ela era a minha terapeuta e tínhamos uma relação estritamente médica. Seria completamente antiético nos envolvermos; e terceiro, eu não tinha nada a oferecer além das minhas dores e meus fantasmas.

Além disso, sentia-me culpado por estar apaixonado por outra mulher quando não sabia o que tinha acontecido com a minha esposa. Pensei várias vezes em voltar, tentar algum contato como Brianna sugeriu, mas, ainda que eu voltasse, tudo havia mudado. Foram praticamente quatro anos sem notícias ou qualquer informação. Sem que alguém buscasse por mim. De que adiantaria retornar para algo que já não existia? A vida que eu tinha anteriormente tornou-se uma linda lembrança, nada mais do que isso.

Eu havia conseguido me reerguer e possuía em minhas mãos a chance de começar uma nova etapa. Estava amando outra pessoa e sentimentos antes tão intensos, não eram mais do que memórias de um tempo distante e nostálgico. E então eu percebi que tudo mudou.

Eu mudei.

Apesar de ser Bryan Stewart, me transformei em uma nova versão de mim mesmo, consequente do que enfrentei ao longo dos últimos anos. Continuaría pensando em Yanna com carinho, tendo-a como uma parte importante do que fui, um grande amor e a mulher com quem desejei passar o restante da minha vida. Mas não poderia voltar para ser quem ela esperava que eu fosse.

Considerando que ainda esperasse por mim. E o mesmo valia para os meus pais e o meu irmão.

Se eles realmente acreditavam que eu tinha morrido, como passei a suspeitar, por que trazer à tona mais dor do que nós já havíamos sofrido? Eu seria egoísta de uma forma ou de outra, então que ao menos eu desse a chance de eles serem felizes, de Yanna amar novamente, assim como eu estava amando.

Por isso, fiz a minha escolha.

Eu segui o meu caminho.

Levei dois meses para reunir coragem e confessar os meus sentimentos a Brianna. Ela também confessou estar apaixonada por mim e as sessões de terapia passaram a ser mais do que apenas conversas. Mantivemos nosso relacionamento em segredo para não causar problemas e, um tempo depois, ela repassou o meu caso para outro médico e começamos a nos encontrar fora do hospital, já que havia recebido autorização para sair.

Com a ajuda de Brianna, arranjei trabalho em um pequeno estúdio de fotografia da cidade para me reintegrar aos poucos e recebi alta do tratamento psicológico, indo morar com a minha namorada na mesma semana. Uma nova etapa estava de fato começando.

E tive plena certeza disso quando Brianna contou sobre a gravidez.

A vida havia dado uma grande reviravolta. Eu, que achava ter perdido tudo, seria pai e formaria uma família com a mulher por quem me apaixonei. O mundo voltou a sorrir para mim e, ainda que demorasse para as coisas se acertarem e o passado ficar definitivamente para trás, eu estava seguindo em frente e era o que importava.

Acompanhei de perto toda a gravidez e ajudei Brianna em tudo o que podia. Eu a mimei tanto quanto possível e, quando nosso filho nasceu, foi a emoção mais avassaladora e intensa que senti em todas as minhas duas vidas. András veio ao mundo grande e saudável, com os olhos tão azuis quanto os meus e os cabelinhos acobreados como os da mãe. Segurá-lo nos braços a primeira vez foi inexplicável e, ao fazê-lo, eu prometi que o protegeria de todo o mal e para todo o sempre. Assim como protegeria Brianna.

Infelizmente, eu havia feito a escolha errada uma vez, mas não a cometeria de novo.

O problema é que, para cumprir minha promessa, eu deveria encarar questões que antes tentava não dar a devida importância e se mostraram mais urgentes conforme os meses iam correndo. Eu continuava como um apátrida, uma pessoa de lugar nenhum, embora tivesse entrado com o pedido de nacionalidade húngaro. Precisava procurar os meus parentes e retornar ao passado para que fosse capaz de seguir em meu presente e futuro.

Apesar do medo e da vergonha, liguei para o único número que lembrava e me surpreendi (ou nem tanto) ao descobrir que não existia mais. Comecei a fazer pesquisas na internet e, com algum custo, consegui encontrar o meu irmão. Fiquei feliz ao saber que havia se tornado um advogado de renome e possuía um bom cargo no Tribunal do Distrito Leste de Nova Iorque. Meu irmãozinho era um homem, havia crescido bem.

Hesitei um tempo, mas Brianna me encorajou a procura-lo. Assim como os meus pais e também Yanna. Ela concordava que, para seguirmos em frente, eu teria que resolver essa parte da minha história e deixar que soubessem que estava vivo. Era mais do que justo, ainda que eu tenha adiado e acreditado piamente que não era uma boa ideia.

Então, ainda que um pouco contrariado, deixei Brianna e nosso filho de poucos meses com a minha sogra, e reservei o primeiro voo que encontrei disponível para os Estados Unidos.

Fui de encontro ao antigo ‘eu’.

Como imaginei, reencontrar o meu irmão foi muito emocionante. Tal como saber tudo o que aconteceu ao longo dos cinco anos em que estivemos separados. O corpo de um dos terroristas foi encontrado com os meus pertences e roupas, e trazido de volta em meu lugar. Não houve qualquer reconhecimento e provavelmente o governo sírio tenha se encarregado de não resolver essa questão. Apenas enviaram os corpos e deram-se por satisfeitos. Por que se dar ao trabalho?

Afinal, não era jurisdição deles.

No entanto, além de resolver o mal-entendido em relação a minha suposta morte, eu também precisava reaver uma parte importante do passado: Yanna. Pelo menos, saber algo a respeito. Se estava bem ou o que andava fazendo. Se estava feliz e com alguém.

Entre as pesquisas que fiz para contatar o meu irmão, também busquei pelo nome dela e vi que seus livros estavam fazendo muito sucesso. Yanna alcançou um de seus sonhos e fiquei realmente contente por vê-la seguindo adiante. Consegui o endereço da editora para qual estava trabalhando e me surpreendi ao saber que era a de Daniel. Os dois continuavam grandes amigos e agradei mentalmente por aquele cara estar ao lado dela.

Os dias em que passei na companhia do meu irmão foram os melhores. Ele me ajudou a dar entrada no cancelamento da certidão de óbito e conversávamos sobre como contaríamos aos nossos pais do meu “retorno”.

Voltamos aos velhos dias em que ficávamos em casa com os pés para cima, comendo besteiras e jogando videogame. Durante a noite, escondido na privacidade do quarto de hóspedes, eu ligava para Brianna e sentia-me mais leve (e igualmente com saudades) ao vê-la e Andrés em seu berço.

Não sei o que deu em mim para não contar de imediato ao meu irmão que estava prestes a casar e, ainda por cima, havia me tornado pai. Talvez estivesse com receio do que nosso reencontro poderia ocasionar e de como ele reagiria perante a minha nova situação. E também, acho que eu queria confirmar como as coisas mudaram para contar.

A ansiedade de rever Yanna crescia à medida que meu irmão confessou saber onde ela morava e, reconheço, fiquei surpreso ao saber que ela estava namorando com dois homens ao mesmo tempo. Um relacionamento poliamoroso. E da mesma forma que fiquei chocado, também quis rir. Yanna nunca teve limites, por que teria para o amor?

No dia em que fui encontrá-la, meu nervosismo estava à mil. Tive vontade simplesmente de dar as costas e ir embora, pois, estava com medo de encarar a mulher que eu havia amado tanto. A quem eu tinha contrariado e me arrependido por vários anos, até conseguir perdoar a mim mesmo e então caminhar na direção oposta à dela.

No instante em que meus olhos pousaram em Yanna, tão linda quanto da última vez em que eu a vi, meu coração vacilou. Mais do que o esperado. A vida havia nos separado tão brutalmente, ela era tão jovem e eu havia prometido protegê-la. Mas não cumpri. E, infelizmente, não era mais o meu papel. Havia outras pessoas que eu deveria proteger.

Brianna e Andrés. Minha futura esposa e meu filho.

Mas, ainda assim, as emoções se fizeram intensas demais e enxerguei ali a pequena garota de cabelos escandalosamente laranjas que conheci e me apaixonei na universidade. A mulher que um dia fora todo o meu mundo, com quem imaginei formar uma família, estava diante de mim após longos cinco anos separados. Só que ela também havia mudado. Embora aparentasse ser a mesma, Yanna mudara completamente.

Nossa conversa não foi fácil por motivos óbvios. Eu tentei contar sobre Brianna. Comentei a respeito de seus namorados como uma maneira de iniciar o assunto, mas ela pediu que não falássemos deles, ao menos naquele momento.

Apenas respeitei.

O problema é que, quanto mais eu absorvia sua presença, mais as lembranças de outrora entravam em conflito com meus atuais sentimentos. Eu quis, nem que fosse por um instante, reviver a sensação de estar com Yanna em meus braços e a convidei para dançar. Exatamente a música que usei para pedi-la em casamento anos atrás.

Eu só não imaginava que reviveria com tanta força, a ponto de quase beijá-la. Ao dizer que estava com medo, não era mentira. Tinha medo do que o beijo poderia significar após tantos anos, além de saber que era inadequado e por várias razões. Uma delas, com certeza, era Brianna e nosso filho. Eu estava balançado pelo reencontro, porém, tinha consciência de que era apenas a reação perante a história que tivemos juntos.

No fundo, Yanna também sabia, que não havia mais nada entre nós.

Eu chorei quando voltei ao apartamento de Natham. De alívio, de tristeza e saudade. Despejei em lágrimas todas as emoções que se reviravam em meu

interior. Contudo, uma vez mais calmo, tudo ficou muito claro.

Não havia mais dúvidas em meu coração.

Entretanto, vimo-nos presos ao passado e as memórias daquele tempo, agindo como se os últimos cinco anos não tivessem acontecido. Não houve beijos ou qualquer outra coisa além de toques inocentes e sorrisos. Voltamos a ser os amigos que fomos um dia na época da universidade, mas com uma bagagem maior do que queríamos admitir.

Só que não éramos sequer amigos. Éramos as sombras de outros tempos.

Quando descobri que os namorados de Yanna haviam terminado o relacionamento por minha causa, foi que a ficha caiu. Eu não podia seguir com nossa encenação. Ela claramente amava os dois, pois, estava sofrendo com a separação. E eu amava Brianna. O que estávamos fazendo não tinha sentido e precisava acabar de uma vez por todas.

Na casa dos meus pais, após o reencontro e toda a comoção que causou, eu estava pronto para contar sobre Brianna e nosso filho. Contudo, Yanna começou a passar mal de novo e me prontifiquei a leva-la para casa, disposto a colocar aquele mal-estar que havia observado nos últimos dias a limpo, ainda que tivesse minhas suspeitas sobre o que seria.

E foi dessa maneira que chegamos ao ponto em que estamos agora.

— Me desculpe. — digo mais uma vez — Eu deveria ter dito desde o início, ao invés de... Deixar que a situação saísse do controle desse jeito. Realmente, me desculpe.

— Pare com isso, Bry. — solta um riso anasalado — Não precisa pedir desculpas.

— Mas eu...

— Cinco anos se passaram e, bem, eu não fui a única a seguir em frente.

Mantenho-me calado. Essa é a realidade, afinal de contas.

Yanna põe os pés em cima do sofá e abraça os joelhos, deixando a cabeça cair para trás ao soltar um longo suspiro. Ficamos quietos um instante. Isso até ela comentar:

— Admito que fiquei surpresa.

— Eu não a culpo.

— Por que você não contou antes?

— Primeiro, eu fiquei receoso de como seria a reação de vocês, se iriam me julgar por seguir com a minha vida. Depois, sei lá, só estava tentando arrumar uma oportunidade de dizer e fui arrastado pelo fluxo dos acontecimentos desses dias.

— Bem, acho que entendo. Quando você reapareceu, também fiquei um pouco apreensiva de como abordar o assunto dos meus namorados contigo. Apesar dos anos, era um pouco estranho. Afinal, nós fomos casados e... Bom, só era estranho.

Balanço a cabeça, consentindo. Foi exatamente o que eu senti.

Yanna se ajeita e olha para mim.

— Você a ama?

Sua pergunta repentina pega-me de surpresa, porém, decido ser honesto:

— Sim, amo muito.

Hesito um segundo, mas devolvo a pergunta.

— E você? Ama aqueles dois?

— Mais do que você imagina.

Novamente, faço um gesto e suspiro.

— Eu não queria causar o término de vocês.

— Não foi você quem acabou com o meu relacionamento, Bry. Fui eu mesma.

— Tive minha parcela de culpa. — encolho os ombros — Não negue.

— Mas eu não neguei.

Dou risada com sua resposta espirituosa e ela também abre um sorriso. Nós nos entreolhamos. Como sempre, mesmo sendo pequena, Yanna tem uma aura muito grande. O mínimo que eu posso fazer é ajudar que ela brilhe ainda mais.

— Se quiser que eu converse com eles...

— Não. Eu preciso fazer isso. — interrompe, convicta — Admitindo ou não, a culpa de deixá-los inseguros foi minha. Ainda que eu ame os dois, não demonstrei isso e deu no que deu. É minha responsabilidade consertar as coisas, especialmente agora que...

Aí está, a força que sempre considerei admirável.

— Eu acho que eles ficarão muito felizes ao descobrir sobre a gravidez.

— Acha mesmo? — empertiga-se, visivelmente entusiasmada.

— Tenho certeza de que sim. Apesar de tudo, eu sei que eles amam você.

Vejo um relampejo de tristeza em seu rosto, porém, ela o espanta e sorri.

— Posso fazer uma pergunta? — me pronuncio.

— Sim, claro que pode.

— Você em algum momento achou que.... Nós iríamos voltar? Melhor colocando, eu dei a entender que gostaria que retomássemos o nosso casamento?

— Sinceramente, eu não sei. — dá de ombros — Foi tudo muito confuso desde que você reapareceu. Admito que me senti balançada, só que... A familiaridade, os sentimentos.... Eles já não eram mais os mesmos e percebi que não voltariam a ser. Christopher e Elliot continuam em meu coração, isso não mudou.

— O mesmo vale para mim. Desculpe se dei a entender que.... Você sabe.

— Não se preocupe com isso. Nós dois sabíamos que não iria acontecer.

Outra vez, caímos no silêncio da sala de estar, que dura menos que os anteriores.

— Sabe, eu...

— O que? — indago.

— Eu posso ver o seu filhinho? E, bom, a sua nova “esposa” também?

Endireito-me com o choque, meus olhos levemente arregalados.

— T-tudo bem.

Pego o celular no bolso e sento ao lado dela. Abro a galeria e clico em uma imagem de András, a que ele está deitado em seu berço e com a mão na boca.

— Oh, meu Deus! Ele é a coisinha mais fofa que eu já vi!

— Realmente, ele é muito lindo. — observo a imagem com carinho.

— Tem os seus olhos. — sorri — Será que são os hormônios falando mais alto? Por que eu realmente estou com vontade de segurar um bebê nos braços agora.

— Daqui a alguns meses e você estará segurando o seu. — olho de relance para sua barriga — E não duvido que será tão bonito como o meu András. Ok, talvez nem tanto.

— Ei! — ela dá um tapinha em meu ombro e nós dois rimos — A propósito, é um belo nome. András combina com ele. É um ruivinho muito fofo.

Deslizo o dedo para mudar de foto e é uma imagem de Brianna que aparece. Ela está sentada com András no colo. Sinto-me inesperadamente desconfortável um instante.

— Essa é a Brianna? — pergunta.

— Sim, é ela.

— É muito bonita.

— Sabe, vocês seriam grandes amigas. — comento, olhando para a foto — Embora a Brianna não seja tão maluquinha quanto você. Mas ela tem os seus momentos.

Yanna me encara. Seus olhos verdes enxergando além da minha alma.

— Estou feliz que esteja feliz. — murmura.

Engulo em seco as emoções que afloram e consinto.

— Obrigado. — ponho uma mecha de seu cabelo atrás da orelha — E sei que você também será muito feliz ao lado do Elliot e do Christopher. Serão uma família logo mais.

Yanna me abraça e não hesito em passar os braços em volta de seu corpo. Fecho os olhos e a aperto contra o peito. Palavras não são necessárias. E duvido que um dia serão.

Estamos mutualmente deixando-nos ir.

Uma hora mais tarde, despeço-me de Yanna e ligo para Natham à fim de pegar o endereço da casa dos nossos pais, que acabei esquecendo. Para a minha surpresa, ele diz que já voltou para o seu apartamento e que nossos pais irão nos visitar no dia seguinte. Ótimo. Pois, a próxima conversa que terei será com ele.

Chego no apartamento e sou recepcionado com uma garrafa de cerveja gelada, que não pestanejo em aceitar. Sentamos no sofá e, nitidamente preocupado, meu irmão pergunta como Yanna está. Antes que ele suba pelas paredes, digo que está bem e acabo deixando o detalhe de sua gravidez para que a mesma conte. A minha parte se refere à outra coisa. E que narro para o meu irmão em seguida.

De olhos arregalados e pasmo, Natham balbucia:

— Então, você irá se casar? E... E ainda por cima é pai?

— Exatamente.

— Porra! Eu não posso acreditar.

— Pois é. — dou um gole na cerveja — Desculpe por não contar antes.

— Mas..., mas eu pensei que você ainda...

— O meu amor não foi tão forte quanto o seu.

Ele paralisa diante de minhas palavras. Seu rosto empalidece.

Natham projeta o corpo para trás, quase em defensiva, e murmura:

— Do que você...?

— Eu sempre soube. Nam. — confesso — Desde o dia em que eu a apresentei a você.

— Bryan.

— Durante todos esses anos, eu soube que você amava a Yanna e... Ainda hoje, consigo ver o mesmo brilho em seus olhos. Você nunca deixou de amá-la, não é?

Natham engole em seco e olha para frente, querendo fugir de sua verdade. Ele bebe nervosamente a cerveja e respira fundo. Toco seu ombro trêmulo e sussurro:

— Me desculpe.

Ele balança vigorosamente a cabeça em negação.

— Por anos, eu fui egoísta e menosprezei seus sentimentos.

— Você não foi. Eu que não tive coragem de ao menos me confessar a ela.

— Bom, isso é algo que não se pode mudar. Mas, assim como eu segui em frente e ela também, você precisa encontrar o seu caminho. Não fique preso a esse sentimento, Natham, você é um cara incrível e sei que irá encontrar uma pessoa que lhe faça feliz.

Vejo uma lágrima cair em cima da lata que ele segura com firmeza. Apoio sua cabeça em meu ombro e afago seus cabelos como fazia quando éramos crianças.

— Eu te amo, irmãozinho. Me perdoe por não estar aqui para você. Mas esse é momento em que você também segue em frente.

Meu irmão pressiona os punhos fechados nos olhos e chora silenciosamente apoiado em mim. Continuo afagando seus cabelos e assim nós ficamos em meio ao silêncio.

Nesse instante, deixaremos esses sentimentos se tornarem lindas memórias.

Capítulo 15

YANNA

Deitada sobre a cama, observo a ultrassonografia que fiz hoje de manhã e, inesperadamente, não consigo parar de sorrir. Pouso a mão em minha barriga e a acaricio, encantada e ao mesmo tempo assustada com esse sentimento que, assim como as vidas que crescem em meu ventre, cresce mais a cada dia que passa.

Sendo honesta, eu ainda estava um pouco cética quanto a essa gravidez até o momento em que entrei no consultório médico e fiz o exame de sangue. E, bom, daquele positivo eu não tinha como duvidar. Embora não devesse ter duvidado nem mesmo do teste de farmácia – os sintomas eram prova mais do que o suficiente.

Minha ginecologista, que também é obstetra, disse que a minha gravidez está saudável. Estou com um pouco mais de dois meses e ela explicou que é por esse motivo que tenho enjoos constantes, bem como as tonturas e alterações de humor. Que, vamos concordar, virou uma montanha-russa com tudo o que aconteceu ao longo dessas semanas.

Fui obrigada a fazer uma bateria de exames e também orientada a parar de comer tantos doces, se não quisesse adicionar diabetes gestacional e sobrepeso ao meu “currículo da gravidez”. Fiquei contente com isso? Lógico

que não! Mas é melhor prevenir do que remediar, não é mesmo?

Adeus cereais de chocolate.

Volto a olhar para a ultrassonografia em minha mão, que seguro com carinho. São apenas pontinhos sem forma ainda, mas eles já representam tanto. Representam o meu amor por Elliot e Christopher, representam a vida que poderemos ter juntos e a família que formaremos. Isso, claro, caso as coisas entre nós três possa ser consertadas – e eu espero do fundo do meu coração que sim.

— Quem é a gravidinha mais linda da minha vida?

— Eu sou a única gravidinha da sua vida, Dani. — debocho.

Ponho o ultrassom de lado e sento ao ver Daniel se aproximar.

Ele coloca o copo que traz consigo em cima do criado-mudo e me observa com as mãos apoiadas nos quadris.

— Não tenha tanta certeza, sua presunçosa.

Arregalo os olhos e praticamente grito:

— Como é que é?

Meu melhor amigo solta uma gargalhada escandalosa e se joga ao meu lado, me apertando em seus braços logo em seguida.

— Lógico que eu estou brincando. — retruca — Ao contrário de você, eu me previno.

— Cale essa boca! Eu também me prevenia e deu no que deu. Nenhum método contraceptivo é 100% eficaz, seu bobão. Talvez você tenha meia

dúzia de filhos por aí e nem saiba. — provoco-o, dando de ombros.

— Vira essa boca agourenta para lá! — Dani finge um calafrio — Sou um cara cuidadoso. E se um dia eu tiver filhos, bom, espero que seja com uma mulher legal e não por acidente.

— Huh, é mesmo? Pena que o futuro seja imprevisível, não é, Daniel? — ergo uma sobrancelha.

— Eu odeio você, sabia disso?

— Odeia nada. Além de ser a sua melhor amiga, agora eu sou a gravidinha mais linda da sua vida.

— Abaixei a sua bola, hippie de boutique.

— Hippie de boutique? — franzo o cenho.

— Você só finge ser pobre, senhorita Yanna.

Dou-lhe um beliscão no mamilo, pegando-o desprevenido e fazendo com que grite pelo susto e a dor. Daniel se encolhe e desato a rir de sua expressão indignada enquanto esfrega o peito.

— Ah, se eu pudesse revidar...

— Experimente. Sabe o que vai acontecer se você beliscar o meu mamilo?

— Não. O que?

— Vai voar um jato de leite direto na sua cara.

Meu amigo faz uma careta, entre o assombro e o interesse.

Seus olhos estão esbugalhados.

— Isso é realmente possível? — indaga, visivelmente curioso.

— Eu não sei. A gente pode tentar agora.

Levo as mãos a barra da camiseta que estou usando e finjo que vou erguê-la. Daniel dá um grito e me impede de imediato. Eu começo a rir tanto que, por um instante, penso que molhei as calças; tento recuperar o fôlego que as gargalhadas me arrancaram, mas não é fácil enquanto olho para o meu amigo mais vermelho que uma pimenta.

— Eu realmente odeio você. — murmura, emburrado.

— Você vai ser um padrinho incrível, Dani. — digo aos risos.

Porém, paro assim que noto o semblante dele.

— O que foi? — pergunto.

— Você está me chamando para ser padrinho?

— E quem mais seria além de você, seu bobo? — sorrio, apertando sua bochecha. Nós nos encaramos — A propósito, obrigada por tirar o dia e ir comigo ao médico hoje.

— Sabe que pode contar comigo para qualquer coisa.

— Obrigada mesmo.

Daniel acaricia o meu cabelo, como um irmão mais velho. Eu não tenho palavras para descrever o quanto sou imensamente grata por sua amizade.

— E então, você quer ou não ser o padrinho?

— Claro que eu quero!

— Está decidido. E quando for a sua vez, eu serei a madrinha.

— O que é isso? Algum tipo de pacto?

— Se quiser ver dessa forma. — dou de ombros.

— Eu sabia que a esmola era muita. — revira os olhos — Agora sente, engraçadinha, e beba a vitamina de frutas que eu trouxe para você.

Pego o copo que deixou sobre o criado-mudo e dou um gole. Hum, está muito boa! Sorte que eu adoro frutas ou minha abstinência por doces seria pior.

Por alguns minutos, me concentro em beber a vitamina preparada pelo meu melhor amigo e, assim que termino, devolvo o copo vazio de volta ao lugar de antes.

Ao deitar outra vez perto de Daniel, vejo que está segurando a ultrassonografia e passo a observar junto a ele, apoiada confortavelmente em seu peito.

— Você pensou que um dia seria mãe? — ele pergunta, de repente.

— Na verdade, sim e não. Não tinha planos imediatos, mas também não reclamaria se eventualmente acontecesse, como agora. — me aconchego mais — Só uma coisa mudou e, bem, você já deve imaginar o que seja.

Ouço-o suspirar e me envolver em um abraço.

— Como você está com tudo o que vem acontecendo? Nós conversamos muito pouco sobre o assunto por causa do trabalho e toda a bagunça em volta disso.

— Agora eu estou bem. — sou sincera — Eu disse a você que estava confusa, mas, de verdade, foi mais pelo choque de saber que Bryan está vivo do que qualquer outra coisa. A situação complicou porque ficamos presos ao passado, ou o que pensamos ter restado dele. — solto um suspiro.

— Entendo. E como você se sente em relação a nova família dele?

— Um tanto surpresa, admito. Mas não era como se algo do tipo não fosse acontecer. Cinco anos se passaram, nós mudamos e as circunstâncias também. Tivemos jeitos diferentes de seguir em frente e eu não o culpo. O Bryan só tomou a decisão que ele achava ser a correta naquele momento, por essa razão não posso sequer julgá-lo.

— Bom, isso é verdade.

— Estou feliz que ele tenha encontrado uma pessoa legal e reconstruído a vida depois de tudo o que enfrentou ao longo desse tempo. Ele merece isso mais do que ninguém.

Daniel beija os meus cabelos e murmura:

— E você? Quando vai reconstruir a sua?

Solto um suspiro arrastado. Embora a vontade de fazer “a egípcia” (como diria a minha irmã) nesse momento seja grande, esse é um assunto que tem tomado toda a minha atenção ultimamente.

— Estou pensando em como fazer isso. — respondo.

— E já tem alguma ideia?

— Para ser sincera, tenho sim. E adivinha? Vou precisar da sua ajuda, meu amiguinho lindo e do coração. Ah, claro, e de algumas ligações também.

— Eu estou com medo do que você está formulando dentro dessa sua cabecinha maluca. — comenta aos risos — E é por isso que eu, com certeza, vou ajudar.

Me jogo sobre Daniel e deixo um beijo estalado em sua testa. Penso em começar uma sessão tortuosa de cócegas na barriga, mas sou interrompida pelo som da campainha.

— Deixa que eu atendo. — ele se oferece.

— Não, tudo bem. Vou aproveitar para ir ao banheiro também. — salto da cama — Agora que eu estou grávida, não paro mais de fazer xixi. Pobre da minha bexiga.

— Me poupe dos detalhes sórdidos, okay?

— Acredite, eu estou poupando.

Daniel esconde o rosto embaixo do travesseiro e eu caminho para atender a porta, rindo internamente por ter um arsenal de novas maneiras de fazê-lo sentir vergonha.

A campainha soa mais uma vez. Espio através do olho-mágico.

— Ah, oi Nam! — digo ao abrir a porta.

— Oi. Desculpe, eu vim sem avisar. Você está ocupada? Eu posso voltar em...

— Não, fique à vontade. — interrompo divertida — O Dani também está aqui.

Percebo que Natham hesita um segundo antes de entrar e caminha em direção

a sala de estar. Mesmo estranhando seu comportamento, sigo-o depois de fechar a porta.

— Vou chamar o Dani. Ele está...

— Bem aqui, lindo e pleno.

Reviro os olhos com a “entrada triunfal” do meu melhor amigo e então dou risada. Não consigo controlar. Natham solta um risinho soprado e nega com a cabeça.

— E aí, Nam. Tudo bem?

Eles batem as mãos em um cumprimento.

— Apesar dos pesares, tudo bem.

— Iihh... Vejo que alguém não está com o melhor dos humores.

— Não exatamente. Só ando cansado.

— Nenhuma novidade sob o Sol, Natham Stewart. — caçoo.

— Engraçadinha. — retruca.

— Bom, com tudo o que vem rolando desde que seu irmão reapareceu, não é de se admirar. — Daniel entra como mediador e senta ao lado de Natham no sofá.

— Pois é. — encolhe os ombros.

— E ele, como está?

— Está bem, de certa maneira. Parece que a certidão de óbito já foi revogada. Agora ele só está esperando que os documentos de emergência sejam

entregues.

— Isso significa que o Bryan logo irá embora?

Nam olha para mim. Gesto que se estende por alguns segundos, até ele responder:

— Sim.

— Quando?

— Não sei ao certo. Como eu disse, os documentos de emergência e um novo passaporte ainda precisam ser entregues, já que ele só conseguiu uma autorização legal para vir até os Estados Unidos. Por alto, eu chuto que em torno de uma semana.

Daniel balança a cabeça, consentindo, e ficamos em silêncio.

Bryan irá embora, vai voltar para a Hungria e sua família. Bom, era só questão de tempo, de qualquer forma.

— Eu.... Vou ao banheiro. — murmuro.

Caminho rumo ao outro cômodo, deixando-os para trás e sentindo o peso da notícia pouco a pouco se fazer presente; depois de usar o banheiro, tomo alguns minutos e, ao voltar para a sala, surpreendo-me ao notar que Daniel foi embora.

Natham continua sentado e observando o céu através da janela. Porém, ele vira assim que escuta os meus passos. Penso em perguntar porque Dani saiu sem avisar, mas a expressão em seu rosto diz mais do que palavras.

— Você deve estar se perguntando porque ele se foi, não é? — Nam se

pronuncia.

— Bom, sim.

— Eu pedi que ele fosse.

Sento ao seu lado. Já imaginava algo do tipo.

— Eu preciso conversa com você, Yan.

Balanço a cabeça, assentindo, e trocamos olhares. Natham se mantém calado alguns segundos, esfregando uma mão na outra de forma agitada, como se quisesse reunir determinação para soltar o que veio dizer. E eu somente espero o seu tempo.

Focando seus olhos em mim, ele murmura:

— Eu vim me despedir de você.

Arregalo os olhos. Como assim ele veio se despedir?

Natham também irá embora?

Um pouco atordoada com sua declaração, encaro-o em silêncio por um instante.

— Como assim “se despedir”? Por acaso, você.... Também vai embora?

— Sim e não.

— Do que está falando? — franzo as sobrancelhas.

— Na verdade, é uma parte minha que irá embora.

Observo-o ainda sem entender. Nam apanha a minha mão e abriga

gentilmente entre as suas. Olhamo-nos uns segundos. O afago de seus dedos é quente.

— Yanna, há algo que nós dois sabemos, porém.... Que eu nunca fui corajoso o bastante para lhe dizer. Ao menos, não em palavras.

Meu coração começa a bater mais rápido. Eu seria tola se não soubesse do que Natham se refere. O segredo que carrega consigo há tantos anos e eu, propositalmente, ignorei. Os sentimentos que fingi não ver, ainda que estivessem tão nítidos em todas as suas atitudes e olhares, até mesmo o que direciona a mim nesse exato instante, tão intensos e verdadeiros que me sinto mal. Tal como me senti ao ignorá-lo por tanto tempo.

Visivelmente envergonhado, Nam coça a nuca desconfortável.

— Eu me segurei tantos anos que agora simplesmente não sei como colocar para fora.

Ele comenta sem jeito, mantendo os olhos baixos.

— Nam, você...

— Não, eu preciso dizer. — corta-me — É a única forma de me livrar e deixar para trás.

Aperto delicadamente seus dedos, expressando que entendo e o encorajando de certo modo. O silêncio recai de novo.

— Yanna.

Nam ergue os olhos, encontrando os meus. Algo que já fizemos várias vezes, mas que agora tem outro significado. Seus sentimentos estão prestes a me alcançar, com todas as suas forças.

Engulo em seco.

— Eu amo você. — diz em um sussurro — Desde a época da universidade e por todos... E por todos esses anos, eu amei apenas você. Só você, Yanna.

Sua confissão arranca-me o fôlego.

Embora eu soubesse, ouvi-lo dizer é completamente diferente. A carga emocional de cada uma de suas palavras faz com que o meu peito se aperte. E, inevitavelmente, uma lágrima escapa. O quão egoísta eu fui para ignorar sentimentos tão fortes? Como ele aguentou calado por tanto tempo?

— Natham.

Sussurro, sem saber ao certo o que dizer, apenas sentindo a necessidade de fazer.

De chamar o seu nome ao menos uma vez.

Natham afugenta a lágrima em meu rosto com o polegar e descansa a palma em minha bochecha. Encaramo-nos.

— Desculpe por ser um covarde e nunca ter dito.

— Quem precisa se desculpar sou eu, Nam.

Ele balança a cabeça em negação e abre um sorriso triste.

— A última pessoa que deve se desculpar aqui é você. Mesmo não dizendo, eu sei que empurrei os meus sentimentos a você, especialmente depois da suposta morte do meu irmão. Só que era mais forte do que eu, acredite.

Eu entendo perfeitamente. Porque a verdade é que também estou me esforçando para não fazer o mesmo com os homens que eu amo. Ao menos,

até resolver o tudo.

— Acho que, no fundo, eu ainda tinha alguma esperança. Mesmo que tudo fosse contra, eu quis manter uma pequena chama acesa. Mas a realidade é que já passou da hora de eu permitir que esses sentimentos partam. De, como eu disse, me despedir de você.

Assinto. Pois, eu sei que é a coisa certa a se fazer, apesar de dolorosa.

Natham respira fundo e percebo que seus olhos estão repletos de lágrimas, com as quais luta bravamente. Nossas mãos continuam unidas.

— Eis o momento em que eu também sigo em frente.

— E vai conseguir. Eu sei que vai, porque você é um homem incrível e merece muito mais do que eu posso lhe dar. — acaricio seu rosto — Você merece o mundo, Natham, e alguém que lhe faça muito feliz. Que lhe ame de todo o coração.

O choro finalmente vence e ele derrama suas emoções diante de mim. Inclinando-me para frente, eu o abraço e afago delicadamente seus cabelos, permitindo que desabafe.

— Obrigada por amar uma pessoa como eu durante tanto tempo e, principalmente, por sempre estar ao meu lado quando mais precisei. Apesar de eu ser tão egoísta.

— Eu que agradeço. — sussurra — Por continuar ao meu lado mesmo sabendo de tudo.

Ficamos abraçados alguns minutos, despedindo-nos um do outro.

Mais calmo, Natham se afasta e percebo que suas bochechas estão coradas,

provavelmente pela vergonha de ter chorado diante de mim. Dou-lhe um sorriso compreensivo, ganhando um sem jeito em troca. E então digo com cautela:

— Sei que pode soar um tanto insensível da minha parte, dadas as circunstâncias, mas espero que possamos continuar sendo amigos.

— Você não vai se livrar de mim tão fácil. — ele brinca — Ao menos não da minha amizade.

Decidida a ser honesta da mesma forma que ele foi comigo, respiro fundo para falar o que venho mantendo praticamente em segredo desde que descobri com a ajuda de Bryan (melhor colocando, quando ele abriu os meus olhos).

— Nam, eu também tenho algo para contar.

— E o que é?

Pego sua mão e a acolho entre as minhas, tal como fez antes, e soltou de uma vez:

— Eu estou grávida.

Natham ofega com a surpresa. No entanto, em seguida, olha-me com tanto carinho que fico desconcertada. Beijando o dorso da minha mão, ele murmura num tom suave:

— Realmente.... Esse é o momento certo de seguirmos em frente.

[...]

Entro na cafeteria e avisto Bryan sentado em uma mesa no canto, mexendo distraidamente no canudo de sua bebida. Faz uma semana que não o vejo. Me aproximo e lhe dou um pequeno susto ao que sento na cadeira de frente para a sua.

Sorrio.

— Perdido em pensamentos, senhor Bryan Stewart?

Ele abre um sorriso sem graça e responde:

— Mais ou menos isso.

— Devo lhe dar uma moeda por eles?

— Um steak, talvez? Sabe que eu adoro carne.

— Posso pensar no seu caso. Mas estamos em uma cafeteria, então... — encolho os ombros — Acho pouco provável que eles sirvam steak aqui.

— Sabia que deveria ter marcado em um restaurante.

— Mais sorte da próxima vez.

Nós rimos. Porém, em segundos nossos sorrisos esmorecem. Depois de hoje, talvez demore para que haja uma próxima vez – se houve.

— Quer beber alguma coisa? É por minha conta. — Bryan oferece, querendo afastar o clima estranho que se formou de repente — Eu vou buscar para você.

— Eu estou bem. Obrigada.

— Tem certeza.

Balanço a cabeça e nós nos entreolhamos.

— Você já deve imaginar o motivo de eu ter pedido que viesse me encontrar, né?

— Faço alguma ideia. Os seus documentos estão prontos?

— Sim. Peguei ontem de manhã.

— Isso quer dizer que você estará voltando para a Hungria, certo?

Bryan anui e toma um gole da bebida, parecendo desconfortável.

— Quando?

— Amanhã.

Surpreendo-me. Contudo, entendo a sua pressa.

— Eu queria me despedir de você. — ele diz, um tanto acanhado — Acredito que eu já tenha feito coisas demais sem que você soubesse. Partir e não dizer adeus era uma que eu não queria incluir nessa lista. Especialmente depois de tudo o que você fez por mim.

Observo-o um instante, perdido em meio ao constrangimento.

— Eu realmente não sei como agradecer a sua ajuda.

— Sabe que não precisa agradecer.

— Sim, eu preciso. Porque você é uma pessoa maravilhosa, Yanna! Eu sempre pensei assim e continuarei pensando, não importa o tempo ou a distância.

— Obrigada.

— Me perdoe por... Não contar sobre a Brianna e do nosso filho. Mas, como eu disse antes, tudo virou uma bagunça depois que nos reencontramos. Eu verdadeiramente não queria causar problemas, embora tenha sido tudo o que eu provoquei desde que voltei, e menos ainda iludi-la com a oportunidade de uma nova chance. Eu fui um completo idiota! Ainda mais porque não consegui parar de querer estar perto de você, fingindo que nada aconteceu durante todos esses anos, mesmo ciente de que tudo mudou.

— Nós ficamos apegados as memórias de outros tempos e por isso não conseguimos simplesmente dar um ponto final ao que já sabíamos estar acabado há muitos anos.

— Você tem razão.

— O importante é que tudo está resolvido, Bryan. Você reencontrou os seus pais e o seu irmão, bom, me reencontrou também. E agora pode reconstruir sua vida sem arrependimentos ao lado da pessoa que ama e do fruto desse amor.

— Nem tudo se resolveu, na verdade.

— O que quer dizer?

— Você e seus namorados. — passa as mãos nervosamente no rosto — Oh, droga! Por favor, me perdoe por isso também. Eu não queria ir embora antes de poder ajudar você.

— Ei, está tudo bem. Pode deixar que logo mais e eu resolverei esse problema.

— Ah, é? — indaga, nitidamente interessado.

— Uhum. — lanço uma piscadela.

Sorrio e pouso a mão sobre a sua estendida em cima da mesa.

De repente, diante da inevitável cena de despedida, uma ideia me vem à cabeça. É maluca, mas quando as minhas ideias não são? Levanto e, sob seu olhar confuso, rodeio a mesa. Paro ao seu lado com os punhos na cintura. Bryan somente observa, sem entender absolutamente nada.

— Eu sei que é tarde e talvez um pouco estranho o que irei lhe propor, mas....

— digo e estendo a mão em um convite — Vamos criar algumas lembranças? Nossas últimas.

— Nossas últimas?

— Sim. — toco sua bochecha com a ponta do dedo, como costumava fazer, e sorrio — Juntos. Acho que merecemos isso depois de tudo o que aconteceu.

Nós ficamos presos nas lembranças, pois, naquela época, não pudemos dizer adeus um ao outro de maneira apropriada. Por essa razão, vamos fazer nossas últimas lembranças juntos e que dessa vez elas sejam felizes, já que a chance foi arrancada cruelmente de nós pela vida. Vamos dar o final que nosso relacionamento sempre mereceu. Apenas o desfecho gentil que merecemos para seguir em frente com as pessoas que amamos agora.

— Tudo bem. Eu aceito.

Espero que ele pague a bebida que largou pela metade e saímos da cafeteria, em direção ao que o universo quiser nos dar nesse último dia antes de seguirmos cada qual o seu caminho.

Andamos tranquilamente pela rua, apreciando um a companhia do outro,

igual quando éramos mais novos e saíamos sem rumo, apenas com a certeza de que seria divertido porque estávamos juntos. Quando mais nada importava à não ser nós dois.

Vamos ao parque comer bolo de chocolate sentados no gramado e beber chá gelado, sua bebida favorita (e que eu odeio), enquanto conversamos e rimos sobre qualquer coisa, observando as crianças ao redor e idealizando nossos próprios filhos em um futuro não tão distante. É como se os anos não tivessem passado e nada tivesse acontecido. Como se vivêssemos um dia comum, como qualquer outro em nossas vidas.

Mas ambos sabemos que essa não é a verdade.

Visitamos o museu de arte e brincamos durante horas em um fliperama, do jeito que fazíamos sempre que estávamos entediados no tempo da universidade. Vê-lo sorrir e reclamar com aquela expressão engraçada me traz tantas e tantas memórias boas. De um tempo simples em que tudo o que mais queríamos era estar lado a lado.

Quando pensávamos poder ganhar o mundo.

Antes que qualquer um de nós perceba, o céu outrora límpido e iluminado, vai escurecendo e se enchendo de estrelas. Em um banco próximo ao playground do meu bairro, sentamos para terminar de comer os sorvetes que ele comprou enquanto observamos a Lua ficar cada vez mais nítida, ganhando a noite. Minha mão alcança a de Bryan, que entrelaça nossos dedos da maneira natural de sempre. Seu toque é quente e acolhedor. E um nó se forma em minha garganta no segundo em que compreendo que nossas lembranças estão prestes a terminar.

As nossas últimas, juntos.

Logo que terminamos os sorvetes, não saímos do lugar.

O silêncio envolve-nos por completo. Com os dedos entrelaçado, olhamos para o céu escuro, preparando nossos corações para a verdadeira e definitiva despedida.

— Talvez você não vá acreditar em mim, mas.... Durante esses anos longe, sempre que eu observava a imensidão do céu, eu sempre acabava pensando em você.

Bryan murmura de repente, fazendo-me virar a cabeça e olhar para ele. Seus cabelos dançam graciosamente com a brisa. Lembro-me de que eu adorava ficar observando seus fios loiros balançarem quando sentávamos em nosso quintal.

A imagem parece-me tão distante agora.

— Onde você está agora? Quem você conheceu hoje? Com quem você falou? Onde você foi? — olha-me e tenho que controlar a vontade de chorar — Quando foi a última vez que pensou em mim? Quem está apaixonado por você?

— Bry...

— Me desculpe por tudo o que lhe fiz sofrer. Por não estar aqui nos momentos em que você mais precisou de mim. Por... Seguir em frente e ter sido um tremendo covarde por não voltar antes. Eu deveria ter voltado, sei disso. Ao menos para dizer que estava vivo.

Balanço a cabeça em negação, dizendo com esse gesto que não tem porque se desculpar. Ele não tem culpa de absolutamente nada. Nenhum de nós têm.

— Obrigado por ter continuado a pensar em mim e ter me guardado em seu

coração durante todos esses anos. Por não ter me esquecido, embora eu merecesse. Admito.

— Eu nunca esqueceria de você.

Ele encosta a testa na minha e suspira.

— Eu também não. Nunca esquecerei.

Permanecemos dessa maneira por incontáveis minutos. Sentindo os batimentos um do outro, nossas respirações se mesclando uma última vez. Suas mãos grandes e gentis seguram delicadamente o meu rosto e, como pensei nunca mais ser capaz de fazer, mergulho nas águas de seus olhos azuis-acinzentados.

— Eu gostaria de beijá-la pela última vez, mas não seria justo com nenhum de nós. — ele sussurra — Nem com a Brianna ou com os seus namorados. Então...

Assim que seus lábios pousam docemente sobre a minha testa, sou arrebatada por um sentimento de nostalgia e, por um instante, tenho a impressão de que voltei a ser a Yanna de cinco anos atrás de novo. A única diferença é que o amor se transformou em um profundo carinho. Em nada mais do que uma bela lembrança.

Bryan foi o homem que eu amei. Meu marido. A pessoa com quem eu sonhei compartilhar a minha vida. Mas como ele disse e eu mesma tenho consciência, o tempo e as circunstâncias trataram de mudar tudo. Sempre serei grata por tê-lo conhecido, me apaixonado e o amado tão profundamente quanto amei. Só que agora, ainda que nossos caminhos tenham se cruzado mais uma vez, tomaremos cada qual o seu próprio rumo.

Bryan acaricia meus ombros e então murmura com a voz carregada de emoção:

— Esse é o momento em que as lembranças se tornam recordações.

Agarro o tecido de sua blusa e aperto com toda a força que tenho. Soluço ao sentir seus lábios beijando carinhosamente meus cabelos. Suas mãos tremem contra a minha pele.

— Seja muito feliz, ok?

Assinto enquanto luto para não desabar. Deus, como isso é difícil! O homem que um dia fora todo o meu mundo, com quem imaginei formar uma família, agora está perto de partir outra vez e eu não irei detê-lo. Não mais. Porque eu não tenho mais motivos para mantê-lo aqui. Pois, o meu coração já o deixou há muito tempo.

Ciente de que essa é a derradeira despedida, engulo o máximo que posso as lágrimas e encaro-o. Toco a curva de seu rosto com as pontas dos dedos e digo:

— Eu vou ficar bem. E você também vai.

Ele consente com um sorriso triste. E então continuo:

— As nossas lembranças permanecerão para sempre comigo. E em todas elas, eu continuarei sendo a Yanna de 23 anos e a sua esposa. Isso não vai mudar.

— Obrigado.

Limpo uma lágrima fujona que desce por sua bochecha e o beijo ali. Pressiono meus lábios em sua pele a última vez. O gosto é salgado. Devagar,

vou me afastando. Despedindo-me. Vislumbro seus lindos olhos azuis-acinzentados e acaricio seu maxilar.

— Eu amo você. — sussurro.

— Eu também amo você.

Nós nos entreolhamos longa e profundamente.

Nós nos amamos por tudo o que fomos um para o outro no passado. Por tudo o que representamos em outros tempos.

Eis aqui, o nosso fim.

— Adeus, Bryan.

— Adeus, Yanna.

Viro de costas e começo a andar o mais rápido que consigo. Ponho a mão sobre a boca para sufocar um soluço e faço o possível para enxergar o caminho devido ao choro.

A cada passo, mais consciência tenho de que Bryan está ficando, até o ponto em que não o verei mais. Não vou olhar para trás. Mantereí essa linda imagem dentro da minha cabeça e farei o que ele disse: seguirei em frente. E tenho certeza de que fará o mesmo junto de Brianna e da bela família que construirá ao lado dela.

Assim como prometemos um ao outro, nós ganharemos o mundo. E sob a imensidão desse céu, seguiremos sabendo que um dia nos amamos, ainda que as pessoas ao nosso lado sejam outras e agora donas de nossos sentimentos.

Seremos felizes da nossa maneira.

Meu coração, apesar de dolorido, também está aliviado. Eu pude, enfim, dizer que o amava antes de ir embora. Pois, tê-lo deixado ir naquela época sem dizer isso foi o meu maior arrependimento ao longo de todos esses anos.

Eu disse e eu realmente o amei. Sempre vou amar como um pedaço do que eu fui.

Por isso o guardarei em minhas memórias.

Afinal, as lembranças são sempre gentis. E eu terei todas como as mais doces e desejo que elas sempre sejam boas para Bryan também.

Capítulo 16

CHRISTOPHER

Eu mal consegui fechar os olhos noite passada.

Ando tão ansioso ultimamente e por vários motivos, que dormir se tornou quase um luxo. Hoje é o dia do coquetel de abertura da exposição de estreia do Yoan como curador e também a minha como fotógrafo convidado.

Minha primeira exposição.

No entanto, o que realmente está deixando os meus nervos à flor da pele é que, essa noite, talvez possamos rever Yanna depois de tanto tempo. Faz mais de um mês desde a última vez e não há um dia em que o arrependimento não seja um companheiro constante por termos terminado com ela, e tê-la feito chorar daquela maneira.

Deus, só de lembrar a expressão ferida e magoada em seu lindo rosto, assim como a tristeza refletida em seus encantadores olhos verdes, eu que quero chorar.

Nada está sendo fácil após a nossa separação e não digo somente por mim, pois, Elliot também anda cabisbaixo e mergulhou no trabalho da mesma forma que eu para não pensar na dolorosa falta de que Yanna faz em nossas vidas. Estamos tentando a todo o custo seguir em frente do jeito que podemos, ao menos até que essa situação toda se resolva. Mas, como eu

disse, não está nem um pouco fácil lidar com esse vazio.

O humor de Elliot oscila entre a impaciência e a mágoa, enquanto o meu não está muito diferente, embora eu tente (miseravelmente) disfarçar a maior parte do tempo. E as lágrimas, bom, é algo que compartilhamos sempre que a saudade se faz muito grande.

Mais do que sua presença em cada pedaço do nosso apartamento, alguns de seus pertences continuam aqui, recordando-nos minuto após minuto o quanto éramos felizes ao lado da nossa maluquinha de cabelos coloridos e sorriso doce. A escova de dentes, os frascos de perfume, um de seus cadernos de rascunhos e as peças de roupas que estão emboladas juntamente com as nossas dentro do armário. São coisas simples e que parecem tão insignificantes, mas que representam o enorme buraco que se formou em nossos peitos desde o dia em que, apesar de contrariados e arrasados, decidimos abrir mão para que ela pudesse ser novamente feliz com aquele que a vida lhe arrancou. Tal como também representa a frágil esperança que mantemos de que ainda exista uma chance para nós, já que Yanna ainda não veio pegá-los de volta.

Houve momentos em que usamos algumas de suas peças de roupas para nos masturbar, quando o desejo era grande demais para que fôssemos capazes de ignorar. Ou simplesmente deixávamos um de seus suéteres em cima da cama para fingir a proximidade que tanto precisávamos e não tínhamos mais.

Era como uma tortura.

Várias e várias vezes tivemos vontade de ligar ou espontaneamente aparecer diante de sua porta, nem que fosse apenas para vê-la de perto sem dizer uma única palavra – ainda que, sinceramente, quiséssemos mesmo desfazer toda essa merda e tê-la em nossos braços. Mas covardemente não o fizemos.

Preferimos esperar como idiotas.

E esperamos. Esperamos mais do que nossos corações podiam suportar.

Daniel foi nosso “informante” a maior parte do tempo, dando notícias de como Yanna estava, ainda que muito vagas. Ele não ficou nem um pouco contente quando descobriu que terminamos e fez questão de enfatizar o quanto sua melhor amiga sofreu com isso. Também disse que não se envolveria e entendemos os seus motivos. De qualquer forma, tentamos extrair uma migalha que fosse em relação a ela.

Precisávamos disso.

O que antes era por um bom motivo e um ato de consideração, se transformou em um tormento. Porque a verdade é que nós ainda amamos a Yanna dolorosa e intensamente, e fomos tolos ao pensar que poderíamos lidar a com a distância e o sentimento que queima em nossos peitos e, sabemos que nunca irá desaparecer.

Nós queríamos fazer o que parecia melhor para Yanna naquele momento, que se sentia insegura com toda a circunstância, e nós também estávamos, infelizmente. Porém, a cada dia que passava, damos conta de que esquecemos do principal: nós somos o melhor para ela, hoje e sempre. Bryan pode tê-la feito feliz no passado, mas Eli e eu somos o seu presente e futuro, tal como ela é o nosso.

Somos três e seremos para sempre três.

Por essa razão que enviei o convite para o coquetel de abertura da exposição. Na realidade, eu planejava mandar de qualquer forma, mas agora tenho a expectativa de que ela apareça e assim, quem sabe, possamos conversar e nos entender. Ou ao menos criar uma brecha para nós nos reaproximarmos.

Além do fato de que eu gostaria muito de estar com meus dois amores em um momento tão importante da minha carreira.

Espero que esse desejo se concretize essa noite.

Checo a roupa que usarei mais uma vez e reflito rapidamente se está faltando algo. Eu não sou muito fã de trajes sociais, porém, como a ocasião manda, não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Logo, pedi para Elliot escolher um terno para mim, já que sua familiaridade com esse tipo de roupa é maior e fico feliz em delegar essa função a ele. Meu namorado elegeu um terno até que bastante bonito. Com direito a gravata borboleta e tudo. Ainda acho que há um toque fetichista seu nessa escolha, mas, okay.

Eu tinha pensado em cortar o cabelo, mas acabei cedendo as minhas vontades e decidi deixar do jeito que está. Os fios estão batendo um pouco abaixo da altura dos olhos e com um aspecto mais rebelde. Estou gostando do resultado e pretendo ficar assim por mais algum tempo, até que eu dê aqueles cinco minutos que Yanna costumava falar e resolva passar a tesoura. O que não é o caso nesse momento.

— Christopher, querido, que horas você quer sair?

Eli aparece na porta do quarto, secando os cabelos louros com uma toalha. Seus belos olhos azuis cravam em meu rosto, curiosos e cintilantes, fazendo-me rir. Às vezes, mesmo sendo mais velho, ele parece um garotinho. E eu até poderia dizer que há certa inocência em sua feição, se não soubesse que de inocente ele não tem absolutamente nada.

— Não sei, amor. Mas gostaria de chegar cedo para falar com o Yoan e os outros fotógrafos. O coquetel começa às oito, mais ou menos. Podemos sair umas seis?

— Tudo bem. Só vamos agilizar para não acabarmos atrasados.

Concordo e estico a mão, pedindo que se aproxime. Ele o faz e contorna sua cintura com os braços, apertando-o um pouco contra o meu corpo. Ficamos em silêncio. Elliot e eu estamos extremamente inquietos com a possibilidade ver Yanna.

Ansiamos tanto isso.

— Eu quero muito vê-la. — ele confessa baixinho.

— Eu também, querido. Você não sabe o quanto.

— Pior que eu sei. Sei até demais.

Solto um suspiro e ergo seu queixo. Meus olhos encontram os seus, maravilhosamente azuis, como um lindo dia de verão. Sem hesitar, beijo-o com carinho e digo:

— Espero que logo ela esteja com a gente de novo.

— Eu também. — beija meu peito, acima do coração — Eu também.

No decorrer da tarde, preparamos tudo para que consigamos sair no horário combinado. E, por sorte, é o que acontece. Visto a contragosto o terno e arrumo os cabelos de qualquer jeito, alcançando um resultado até que muito bom. O problema é colocar a gravata, como sempre. Tenho que recorrer ao meu namorado, é a única maneira. Chamo-o.

Elliot entra no quarto, impecavelmente vestido com um terno também preto e com os cabelos louros jogados para o lado em um topete, presenteando-me com uma visão deliciosa. Puta merda, que homem maravilhoso eu tenho! Queria que Yanna estivesse aqui e seríamos dois atacando Elliot Park,

submetendo-o aos nossos vorazes desejos.

— Problemas com a gravata? — pergunta.

— Acho que estou com um problema nas calças também.

Ele olha para baixo e solta uma risada alta.

— Sossega esse facho, senhor Christopher Hayes. Temos que sair daqui a pouco.

Eli afasta minhas mãos e toma para si a tarefa de ajeitar a gravata borboleta, o que faz (magicamente) em poucos segundos. Fico impressionado com sua habilidade.

— Pronto.

— Obrigado.

— Certo. Agora eu entendo o problema nas calças. — comenta aos risos — Você está gostoso pra caralho com essa gravata borboleta. Porra! A Yan piraria se visse.

— Quem sabe mais tarde, não é?

— Quem sabe.

Saímos de casa com as expectativas lá no alto.

Chegamos a galeria faltando um pouco mais de uma hora para o início do coquetel. Cumprimento meu melhor amigo, que não esconde a animação e ansiedade mesmo sob a máscara do autocontrole, e depois cumprimento os demais fotógrafos. Comigo, somos quatro. Eu sou o mais novo entre homens e uma mulher na faixa dos quarenta e final dos trinta anos. Logo, respeito-os

ainda mais por toda a bagagem profissional que já carregam.

Tendo tempo para andar livremente pela galeria e sem pressa, levo Elliot para fazermos um tour e observar as obras que serão exibidas. De mãos dadas com o meu namorado (e sentindo o vazio da outra), caminhamos em torno do salão principal e os demais ambientes e, no instante em que paramos em frente as minhas fotografias, Elliot deixa um ofego surpreso escapar ao notar que uma delas nada mais é do que uma imagem de nós três. A que eu inventei uma desculpa para conseguir capturar. Havíamos acabado de fazer amor, imersos no êxtase de nosso prazer e nus, com a pele reluzindo em um suor erótico.

Não foquei em nossos rostos, apenas em nossos corpos entrelaçados intimamente sobre a cama de lençóis amassados. Um retrato real de nosso amor à três.

Nosso amor tão especial e único.

Eu vi e revi essas fotos desde a proposta até a montagem da exposição, mas vê-las aqui, prestes a serem observadas por outras pessoas, faz com que eu sinta algo completamente diferente. Um inusitado frio no pé da barriga.

— Gostou? — pergunto, incerto.

— É linda! — chega mais perto, admirando-a — Eu sempre soube que é um excelente fotógrafo, Chris, mas você se superou dessa vez. É a foto mais linda que já tirou.

Sorrio sem jeito e beijo o dorso de sua mão agarrada a minha.

— Eu pensei o mesmo. É, de longe, a minha favorita.

Ficamos observando a imagem por mais alguns segundos, relembrando todos

os belos momentos que tivemos os três juntos, até eu perguntar para fugir da tristeza:

— Você acha que a Yanna vai gostar?

— Ela irá adorar, com certeza.

— Eu estou pensando em pôr essa foto em nosso apartamento. — comento, apertando gentilmente os dedos de Elliot entrelaçados aos meus — Não coloquei para venda.

— Acho que eu o espancaria se tivesse colocado. — nós rimos e ele completa — E eu acho a ideia incrível. Ficará perfeita em nosso quarto ou talvez na sala. Vamos pensar.

Esperançoso com a possibilidade de um futuro próximo onde estaremos os três juntos novamente, sugiro a Elliot que prossigamos com o percurso pela galeria.

A exposição foi montada com base em uma combinação de conceitos. Cada fotógrafo trouxe uma temática e a minha refere-se as diferentes formas de amor, série que intitulei como “Erro é não amar”. Um título até muito simples e relativamente bobo, mas que muitos parecem ter perdido a capacidade de interpretar. Bom, e porque não os ajudar nesse processo, não é mesmo? Além da nossa foto, há também de casais homo e heterossexuais, entre jovens e idosos, totalizando em torno de dez fotografias.

Observamos os trabalhos dos outros artistas, igualmente bons e com muita qualidade, e não demora para que os convidados comecem a chegar. Como expositores, ficamos próximo à entrada com o curador (Yoan) para receber e cumprimentar o pessoal.

Dos meus convidados, aparecem alguns dos colegas com quem trabalhei como freelancer, os companheiros de companhia do Elliot, incluindo obviamente Vince e a minha sogra juntamente com o namorado. Nayeon se entristeceu ao descobrir que tínhamos terminado com Yanna, afinal, as duas se tornaram grandes amigas desde a visita que fizemos a Hershey. Contudo, também compreendeu a razão por trás de nossa separação e disse que esperava uma breve reconciliação, pois, sabia que nós três somos perdidamente apaixonados uns pelos outros e não conseguiremos viver separados.

Bom, como sempre, ela está certa.

Também enviei um convite para a minha mãe, só que foi mais como desengargo de consciência, porque no fundo eu sabia que não viria. O que é muito chato, admito.

No entanto, quem mais nós aguardamos ainda não apareceu.

Vou fazer uma social para não deixar a inquietação me dominar e percorro o salão pulando de grupo em grupo, tendo Elliot sempre ao meu lado. Recebo vários elogios. Eu queria dizer que consegui não ficar disperso, mas a verdade é que meus olhos voam em direção a porta de cinco em cinco segundos, e de canto reparo que Eli faz o mesmo. Yanna sempre teve a mania de se atrasar, não importa a ocasião. Mas esse é um momento em que sua mania tão conhecida aumenta nosso nervosismo.

Pois, queremos vê-la mais do que tudo.

Estou conversando com os colegas da companhia de dança do meu namorado, quando noto uma figura familiar entrando e procurando ao redor. Encho-me de expectativas. Cutuco Elliot e faço um gesto para que olhe na

direção em que aponto. Não demora mais do que um segundo para pedirmos desculpas e irmos rumo a entrada da galeria.

— Oi, Daniel. — estico a mão e cumprimentamo-nos — Fico feliz que tenha vindo.

Elliot e ele também trocam apertos de mão.

— É um grande momento e eu não poderia deixar de vir prestigiar você.

Consinto. Contudo, meu olhar busca a figura de Yanna em algum lugar próximo.

— Se vocês estão procurando a Yanna, sinto informar que ela não veio comigo.

— E onde ela está? — Eli pergunta.

— Eu não sei. Vim direto da editora.

— Isso significa que ela não virá?

— Como eu disse, acabei de sair da editora e nós não combinamos nada. Para ser sincero, eu nem sabia que o Christopher tinha enviado um convite para ela. Afinal, vocês terminaram, não é?

Bufo. Ele não precisava enfatizar esse detalhe.

— Mesmo que tenhamos terminado, Yanna também foi uma parte importante desse projeto. Nada mais justo que venha a abertura. — explico, um pouco irritado.

— Só isso?

— O que?

— Só por esse motivo mandou o convite?

— Você sabe que não. — Elliot responde.

Daniel abre um sorriso debochado e diz:

— Bem, eu não sei se ela irá aparecer por aqui. O que resta é esperar. — dá de ombros — Agora que eu já o cumprimentei, vou falar com o restante do pessoal e visitar a exposição. Com licença.

Daniel bate em nossos ombros e se afasta, largando-nos confusos com a agressividade em suas palavras. Sabemos que ficou puto com a história do término, mas ele precisa entender que também não foi (e não está sendo) fácil para a gente.

Também sofremos com a separação, porra!

Mais de uma hora se passa e nada de Yanna aparecer. Tento manter na cabeça que é somente um de seus habituais atrasos, porém, a cada novo minuto que se esvai, mais essa opção vai seguindo o mesmo caminho. Minha confiança começa a vacilar.

— Será que ela não vem, Eli?

Olho para o relógio em meu pulso e depois, pela milésima vez, em direção a porta.

— Eu não sei, querido. — ele responde — E apesar de eu querer dizer para se acalmar, não posso porque estaria sendo um tremendo hipócrita. E você deve imaginar a razão.

Respiro fundo. A frustração me invadindo pouco a pouco.

Será que Yanna realmente não virá?

Sei que mandar o convite foi um tiro no escuro e que deveríamos ter ido até o apartamento dela, mas eu estava confiante de que ela poderia aparecer, nem que fosse para prestigiar a exposição, algo importante para mim e que levei adiante impulsionado pelo encorajamento dela e de Elliot. Mas pelo jeito, com as horas passando e o coquetel perto do fim, a minha resposta é óbvia.

Por um segundo, fico com medo de que algo tenha acontecido, mas Daniel não estaria aqui se fosse o caso. Não quando sabemos que abandonaria tudo por sua melhor amiga e praticamente irmã. O que, de certa forma, deixa-me aliviado – não totalmente.

Porque o meu lado pessimista leva a droga dos meus pensamentos para uma zona obscura demais, que envolve nossa amada Yanna e ninguém menos que Bryan Stewart.

Que merda!

Minha mão coça para pegar o celular no bolso, mas freio esse impulso do jeito que posso. Tento focar a atenção no coquetel que está rolando e cumprimento uma e outra pessoa que se aproxima para dar os parabéns, mesmo estando mais disperso do que gostaria; Elliot pega mais duas taças cheias de champanhe assim que o garçom oferece e entrega-me uma, em que dou um belo gole.

Nós dois estamos muito agitados.

Vejo Daniel não muito longe, conversando animadamente com Yoan e Vince, e tenho vontade de caminhar até ele para arrancar alguma coisa sobre

Yanna. E do jeito que meu namorado está encarando o amigo, percebo que nossas intenções são iguais.

Troco olhares com Elliot e entramos em um consenso mudo. Não podemos mais esperar. Seja para o bem o para o mal, precisamos saber se ela virá ou não.

Ponho a taça vazia em cima de uma mesa próxima e observo-o fazer o mesmo. Munidos de determinação, damos o primeiro passo logo que vemos Yoan se afastar. No entanto, detenho-me no que meu amigo pega o microfone e chama a atenção de todos os que estão presentes. Suspiro. Isso quer dizer que encerraremos a noite dentro em breve.

Do mesmo modo que Elliot, olho pela última vez para a entrada da galeria, sustentando o que resta da minha esperança, antes de contrariamente dar-me por vencido e aceitar que Yanna não irá aparecer. Eu estaria mentindo se dissesse que meu coração não dói.

Decepcionado, viro para o meu amigo e curador da exposição que começa a falar:

— Primeiramente, eu gostaria de agradecer a todos que compareceram ao coquetel e, claro, vieram prestigiar a nova exposição. Temos grandes fotógrafos exibindo seus incríveis trabalhos nessas paredes e que, com certeza, ainda ganharão muito destaque no meio artístico. Mais do que já possuem.

O som das palmas ecoa pelo salão principal da galeria, porém, mal dou importância.

Yoan segue com o discurso e logo passa o microfone para um dos outros fotógrafos, dando início aos agradecimentos para finalizar o coquetel. Solto

outro de milhares de suspiros. Puta merda, eu não queria estar chateado, mas é inevitável.

Vejo meu amigo chamar discretamente para que eu vá até ele e dou um aperto singelo na mão de Elliot antes de me afastar. Desvio de alguns convidados e paro diante dele.

— Você será o último, tudo bem? — Yoan sussurra.

— Sem problemas.

— Sei que teremos tempo para conversar sobre isso depois, mas tenho que dizer que a abertura da exposição foi um sucesso. Adoraram os trabalhos, especialmente o seu. Não duvido que amanhã os portais sobre arte estarão bombando.

Esboço um pequeno sorriso e concordo.

— Isso é ótimo. Fico feliz que tudo tenha dado certo.

Desvio o olhar que até então estava no fotógrafo que discursa em cima do palco improvisado e encaro o meu amigo ao ouvi-lo arquejar impaciente.

— A última coisa que você parece agora é feliz.

Ele comenta e quem suspira sou eu. O que posso dizer se é parcialmente verdade?

Eu não estou feliz. Ao menos não nesse momento e pelo motivo que talvez Yoan imagina. Se bem que, provavelmente, ele saiba o porquê melhor do que eu mesmo.

Os minutos seguintes seguem em silêncio.

Sem muita paciência e querendo encerrar a noite o mais rápido possível, apanho o microfone uma vez que o terceiro artista termina de falar e subo no estreito palco. Respiro fundo e ponho-me diante de todos os convidados. Não muito longe, avisto Elliot e desesperadamente busco Yanna com o olhar, tal como ele, em meio a tantos rostos desconhecidos e também conhecidos. Mas não há qualquer indício dela.

Ciente de que não posso ficar parado como um idiota, pigarreio e digo:

— Apesar de repetitivo, eu também gostaria de agradecer a presença de todos que vieram prestigiar, não apenas o meu trabalho, como também dos outros talentosíssimos fotógrafos que compuseram essa maravilhosa exposição e que, tenho certeza, será um grande sucesso. Também quero agradecer aos amigos que puderam comparecer a essa abertura e, especialmente o Yoan, que proporcionou essa chance para mim. E, claro, ao meu namorado, Elliot. — aponto para ele, que ergue a taça e acena um pouco envergonhado para quem o observa — Que me apoiou na realização desse projeto e esteve ao meu lado em muitos momentos ao longo desses quase cinco anos. Apesar de muitos não aceitarem e, às vezes, termos limitações por conta do preconceito, eu não abriria mão de nenhum segundo ao seu lado para agradar quem quer que fosse.

Faço uma pausa e respiro fundo novamente, vislumbrando a porta. Em seguida, meus olhos encontram os de Elliot e ele sorri, anuindo com a cabeça.

— Além das pessoas aqui presentes, eu também gostaria de agradecer alguém que não pôde vir, mas que também foi imensamente importante para que eu levasse esse projeto adiante. Ela ensinou a mim e ao meu namorado uma nova forma de amar, linda e especial. Mostrou que esse sentimento pode ser muito mais do que imaginávamos e tão único, que foi capaz de transformar

para sempre as nossas vidas. Ela é a nossa companheira, a mulher que amamos de todo o coração. A terceira peça fundamental em nosso excêntrico e extraordinário relacionamento. — fecho os olhos um segundo, contendo as emoções — Ela pode não estar aqui, mas Elliot e eu agradecemos todos os dias por sua existência e por ter entrado em nossos caminhos. E agradeceremos ainda mais quando ela aceitar ser a nossa companheira pelo resto da vida.

Solto o ar com força e, dando-me conta da enorme confissão que fiz, finalizo: — Enfim, é isso. Muito obrigado.

Apesar de um pouco desentendidos, os presentes aplaudem e meus amigos, por outro lado, assobiam e explodem em palmas ruidosas. Eli se aproxima e beija minha boca, sussurrando logo em seguida:

— Eu não teria palavras melhores do que essas.

— Fui apenas sincero. — afago seus cabelos louros e beijo-o de volta — Queria que ela estivesse aqui para escutar.

— Tenho certeza de que diremos isso pessoalmente a ela assim que tivermos a oportunidade.

— Vamos sim. — sorrio, esperançoso.

— Palavras do coração são outro nível. — Vince aparece de repente ao nosso lado.

Sorrio para ele e toco seu ombro.

— São poucas as vezes em que eu concordo com você. E adivinhe? Essa é uma delas.

— Ha! Tão engraçado você, Christopher Hayes.

Damos risada e agradeço-o internamente por aliviar um pouco a tensão.

Daniel, por sua vez, dá um sorrisinho complacente e eu o retribuo. Recordo da vez em que ele foi há meses atrás tirar satisfações em nosso apartamento e, honestamente, entendo sua posição diante de toda essa situação. Ele é o melhor amigo de Yanna, praticamente seu irmão, e quer protegê-la de tudo. Afinal, ela sofreu muito com o mal-entendido sobre a morte de Bryan e também com a volta do ex-marido após anos.

Devolvo o microfone ao meu amigo para que faça as últimas considerações e sigo com Elliot e os demais para o canto próximo à mesa de aperitivos, procurando um garçom ao redor para tomar uma taça de champanhe antes de pedir um táxi para ir embora.

— Obrigado mais uma vez pela presença. E antes de encerrarmos o coquetel, há uma surpresa para um dos nossos artistas. — Yoan se pronuncia, pegando todos desprevenidos. Eu, em particular — Pois, essa é uma noite realmente especial.

Subitamente, as luzes se apagam, dando enfoque ao telão que vagarosamente é abaixado detrás do meu melhor amigo. Tal como os demais, fico encarando a tela e esperando o que vai vir, e meu coração acelera no instante em que uma silhueta bastante conhecida aparece, como se estivesse ajeitando a câmera, e então Yanna surge diante dela. Surpreendo-me ao notar seus lindos cabelos coloridos agora desbotados, quase em sua cor natural. Não deixa de ser igualmente bonito, mas é algo que não vimos desde que começamos a namorar com ela.

O que raios está acontecendo?

Olho para Elliot e ele parece tão perdido quanto eu. Minha atenção se volta novamente para o telão, onde Yan resmunga alguma coisa e em seguida abre um sorriso. Por alguma razão que não sei explicar, minha mão procura a dele, que retribui o aperto. Encaramos fixamente a tela. Minha ansiedade acelerando como um trem desgovernado.

“ — Bom, provavelmente vocês devem estar se perguntando quem sou eu, não é? Prazer, o meu nome é Yanna. E antes de qualquer coisa, eu gostaria de dizer que sou péssima com esse tipo de coisa, mas que tentarei fazer o meu melhor para dizer tudo o que tenho guardado em meu coração para duas pessoas muito importantes que estão aí presentes essa noite”.

Ela sorri outra vez, um pouco envergonhada, e não tenho como negar o quanto parece-me adorável. A saudade aperta forte no peito. Não mais do que a expectativa de ouvir suas próximas palavras e ter plena convicção que se refere a Elliot e eu – embora seja óbvio, mesmo que a insegurança ainda assombre minha crescente confiança.

“ — Assim como qualquer pessoa, eu também enfrentei momentos bons e ruins ao longo da vida. No entanto, aconteceu algo há cinco anos que mudou absolutamente tudo e, por muito tempo, eu pensei que jamais conseguiria amar outra vez. Fugi de mim mesma e da dor do meu passado sob a máscara de personagens, porque tinha medo de ser quem eu verdadeiramente sou. Mas foi ao lado de duas pessoas, que conheci em diferentes lugares e em inusitadas circunstâncias, que fui capaz de me libertar dos arrependimentos,

da culpa e, principalmente, do muro que criei ao redor do meu coração e pensei ser intransponível para sempre. E que hoje agradeço por estar enganada”.

Mesmo sendo apenas um vídeo, nós sorrimos como sorriríamos se estivéssemos diante dela. Eli e eu também somos gratos por tudo o que pudemos fazer por Yanna, bem como tudo o que ela fez por nós dois. Eu queria abraçá-la forte nesse instante.

“ — Eu nunca fui uma mulher de muitos questionamentos, o que vale também para o amor. Para mim, não existe nenhuma forma errada de amar.

No entanto, ao me ver apaixonada por dois homens diferentes e maravilhosamente únicos, fiquei com um pouco de medo no início. Pois, era algo muito novo e que sequer imaginei que poderia acontecer comigo um dia. Só que com o passar do tempo, envolvida em um relacionamento poliamoroso com eles, eu percebi que havia encontrado o meu lugar no mundo. Mais do que isso, provado de uma forma de amor tão pura e intensa, que desejei mantê-la pelo resto da minha vida. Porém, eu cometi um engano. E esse engano custou a doce felicidade que eu compartilhava com os meus companheiros. Fiquei confusa em relação aos meus sentimentos, que não reparei no quanto a minha indecisão os feriu e deixou-os inseguros. Fui egoísta, sei disso. E foi necessário o baque da separação para eu entender de uma vez por todas que não há mais espaço em meu coração para o passado. Somente para o presente e o futuro”.

Yanna aquieta-se e olha para baixo durante alguns segundos, arrisco-me a dizer que para as próprias pernas, e abre um sorriso emocionado logo depois. Então volta a falar:

“ — E eu sei, sem sombra de dúvidas, que essas pessoas são o meu presente e futuro. Agora, só o que preciso saber é se elas aceitam que eu faça parte de suas vidas outra vez”.

De repente, a reprodução termina, deixando-nos desconcertados. Encaro a tela agora desligada à espera de mais, porém, as luzes são acesas e não há mais nada além do silêncio súbito que se forma. Troco olhares com Elliot, que também não sabe o que fazer, ainda que esteja nítido em seu rosto que precisa fazer algo. Melhor colocando, que precisa responder urgentemente à pergunta de Yanna, do mesmo modo que eu.

Dou alguns curtos e incertos passos para a frente, querendo abordar Yoan e perguntar o que significa isso, tudo para acalmar meus batimentos acelerados e a angustia que cresce dentro de mim. Preciso de respostas imediatamente ou acho que ficarei louco.

Insinuo soltar a mão de Elliot para marchar de encontro ao meu amigo, mas sou impedido no instante em que o aperto dele se intensifica. Olho para o meu namorado sem entender e noto que está com a cabeça virada em direção a entrada da galeria, e sua expressão é um misto de espanto e emoção. Engulo em seco.

Isso só pode significar que...

Giro lentamente a cabeça no sentido em que, só agora reparei, todos estão olhando e suspiro ao ver Yanna andando entre os convidados, que abrem um caminho até nós dois. Toda a saudade, angustia e desejo que freei em meu interior querem romper como uma barragem e, do jeito que Elliot está segurando minha mão, sei que seus sentimentos são iguais aos meus. Nossa mulher está, finalmente, diante de nós após um longo mês.

O cabelo de Yanna lembra um arco-íris de tão colorido. Uma combinação de rosa, lilás, azul, verde e também amarelo. Uma linda explosão de cores suaves, que fazem seus olhos encantadoramente verdes cintilarem ainda mais. E ela não poderia estar mais deslumbrante usando um vestido azulado com estampas florais que vai até abaixo de seus joelhos. Perfeita seria uma palavra simples demais para descrevê-la.

No segundo em que ela para a nossa frente, meu primeiro impulso é puxá-la contra o peito e enterrá-la em meus braços, e logo em seguida Elliot. No entanto, tudo o que nós três fazemos é observar um ao outro, expressando tudo o que reprimimos no decorrer dessas últimas semanas em que estivemos separados.

Yanna é quem toma a iniciativa. Estende as mãos e alcança as nossas, pegando uma de cada, e o seu calor é como um bálsamo para o meu coração. Tanto que suspiro. Ela crava seus espetaculares olhos claros em Elliot, depois em mim, e diz:

— Eu sei que fui egoísta e que não considerei os sentimentos de vocês. A volta do Bryan realmente mexeu comigo e me confundiu. Mas a verdade é que meu coração já havia deixado de amá-lo há muito tempo e, no fundo, eu sempre soube disso. Só que precisei perder vocês dois para entender que não quero mais caminhar para trás. O passado está no passado. Foi um lindo

momento da minha vida, em que eu amei intensamente um homem, só que tanto esse homem quanto esse momento já passaram e não voltarão mais.

Yanna acaricia-nos com os polegares, olhando fixamente para nossas mãos unidas, e respira fundo antes de erguer a cabeça e encarar-nos de novo.

— Como eu disse uma vez, o meu coração é de vocês. E mesmo com todas as minhas falhas, eu espero que o aceitem, pois, estou entregando-o completamente com tudo o que sou. Mais do que isso. Estou entregando cada parte de mim a vocês para sempre.

Sua declaração deixa-me a beira das lágrimas. Eli, ao contrário, já se entregou a elas.

Sorrindo com toda a sinceridade do meu ser, ajeito uma mecha de seu maravilhoso cabelo colorido e aproveito para tocar sua bochecha macia, fazendo-a arfar baixinho.

Deus, como eu precisava tocá-la!

— E nós amamos você de corpo e alma, intensa e desesperadamente. — digo
— Você é a peça que faltava para a nossa felicidade ser completa. Você, Yanna. Porque nós somos três e seremos para sempre três. Pois, o nosso amor é único e muito especial.

— E quanto à sua pergunta no vídeo. — Elliot se pronuncia — É claro que aceitamos você de volta em nossas vidas. Na verdade, nunca deveríamos tê-la deixado, não importasse as nossas inseguranças ou o quanto tivéssemos que lutar. Nós também erramos.

Ela balança a cabeça, pedindo silenciosamente que esqueçamos o que passou, e me adianto para finalmente beijá-la como tenho sonhado junto a Elliot

desde que nos separamos. Contudo, Yanna esquivava para trás e se apressa em dizer:

— Há mais uma coisa que eu gostaria.... Não! Que eu tenho que dizer a vocês.

Franzo o cenho ao vê-la soltar nossas mãos e dar alguns passos abrindo distância de bons centímetros. Yanna olha para baixo, como se analisasse a si mesma um instante, e solta um suspiro resignado.

— Acho que não pensei muito apropriadamente na roupa, mas.... — dá uma risadinha e encolhe os ombros, como se não pudesse fazer muito a respeito, sabe-se lá sobre o que — Bem, espero que dê tudo certo. Vamos torcer para que sim.

Com um gesto, ela chama Daniel, que vem imediatamente e para ao seu lado. Basta apenas um olhar cúmplice para que os dois se entendam e, de repente, ele põe algo na mão dela que agora está escondida em suas costas.

Daniel observa-nos e sorri.

Ainda sem compreender o que pretende, continuo observando assim como Eli, e meus olhos triplicam de tamanho no momento que Yanna ajoelha diante de nós e diz:

— Christopher Hayes, Elliot Park, querem se casar comigo?

Capítulo 17

ELLIOT

Encaro as três alianças dentro da caixinha que Yanna segura estendida em nossa direção, e não sei dizer se estou sonhando ou acordado. Meu coração bate tão rápido, que temo seriamente a possibilidade de ele saltar do peito a qualquer instante. Sensação essa que só experimentei uma vez, justamente quando Christopher me pediu em noivado. Engraçado não? Aqui estou eu, novamente em uma situação parecida, mas inesperadamente única. Pois, diante de nós está a mulher que amamos, fazendo o pedido de casamento que vínhamos planejando em segredo a dois meses atrás.

Ela conseguiu nos surpreender mais do que imaginava.

Embora eu não consiga desviar a atenção de Yanna, faço um esforço e olho rapidamente ao redor, notando que todos aguardam ansiosamente o desenrolar da cena. Especialmente os nossos amigos e a minha mãe, que segura as lágrimas de emoção. As mesmas que fui incapaz de deter e não estou envergonhado em admitir isso. A tensão é grande, ainda que nossa resposta seja óbvia demais para que alguém possa duvidar – ao menos, os conhecidos.

Christopher continua paralisado, como se não acreditasse no que está acontecendo, e eu sorrio ao ver que também luta contra as lágrimas. Batalha essa que irá perder com certeza no instante em que disser ‘sim’ junto comigo.

Ele pode bancar ser o durão na maioria das vezes, tal como fez a maior parte desse último mês, mas eu sei que vai.

Nós não conseguiríamos dar outra resposta além dessa.

Devolvo meu olhar a Yanna e dou-lhe um sorriso ao estender a mão para ajudá-la a levantar. Apesar de lindo o seu gesto, sei o quanto deve doer ficar ajoelhada no chão por tanto tempo (alguns minutos) e qualquer um de nós detestaria que se machucasse.

Um pouco insegura, Yan pousa a palma úmida de suor sobre a minha e só então percebo como está nervosa. Afasto as poucas lágrimas que ainda teimam em escorrer e abro outro de tantos sorrisos genuínos que dou ao seu lado e o de Chris. Afago carinhosamente sua bochecha, querendo espantar a apreensão que paira em seus cativantes olhos verdes e murmuro com suavidade:

— Você ainda tem alguma dúvida sobre a nossa resposta?

Yanna, incerta, olha de mim para Christopher algumas vezes. Porém, deixa um risinho escapar logo em seguida, e retruca de forma divertida:

— Eu não tenho. Mas gostaria de ouvir, sabe? Vai pegar mal em frente a todo esse pessoal se não rolar um ‘aceito’ ou simplesmente um ‘sim’.

Chris não impede a risada que lhe escapa e nem algumas de suas lágrimas cheias de emoção. Ele também acaricia o rosto dela com todo o carinho e diz:

— Acho que tenho uma maneira melhor de lhe dar essa resposta.

Lançando-me uma piscadela cúmplice, pego de primeira o que Chris pretende e não hesito em agarrar Yanna firme pela cintura ao passo que ele mergulha os dedos entre as mechas coloridas do cabelo dela, e em segundos estamos

compartilhando um beijo triplo. Sem dar a mínima para quem está olhando e menos ainda para o que vão pensar, deliciamo-nos com os lábios uns dos outros, em um beijo tão nosso e que reflete todas as palavras que precisam ser ditas nesse momento. Mas que, deliberadamente, trocamos pelo calor de nossas línguas deslizando juntas e nossas bocas se encontrando em pequenos estalos eróticos diante de todos os presentes – incluindo minha mãe.

Sentimos tanta falta de Yanna, que só nos afastamos porquê o desejo cresce a ponto de ser quase impossível de suportar e creio eu que ninguém está a fim de ver do que somos capazes quando o nosso tesão vai às alturas; apesar de o meu corpo formigar por mais contato, vou acreditar que conseguiremos esperar mais um pouco até chegarmos em casa.

— Dá para algum de vocês dizer logo sim?

Viro a cabeça em direção a Vince ao ouvi-lo gritar e me contenho para não mostrar o dedo do meio. Meu amigo sorri, dando de ombros e mostrando que não liga.

— Eu também estou esperando a resposta, Vince, mas esses dois estão apenas me enrolando. — Yanna revira os olhos e finge bufar com impaciência, colocando as mãos nos quadris — Sem contar que estão usando táticas muito baixas para isso.

Dou risada acompanhado por Christopher, que pergunta:

— O que mais temos que fazer para você entender que nós aceitamos?

— Dizer sim, ora essa! — é Yoan quem esbraveja, arrancando algumas risadas alheias — Eu não passei as últimas semanas escondendo isso de vocês e ajudando nos preparativos para nada. Vamos logo com isso ou não aceitarei ser padrinho de ninguém, ouviram?

— Estou com o Yoan nessa! — Vince exclama, entrando na brincadeira.

— Como se eu quisesse que você fosse o meu padrinho. — retruco, desdenhando.

— O mesmo vale para você, Yo. — Chris também “rejeita” o amigo.

Percebo que o Collins reprime uma resposta malcriada por causa dos convidados e sua posição como curador, e limita-se a revirar os olhos. Vince, por outro lado, dramatiza com todo o seu potencial para ganhar o Oscar e só cala a boca ao receber um tapa de Daniel.

Obrigado Dani!

— Se é uma resposta que vocês querem, pois bem. — digo e apanho a mão de Yanna, encarando-a — Como não iríamos aceitar o pedido de casamento da mulher que amamos, sendo que nós estávamos planejando lhe pedir o mesmo? É claro que aceitamos!

Ela arregala levemente os olhos e murmura:

— Vocês estavam planejando me pedir em casamento? Desde quando?

— Sim. Há uns dois meses, mais ou menos. Só que você foi mais rápida. — Chris comenta risonho — Acho que esperamos demais. Estávamos um pouco apreensivos.

— Que bom. — ela sorri — Assim eu consegui surpreender os dois.

— E como! Pode acreditar.

Os belos olhos verdes de Yanna cintilam de alegria. Estamos oficializando o nosso noivado em meio a todas essas pessoas e nossos conhecidos, aqui e

agora, e não poderia ser em uma ocasião mais especial. Ela pega a primeira aliança e desliza em meu dedo anelar direto, repetindo o processo com Christopher, beijando nossas mãos em seguida. Juntos, nós colocamos a dela e também beijamos sua mão, demonstrando nossa afeição.

Estamos oficialmente noivos.

Uma salva de palmas ressoa pelo salão principal da galeria e nós nos abraçamos. Pouco a pouco, os convidados se aproximam para dar os parabéns e Christopher recebe felicitações dos outros fotógrafos. Nossos amigos são os últimos, por razões óbvias, e minha mãe abraça Yanna com empolgação e as duas derramam algumas lágrimas.

É bom vê-las juntas outra vez.

Yoan dá o coquetel por encerrado, agradecendo a presença de todos, e gradualmente as pessoas vão deixando a galeria. Nosso amigo e curador fecha as portas, e enfim estamos livres para fazer a nossa própria comemoração. Ele resgata em seu escritório uma garrafa de champanhe e espanto-me ao notar que é sem álcool. E sua justificativa é que foi a única que sobrou, já que os garçons pegaram quase todas para servir os convidados. Bom, sem problemas.

O que vale é brindarmos a esse momento.

— Então, quer dizer que vocês já sabiam de tudo? — indago, dando um gole na bebida.

— Yanna entrou em contato comigo há algumas semanas. Conversamos sobre a ideia que ela tinha e corremos para colocar em prática. Fico feliz que tenha dado certo.

Yoan explica e tilinta sua taça com a dela, lançando uma piscadinha. Até o ranzinza Yoan Collins foi conquistado pela nossa noiva (se bem que não é preciso muito para tocar o coração dele). Além disso, estamos falando da Yanna. Não há ninguém que ela não encante com os seus olhos verdes e o jeitinho espoleta de ser.

— Todos nós ajudamos. — Vince se pronuncia — Queríamos que se reconcilhassem, pois, sabíamos o quanto estavam sofrendo com a separação. Vocês e ela também. No momento em que Yanna veio falar conosco, bem, topamos sem pensar duas vezes.

Lucia e Martín concordam, apesar de esclarecerem que não fizeram muita coisa.

— Você também sabia, mãe? — olha para ela ao lado de Charles, seu namorado, este que parece bastante à vontade e sorri — Se sim, admito que me enganou direitinho enquanto conversávamos ao longo dessas semanas por telefone.

— Eu sabia sim, filho. E valeu a pena fazer esse esforço para ver vocês felizes de novo.

— Valeu sim. — viro a cabeça em direção a Christopher e Yanna, que conversam alegremente com nossos amigos perto da mesa — Tudo em relação a eles vale *muito* a pena.

Sou subitamente preso em um abraço de urso pela senhora Nayeon e não pestanejo em devolver o aperto. Sei que está feliz por nós e sinto-me realizado por ter uma mãe que me apoia. Eu não seria nada sem ela. Devo muito ao seu amor e compreensão.

Charles aperta a minha mão, felicitando-me mais uma vez pelo noivado, e

sobressalto ao ter o ombro tocado de repente por Yanna. Ela solta uma risadinha travessa e não me contenho em beijar a curva de seu pescoço. E começamos a papear agradavelmente.

Passamos mais de uma hora festejando. Porém, como Yoan precisa liberar o espaço para que a equipe de limpeza faça o seu trabalho para a abertura da exposição ao público amanhã, decidimos finalizar a noite. De certa forma, eu o agradeço. Porque, sendo bem honesto, já não estou mais aguentando olhar para os meus amores e não poder tocá-los.

Não vejo a hora de estar à sós com os dois no apartamento.

Vamos nos organizando para sair, contudo, Christopher parece lembrar de alguma coisa e se apressa em pegar a mão de nossa noiva, e dizer:

— Vem aqui, querida, preciso lhe mostrar uma coisa.

Chris praticamente arrasta Yanna para o cômodo ao lado, onde suas fotos estão expostas, e eu sei bem o motivo. Sigo-os e tenho o prazer de presenciar os lindos olhos dela se arregalarem maravilhados ao deparar com a nossa imagem em meio as outras.

Ela dá alguns passos, chegando mais perto, e murmura encantada:

— É linda! Oh céus, é a foto mais linda que você já tirou, Chris.

O moreno e eu trocamos olhares. Eu sabia que ela iria adorar.

— Eu disse o mesmo a ele. — comento — A propósito, essa foto é uma exceção. Não está à venda como as demais. Pois, queremos pendurá-la em nosso apartamento.

— É uma ótima ideia! — exclama, animada — Ficará perfeita em nosso

quarto.

— Bom, já temos o lugar. — Christopher fala, aos risos — Estávamos justamente discutindo onde colocar um pouco antes de o coquetel começar. Você resolveu esse problema.

Yanna balança a cabeça, consentindo, e permanece parada admirando a foto. Cala-se por alguns segundos. Sua expressão deixando a animação e se transformando em introspectiva. Apesar de intrigados, respeitamos seu silêncio, isso até ela dizer:

— Depois de tudo o que aconteceu em relação ao Bryan, eu havia esquecido como fotografias podem ser mágicas. Apesar de guardarem momentos que nunca irão voltar, também representam toda a felicidade que vivemos naquele pequeno, mas tão belo instante.

Yanna se põe de frente para nós e sorri docemente. Observamo-nos.

— Então, vamos encher as nossas vidas de lindas fotografias e guardar os alegres momentos que teremos juntos a partir de agora e para sempre. Todos nós.

Emocionados, nós assentimos e a abraçamos. Beijamos uns aos outros.

Daqui para a frente, encheremos as nossas vidas com as mais belas fotografias.

Por termos bebido, aceitamos a carona que Charles oferece, uma vez que seu trajeto até o hotel em que está hospedado junto com a minha mãe cruza o nosso bairro. Eu havia feito o convite para que ficassem em casa, mas eles insistiram em reservar um quarto em um hotel próximo e assim o fizeram. E admito que agora estou muito feliz que minha mãe e Charles tenham

escolhido priorizar nossas privacidades, pois, precisaremos dela dentro em breve – embora eu tenha a impressão de que não será o bastante.

Despedimo-nos e nem esperamos o carro se afastar para entrar no prédio. São quase duas da manhã e não há ninguém no hall. Caminhamos apressadamente em direção ao elevador, a tensão sexual aumentando a cada passo que damos, e que parece comprimir a caixa metálica no segundo em que as portas se fecham, confinando-nos dentro.

Nós não nos tocamos. Se o fizermos, tenho certeza de que o zelador aparecerá amanhã de manhã em nossa porta com uma ordem de despejo por atentado ao pudor.

A sorte é que nosso apartamento fica perto do elevador, então não demoramos mais do que três minutos para alcançar a porta. Christopher se encarrega de abri-la e, sem perder tempo, seguro Yanna firme pela cintura e a empurro para dentro usando o meu corpo, beijando-a com ânsia nem meio segundo depois. Reivindicando tudo do que senti falta nesse tempo em que ficamos separados. Cada sensação, cada suspiro, cada toque.

Chutamos os sapatos às cegas.

Christopher se aproxima, esfregando o quadril contra o meu, e despeja beijos molhados em minha nuca. O choque de seus lábios em minha pele causa arrepios. Ele embrenha os dedos longos em meus cabelos, puxa para trás com certa rudeza e invade minha boca com a língua de forma exigente. Fazendo o mesmo com Yanna em seguida. Estamos os três ofegantes. Sedentos e loucos para foder a madrugada inteira.

Chris muda de posição e fica atrás de nossa noiva, pressionando os quadris contra o dela como fez comigo há alguns minutos. Ela geme deleitosa e roça

o corpo entre o meu e o dele. Meu pau já está dolorosamente ereto. Puxo um pouco a barra do vestido que está usando para meter minhas mãos por debaixo e tocar sua pele nua e macia.

Estamos nos deixando levar pelo tesão.

— Eu tenho mais uma coisa para contar a vocês. — Yanna se pronuncia em meio a ofegos.

— Mais uma? — Chris indaga, ainda espalhando beijos pelo pescoço delicado dela — Hoje é realmente a noite das surpresas. E admito que estou gostando de todas.

— Não podemos adiar para depois? — sussurro, provocativo — Estamos tão necessitados de você, baby, que eu não sei se conseguiremos nos conter por mais tempo.

Seguro seu rosto entre as mãos e mordo sensualmente seu lábio inferior, fazendo-a suspirar e deixando o meu pau ainda mais duro. Pulsando para enfiar-se entre as pernas dela e em seguida de Christopher, ou ao contrário. Tudo o que pudermos fazer ao longo dessa noite e que nossas imaginações (muito vastas e maliciosas) permitirem.

— É algo importante. — Yan murmura. A voz embargada em tesão — Por favor, queridos.

Com ela pedindo desse jeito, nenhum de nós é capaz de negar. Respirando fundo para reunir todo o meu autocontrole e ignorar o incomodo dentro da minha calça, dou um passo para trás. Permanecemos os três quietos, observando-nos.

Quase um minuto se vai assim.

De repente, Yanna começa a desamarrar o vestido diante de nossos olhares atentos e desce o zíper lateral, puxando o tecido para baixo, que cai ao redor de seus pés descalços. Minha respiração acelera ao admirá-la apenas de lingerie, porém, surpreendo-me ao notar o que parece uma linha escura que começa abaixo de seu umbigo e desaparece no limite da calcinha de renda. Nunca vimos aquela marca ali antes. E, reparando melhor, também parece que há uma pequena, mas notável elevação ali. É quase como se ela...

Arregalo os olhos com a possibilidade que cruza repentinamente meus pensamentos. Encaro Yanna, que põe as mãos ao redor da barriga, acentuando mais a pequena protuberância e sinto como se o mundo parasse no instante em que ela fala:

— Eu estou grávida.

Perco o fôlego com suas palavras. Travo, estupefato demais para reagir de outra maneira. Meu corpo inteiro é tomado por uma emoção inexplicavelmente maravilhosa. Vislumbro-a acariciar com delicadeza a curva suave de sua barriga e, antes que eu perceba, estou chorando pela segunda vez nessa noite que se tornou memorável.

Christopher agarra minha mão com força e vejo seus lindos e expressivos olhos castanhos brilhando, inundados de lágrimas também, assim como os meus. Desacreditado, ele abre e fecha a boca algumas vezes, até conseguir balbuciar um pouco atordoado:

— Nós teremos um bebê?

— Bebês. — ela corrige, sorrindo — São gêmeos.

Eu, por um triz, não caio para trás.

Se eu achava que não poderia ficar mais surpreso, me enganei.

— Gêmeos? Sério isso? — indago.

Yan balança a cabeça, consentindo. Um sorriso vai se formando em meus lábios e, sem razão aparente e sentindo-me um idiota, começo a gargalhar entre as lágrimas.

Seremos pais. Puta merda, seremos pais de gêmeos!

— Quando...?

— Faz quase três meses. Por isso que eu estava vomitando e com tanto sono. Os sinais eram muito claros, mas eu só descobri quando fiz o teste há algumas semanas.

— Então, todo aquele mal-estar...

— Sim. Na verdade, eram sintomas da gravidez.

Porra! Como pudemos não perceber o que estava bem a nossa frente?

Enfim, não importa.

Chris e eu caminhamos em direção a Yanna, e beijamos docemente sua boca antes de ajoelharmos um de cada lado, encostando as bochechas em sua barriga. Ela pousa as mãos em nossos cabelos, afagando-os, e eu fecho os olhos ao colocar a mão na elevação e sentir a de Christopher unir-se a minha. Beijamos seu ventre com carinho. Nenhum de nós precisa dizer que somos os caras mais felizes do mundo nesse momento.

Foram poucas as vezes em que conversamos sobre a possibilidade de adotar uma criança, mesmo sabendo das dificuldades legais que encontraríamos pela

frente nesse processo. Tínhamos o desejo de formar uma família em algum momento de nossas vidas, de sermos pais, e Yanna está proporcionando isso a nós. A mulher que amamos está carregando não apenas um, mas dois serezzinhos que farão de nós uma família.

Meu coração parece que vai explodir de tanta felicidade. E do jeito que Christopher olha para mim, com a expressão serena e um sorriso radiante, sei que não sou o único.

— A médica não deu certeza ainda e talvez só saibamos quando nascerem, mas talvez seja uma gravidez especial, assim como o nosso relacionamento.

Yan comenta após alguns minutos em silêncio e acariciando nossos cabelos.

— Mais especial do que ela já é? — pergunto, sem tirar o rosto de sua barriga.

Ouçó sua risadinha e a de Chris, que pisca para mim.

— Sim.

— Como assim?

— Por favor, não criem expectativas, tudo bem? Mas, como eu disse que tenho dois parceiros em uma relação poliamorosa, é possível que vocês dois sejam os pais.

Chris levanta de supetão e eu o sigo.

— Mas isso é impossível, não? — ele questiona.

— Impossível não, mas bastante raro.

— Isso significa que eu posso ser o pai de um dos gêmeos e o Christopher de

outro?

— Exatamente.

— ‘Tá brincando? Puta merda!

Olho para o nosso noivo, que sustenta um sorriso de orelha a orelha. Sabemos que é uma chance raríssima de acontecer, mas somos incapazes de não ficar esperançosos.

— Como eu disse, pode ser que não aconteça. Então não vamos criar...

Yanna solta um gritinho surpreso no que é interrompida por Christopher, que a ergue nos braços e rodopia pela sala de estar. Rio com os meus amores, sentindo-me um filho da puta sortudo demais para acreditar. Eles são as razões da minha vida. Meus companheiros, meus amigos. São tudo o que eu mais poderia querer nesse mundo e, tal como Chris disse em seu discurso na galeria, agradeço todos os dias pela existência deles e por terem entrado em meu caminho. E, principalmente, por saber que logo haverá mais duas pessoinhas se tornando parte dessa enorme alegria que partilhamos.

Sempre três? Eu acho que não. Agora seremos cinco.

— Querido, sério, não faça isso. A não ser que esteja a fim de levar vômito na camisa.

Yan aconselha, arrancando uma gargalhada de Christopher, que estala um beijo em sua bochecha. Eu a pego no colo com cuidado em seguida, beijando sua outra bochecha.

— Não importa quem seja biologicamente, nós dois seremos os pais. E com você, formaremos uma família muito especial. — arrumo uma mecha de seu cabelo, que cai desajeitadamente em seu rosto — Céus, baby, você não

imagina o quanto estamos felizes.

— Se estiverem sentindo metade de felicidade que eu estou, então sei que é muita.

— Estamos sentindo ainda mais.

Christopher murmura ao se pôr atrás dela e me abraçar, de modo que Yanna fica presa entre nossos corpos. A embalamos em nossos braços e lhe enchemos de palavras amorosas. No entanto, a doçura do momento se esvai no segundo em que ela beija a minha boca com mais vontade do que eu esperava, tirando-me um longo suspiro e, conseqüentemente, fazendo-me apertá-la contra mim de maneira inconsciente.

As mãos de Chris escorregam entre o meu torso e o de Yanna, percorrendo sua barriga devagar até subir aos seios e massagear por cima do sutiã. Mesmo com a camisa, sinto como seus mamilos endurecem e roçam em meu peito. O cheiro de sua pele e seus beijos, os toques de Christopher, vão aos poucos trazendo de volta o desejo que freei minutos atrás. Só que o receio também se faz presente e, pelo jeito que as mãos do moreno paralisam no segundo em que Yan geme mais alto, percebo que há uma preocupação mútua. Se tínhamos pouca experiência com mulheres além do sexo até Yanna aparecer, nem preciso dizer que não temos *nenhuma* em relação a uma gravidez.

O que significa que não fazemos ideia de até aonde podemos ir agora que ela está grávida. E se a machucarmos? E se machucarmos os bebês?

Não nos perdoaríamos.

Yanna, notando nossa hesitação, se contorce para que eu a coloque no chão. E, uma vez que está com os pés firmes, joga os cabelos coloridos para trás e solta:

— Antes que algum de vocês pergunte ou tenha uma ideia maluca, quero avisá-los que eu posso e vou... Prestem bastante atenção nessa parte, fazer muito sexo com os dois. Já conversei com a médica sobre isso e ela disse que não há qualquer restrição em termos relações sexuais e que, não, transar não irá machucar os bebês. Por isso, fiquem cientes de que vou exigir cada pedacinho que vocês. Pois, estou tão necessitada quanto.

Boquiabertos com sua postura um tanto agressiva, concordamos sem qualquer intenção de contrariar. Será que esses são os tais hormônios enfurecidos de que ouvi falar?

— Agora, mexam-se! Vamos para o quarto ou montarei os dois no chão mesmo.

Nossa amada (e exigente) maluquinha sai andando rumo ao corredor e sou incapaz de não rir ao trocar olhares com Christopher que, achando graça, encolhe os ombros e puxa-me de maneira impaciente para irmos atrás de Yanna. Estou prevendo que esses dois acabarão comigo essa noite. Se estou reclamando?

É lógico que não!

É exatamente isso o que eu quero e espero.

Entramos no quarto e a encontramos parada ao lado da cama, olhando para os lençóis, talvez imaginando o que faremos ou relembando o que já fizemos em cima deles. Tomo um instante para admirar sua silhueta de grávida e eu não poderia considerá-la mais linda. Ouço Christopher suspirar e o sorriso que direciona a mim revela que pensa o mesmo. Acabamos de receber a notícia de que seremos pais e já estamos babando.

Se durante a gravidez, as mulheres costumam ser bastante mimadas, Yanna

receberá o dobro de mimos se depender de nós. Mimos e o que mais quiser.

Nós nos aproximamos, chamando sua atenção e recebendo um sorriso sugestivo em troca. Yanna estende os braços e enlaça Christopher pelo pescoço, beijando-o suavemente. Logo depois é a minha vez, e não demora muito para estarmos em um beijo triplo.

— Sentimos tanto a sua falta, baby. — sussurro, abrindo o fecho do seu sutiã.

— Eu também senti. — ela responde ofegante — Dos meus dois amores.

Abaixo uma alça, a outra, e a peça desliza por seus braços até encontrar o chão. Encaixo as mãos em seus seios, sentindo-os maiores e mais pesados, e massajeio com cuidado e um pouco de pressão. Seus bicos estão proeminentes e sensíveis, tanto que apenas roçar neles com as pontas dos polegares faz Yanna gemer longa e profundamente.

Por cima de seu ombro, vejo Christopher agachar e beijar algumas vezes a barriga dela enquanto engancha os dedos nas laterais da calcinha para tirá-la. Devagar, escorrega pelo comprimento das pernas esbeltas e, sem se preocupar, joga para longe. A cabeleira castanha se mexe no que desce mais o rosto e Yanna apoia a cabeça em meu ombro e suspira com força assim que ele começa a esfregar a língua em seu clitóris.

Eu continuo acariciando seus seios e beliscando os mamilos intumescidos, ao passo em que distribuo beijos em sua nuca e mordisco levemente o lóbulo de sua orelha. O movimento que ela faz para roçar mais a boceta na boca dele, consequentemente, faz com que seu traseiro gostoso fricção no meu pau. Nós três suspiramos, recebendo forma diferentes e igualmente intensas de prazer. O quarto parece abafado demais de tanto calor.

Christopher levanta, o olhar selvagem e os lábios úmidos com os fluídos de

Yanna. Ele a beija de maneira desesperada e alcança os meus lábios por cima do ombro dela. Se afasta alguns passos, o peito subindo e descendo conforme sua respiração vai se tornando rápida, e desabotoa a camisa com pressa. A gravata borboleta é a próxima. Com o peito nu e as tatuagens à mostra, os cabelos levemente molhados de suor e o semblante mergulhado em excitação, a visão dele é uma verdadeira delícia. Primorosa.

Yanna dá um passo para o lado e ele me pega em um beijo malditamente quente. As mãos dela deslizam em nossos corpos, para cima e para baixo algumas vezes, e aperta o meu pênis e o dele por cima das calças de alfaiataria que ainda usamos. Isso até guiar nossas próprias mãos para acariciarmos um ao outro.

Nosso jogo perdura uns minutos.

Eufórico com todas as sensações que apenas o nosso sexo à três me causam, agarro Yanna e a deito na cama com toda a delicadeza que o meu desejo permite. Meu corpo paira sobre o dela, que me encara com expectativa, mas dou-lhe um sorriso ladino e me afasto. Livro-me da camisa incômoda e também da gravata, ficando apenas com a calça.

Tal como Christopher fez na sala, agarro um punhado de seus cabelos castanhos e o beijo com furor. Suas mãos grandes travam ao redor da minha cintura, puxando-me perto o suficiente para que meu peito esfregue no dele. O calor de sua pele é extasiante.

Inclino a cabeça para o lado, à fim de que Chris chupe o meu pescoço do jeito que gosto, enquanto estimulo seus mamilos com os dedos como eu sei que gosta. Nossos membros se esfregam, provocando um atrito gostoso pra caralho graças ao tecido da calça. Suas palmas escorregam e apanham minha bunda com vontade, apertando.

— Vamos chupá-la juntos. — sussurro.

Ele ofega com a ideia que sugiro e balança minimamente a cabeça.

Trocamos mais algumas carícias antes de virar e encontrar Yanna se masturbando. Sorrimos. Adoramos vê-la provocar prazer em si mesma. É um espetáculo e tanto!

— Yan, querida.

Chamo e ela abre os olhos lentamente. Suas bochechas estão coradas pelo esforço.

— Recoste nos travesseiros e abra bem as pernas.

Mordendo o lábio e com o desejo brilhando em seus orbes verdes, Yanna se arrasta pelos lençóis e deita do jeito que pedi, separando os joelhos e oferecendo-nos seu manjar.

Christopher e eu retiramos o restante de nossas roupas e, nus e excitados, deitamos lado a lado. Eu seguro uma coxa, ele a outra, mantendo-a aberta o bastante para que possamos fazer o que queremos. Minha língua e a dele escorregam juntas sobre o clitóris inchado e perfurado dela, que grita e agarra nossos cabelos com força. O gemido que vibra direto da minha garganta se une ao rosnado de Christopher e outro suspiro alto de Yanna.

Nós lambemos.... Chupamos.... Nos deliciamos.

O corpo de Yanna treme e seus gemidos ficam ainda mais altos. Com o ombro, mantenho sua perna afastada e pressiono o mais delicadamente possível seu estômago com a mão para que não se mova muito. Sinto como seu baixo-ventre se contrai por causa do orgasmo que está prestes a vir e em segundos ela se derrama em nossas bocas.

Chris me beija. O gosto dela em nossos lábios.

Porra! Acho que vou acabar gozando antes da hora.

Respiro fundo para tentar controlar o tesão insuportável que estou sentindo. Ajoelho sobre o colchão, observo Yanna ofegante pelo recente orgasmo e acaricio suavemente seu ventre saliente. Ela sorri cansada, mas sei que precisa de apenas alguns minutinhos até que esteja pronta para mais. Christopher, por sua vez, abre a gaveta do criado-mudo e pega o tubo de lubrificante que sempre deixamos guardado ali por razões óbvias.

Ele deita ao lado dela, também acariciando seu ventre e pergunta:

— Você consegue ficar de bruços, meu bem?

Yanna solta um risinho e responde:

— Claro que consigo, amor.

— Tudo bem se eu...

— Vou adorar que você me foda de quatro, se é o que está sugerindo.

Chris suspira e morde o lábio, os olhos brilhando em expectativa.

Yanna se ajeita e senta, olhando diretamente para mim. A intensidade de seus orbes verdes provoca-me um arrepio. Sua carinha não esconde que está aprontando algo.

— Eli. — chama, sedutora.

— O que foi, baby?

Engulo em seco ao vê-la engatinhar em minha direção. Ela empurra meu

peito com a mão até que eu esteja deitado. Nossos rostos muito próximos. A sensação das pontas de seus cabelos roçando devagar em minha pele conforme se mexe é enlouquecedora.

— Enquanto o Chris me come gostoso, eu vou chupar você.

Ela murmura, provocativa, e eu ofego. Seus lábios pousam sobre os meus e descem vagarosamente. Passam pelo queixo, a garganta... E descem, descem.... Apoio os cotovelos no colchão para conseguir observá-la e tenho o prazer de deparar com seu traseiro bem erguido diante de Christopher, que o alisa com as mãos e arqueja com a visão.

Seus olhos castanhos encontram os meus. Entreolhamo-nos. A intensidade de tudo isso é grande demais, significativa demais. Não apenas pelo sexo e sim por todos os sentimentos que compartilhamos com essa mulher. A nossa mulher.

Nossa Yanna.

A futura mãe de nossos filhos e esposa.

É muito surreal pensar que, até um ano atrás praticamente, nós sequer imaginávamos que outra pessoa estaria em nosso relacionamento. Agora é exatamente o contrário. Não conseguimos pensar em nosso relacionamento sem que ela esteja inclusa para sempre.

A boca de Yanna abriga meu pau repentinamente, levando todos os meus devaneios para muito longe. Perco o fôlego com suas sucções, tanto que preciso agarra em alguma coisa para manter a pouca sanidade que me resta. Christopher prende o quadril dela com uma mão e com a outra posiciona seu pênis, empurrando contra sua boceta encharcada até estar totalmente dentro. A vibração de seu gemido leva-me ao céu e ao inferno. Mas o que realmente

faz o meu mundo girar é a pressão de seus dedos ao penetrar minha bunda.

A espessura nem se compara com os dedos de Christopher, mas Yanna movimenta-os com uma habilidade fodidamente maravilhosa e esfrega minha próstata ao ponto em que reviro os olhos de insuportável que se torna a sensação de tão boa. Puta que pariu!

Por vários minutos, Yanna suga o meu pau e massageia minha próstata com os dedos enquanto Christopher arremete sem parar. Os sons do quarto são uma confusão de gemidos e arfares. Está tão quente, que meu suor molhou boa parte dos lençóis e o de Yanna umedece as minhas coxas. Ou talvez seja o de Chris.

Ou dos dois.

Eu já nem sei mais onde começa um e termina o outro.

Yanna solta a boca para gemer quando Chris aumenta o ritmo e eu me apresso para beijá-la e beber todos os sons suaves que lhe escapam. Após mais algumas estocadas, nosso noivo goza e se aperta no traseiro dela para prolongar a sensação.

Sendo o único que ainda não gozou e perto de explodir, agarro os tornozelos de Christopher assim que deita na cama para descansar e puxo-o com força até que esteja com as pernas ao redor da minha cintura. Debruço e capturo seus lábios em um beijo afoito. Mesmo exaurido, ele retribui e meu pau roça no seu já um pouco flácido. Porém, sei que logo estará tão duro quanto eu estou e gemendo com as minhas estocadas.

— Vamos lá, que eu vou foder o seu cuzinho, Chris.

Dito contra a sua boca e me afasto para pegar o lubrificante. Despejo uma

boa quantidade em minha ereção, espalhando com alguns movimentos, e lambuzo a entrada dele com o que sobrou em meus dedos. Enfio algumas vezes para dilatar e não doer.

Yanna senta sobre o rosto de Christopher e eu me ponho entre as pernas dele outra vez, apanhando seus tornozelos e deixando-o bem aberto para que eu possa penetrar. Vejo-o segurar as coxas de nossa noiva e guia-la diretamente para sua boca, afundando a língua na boceta molhada e suave dela, fazendo-a suspirar de prazer e jogar a cabeça para trás.

Penetro-o devagar e seu aperto em torno do meu pau sensível arranca-me um gemido sôfrego. Empurro os quadris, ganhando velocidade, invadindo-o fundo e forte. Com a rudeza de nosso sexo. Meus dedos pressionam sua carne enquanto sinto cada terminação nervosa do meu corpo despertar em seu nível máximo.

O orgasmo será avassalador.

Em dado momento, Yanna é quem segura os tornozelos de Christopher, mantendo-o aberto para que eu consiga foder com mais força e também o masturbar ao mesmo tempo. Ela continua rebolando, se esfregando no rosto dele, gemendo com as lambidas que recebe em seu clitóris perfurado. E me beijando vez ou outra.

Não demora muito para que eu goze, lançando toda a minha porra dentro dele. Yanna também se entrega ao ápice pela terceira vez e caímos os dois estendidos sobre a cama, exaustos e bastante ofegantes. Após alguns minutos, Chris se enterra em mim para gozar a segunda vez e, enfim, nos rendemos ao cansaço de nosso sexo à três.

Como sentimos falta disso!

Suados, arfantes e completamente satisfeitos, ficamos deitados e envoltos pelo silêncio pós-sexo – nem um pouco desconfortável, vale frisar. Com Yanna entre nós, Christopher e eu acariciamos sua pequena barriga saliente com as mãos que agora carregam as alianças de nosso compromisso. Ela está de olhos fechados e sorrindo sutilmente.

— Não machucamos você, não é, Sweetie? — Chris pergunta em um tom suave.

— Não queridos. Eu estou bem.

Sua resposta é um pouco sonolenta, fazendo-nos rir.

— Está cansada, é? — brinco.

— Só um pouquinho.

Planto um beijo em sua testa e sussurro:

— Pode descansar. Nós estaremos aqui.

— Sempre.

Christopher completa, também beijando-a na testa.

— Eu amo vocês.

— E nós amamos você. — digo e olho rapidamente para sua barriga — Vocês.

E como na fotografia de Christopher, nós três adormecemos entrelaçados.

Da mesma forma que faremos pelo resto de nossas vidas.

[...]

Três meses depois

Hoje é o dia da estreia do novo espetáculo da companhia. O espetáculo em que fui convidado para ser o responsável por criar a coreografia. O que, entre altos e baixos ao longo dos últimos meses, eu consegui desenvolver com a ajuda de Vince e nossos outros colegas. Sério, ainda não estou acreditando que terminamos e menos ainda que a estreia marcada para acontecer no Lincoln Center já chegou.

Nem preciso dizer o quanto estou ansioso, não é?

Saio do banheiro depois de uma ducha rápida, uma vez que preciso chegar ao teatro mais cedo para o último ensaio com o pessoal e também ajudar nos preparativos da apresentação dessa tarde, mas detenho o passo um minuto para observar Yanna dormindo abraçada com o travesseiro para gestantes que compramos mês passado.

Sua barriga está mais linda do que nunca, assim como ela mesma. É o sexto mês de gravidez e sua barriga cresceu consideravelmente de uns tempos para cá. Compramos uma cama maior, uma *king size*, para que dormisse mais confortável e nenhum de nós pudesse machucá-la sem querer durante a noite.

Há espaço de sobra para os três.

Sua gravidez está sendo relativamente tranquila, considerando que é gemelar e alguns cuidados à mais devem ser levados em conta para que corra tudo

bem. Christopher e eu estamos participando ativamente da gestação, acompanhando-a nas consultas do pré-natal com regularidade e surpreendendo várias pessoas pelo simples fato de sermos um trisal (a parte mais engraçada, tenho que ressaltar). Além disso, também estamos ajudando com a dieta que a médica passou, já que é comum a mulher ganhar mais peso com a gravidez de gêmeos e haver outras complicações em decorrência disso.

Se estamos a mimando? Só faltamos deitar para que ela pise em cima de nós.

Às vezes, Yan não gosta da atenção exagerada que damos a ela por causa da gravidez, se estressando vez ou outra com algumas de nossas atitudes. Mas, num geral, como a boa manhosa que sabemos que ela é, não reclama quando queremos ficar agarradinhos e enchendo-a de carinhos. Estamos os três curtindo muito essa nova e incrível fase.

Ainda não sabemos se os bebês são apenas de um de nós ou fomos presenteados com a raridade de cada qual ser o pai de um dos gêmeos. Porém, como dissemos a Yanna quando contou sobre a gravidez, não importa quem seja o biológico. Nós dois seremos os pais, amaremos e criaremos nossos filhos do mesmo jeito.

Isso é tudo o que importa.

— Babando em cima dela de novo, Eli?

Sobressalto ao ser pego no flagra por Chris, que sorri e chega mais perto. Ele beija meus cabelos úmidos e olha em direção a cama, assim como ainda estou fazendo.

— Eu não consigo parar. — confesso num sussurro — É uma visão muito bonita.

— Concordo com você. — abraça-me por trás.

— Veio acordá-la?

— Sim. Só que agora estou com dó. Ela está dormindo tão gostoso.

— Pois é.

— Mas ela ficará furiosa se não tomar café conosco antes de você sair.

Balanço a cabeça, sorrindo. As alterações de humor dela diminuíram bastante, porém, Yanna ainda fica extremamente irritada quando amolecemos e deixamos que durma além do café da manhã, especialmente em dias que vamos trabalhar; permanecemos abraçados e admirando nossa mulher mais uns minutinhos, até ele comentar:

— Fico imaginando quando os bebês nascerem.

— Nós seremos os pais mais babões de toda a Nova Iorque.

— Eu não duvido nem um pouco.

Rimos baixinho para não a acordar.

— Você pensou que nossa vida mudaria desse jeito? — questiono.

— Não. E, honestamente, nem em meus melhores sonhos eu conseguiria imaginar algo mais perfeito do que isso. Eu tenho você, tenho a Yanna, e teremos nossos filhos.

— Você está certo. Somos muito sortudos.

— Fomos sortudos ao nos conhecer e ainda mais ao conhecê-la.

Sorrio para ele e o beijo. Eu não teria palavras melhores para expressar.

— Agora vá trocar de roupa, cabecinha loira, que eu vou acordar a dorminhoca.

Chris dá um tapa fraco em minha bunda e caminha até a cama para despertar Yanna. Abro o armário e jogo a toalha de lado. Visto uma calça de ginástica, camiseta e moletom por cima. Está começando a esfriar e eu conheço bem o frio da cidade para saber que preciso me agasalhar se não quiser pegar um resfriado em pleno começo de temporada.

Olho novamente para a cama assim que ouço o ‘bom dia’ sonolento de Yanna e sorrio ao notar seus cabelos coloridos emaranhados. Eu não direi isso em voz alta, mas ela parece uma adorável bolinha sentada desse jeito. Não que ela tenha ganhado muito peso, porém, o fato de ser pequena e estar carregando gêmeos faz com que pareça uma. Se ela descobrir, vai arrancar as minhas bolas.

Tomamos café da manhã todos juntos, entre sorrisos e amenidades. Despeço-me dos meus amores e dou um beijo na barriga de Yanna antes de sair rumo ao Lincoln Center, onde alguns dos membros da companhia já devem estar esperando.

O decorrer da manhã é agitado. Ensaíamos e organizamos os últimos detalhes da apresentação. Almoçamos no camarim mesmo e seguimos com o cronograma até faltar mais ou menos uma hora e meia para o espetáculo. Tomamos esse tempo para relaxar, o que, obviamente, não cabe a mim. Estou uma pilha de nervoso e bastante ansioso.

Com o ponteiro do relógio se aproximando do horário da apresentação, vou trocar de roupas e vestir o figurino. Faço alguns alongamentos para distrair. Como sempre, os minutos que antecedem a entrada no palco sempre me deixam agitado, e o embrulho na boca do estômago parece pior do que as

outras vezes. Muito provavelmente porque executaremos a coreografia que eu desenvolvi com o auxílio do pessoal. Estamos todos nervosos, essa é a verdade. É um momento realmente importante para nós.

Querendo fazer ao menos metade do nervosismo desaparecer, vou dar uma espiadinha entre as cortinas e meu coração instantaneamente se acalma ao que vejo Christopher e Yanna sentados na primeira fileira juntamente com os demais convidados e amigos. Daniel também está presente, minha mãe e o namorado, até mesmo Natham Stewart e a amiga de Chris, Melissa, que não para de olhar para o ex-cunhado de Yanna.

— Cinco minutos!

Alguém da produção grita.

Confiro o figurino pela última vez e coloco-me na posição ao lado do palco. Ao contrário do que esperava, não estou mais tão nervoso. Meus portos seguros estão aqui e isso me dá confiança para subir no palco e fazer o meu melhor, o que eu amo, que é dançar.

Puxando uma lufada de ar, caminho até o ponto central e espero o sinal.

As cortinas sobem, o refletor acende.

Eu estou no centro do palco e eles na plateia. Mas somos todos os protagonistas.

Uma nova etapa da minha carreira está começando, assim como da minha vida. Das nossas vidas. Não importam as circunstâncias, o que pensem ou digam, ou o preconceito que ainda teremos que enfrentar. Pois, essa é a nossa forma de amor, nossa forma de viver o mundo. E faremos desse grande espetáculo o mais belo de todos até o final.

Somos três e para sempre três.

Até que as cortinas abaixem definitivamente.

Epílogo

YANNA

Quem diria que, ao fingir ser outras pessoas, eu acabaria encontrando a mim mesma quando achei que nunca mais seria capaz disso?

Engraçado pensar que até dois anos atrás, eu acreditava que o amor era um sentimento que não voltaria a experimentar, vivendo noites casuais somente para saciar os desejos do meu corpo e ter material para escrever alguns dos meus livros. E mais engraçado ainda é que foi exatamente na casualidade que deparei não apenas com um, mas dois homens que me fizeram descobrir que o meu coração ainda poderia bater muito forte.

Dois homens que, apesar de diferentes, fizeram com que eu me entregasse a uma paixão avassaladora e revivesse sensações tão maravilhosas. Dois homens que abalaram completamente minhas estruturas e que, para a minha surpresa, eram noivos.

A vida é muito irônica, não é? Prega peças conosco e, para o bem ou para o mal, nos surpreende quando menos esperamos. E foi justamente o que aconteceu comigo ao conhecer Christopher Hayes e Elliot Park. Homens que deveriam passar pela minha vida unicamente como aventuras de uma noite (uma semana, no caso do Chris), mas que se tornaram muito mais do que isso. Que proporcionaram não só prazer e sim algo maior e mais bonito. Algo único. Do qual não fui capaz e nem quis abrir mão ao estar completamente envolvida e, honestamente, eu agradeço pelas escolhas que me trouxeram até

aqui. Que nos trouxeram até a esse momento tão importante e que nem em um milhão de anos eu poderia imaginar que iria acontecer outra vez.

Hoje é o dia do nosso casamento.

Hoje, diante das nossas famílias e amigos, sob o céu límpido desse belo dia de verão que escolhemos para trocar alianças. Como a lei do país ainda não aceita a união legal entre mais de duas pessoas, recitaremos os nossos votos em uma cerimônia simbólica. De qualquer forma, aceitando a lei ou não, a verdade é que já nos consideramos casados desde o dia em que fiz o pedido no coquetel da primeira exposição de Christopher.

Decidimos esperar até que os gêmeos nascessem e o lançamento do meu último livro passasse (e que foi adiado por algum tempo devido à minha gravidez) para enfim começarmos a planejar o nosso casório. Não quisemos nada muito glamoroso, somente reunir as pessoas que gostamos e fazer uma pequena e bonita comemoração em meio a natureza. Alugamos uma chácara no interior e nós mesmos organizamos tudo com a ajuda de nossos queridos amigos.

O casamento dos nossos sonhos, com certeza.

Thomas e Hannah estão com quase um aninho de idade e nem preciso dizer que Elliot e Christopher são os pais mais babões do mundo, né? Certo, certo... Embora me custe a admitir porque eu vivo “brigando” com eles por causa disso, eu não fico muito atrás no quesito de paparicos. Apesar de não ser um mar de rosas todo o tempo, ser mãe é muito bom. Ter uma família é muito bom. Amo as minhas bolinhas e não os trocaria por nada nesse mundo. Não só porque são os meus filhos, como também porque são uma raridade que acontece numa proporção tão minúscula que nem sei dizer. Sim, os gêmeos nasceram cada um de um pai. Thomas é filho

de Christopher, e Hannah é a filha de Elliot.

Nossos pequenos milagres.

O médico e as enfermeiras ficaram espantados quando dei à luz a uma menininha de cabelos louros e olhinhos levemente puxados, e a um menininho de cabelos castanhos e olhões da mesma cor. Eles são considerados como “gêmeos meio-irmão”. Um caso raríssimo de se acontecer e que demos a sorte de sermos escolhidos.

Meus dois amores só faltaram pular de alegria ao ver os pequenos pela primeira vez (eu não pude fazer o mesmo por motivos óbvios). Com autorização do hospital, ambos puderam acompanhar o parto e derramaram lágrimas de emoção no instante em que o choro dos bebês preencheu a sala de cirurgia e os seguraram no colo.

Eu também chorei.

Foi um momento bastante especial.

As coisas foram um pouco complicadas no início. Somos pais de primeira viagem e sem experiência alguma. Tivemos que passar certos apertos para aprender e ainda conciliar nossas vidas profissionais com os bebês e suas necessidades. Mas lentamente, passo a passo, fomos colocando tudo nos eixos.

Ao contrário do que muitos dizem, fomos aprendendo a ser pais e mãe, e continuaremos aprendendo todos os dias. Acertamos e erramos várias vezes e sei que ainda faremos muito disso no futuro, mas estamos dando o nosso melhor.

Amor e dedicação não faltam.

Algumas pessoas nos perguntam como nossos filhos irão lidar com o fato de sermos um trisal e que os pais são dois homens bissexuais. Bom, teremos que explicar no momento em que eles estiverem maiorzinhos e já souberem compreender certos assuntos que somos uma família diferente, mas que merecemos o mesmo respeito, bem como existem outras formas de amor e que nenhuma delas está errada.

Muito pelo contrário, amor nunca será errado.

Mas por enquanto não vamos dar importância ao que só precisaremos nos preocupar futuramente. Iremos apenas curtir nossos pequenos e a família que concebemos.

O que importa é o aqui e agora.

Pela terceira vez em menos de vinte minutos, impulsionada por uma inquietação crescente, observo meu reflexo no espelho novamente. Deslizo as mãos pelo tecido delicado do vestido de noiva, admirando cada mínimo detalhe e vendo o quanto estou bonita. Não é um vestido caro ou deslumbrante. Na verdade, é bastante simples e discreto, com um caimento suave que vai até mais ou menos a altura dos meus tornozelos, e decote ombro a ombro rendado.

Fui eu quem escolheu.

Daniel foi comigo comprá-lo e disse que eu parecia (como de costume) uma hippie prestes a casar no Woodstock ao som de Janis Joplin, e tenho que reconhecer que a ideia de realizar essa fantasia foi muito tentadora. Mas eu só daria margem para o meu melhor amigo passar o resto da vida zombando da minha cara com suas piadinhas.

Eu o amo, porém, às vezes Dani é um pé no saco.

Ajeito a coroa de flores silvestres que minha irmã montou e contrasta com meus cabelos recentemente tingidos de púrpura, e respiro fundo. Estou pronta. Pronta para seguir ao lado de Elliot e Christopher, e nossos filhos para sempre. Eu realmente não pensei que seria capaz de casar outra vez, mas estou muito animada. Deus, o Universo, o Cosmo ou como você queira chamar, deu-me a chance de ser feliz de novo e eu a agarrarei com todas as minhas forças, não importa o que o futuro reserva.

Ouçõ batidas na porta e vejo minha mãe colocar a cabeça para dentro. Nossos olhares se encontram através do espelho e sorrio com carinho, chamando-a para se aproximar. Ela o faz e viro para aceitar seu abraço quentinho e acolhedor. Tenho que segurar à vontade chorar que subitamente me acomete ou arruinarei toda a maquiagem.

— Você está linda! — mamãe diz, apanhando minhas mãos.

— Obrigada. Você também está.

Ela acaricia meu rosto com delicadeza e murmura:

— Eu sei que já lhe vi casar uma vez, mas continua sendo emocionante. Na realidade, acho que é ainda mais emocionante porque eu sei o que passou até chegar aqui.

— Entendo perfeitamente.

— Você merece ser muito feliz, filha, e eu tenho certeza de que Christopher e Elliot farão de todos os seus dias juntos os mais maravilhosos. Mais do que já fazem.

— Também não tenho dúvidas sobre isso.

Ficamos de mãos dadas alguns minutos, observando uma a outra em silêncio,

do mesmo modo que ficamos antes do meu casamento com Bryan a sete anos atrás.

Antes que alguma de nós possa debulhar em lágrimas, minha irmã aparece e quebra o clima. Ainda bem, pois, eu não sei por quanto tempo mais seria capaz de não chorar.

— Eu sabia que estavam aqui e quase chorando. — Babi debocha.

— Não se vanglorie muito, por que eu sei que logo mais e você também estará chorando. É de família ser chorão. — retruco ao fungar de leve e me recompor.

Minha irmã permanece quieta, encarando-me, e franzo as sobrancelhas intrigada.

— O que foi?

— Você está fantástica. Droga! Por que você sempre consegue ser uma noiva tão linda?

— Espero que essa seja a última vez. — brinco.

— E será. Não tenha dúvidas disso.

Sorrio para ela e a prendo em um abraço de urso. Sou imediatamente correspondida.

— Me largue. Todos estão esperando. — Babi balbucia.

Sou incapaz de não rir ao notar as lágrimas no canto de seus olhos assim que nos afastamos. Ela bufa, contrariada, e mostra o dedo do meio escondido para que mamãe não veja – ainda que esteja explícito demais para que não

perceba.

Respiro fundo uma e outra vez para controlar a ansiedade, e pego o lindo buquê de lírios cor-de-rosa que minha irmã estende. Vislumbro-as um instante e sorrio.

Estou mais do que pronta.

Sigo-as para fora do quarto e meu coração bate cada vez mais rápido conforme nos aproximamos do jardim, onde todos estão esperando, incluindo os meus noivos e nossos filhos. Paro diante das portas de madeira que separam a parte interna da externa, e avisto meu pai vindo ao meu encontro. Nós nos abraçamos forte e recebo alegremente seus elogios. Apesar de ele estar presente, decidi caminhar sozinha até Christopher e Elliot.

Meus pais e minha irmã se juntam aos demais, e eu quase engasgo de tanto rir quando os acordes de ‘Me and Bobby McGree’ da Janis Joplin soam do lado de fora. Não acredito que Daniel fez isso!

Eu o esganaria se não tivesse gostado tanto da surpresa.

As portas se abrem e revelam todos os convidados, que levantam de seus lugares para me receber. Inspiro e expiro, dando o primeiro passo pelo caminho de pétalas que segue até o arco de flores onde, não muito longe, avisto Elliot e Christopher, um ao lado do outro e de mãos dadas. Tão lindos em suas camisas brancas, Chris com as mangas arregaçadas até os cotovelos e Eli apenas com os punhos dobrados, e calças caqui.

Devagar e ao som inusitado de Janis Joplin, percorro o curto trajeto entre as pessoas e, a cada passo, vejo um rosto diferente e igualmente importante em nossas vidas: meu melhor amigo, Daniel, que lança uma piscadinha; Vince e os demais membros da companhia de dança, além do coreógrafo e o diretor;

Natham e sua inesperada namorada Melissa; minha sogra Nayeon, que está com Thomas nos braços, e Charles; e Francine, a mãe de Christopher, que segura Hannah e tem ao seu lado o filho mais velho juntamente com a esposa.

Eu mandei um convite para Bryan e Brianna, mas ela está perto de dar à luz ao segundo filho deles e não puderam comparecer, enviando um lindo presente como lembrança.

Elliot e Christopher estendem as mãos uma vez que chego mais perto e tomam a minha livre, banhando-me com os mais belos elogios e conduzindo-me para ficar diante de Yoan, que se ofereceu para guiar a cerimônia. Era ele, Daniel ou Vince, e sabíamos o que daria se os últimos dois citados ficassem responsáveis por isso – ainda que fosse imensamente engraçado.

De frente para Yoan e tendo Christopher de um lado e Elliot do outro, ambos segurando minhas mãos, sinto-me a mulher mais sortuda do mundo.

Reencontrei o amor, reencontrei a mim mesma, e, mais do que isso, agora vou de encontro a um novo futuro. Como eu disse, não sei o que o universo reserva para nós, porém, tenho certeza de que serão dias brilhante junto dos homens que eu amo e de nossos filhos.

— Agora, a parte pegajosa. — Yoan zomba, fazendo os convidados rirem e nós também — Você, Yanna, aceita Christopher e Elliot como seus maridos ilegalmente à vista de sua família e os amigos que são a família do seu coração?

Franzo as sobrancelhas com o ‘ilegalmente’. Yoan encolhe os ombros.

— Sim, eu ‘tô improvisando.

Dou risada. Olho para Chris e sorrio antes de dizer:

— Eu aceito.

Desvio o olhar para Eli, sorrio novamente e repito:

— Eu também aceito.

— Você, Christopher, aceita esta mulher, Yanna, e este homem, Elliot, para ser sua esposa e marido ilegalmente à vista de sua família e amigos?

Chris sorri e diz seu sincero “eu aceito” para Elliot e eu.

— Mais uma vez. — Yoan suspira como se estivesse cansado e volta-se para Elliot, que parece um pouco pálido — Você, Elliot, leva esse homem, Christopher, e essa mulher, Yanna, para ser seu marido e esposa ilegal diante de todas as testemunhas aqui hoje?

Eli acena para Christopher e diz com força:

— Eu aceito.

E então seus olhos encontram os meus:

— Eu aceito.

— Os anéis, por favor. — Yoan se pronuncia.

Vince e Daniel se aproximam com as alianças.

Quem precisa de pajem e daminha de honra quando se tem esse dois?

Uma vez que estamos com os anéis, Christopher e eu deslizamos a aliança pelo dedo anelar esquerdo de Elliot. Em seguida, Elliot e eu fazemos o mesmo com Christopher. E por último, juntos, eles colocam a minha.

Sorrimos uns para os outros.

— Eu os declaro, maridos e mulher. — Yoan exclama — Ilegalmente, só para constar.

Damos risadas e ele sorri, demonstrando o quanto está feliz por nós. Sem esperar mais tempo, beijamo-nos sob o som das palmas e assobios, selando nossos votos.

— Sabe o que é mais bonito no amor? É quando duas pessoas dão as mãos e embarcam em aventuras, juntas. Os caminhos errados e as surpresas são as melhores partes de toda a experiência. — sussurro, acariciando o rosto de ambos e com os olhos lacrimejando de emoção — No nosso caso, somos três pessoas dando as mãos. O que por si só é uma experiência incrivelmente única e especial.

Eles sorriem. Ambos roçam os polegares em minhas mãos.

— Eu amo vocês. Obrigada por tudo o que me proporcionaram e eu sei que ainda proporcionarão. Simplesmente por existirem e entrarem em meu caminho.

— E nós amamos vocês. — Eli responde, igualmente emocionado.

— E amaremos pelo resto de nossas vidas. — Chris completa — E como você disse aquele dia, há dois anos atrás, vamos encher as nossas vidas de lindas fotografias e guardar os alegres momentos que teremos juntos e com os nossos filhos também.

Sorrio. Sorrio, sorrio e sorrio. Pronta para qualquer coisa ao lado deles.

Hoje e para sempre, seremos três.